Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

Todo o esforço em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.
(Diviza de Generino)

VOLUME SETIMO

LIVRO UNDÉCIMO — O estatuário brasileiro

C. C. ALMEIDA REIS

(In æternum — Notas sobre sua vida e obras — Suas relações com a Igreja Positivista do Brasil).

RIO DE JANEIRO
"Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1939

REMÉTE
TESTAMENTARIA
GENERINO DOS SANTOS
Caixa Postal 1041 - RIO

AVIZO

Toda a correspondência, acerca do Espólio Literário de Generino dos Santos, déve ser dóravante dirigida, diréta e escluzivamente, á

Caixa Postal — 1041 — Rio de Janeiro.

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

Todo o esforço em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.
(Diviza de Generino)

VOLUME SETIMO

LIVRO UNDÉCIMO — O estatuário brasileiro

C. C. ALMEIDA REIS

(In æternum — Notas sobre sua vida e obras — Suas relações com a Igreja Positivista do Brasil).

EXEMPLAR OFERTADO PELA TESTAMENTARIA

RIO DE JANEIRO
"Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1939

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ

MUSEU DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
34703/13

802.
S 237h
V. 7 1939
Col. F. C.

Fôrão impréssos d'esta óbra:

100 *exemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade e*
500 *exemplares em papel de 2ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO, *p. XXIV*).

INDICE DO VOLUME SETIMO

Advertência. 9
Complemento da Advertência. 23

LIVRO UNDÉCIMO — O ESTATUARIO BRAZILEIRO
C. C. ALMEIDA REIS

Primeira Parte: — IN ÆTERNUM
(Sonetos de Generino)

PAGS.

I — Junto á sepultura de Almeida Reis. 33
II — O Parahiba 34
III — Miguelângelo. 35
IV — Estrela d'Alva 36
V — O Crime 37
VI — Gênio e Mizéria. 38
VII — Fagundes Varella 39
VIII — Luis de Camões. 40
IX — Antônio Jozé 41
X — O Progrésso 42
XI — Novo Prometeu 44
XII — O Ultimo Cálice da Amargura. 45
XIII — Avè, Humanitas 46
XIV — Danton. 47
XV — Dante ao voltar do exílio. 48
XVI — Alma Penada 50
XVII — A Expiação 51
XVIII — Ozório. 52
XIX — Despojo de um vencido. 53
XX — Saldanha Marinho 54
XXI — Araujo Porto Alegre. 55
XXII — Manoel de Macedo. 56
XXIII — A Quéda de Satan. 57
XXIV — Apoteóze do Regimen Industrial. 58
XXV — Posteridade, és minha! 61

Segunda Parte: O ESTATUARIO ALMEIDA REIS

(Nótas sobre sua vida e óbras)

1 — Trasladação dos óssos de A. Reis (soneto e discurso lidos por Generino) . . 67
2 — Inauguração do mauzoléu (discurso pronunciado por Generino) 90

HUMANIADAS

Terceira Parte: — O ESTATUARIO C. C. ALMEIDA REIS E SUAS RELAÇÕES COM A I. P. DO BRAZIL

Estratos da publicação nº 5 do ano 70/136-1924 do Apóstolo R. Teixeira Mendes..... 121

Apêndice: Documentos relativos ao Espólio Artístico Almeida Reis..... 197

ESTAMPAS

I — Cartão de vizitas de C. C. ALMEIDA REIS.
II — ALMEIDA REIS (por Lecaille).
III — D. EUGENIA JULIA (por A. Reis,, quando seu noivo).
IV — Jazigo do cazal ALMEIDA REIS (vizita cômemorativa do 1º centenário natalício do grande estatuário — 3 out. 1938).

OBRAS DE ALMEIDA REIS

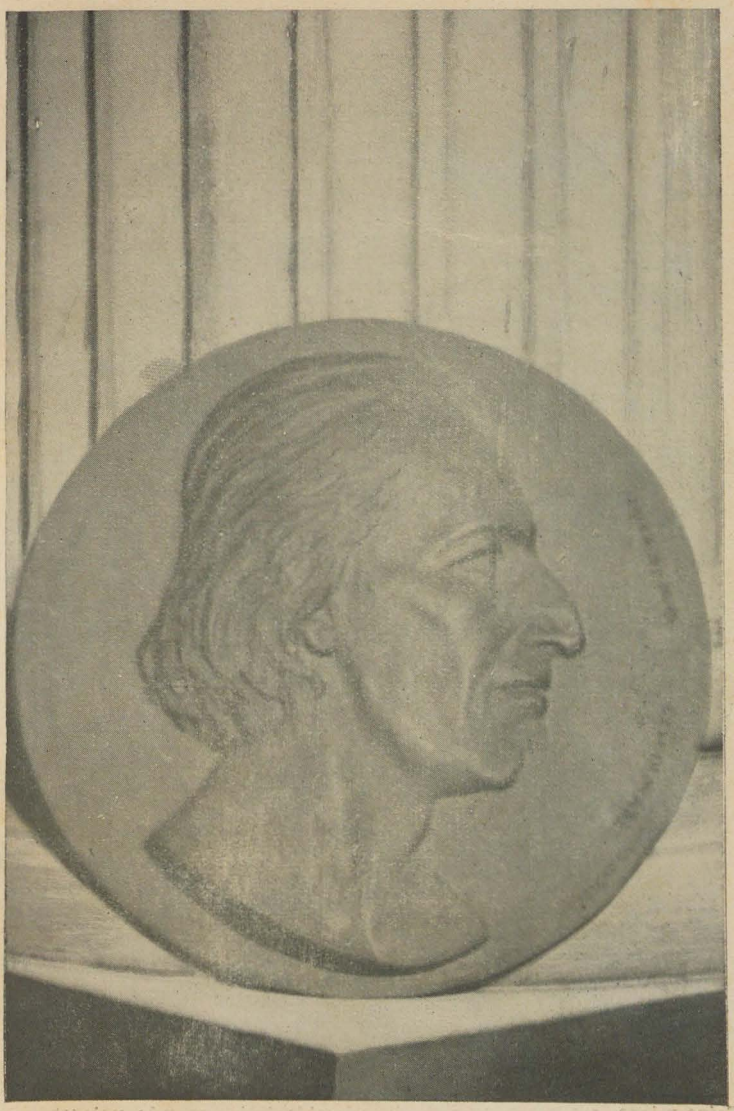
V — Generino dos Santos.
VI — O Parahiba.
VII — Miguelângelo.
VIII — Jeremias.
IX — O Crime.
X — Cabeça do "O Crime" (estado atual).
XI — Luis de Camões.
XII — O Progresso.
XIII — Tumulo do cazal Teixeira de Souza.
XVIV — Humanidade (esboço).
XV — Danton.
XVI — Dante ao voltar do exílio.
XVII — Dante (no ossário de Generino).
XVIII — Alma Penada.
XIX — Araujo Porto-Alegre.
XX — Francisco Varnhagen.
XXI — Manuel de Macedo.
XXII — Poeta Garcia.
XXIII — São Sebastião.
XXIV — Caboclos (da estátua de Pedro I).

XXV — Jazigo do cazal Almeida Reis.
XXVI — Placa comemorativa.
XXVII — Inauguração do jazigo.
XXVIII — Almeida Reis (em Paris).
XXIX — Almeida Reis (data incérta).

C. C. Almeida Reis

ESTATUARIO

Reproducção photographica de um cartão de visitas de Candido Caetano de Almeida Reis.



Candido Caetano de Almeida Reis. (Medalhão em bronze, feito por seu discipulo Emanuel Lacaille).
Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

D. Eugenia Julia de Oliveira Reis
(Baixo-relevo, em gesso, por C. C. Almeida Reis, quando noivos) — Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

ADVERTENCIA

Motivos de força maior tendo impedido que o prezente volume ficasse pronto a tempo de ser distribuido, — como dezejava a testamentaria de Generino dos Santos, — na passagem do centenario natalicio de Almeida Reis, foi rezolvido que se reproduzissem aqui, em lembrança desse acontecimento, as palavras pronunciadas pelos Senhores Mario Barboza Carneiro e Alberto Pizarro Jacobina, por ocazião da vizita comemorativa, feita á sepultura do ilustre artista por um grupo de pozitivistas e outros admiradores de sua obra social, na véspera da gloriosa data.

Dessa homenagem dérão noticia os jornais do dia 4 de Outubro, nos seguintes termos:

"Realizou-se Domingo ultimo, 2 do corrente, ás 10 horas, como estava anunciado, a visita ao tumulo do escultor Almeida Reis no Cemiterio de S. Francisco Xavier, promovida por um grupo de positivistas e outros admiradores do eminente artista, por motivo da passagem do centenario de seu nascimento.

Entre os que tomaram parte nessa homenagem, que foi honrada com a presença da familia Almeida Reis, achavam-se os representantes do Museu Nacional de Belas Artes e da Testamentaria de Generino dos

Santos, cujas poesias consagradas ao inesquecivel estatuario e ás suas principais produções, estão prestes a sair do prélo, acompanhadas de interessantes notas biograficas relativas ao notavel discipulo de Rochet.

Junto ao tumulo do homenageado, belamente ornamentado de flores naturais, falaram os Srs. Mario Barboza Carneiro, salientando o valor da colaboração artistica trazida por Almeida Reis á propaganda do positivismo no Brasil e o Sr. Alberto Pizarro Jacobina, que relembrou o juizo de Joaquim Serra sobre o insigne escultor, procedendo á leitura da apreciação que em 1870 fez o notavel jornalista e critico de arte sobre a estatua de Jeremias, que se acha no Liceu de Artes e Oficios, e que constitue um dos muitos trabalhos com que Almeida Reis enriqueceu a produção artistica nacional".

PALAVRAS DE MARIO B. CARNEIRO

A comovente historia deste jazigo, narrada por Teixeira Mendes em conhecido opúsculo publicado em Abril de 1925, fez sentir a todos que a lêrão — e ha de patentear, por certo, a quantos vierem a conhece-la, — o alto apreço e o profundo reconhecimento que o eminente e devotadissimo Apóstolo da Humanidade consagrava ao insigne escultor Candido Caetano de Almeida Reis, cujos restos mortais aqui repôuzão e cujo centenario natalicio, — a transcorrer amanhã, — despertou a idéa da singéla homenagem que ora lhe vimos prestar.

Referindo-se á ereção deste modesto, porém tão expressivo monumento, concluida a 17 de Abril de 1924, e á trasladação, para ele, dos restos mortais do escultor, no dia seguinte, — *trigesimo quinto aniversário de sua mórte,* — acentuou Teixeira Mendes que isso constituia: o *tardio dezempenho, infelizmente in-*

completo, de um dever religiozo. — Dirigindo-se, a esse propozito, ao professor João Ludovico Berna, dizia, poucos dias depois: "Esperamos, em breve, explicar publicamente as deploraveis circumstancias que adiárão até agóra o cumprimento desse *dever social.* Verificareis, então, que apenas temos o consôlo de haver contribuido, tanto quanto acreditamos possivel, para a reparação de uma dolorozissima falta, cuja responsabilidade nos cabe, tambem, individualmente." — Na mesma ocazião, repetindo essas palavras aos professores Rodolfo Amoêdo e Corrêa Lima, Membros do Conselho Superior de Belas-Artes, encerrava a carta que, então, lhes dirigira, renovando os votos, anteriormente aprezentados, para que "o exemplo de Almeida Reis "patenteie aos artistas brazileiros, que, na Religião da "Humanidade, fundada, sob a angélica inspiração de "Clotilde de Vaux, por Augusto Comte, se encôntrão, "d'oravante, as satisfações dos mais alevantados ideais "estéticos, inseparaveis da regeneração moral e poli- "tica, sob o ascendente da fraternidade universal."

Aí está, nessas palavras, sumáriamente apontado o motivo que tórna a memória de Almeida Reis credora do reconhecimento e da veneração de todos os pozitivistas.

Mas, para fazer sentir de modo conveniente o valor da colaboração artistica por ele trazida á propaganda do Pozitivismo no Brazil, e, portanto, o dever que nos cabe, a nós, pozitivistas, de honrar a sua memória, nada nos parece melhór do que recordar a apreciação de um dos seus trabalhos, — o busto de Danton, — feita por Miguel Lemos, á luz da Doutrina regeneradora, no formozo discurso que pronunciou, ao ser inaugurada, na séde do Centro Pozitivista, Travessa do Ouvidor, n. 7, em 28 de Outubro de 1885, a imponente e sugestiva imagem do grande estadista da Revolução Franceza.

Ouçamos o inolvidavel Apóstolo, a quem se deve a fundação da propaganda sistematica do Pozitivismo em nossa Patria:

"Graças á liberalidade de um dos nossos mais eminentes artistas, podemos hoje inaugurar em nossa séde o busto de Danton que se acha diante de vós.

"O nosso pequeno panteon aumenta-se assim com a efigie de um dos heróes de nossa especie, o qual tanto mais jus deve ter hoje á nossa gratidão quanto foi ele um dos grandes caluniados da historia.

"A Augusto Comte deve-se a rehabilitação dessa memória ilustre. Foi o grande Filózofo quem, ao traçar o quadro da revolução franceza, fez sobresair o proeminente papel que nessa crise solene do Ocidente coube ao agigantado patrióta.

"A um dos discipulos do Pozitivismo pertenceu depois a glória de ter demonstrado que o homem não desmerecia do estadista, confutando as calúnias e os aleives levantados contra a sua vida privada.

"De modo que podemos dizer, sem desprezar os trabalhos históricos que se seguírão a este duplo impulso, que a rehabilitação politica e privada do grande *convencional* é uma obra exclusivamente pozitivista.

"O distinto artista, que tão generozamente nos opulenta hoje com esta produção do seu engenho, compreendeu de certo este laço especial que une os dicípulos de Augusto Comte á memória de Danton, quando pensou em ofertar-nos a sua veneranda imagem. A dádiva demonstra, ao mesmo tempo, quanto o Pozitivismo, ao contrário do que por aí repetem os insipientes, é capaz de despertar as simpatías estéticas e guiar a inspiração dos verdadeiros artistas.

"Quantas fontes de alimento para a Arte em uma doutrina que não só rasgou novos horizontes á idealidade, pela sistematização da vida subjetiva, que parecia ser um monopólio das crenças exáustas, mas que

oferéce em um novo culto, privado, doméstico e público, um campo ilimitado á atividade estética; uma doutrina que na trilogia constituida pela Poezia, pela Filozofia e pela Política, dá á primeira o logar preeminente; uma doutrina, emfim, que consagrando as aspirações dos nossos cavalheirózos antepassados das épocas feudais, institúe o culto da *Mulher*, simbolizado e rezumido na mais arrojada das utopias!

"E para só falar de uma parte desse novo mundo revelado ás aptidões dos poétas, dos músicos, dos pintores, dos escultores e dos arquitétos, que manancial perene de inspiração não lhes está a oferecer a só idealização dos grandes homens definidos pela nova teoria histórica, e cujo programa é essencialmente constituido, por assim dizer, pelo nosso calendario!

"O Snr. Almeida Reis sentiu esse novo impulso, que, combinando-se com as recordações que evoca a aprossimação do centenario da grande revolução, levou-o a escolher o grande patrióta francez para o assunto de uma idealização de que este busto é apenas um primeiro estudo.

"Para os artistas (e aqui inclúo tambem os poétas) que pensam e sentem, que não fazem consistir a Arte no predominio pueril e imoral dos meios de expressão, mas na creação subjetiva de tipos cujos elementos lhes são fornecidos pela contemplação da realidade fizica, moral e social, e que têm conciencia de que a Arte não é um méro oficio individual, mas uma função social da mais alta importancia, á qual incumbe sobretudo o cultivo das nossas melhores emoções; para esses, digo, a nova religião só póde ser simpática e fecunda.

"Para aqueles, porém, que acredítão que a poezia consiste em um amontoado de vocábulos, mais ou menos conhecidos, que julgão que a múzica nada mais é do que uma combinação de sons, a pintura um efeito de luz, a escultura uma modelação servil das fórmas

exteriores e a arquitetura uma simples questão de engenharia, para esses, (sem falar nos mercadores da Arte), o Pozitivismo lhes deve parecer o túmulo das ambições desmedidas ou o remorso roedor da propria desmoralização.

"Mas não sejamos sevéros em demazía. A maior parte das naturezas assim transviadas são menos responsáveis do que a anarquia dos nossos tempos, que as deixa sem guia e sem amparo. Devemos esperar que muitas dessas almas, verdadeiramente entuziastas do bélo, vênhão finalmente libertar-se da dissolução que as esfacéla, no seio da Doutrina regeneradora, como filhos pródigos que vóltão deziludidos ao regaço da familia abandonada.

"Seja como fôr, o busto que hoje inauguramos, ao passo que nos enriquece com mais uma reprezentação que lembra os serviços imortais do mais eminente dos chefes politicos da revolução franceza, é um seguro penhor dessa afinidade do Pozitivismo com a verdadeira Arte.

.....

"Como no retrato de David, o empenho maior dos artistas que quizerem figurar Danton, ha de consistir em combinar, nessa fizionomía distinta, a expressão de uma energia indomavel com a de uma bondade que extende a sua proteção a todos os oprimidos, a todos os fracos. Através da contração dos traços, deve coar, por assim dizer, a benevolencia, a generozidade do fórte; através do olhar habituado a dominar e a ser obedecido, deve transparecer o clarão suáve e meigo da dedicação por todos os desprotegidos.

"O trabalho do Snr. Almeida Reis reprezenta um esforço feliz no sentido de rezolver este problema estético. Comquanto ele não conhecesse a pintura de David, aproveitando os traços fundamentais que os retratos comuns consérvão, soube modificar a expressão deles de acordo com os estudos que regenerárão a vida

pública e privada de Danton, e dar á fizionomía do grande tribuno os atributos de sua alma e de seu papel.

"Neste busto está retratada a coragem terrivel e irrezistivel que distingue o organizador da defeza nacional em 1793, e, ao mesmo tempo, fulgura aí a irradiação dos grandes sentimentos que impulsárão essa energía sem pár.

"Demos, pois, os parabens á Arte brazileira, que hoje póde ostentar mais este testemunho dos destinos florescentes que a aguárdão, e, nós, pozitivistas, a quem o talentozo artista brindou com tão grata e espontanea dádiva, agradeçamos-lhe o valiozo mimo, fazendo votos para que a nova doutrina continúe a inspirar cada vez mais os seus esfórços estéticos, até que uma identificação compléta o tórne um fiel dicípulo daquele que é, como disse Dante de Aristóteles:

Il Maestro di color che sanno."

A aprossimação de Almeida Reis do Pozitivismo, parece ligada á participação, que ele teve a feliz oportunidade de tomar, na Comemoração brazileira do tricentenario de Camões. A esse respeito diz Teixeira Mendes:

"As relações pozitivistas de Almeida Reis, de que tenhamos noticia, começárão em principios de 1880, quando o procurámos para encomendar-lhe o busto de Camões, que ele executou, e que presidio á Comemoração brazileira do tricentenario da morte do Épico da nossa raça, a 10 de Junho de 1880. Foi assim o primeiro artista brazileiro que se aprossimou do Pozitivismo."

Alem desses dois trabalhos, — os bustos de Danton e de Camões, — diretamente ligados á propaganda do Pozitivismo no Brazil, ofereceu Almeida Reis, ao Apostolado Pozitivista, uma estatueta da Humanidade. O mérito do escultor nesse trabalho, consistiu, antes de

tudo, — disse Teixeira Mendes, — em ter sido ele o primeiro artista que tentou realizar os votos de Augusto Comte, procurando reproduzir, no seu esboço da imagem da Humanidade, os traços de Clotilde de Vaux.

Gonzaga Duque em sua publicação *"A Arte Brazileira"* — Pintura e Escultura, saída em 1888, em vida, portanto, de Almeida Reis, assim descreve a sua atividade.

"Durante o dia, encontra-se-o no interior da sua oficina, em uma das salas do rez-do-chão do antigo Paço da cidade, vestido de blusa de brim pardo, toucado por um coçado gorro de veludo, febricitante de inspiração, a talhar o marmore ou a cortar o barro, largamente, com a segurança e o vigor de um Rude. Vê-se-lhe, então, á descoberto, a fizionomía simpática: a tésta é vasta, os ólhozinhos brílhão com a mais viva expressão de entuziasmo, a boca, grande, ri de quando em quando, ri contente; é um rizo honesto, levado aos lábios pela força de um sangue rubro e pela tranquilidade da conciencia. E ao fundo, no alto da parede, dominando a sala de trabalho, o busto de Augusto Comte prezide á criação de suas obras, as quais devem aos seus métodos cientificos o quanto teem de adiantadas e perfeitas.

Convém dizer que o estatuário tem pelo grande filózofo do seculo XIX a maior veneração possivel, pois foi pelo estudo de seus livros que ele chegou a ser o mais bondozo, o mais modesto, o mais simples dos homens.

.....

"Em Almeida Reis não se extinguírão as iluzões. Caírão muitas, muitas fugírão com o dezenvolver dos anos, mas nos recessos do seu ser, no intimo do seu co-

ração, ficárão algumas que hão de finar-se quando o frio da mórte inanimar o corpo do artista. Estas, as que ficárão, fôrão alentadas por outra inspiração.

A Humanidade, os progressos do homem sobre a sociedade, as maravilhas dos seus inventos, as conquistas do seu saber, são atualmente as fontes em que a sua imaginação creadora procura o assunto de suas obras.

.....

"Em conclusão: Almeida Reis é, portanto, um artista e um pensador. Nas atitudes em que sorpreende os seus personagens, na energia e unidade das linhas, na maneira larga, sem pedantismo, sevéra, sem frieza, por que os executa, e no agrupamento dos detalhes, — está o artista. E no poder da imaginação, na vida expressiva com que anima as suas obras, na originalidade de suas composições, na escôlha dos assuntos, na independente interpretação que lhes dá, — está o pensador."

O grande artista que amanhã completaria o seu centézimo aniversario natalicio, era filho de D. Quintìlia Joaquina da Piedade e de Caetano Manoel dos Reis, escultor em madeira, que possuia uma loja e oficina de imagens de santos, á rua da Alfandega, 51.

Aos 14 anos Candido Caetano de Almeida Reis entrou, como amador, para a Academia Imperial de Belas Artes. Aos 18 anos inscreveu-se no curso de escultura de Chaves Pinheiro, onde sempre se distinguiu, conquistando, ao terminar ali os seus estudos, a grande medalha de ouro. Como premio de viagem seguiu para Paris em 1861, quando tinha, portanto, 23 anos, e ali matriculou-se logo nas aulas de Rochet, que foi

o autor do monumento a Pedro I, na atual praça Tiradentes, e da estátua de José Bonifacio, no Largo de S. Francisco de Paula. Regressando ao Brasil, por falta de recursos, em 1866, sem ter podido concluir o seu tirocinio artistico na grande Capital, fundou aqui no Rio, com o pintor Antonio Araujo de Souza Lobo e com o arquitéto Rodrigues Moreira uma caza de Belas Artes a que deu o nome de *Acropólio.*

De 1867 a 1874 tornou-se o centro de nosso movimento artistico. Multiplicárão-se os seus trabalhos em mármore, em madeira e em bronze. Com ele convivião Leopoldino de Faria, Heitor e Hortencio Cordoville, Rodolpho Bernardeli, Rodolpho Amoêdo, Belmiro de Almeida e outros.

Em 1875 cazou-se com D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, filha de D. Maria Julia de Oliveira e do Snr. Manoel Alves da Silva e Oliveira.

Dessa união nasceu um filho — Eugenio de Almeida Reis, que se cazou com sua prima Maria Francisca Ferreira, a 2 de Dezembro de 1905 e veiu a falecer a 15 de Janeiro de 1921, deixando um filho e uma filha, nétos, portanto, de Candido Caetano de Almeida Reis, os quais, com a sua digna progenitora, a Exma. nóra do saudozo escultor, D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis, aqui nos hônrão com a sua prezença.

Algumas dessas indicações encôntrão-se no opúsculo de Teixeira Mendes a que aludimos no começo; outras, porém, fôram colhidas no volume do espólio literário de Generino dos Santos, que está no prélo, consagrado especialmente á vida e á obra de Almeida Reis. Era pensamento da testamentaría de Generino, sob a prezidencia de Silvio Vieira Souto, fazer, neste momento, a distribuição dos primeiros ezemplares desse volume. Prestar-se-ia assim, ao mesmo tempo, uma justa homenagem ao inspirado Poéta pernambucano, que hoje, exátamente, completaria noventa anos.

Mas, como já foi anunciado, motivos de força maior não permitírão que a impressão do livro ficasse concluida a tempo.

O que acabamos de recordar basta, entretanto, para evidenciar quanto foi prematura a mórte de Almeida Reis, a 18 de Abril de 1889, quando tinha ele apenas 50 anos e meio.

O fatal acontecimento, ocorrido em condições extremamente penózas, como se verá pelo livro do seu incomparavel amigo, Generino dos Santos, a ser em bréve distribuido, foi anunciado por Miguel Lemos, Diretor do Apostolado Pozitivista, em sua nona Circular anual, nos seguintes termos:

> "Temos tambem que deplorar a morte do Snr. Almeida Reis, um escultor de mérito, que, comquanto não fosse completamente pozitivista, tinha pela nossa religião as mais vivas simpatias. Seguia com crecente interesse o nosso desenvolvimento e mais de uma vez concorreu com os seus trabalhos para enriquecer a nossa coleção artistica. E' assim que lhe devemos um belo busto de Danton, um pouco maior que o tamanho natural, e uma linda estatueta da Humanidade, relembrando os traços de Clotilde de Vaux. A recordação deste amigo e dos seus generozos dons ficará para sempre ligada á historia da nossa vida coletiva."

Guardemos tambem nós, — pozitivistas em gráus diversos, filiados ou, por qualquer módo, ligados, —

diréta ou indirétamente, — á propaganda de Miguel Lemos e Teixeira Mendes; propaganda a que ficou irrevogavelmente encorporado, pela colaboração artistica que lhe prestou, o grande escultor patricio; guardemos, repito, nós tambem, a recordação dos serviços sociais de Almeida Reis; conservemos, bem viva, a sua memória, em nossos corações, cercada do reconhecimento e da admiração de que é merecedora; e, ao deixar este recinto, levemos o propózito de empenhar todos os esfórços ao nosso alcance, para que se tórne cada vez mais conhecida a fonte inspiradora de suas melhores compozições e, assim, possa o seu exemplo despertar em nossos jovens artistas, e na mocidade brazileira em geral, o dezejo de conhecer e seguir, — com a firme vontade de trabalhar pelo seu triunfo, — a Doutrina que tanto encantou a alma dele — Doutrina que se rezume na formula sagrada nunca assás repetida:

— O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BAZE; O PROGRESSO POR FIM. —

Salve! Nobre Artista. — Os Vivos são sempre, e cada vez mais, governados, necessariamente pelos Mortos.

Palavras de Alberto Pizarro Jacobina

O Positivismo no Brasil, contou, desde os primordios de sua propaganda, com a coadjuvação eficiente de um escol de artistas da estatuária e da pintura. Artistas todos de renome, e que lhe souberam interpretar a arte regenerada.

Colaboradores indispensaveis á propagação da nova doutrina, foram eles, no ramo das artes, os pioneiros do culto. Nem a poesia, nem a musica, emprestaram

á Religião da Humanidade, tamanho adjutorio, em seu berço propagador da nova fé.

Seus nomes, aureolados pela fama, desnecessario enumeral-os aqui, tão vivos se desenham em nossa retentiva. Um, porém, hoje se destaca, pela passagem do primeiro centenario de seu festivo natal: ALMEIDA REIS !

Candido Caetano de Almeida Reis tem um merecimento sem par, indisputavel por qualquer dos outros, o de haver sido "o primeiro artista brasileiro que se aproximou do Positivismo".

Si ele era grande em sua arte atestam-no os seus trabalhos. Juizos sobre eles não faltaram. Miguel Lemos, Generino dos Santos, Gonzaga Duque, e muitos outros, externaram suas opiniões abalisadas. Uma, entretanto, quasi perdida, é-me sumamente grato, recordar aqui, pois que emanou da pena de Joaquim Serra, "o esforçado mineiro da Abolição", na frase perfeita de Generino dos Santos.

Autorisado critico de arte, em todos os seus sectores, pela erudição e honestidade, Joaquim Serra, respeitado pelos seus contemporaneos, teceu encomios á arte plastica de Almeida Reis.

"Estando na cadeira da critica caractéres como Joaquim Serra, disse Mello Moraes Filho, uma palavra constitue um dogma, um elogio vale um diploma".

Almeida Reis, recebeu assim, em 1870, o atestado valioso de Joaquim Serra:

"Não sei se é um mestre; que é um grande talento "prova-o a sua linda estátua de *Jeremias.*

"Devóto dos modelos classicos; entusiasta da mo-"derna escola franceza, mais admirador de Puget, que "de Pradier, o seu ultimo trabalho é de um grande aca-"bado, e do mais inquestionavel valor. Se até agora não "tinhamos um digno representante na estatuária, po-

"demos, de hoje em diante, afirmar que encontramos "um homem.

"Que grande saber anatomico; quanta verdade na "musculação, que complexo de magnificencias nessa "belissima obra prima, que o ilustre artista concluiu "em Paris !

"A estátua de *Jeremias* se não está animada, se "não fala, como a de Galathéa, tem todos os outros "indicios da vitalidade !

"A atitude grave, a acentuação viril da fisiono-"mia, a fixidez do olhar e o admiravel desenho do tronco "são prodigios de concepção e execução. Dir-se-hia que "o gesso treme e palpita com o sopro da respiração.

"Se Almeida Reis já não merecesse uma distinta "menção pelos seus trabalhos na igreja de S. Francisco "de Paula, estrearia creando um grande nome, com a "simples exibição da sua estátua de *Jeremias*".

A critica sincera de tão notavel polígrafo, certamente que animou o cinzel primoroso de Almeida Reis, ainda em seu nascedouro artistico. Critico e estatuário, nascidos em 1838, faleceram ambos aos cincoenta anos de idade.

Na aprossimação de seus nomes, aqui fica sincero culto ás suas memorias.

N. B. — Para facilitar e apressar o trabalho de impressão do prezente volume, conservou-se, mais ou menos, a grafia dispar das diversas fontes originais dos escritos nele reproduzidos.

A propózito da apreciação de Joaquim Serra sobre Almeida Reis, citada por Alberto Jacobina em sua oração, veja-se na letra — G — do apêndice, a interessante carta que dirigiu á Testamentaria de Generino dos Santos.

Vizita ao jazigo de Almeida Reis em comemoraçao do seu 1º centenario natalicio. 3 de Outubro 1938.

Complemento da advertencia

Reflexões de R. Teixeira Mendes acerca da carreira esthetica de Almeida Reis

(Trechos da exposição feita ao inaugurar-se, a 3 de Outubro de 1924, o túmulo do insigne estatuário) (*)

"Dando as informações sobre as deploraveis circumstancias que haviam occasionado demorar até agora a erecção do modesto jazigo de Almeida Reis, tornado, por dolorosa fatalidade, ao mesmo tempo, apenas o cenotaphio da sua Esposa, tencionavamos limitar-nos a recordar o apreço de Miguel Lemos pelo mérito esthetico do esculptor Almeida Reis, como acabamos de fazer. A' vista, porém, das referencias do nosso correligionario Dr. Generino dos Santos, a alguns trabalhos de Almeida Reis, — *aliás, trabalhos anteriores aos contactos positivistas* de Almeida Reis, — julgamos de imprescindivel e inadiavel dever, lembrar summariamente os seguintes ensinos de AUGUSTO COMTE, sobre a apreciação esthetica. Solicitamos, pois, para isso, ainda alguns momentos de benevola attenção, ás pessoas presentes".

. . . . . .

"Esses ensinos de AUGUSTO COMTE mostram que, para apreciar a carreira esthetica do esculptor Almeida Reis, cumpre não esquecer as influencias fatalmente revolucionarias, sob as quaes elle se desenvolveu. Conforme vos recordamos, ha pouco, datam de 1880 os seus primeiros contactos com o Positivismo. Ora, como lembra Miguel Lemos, *"Comquanto não fosse completamente positivista,* Almeida Reis tinha afinal pela Religião da Humanidade as mais vivas sympathias. Seguia com crescente interesse o desenvolvimento positivista e mais de uma vez concorreu com seus trabalhos para enriquecer a nossa collecção artistica".

(*) Veja-se a 3ª parte deste volume.

Portanto, somos levados a acreditar que, si Almeida Reis tivesse tido a inestimavel ventura de conhecer o Positivismo, no começo da sua vida, elle não teria concebido, e ainda menos executado, algumas das suas obras. Está neste caso o grupo, *O Genio e a Miseria*.

Jamais um artista esclarecido pelo Positivismo teria imaginado a Mulher em tão angustiosas condições. Aliás, o consorcio do *Genio e a Miseria* já fôra idealizado, da maneira mais sublime, por Dante, quando celebra a santa união do grande São Francisco de Assis com a Pobreza.

Sob a inspiração positivista, Almeida Reis só poderia representar o Genio amparado, no mais cruel desalento, pela solicitude inexhaurivel da Mulher. Essa é que é a sublime *realidade*, não só em relação ao Genio, porém, frequentemente, em relação a todos os que soffrem.

Acreditamos, pois, que a Posteridade não ha de deplorar a perda desse mallogrado esforço de Almeida Reis.

Quanto á pequena imagem da Humanidade, que elle esboçou, o seu merito essencial consiste em ter sido elle o primeiro artista que tentou realizar o voto de Augusto Comte, a esse respeito. Já recordamos que, segundo Augusto Comte, jamais a Arte conseguirá representar dignamente a Humanidade, sinão sob a fórma de uma Mulher de trinta annos, tendo o seu filho aos braços. Note-se que é a Mulher tendo nos braços um menino, de preferencia a uma menina; para que a imagem represente ao mesmo tempo ambos os sexos, e o sexo masculino sempre sob a providencia moral do sexo feminino.

Segundo essa concepção, qualquer Mulher digna de seu sexo, tendo um menino nos braços, constitue de facto uma representação da Humanidade. Por isso tambem a Mãe de cada positivista torna-se, para seus filhos, a imagem habitual da Humanidade. Alem disso, é evidente que, quanto mais completo fôr o *typo moral de Mãe* offerecido por uma Mulher, tanto melhor essa Mulher será a imagem da Humanidade. Ora, Augusto Comte observa que, em geral, a belleza physica traduz a belleza moral das pessoas. Isso não impede, porém, que uma Mulher sem belleza physica preencha, por vezes, mais cabalmente a funcção de Mãe, de que uma Mulher physicamente formosa. E' claro que, em taes casos, uma Mulher destituida de belleza physica torna-se mais a commovente imagem da Humanidade do que uma Mulher physicamente bella. Um artista idealizaria, portanto, nessa hypothese, a Humanidade, pela Mulher menos bella physicamente; porém mais bella moralmente.

Emfim, compreende-se que, para ter a *imagem universal* da Humanidade, segundo a concepção positivista, cumpre escolher a Mulher que tenha exercido a influencia mais decisiva, e para sempre, no conjuncto da evolução da Humanidade.

A solução de tal problema depende da noção que se tiver da evolução da Humanidade, isto é, da noção de Progresso. Para quem imagina que o Progresso não tem limite algum, ou que, tendo um limite, esse limite não póde ser previsto,

está claro que a imagem universal da Humanidade não pode ser precisamente instituida. Porém, desde que se reconhece que a demonstração scientifica da innateidade dos pendores altruistas veiu patentear que o limite para o qual tendeu sempre o Progresso é o predominio do Amor sobre a Terra, conclue-se que tudo de essencial estava feito desde que ficou fundada e construida a Religião systematizando para sempre a Paz universal. Ora, esse foi o resultado da obra de Augusto Comte, sob a angelica inspiração de Clotilde de Vaux. De sorte que, a este respeito, póde-se applicar a Clotilde de Vaux, apreciação analoga á de Lagrange sobre Newton: *"Nunca ninguem igualará a gloria scientifica de Newton, porque não havia sinão um systema do Mundo a achar"*. Entre os contemporaneos de Newton houve genios, como Jacob Bernouilli, que Augusto Comte considera intrinsecamente comparavel a Newton, e que poderia ter descoberto a lei da gravitação planetaria, tanto mais independentemente de Newton, quanto o calculo infinitesimal, indispensavel á tal descoberta, havia sido inventado por Leibnitz, sob a fórma mais conveniente. Depois de Newton, surgiram genios que Augusto Comte considera por ventura superiores a Newton, como, por exemplo, José Fourier, o fundador da thermologia mathematica, porém, cuja obra teve fatalmente um alcance social inferior á de Newton.

Essas reflexões patenteam que, quando mesmo a Humanidade viesse a produzir typos iguaes ou superiores a Clotilde de Vaux, a gloria desses typos, aliás difficilmente realizaveis, não poderia jamais comparar-se á de Clotilde de Vaux. Porque só havia uma Religião final a fundar e construir-se; e essa Religião foi fundada e construida por Augusto Comte, graças á angelica influencia de Clotilde de Vaux.

Portanto a Humanidade não poderá jamais ter, para imagem universal, outra Mulher, em condições comparaveis ás de Clotilde de Vaux. Tal foi o juizo de Augusto Comte, e o voto que elle previu scientificamente que a Posteridade realizará um dia.

.....

"O merito, pois, de Almeida Reis, no seu esboço da imagem da Humanidade, consistiu, antes de tudo, em procurar reproduzir os traços de Clotilde de Vaux; o que, desde logo, indica a real preponderancia da Mulher na herarchia social, que só ella patenteou a Augusto Comte.

Ora, lembramos, ha pouco, a apreciação de Augusto Comte: "Considerando o advento do Catholicismo, os seus leitores pódem todos sentir que os contemporaneos serão sobretudo julgados, individualmente e collectivamente, segundo a conducta delles para com o Positivismo." Não podemos, pois, ter duvida que, para a Posteridade, os trabalhos de Almeida Reis que terão a primazia, como titulo do seu merito esthetico, são justamente aquelles que attestam a sua approximação crescente do Positivismo.

Concluindo, renovamos a segurança da nossa gratidão aos parentes e descendentes de Almeida Reis. Estamos convencidos que, emquanto houver positivistas brasileiros, e mesmo em qualquer parte, poderão os descendentes de Almeida Reis contar com a gratidão e o devotamento dos positivistas.

Depois dessa explicação, o Dr. Generindo dos Santos leu o seguinte soneto:

JUNTO AO MONUMENTAL JAZIGO
DO GRANDE ESTATUARIO BRASILEIRO
CANDIDO CAETANO DE ALMEIDA REIS
NO CAMPO SANTO DE SÃO FRANCISCO XAVIER

Por occasião da romaria, historicamente reparadora, que a Escola Nacional das Bellas-Artes, por uma commissão, eleita pela respectiva Congregação e composta dos professores de Pintura, Esculptura e Architectura, tendo como orador o de Historia das Artes, e representando não só o corpo docente como o dicente da mesma Escola, officialmente lhe fez, em 25 de Shakespeare de 136 (3 de Outubro corrente) depositando uma grande corôa de flores naturaes na base do mesmo monumento, para commemorar, com a Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, o seu 1º anniversario natalicio, depois que lhe foi elle erigido.

"La pierre du cercueil est ton premier autel"

ELISA MERCŒUR.

Aqui o tens, Almeida Reis! — o amigo
Fiel dos negros dias da desgraça,
Que, te animando, partilhou comtigo
Do teu destino a envenenada taça.

Vem dizer-te, no dia que hoje passa,
Que é teu primeiro altar este jazigo:
Já não tens, na tu'Arte, um inimigo
Que ante a Posteridade te desfaça.

Sôou-te a hora certa da justiça
Que, a homens como tu, não nega a Historia
E só morbida inveja, em vão, cubiça.

E' completa, bem vês, tua victoria.
— A gloria do teu nome, em louros, viça:
E a gloria do teu nome é minha gloria."

.....

(Pags. 39, 46 a 49 da Publicação n.º 5, de 1924, de R. Teixeira Mendes — O ESCULPTOR BRASILEIRO CANDIDO CAETANO DE ALMEIDA REIS e as suas relações com a Igreja Positivista do Brasil.)

Generino dos Santos (efigie em gesso por C. C. Almeida Reis)
Collecção particular do escultor Eduardo de Sá.

HUMANIADAS

LIVRO UNDECIMO

O estatuário brasileiro

C. C. ALMEIDA REIS.

PRIMEIRA PARTE

In æternum

Generino
In Aeternum
Symbólica corôa de louros
entresachados de espinhos lancinantes
no jazigo monumental
do grande esculptor e estatuario brasileiro
Candido Caetano de Almeida Reis
discipulo espiritual de Miguelangelo
e technico de Luiz Rochet.

—

Sonetos escriptos antes e depois da sua transformação objectiva
e publicados por occasião do seu 1.º anniversario natalicio
depois que a Igreja Positivista do Brasil
proseguindo a inicial e mallograda tentativa de Luiz Rossi Jr.
Eduardo Sá e outros amigos dedicados
dos quaes "minima pars fui"
lh' erigio no Campo Santo de São Francisco Xavier
na 1.ª quadra, em frente ao 3.º portão sul
em 18 de Abril de 1924, 35.º da sua morte

—

"Os mortos, mais e mais, governam sempre os vivos"
"Elle fez - que pôde; si poderem,
Façam outros melhor;"

Assim é que rezava o teor do frontispicio original, escrito por Generino, para o seu jamais publicado livrinho de sonetos, — "corôa simbólica de louros e de espinhos". Devera ficar, e por ésta maneira ficará, conservado tal qual, no abrir désta primeira parte do sétimo volume de HUMANÍADAS, em que se vê realizada, afinal, uma das mais antigas esperanças do "impenitente rimador". Ésta, a homenagem póstuma de Generino junto ao túmulo do idolatrado irmão em seu primeiro centenário natalício.

Impórta, todavia, se resalve aqui que se incluirão, agóra, outros sonetos dêle alem dos que se achávão reunidos na "corôa simbólica". Claro está que se relaciônão, posto que indirétamente, com assuntos de determinadas óbras, existentes ou não. — Procurou-se, tambem,

documentar fotográficamente, quanto se pôde, os trabalhos do insigne artista, mencionando-se o lugar onde se encôntrão ou se encontrárão em dado momento.

Advirta-se, por fim, que as nótulas adiante introduzidas — assim como os ecértos trasladados, de antigas ou recentes apreciações, nas quais se descrévem, incluzive, criações de Almeida Reis para sempre perdidas, — são da responsabilidade de Silvio Vieira Souto, e vão com a rubrica: — DA TESTAMENTARIA.

Para dar remate a estes ligeiros esclarecimentos, paréce bem adequada a seguinte rezenha (entre divérsas outras feitas por Generino acerca das óbras de seu inolvidável amigo) — rezenha éssa já estampada, aliás, no 8.º vol. do espólio — "Poemas Dantescos":

"PINACOTECOGRAFIA — *Com alguns especimens de escultura de madeira, em que éra insigne, como cópia de dois caboclos ezistentes no pedestal da estátua equéstre de Pedro I (que ajudara Rochet, seu méstre, a fazer), no antigo Largo do Rocio e de escultura de ornato, como as "empenas" (gesso) da Igreja de São Gonçalo, em Niterói, — alem de uma infinidade de bustos, em gesso, térra-cóta e mármore, que trabalhava ele próprio, esparsos por estabelecimentos públicos e particulares, como os de "Danton" [Templo da Humanidade, Rio], "Pereira Passos" [E. F. C. B.], "Tiradentes" [Clube Tiradentes], "Fagundes Varéla" e "Comendador Guimarães", [com as respectivas famílias]:* — *Almeida Reis — falecido a 18 de abril de 1889, séte mezes antes da proclamação da República, a cujo ideal e propaganda (por ter, com inúmeros outros, posto sua assinatura na bandeira que asteava o edifício do jornal "A República" quando, em 1870, foi apedrejado) sacrificara toda sua carreira artística, ao ponto de quazi morrer de fome, — Almeida Reis legou-nos as seguintes estátuas: "Paraíba" e "Miguelângelo" (E. N. B.-A.), "Jeremias", "Bispo de Crizópolis" e "Esfolado" (Liceu de A. O.), "Gênio e Mizéria" (Azilo de Mendicidade), "Antônio Jozé" — o poéta da Inquizição (Teatro São Pedro de Alcântara); "Crime", laureada e dezidiózamente perdida, só se salvando a cabeça, ao voltar da Espozição de Filadélfia; "Saldanha Marinho", tambem perdida, com a demolição do seu atelier; Estátua d'"O Progrésso" (na fachada da estação central da E. F. C. B.), e um esboceto da "Estátua da Humanidade" (no respectivo Templo).*

Últimos trabalhos: — *Térra-cóta e gesso* — *"Dante ao voltar do ezílio", "Alma Penada", "A Espiação", "Quéda de Satan" (com Rozalvo Ribeiro, em Alagoas); "Cabeça de São João Batista" (mármore, galeria Esberard), "Busto de seu discípulo Lacaille" (de napolitano), Busto do popular "Poéta Garcia", e pequeninas caricaturas que tambem se perdêrão, de Vítor Meirélles, Mafra e outros, — alem do esboceto de uma monumental "Apoteóze do Regimen Industrial sobre os Destróços da Guerra", em que paréce ter prenunciado o advento e término da Conflagração Teuto-Européia."*

JUNTO A' SEPULTURA DE ALMEIDA REIS

NO PRIMEIRO ANNIVERSARIO DE SUA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA (*)

Sobre a plastica argilla ingrata que affeiçoaste
Ao supremo ideal esthetico da forma,
Ha um anno que teu corpo em sanie se transforma
Depois que o coração dos posteros entraste.

Ha um anno... e, cada vez, mais vivo? Exemplo
[e norma
A artistas que hão de vir, a amigos que deixaste:
— Rebenta em florações de gloria o que penaste;
Thesouro inestimavel o que ideaste, fórma.

Feliz compensação entre a existencia e a morte,
Que faz com que a funcção perdure eternamente
E faz com que á materia o orgão se transporte.

Tu "viveste a morrer", um dia, e tão sómente;
Mas tudo que de bom, genial, sadio e forte
Creaste... ha de viver no amor de toda gente.

(*) 18 de Abril de 1890.

HUMANIADAS

O PARAHYBA

Estatua allegorica, original — Contribuição annua do aperfeiçoado alumno pensionista na Europa

Em gêsso: Paris, 1865; em bronze: Rio, 1922.

NA GALERIA DA ESCOLA NACIONAL DAS BELLAS ARTES

"Nada é difficil nesta casa — nada!"
— Legenda latina do atelier Almeida Reis.

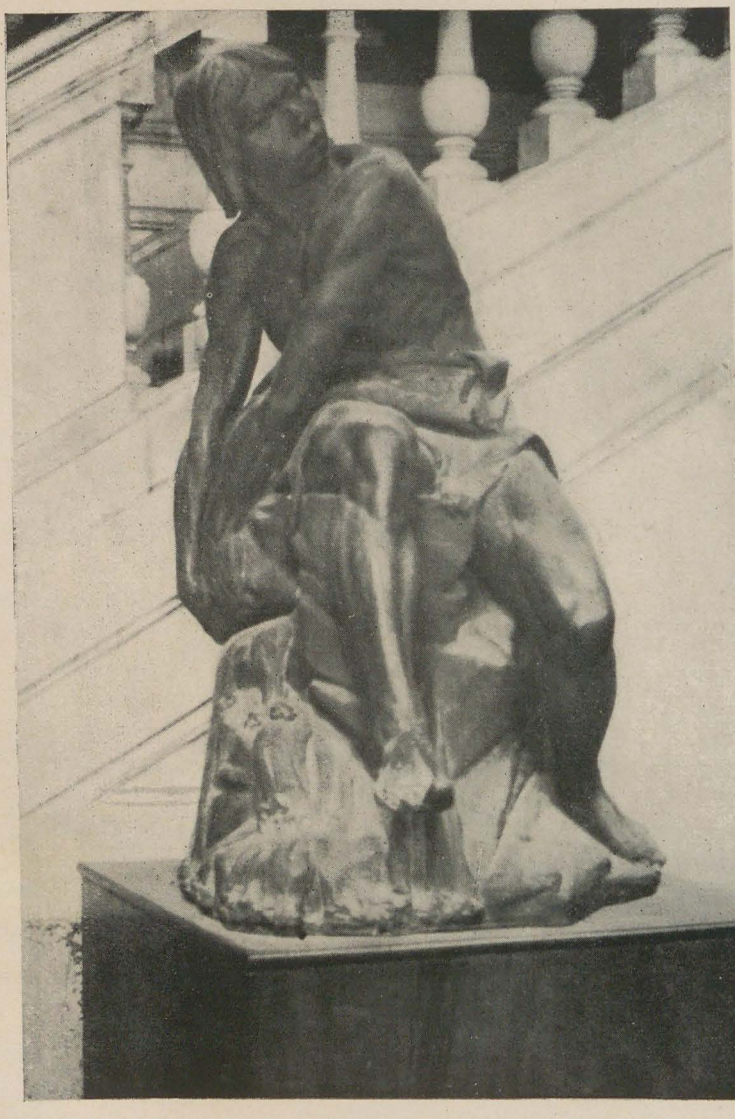
Sobre estático bloco de granito
Donde jorra dynamica corrente,
"O Parahyba", que o moveu potente,
Perscruta o Gran-Fetiche d'outro rito.

Para além desse espaço tão restricto
Que o olhar lhe abrange mas lhe amplia a mente,
Não ha mais céos nem terras, nem mais gente?
Da Guanabara é término o infinito?

Como ao mundo levar lendário rio
Ou, a seu alveo, dar ao mundo accesso?
Eu sou força: onde o energico alvedrio?

Num electro-mechanico processo?
— E, anatomico Hercules sombrio,
"Parahyba", a scismar, sonha "O Progresso"!

"*A Parahyba* (A. B. A.) feita em época muito distante (67) já póde ser considerada o prenuncio de um artista destinado á applicação das leis da esthética moderna á esculptura, taes são os caracteres especiaes que a critica lhe nóta. Em 67 Almeida Ries era um *interno* d'Academia, e, n'esta condição devia escolher assumpto, segundo é praxe, na Biblia, guardando o maior respeito pela forma pura e immutavel do classismo. Ora, a *Parahyba* nada tem de biblico, logo accusa o mais irreverente desprezo pela fria forma das allegorias academicas, arrojo este que, sem duvida alguma, contrariou a dictadura official da arte. A estatua é moldada em gesso e representa uma india assentada sobre um rochedo donde ella separa duas pedras que dão livre passagem á veia d'agua... Ha proporção no desenho, harmonia entre a inspiração e a feitura, a expressão é justa, a posição original, o modelado firme e largo. Existindo, pois, estas qualidades essenciaes, quaes ainda podia-se exigir do artista? Parece-me que o *interno* não satisfez a Academia, e tanto que a sua original producção foi posta de lado sem que merecesse o menor cuidado na sua conservação". (Estrato da óbra "A ARTE BRASILEIRA — Pintura e esculptura", de L. Gonzaga Duque Estrada. Rio de Janeiro. Imprensa a vapor H. Lombaerts & C. — 7, Rua dos Ourives, 7 — 1888 — Págs. 224 e 225).



O Parahyba, por Candido Caetano de Almeida Reis.
Saguão da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

MIGUELANGELO

Buonarotti, a scismar, tinha curvado a fronte
Como um deus a engendrar no pensamento um mundo.
Onde achar a expressão d'aquelle olhar profundo
Que dera leis a um Povo e agua dera a um Monte?

Onde o marmore austero e escopro audaz que o
[affronte?
Onde a linha? E o contorno? E o movimento? E o fundo
Sulco de dor que assombra? E o gesto ultra-fecundo
Que abrira á Humanidade intermino horizonte?

Buonarotti, a scismar, quedara-se impotente.
No entanto o céo se obumbra... estala o raio... ingente
Bloco vem do Sinai rolar junto a seus pés...

Súbito acorda... empolga um fulmen á passa-
[gem...
— E, qual Jehovah creara Adão á sua imagem,
Poz-se a talhar na rocha a estatua de Moisés!

"Mas não faltam obras pelas quaes se avaliem os meritos do esculptor. Em uma das salas do Museu Nacional encontram-se tres gessos em que a mesma amplitude de execução e maior sciencia anatomica as recommendam entre os melhores trabalhos que a estatuaria brasileira venha a produzir. Agora cessou a allegoria, o artista vai se inspirar deante da humanidade. Clareou em seu espirito a aurora de um novo tempo. Em um lado da sala repousa Geremias, o grande propheta de Israel, em cujos ouvidos ainda parecem echoar as tristes melopéas do povo escravo. De outro lado quêda-se pensativo o immortal estatuário de Moysés. A vida, a realidade tocante, d'esta estatua, conseguiram do éstro poetico do illustrado Sr. Generino dos Santos um bellissimo soneto que não me furtarei ao prazer de transcrever, pois, com mais eloquencia do que me fôra dado fazer, exprime a importância d'esta obra". "Espelham estes lapidados versos a tremenda lucta psychologica em que está empenhada a cerebração d'aquelle portentoso homem, taes são os seus traços physionomicos, a sua attitude, a fixidez meditativa do seu profundo olhar".
(Gonzaga Duque, ob. cit. pags. 225-6.)

ESTRELLA D'ALVA

Na pudica nudez que a Arte lhe vela
De um peplum de virginea castidade,
Ergue-se, do pedestal á immensidade,
Estrella d'Alva — a matutina estrella.

Diamantino de iriante claridade
Fulge-lhe á fronte, juvenil e bella.
E Estrella d'Alva, em fórmas, se revela
Um primor de estatuaria e de verdade.

Foi-se a planemetria em linha recta.
De um vaso de Corintho a curva agora
Tentara o olhar do mais austero asceta.

E' bem do Amor a Venusina déa,
Plastiesisada em gesso, o "olhar da aurora":
Pygmalião vive inteiro em Galathéa.

"Na mesma sala, defronte de Miguel Angelo, ergue-se sobre um hemispherio a Estrella d'Alva como se fôra a idéal Vittoria Colonna que, bondosa, ungida de amor puro, viesse contemplar o bem amado n'aquelle momento em que a "scismar tinha curvado a fronte". Eu preferiria, e tanta liberdade me releve o artista, que esta estatua assim como é feita, toda castidade e toda mansidão, se chamasse simplesmente *Mulher*, porque me parece ser este o intento do esculptor para prestar justissima homenagem a este grandioso culto sabiamente instituido pela philosophia moderna. Estrella d'Alva é um symbolismo mais poetico talvez como fórma, porém menos verdadeiro como intuito. Não obstante, estas fórmas exhuberantes de vida, este suave contorno de linha, esta dulcissima expressão de amor e pureza, que tão prodigamente foram dispensadas ao gesso, dão-lhe, chame-se ella Estrella d'Alva, Mulher ou Venus-Fecunda, o caracter idéal da esculptura contemporanea". (Gonzaga Duque, ob. cit., ps. 226-7).

Miguelangelo, por Candido Caetano de Almeida Reis.
Museu do Lyceu de Artes e Officios.

Jeremias (estatua em gesso, por Candido Caetano de Almeida Reis). Museu do Lyceu de Artes e Officios.

O CRIME

Nú, e assente n'um cepo pannejado.
Direita perna alçada. E, sobre o joelho,
Braço direito e mão, em que fincado
O queixo tem, como a pedir conselho;

Emquanto, resoluto, d'outro lado,
Lhe ostenta o braço esquerdo — atro apparelho —
Machadinha que brilha como espelho,
— E é o X de cruel problema ensanguentado.

Eil-o — intonsa cabeça de Meduza —
Fito, no chão, sinistro olhar perverso,
Trahindo a perversão que a alma lhe accusa

Medita "O Crime", em abstracção immerso,
Toda a maldade de que, impune, abusa...
E a maior pena que já coube em verso.

"A concepção do artista nasce do meio em que elle vive, e as lutas com as necessidades da existencia... levaram-no para outra corrente de inspiração. São as surdas tempestades do coração humano, as espumantes, negras, encrespadas lutas psychologicas que elle ora comprehende porque tambem as sente, e esta estatua em gesso "o Crime", tão elogiada pelos periodicos americanos, em 1876, não é mais que o producto de uma alma agitada pelos dissabores". (Gonzaga Duque, ób. cit., pág. 227).

GENIO E MISERIA

Auto-allegoria, estatua original em gêsso — Rio — 1876

A titulo gratuito (s. e.) no perestillo do extincto Asylo da Mendicidade

IMPRESSÃO ESTHETICA, NO PONTO DE VISTA, ENTÃO METAPHYSICO, DE ALMEIDA REIS

"Deixai fóra a esperança, ó vós que entrais"
DANTE — *Il Inferno*. Cant. — versão Generino.
Legenda italiana do atelier Almeida Reis.

"Genio e Miseria"!... O Genio... és tu? — Mas [a Miseria,
Voraz polvo cabiante e hediondo que te esmaga,
E' esta geração sem fé que se embriaga
E só se curva ao oiro ou só corteja Imperia?

Tu cuidaste que era a Arte alguma coisa seria
E foste, com Rochet, pedir á Itala plaga
A scentelha immortal de Buonarotti... Em paga,
Só tiveste o desdem — a esquálida miseria!

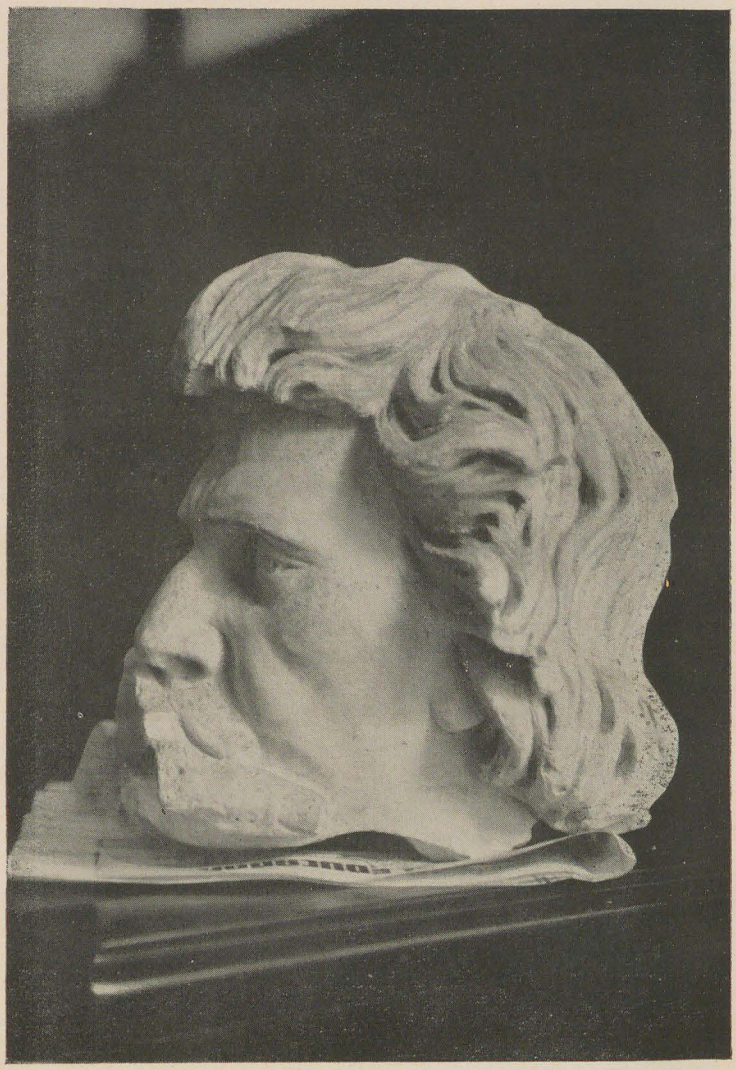
E teu sonho de gloria — aquelle amor continuo
Com que Pigmalião amou a Galathéa,
Com que Phidias sagrara Aspazia um ser divino —

Esse inconcesso amor envenenou-te a idéa
E... fez-te Prometheo atado ao teu destino...
— Estranha allegoria! Irónica espopéia!

"Depois do Crime (da qual resta apenas a cabeça no atelier do artista) veio o "Genio e Miseria"... De uma simplicidade grandiosa este grupo ha de ser mais tarde para os nossos futuros Winckelmanns a pedra de toque no estudo da sua individualidade (de Almeida Reis).

A figura do Genio que a Miseria impavida arrasta é de bellissima linha grega. A cabeça, similhante á de Apollo, tem bastos cabellos a sombrear-lhe a fronte; seus olhos, exprimindo uma suavidade intraduzivel, procuram no infinito espaço a alvinitente chymera com que tanto sonhou; e semi-nú, de rastros, vencido, ainda tem nos labios o esboço de um sorriso unctado de amargura, como se aquella infeliz alma embora arrastada pelo caminho das privações, embora insultada pela bocca escorbutica da calumnia e da inveja, desprezada pela côrte sevandija dos imbecis endinheirados, anathematisada pela leprosa sucia dos hypocritas e servis, se deixará erguer, nas azas vaporosas da

O crime, (estatua em gesso por Candido Caetano de Almeida Reis) reproducção de uma antiga photographia



Cabeça do *O crime,* por Candido Caetano de Almeida Reis.
(estado actual).
Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

APOTHEOSE

A Luiz Nicoláo Fagundes Varella

N'um festival promovido por Octaviano Hudson, no antigo Conservatorio de Musica, para o fim de offerecer á sua familia o busto do Poeta modelado em gesso por Almeida Reis.

Já, em redor de ti, vai clareando
Suave luz, perenne e gloriosa...
— E a balsamina ao lyrio, e o lyrio á rosa,
De "Juvenilia" as rimas vão cantando!

Borboleta-pavão, de quando em quando,
Recorta a matta... — E a lympha murmurosa
Cascateia, parlando de "Mimosa"!
Se alteia "O Cedro"... E o sol vai-se alteiando!

Em pino é já... — De "Lazaro o Diario"...
Acorda — irmão na dôr, gêmeo no pranto —
O angustioso "Canto do Calvario"...

— E tu, — que tanto erraste, amando tanto —
Luz immortal! repousas do fadario
Que "O Evangelho na Selva" encheu de encanto!

Rio, no 1.º anniversario de sua morte. (*)

---

phantasia, para attracção sobrenatural de um mundo que se não sabe onde gravita porém que o homem chama, no prosaismo da sua linguagem, a immortalidade, a gloria! E que contraste ella faz com a Miseria, — alta, óssea, andrajosa, sinistramente magestosa na sua compostura atrevida e nojenta! Poder-se-á exigir maior realidade do que esta que ahi tão claramente se exára na figura da Miseria? Impossivel. Jamais mão de esculptor a representará tão viva. Dir-se-á com toda a justiça que Almeida Reis a sentiu, e tal affirmação não faz pasmar a ninguem já que ninguem ignora as viscissitudes pelas quaes passa um artista em paiz onde os lucros obtidos pela profissão muitas vezes são minguados para a propria subsistencia!" (Gonzaga Duque, ób. cit., págs. 227 e 228).

(*) Faleceu o Poéta em 18 de fev. de 1875. O seu busto é, pois, de 1876. Segundo indicação de Generino, estava em poder da familia. Nenhum informe se conseguiu. — *Da Testamentaria.*

A LUIZ DE CAMÕES

Para servir-vos, braço ás armas feito.
Para cantar-vos, mente ás musas dada
CAMÕES — *Luziadas.*

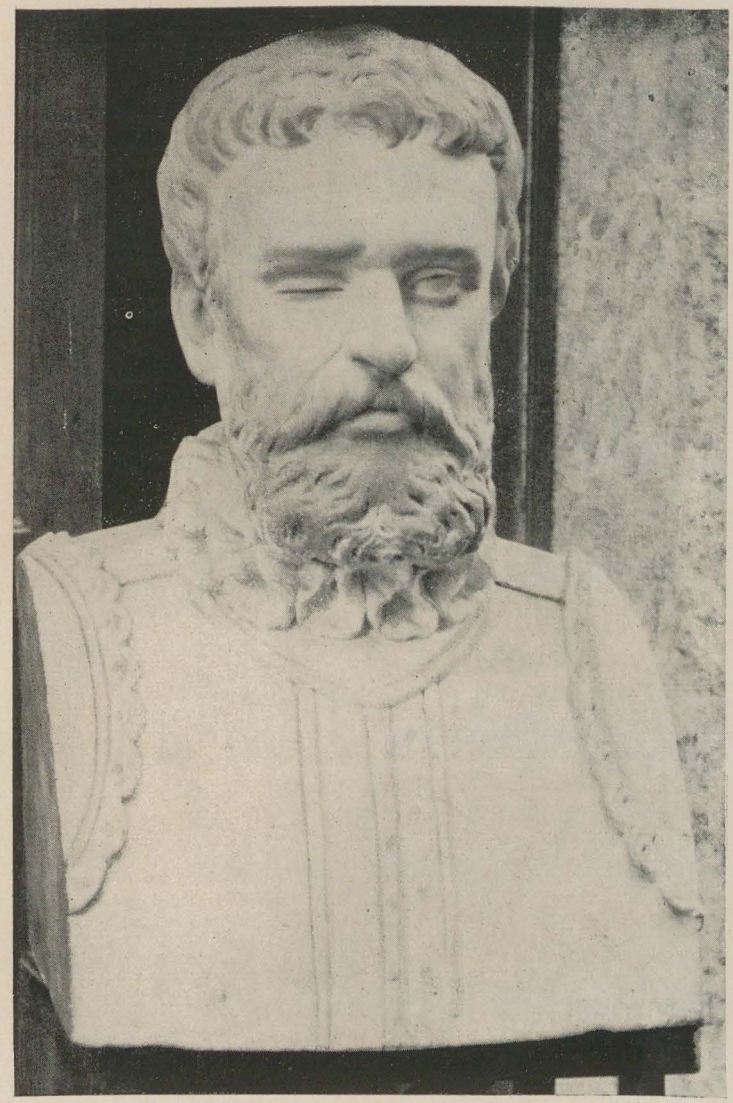
Poeta, cavalheiro e enamorado,
Rude no aspeito e, n'alma, a alma belleza
D'u'alma feminil, que é a portugueza,
Palpite embora em peito de soldado;

Quando dobraste o Tormentorio irado,
Fugindo do infortunio á correnteza
Que te impellira ás Indias, — com certeza,
Te não cuidaras tão afortunado.

Que, emquanto abrindo as portas do Oriente,
Em busca d'oiro em pó e especiarias,
Gama levava o Lacio á molle gente,

Vibrando a lyra d'oiro construias
Mais que um poema — o verbo omnidiscente
Em que, com a Patria, aos Evos subirias.

Ver adiante, respetivamente na 2ª e na 3ª parte do vol., as referências de Generino e de Teixeira Mendes acerca do busto de Camões por Almeida Reis (1880) — *Da Testamentaria.*



Luiz de Camões (busto em gesso, por C. C. Almeida Reis).
Templo da Humanidade. Rio de Janeiro.

NO CENTENARIO DE ANTONIO JOSE'

O Poeta da Inquisição.

Tu que, em tu'arte de zurzir o vicio,
Foste heroico rival de Gil Vicente,
Impondo-lhe, no palco, o atroz supplicio
D'uma incisiva satyra mordente:

Máo grado toda intervenção clemente
Que agio em teu piedoso beneficio,
Empolgou-te, sem dó, barbaramente,
— Garra infernal de abutre — o Santo Officio.

Por suspeita de teres renegado
A fé christã, te viste condenado
— Christão novo — aos máos tratos da Polé...

E, tendo-os supportado sem um grito,
Foste á fogueira, d'alva e san-benito,
Purificar no fogo a tua fé.

Dis Generino que o "Antônio José" de Almeida Reis estava, ao tempo em que escrevia, "no Teatro São Pedro de Alcântara". Não conseguimos apurar nada a esse respeito. Eis o que se lê, sobre éssa óbra, no já citado livro de Gonzaga Duque, pág. 229:

"Antonio José, "o poeta da Inquisição", é obra de quem está de posse do sentimento artistico de uma geração nova, para a qual a arte tem a mais elevada importancia nas funcções sociaes. Antonio José, além de ser um typo saliente da nossa particular historia, é um dos nomes que marcam uma phase na litteratura de dois povos, e, por conseguinte, nome digno da veneração de seus semelhantes. O esculptor o foi sorprehender no momento em que a fogueira do Santo-Officio devora-o. A expressão do poeta é uma expressão de dôr e de tormento, bem caracterisada pela contracção dos musculos faciaes, pela fixação chorosa dos olhos, pelo tremulo movimento dos labios onde parecem gemer as ultimas palavras da esperança. Expressão de dôr e de tormento, mas tormento e dôr que não attingem á covardia, ao medo. Caracter como aquelle! era nobre, não se adenava ao soffrimento physico. Em todo o demais — o artista mostrou escrupulo sem decahir no exaggero ou no maneirismo. Os accessorios caracterisam perfeitamente a acção; os trajes são exactamente os da sua época".

Antônio José n. 1705 e m. 1739 — *Da Testamentaria.*

A ESTATUA DO PROGRESSO

"Roubou o raio ao céo, como o sceptro aos tyrannos".

TURGOT, sobre Benjamin Franklin.

Germanicus no aspeito: o torso a Belvedero,
Herculana a cerviz; Jupitelino o braço
Perna ideal de Apollo á musclatura d'aço;
Gladiador que repousa, entre risonho e austero;

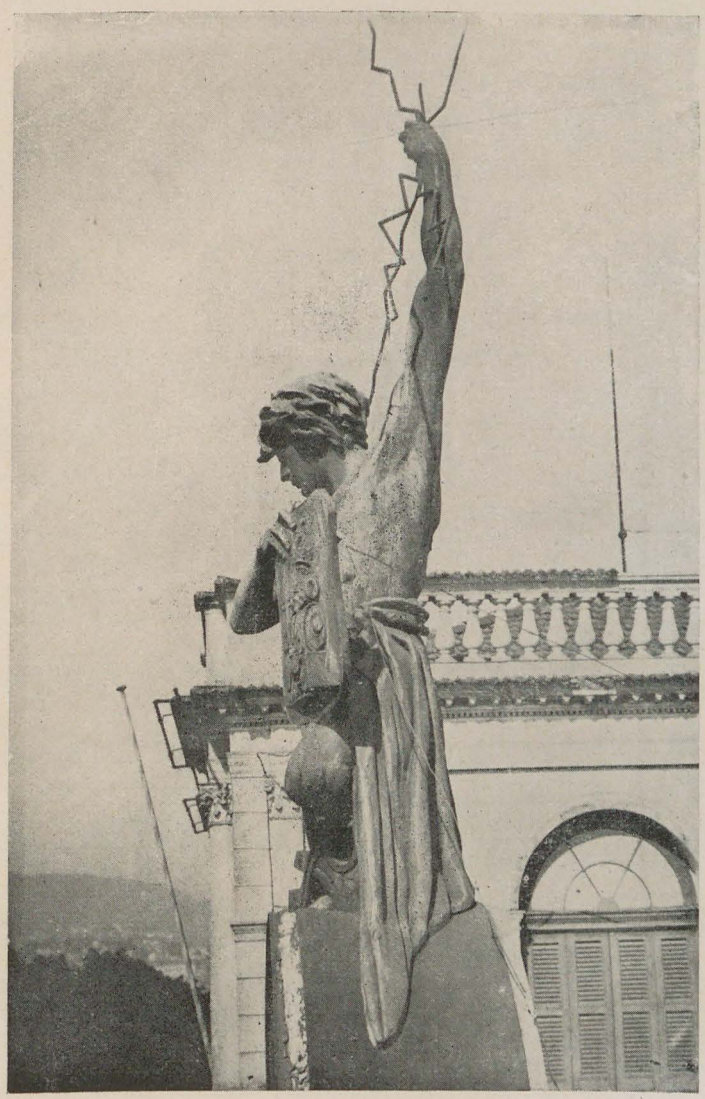
Da Pallas de Veletri o viso e o olhar severo,
A força de Thesêo, em laocontino abraço,
A empolgar de Vulcano os raios pelo espaço
E vibral-os do Tempo ao indómito Cerbero:

Tudo que a forma tem de grande e de sublime,
Desde a linha á expressão, que a força e a graça ex-
[prime,
Ao supremo ideal, — da electricidade ao gesso:

Tudo teu Genio audaz, sempre a Miseria ao hombro,
Foi pedir á sciencia e deu-nos este assombro,
Foi buscar á Grande Arte — e deu-nos "O Pro-
[gresso"!

---

1. Allegoria original em bronze, symbolisando a Industria Moderna, concretisada em Benjamin Franklin, o Moralista do "Bom-Homem Ricardo" e inventor do para-raio. — Tendo Franklin, como sentenciou Turgot, arrebatado ao céo um feixe de raios luminosos, o estatuário os concentrou em platina e, num movimento vibratorio, com elles a impulsiona, activando todos os seus accessorios electro-mechanicos, no tempo e no espaço. Incompleta, em seus meios de expressão, por lhe faltarem os referidos attributos, que não chegaram a ser fundidos; e deturpada em seu destino social, porque, ingenua e economicamente, converteram em icónico supporte de uma alampada electrica. Foi fundida, com material da casa mas sob sua direcção, nas officinas do Engenho de Dentro e rendeu ao infortunado artista... quasi o preço de um pequenino *bibelot*: a bruta somma de (s. e.) pouco mais de Rs. 600$000. Rio, 1885. Sobre o relogio que encima a fachada da estação Central da E. F. C. B. — (Nota de Generino).



Estatua do Progresso, por C. C. Almeida Reis.
Fachada do edificio da E. F. C. B., ora em demolição.

2. Visto a importância histórica da estátua d'"O Progrésso" — *a primeira vazada em bronze* no Brazil — transcréve-se outro apontamento do punho de Generino, encontrado entre os seus papeis:

"Almeida Reis

Estátua do Progresso

Encima o frontesp|cio da estação central da Estrada de Ferro Central do Brasil na Praça da Republica. Foi moldada e fundida sob as vistas e direcção do artista nas officinas da mesma estrada, em 13 de Agosto de 1885." No vérso, lê-se, em grafia de ôutrem, e de mão pouco habituada à pena:

"Mestre fundidor

Joaquim dos Santos Paranhos

Operarios

Tinoco Jozé Baillon
Jozé Soares de Medeiros
Geovane Lagane.

Liga: cobre antigo 95, zinco 4, estanho 1."

* * *

3. — "MEMORIA HISTORICA DA ESTRADA CENTRAL DO BRASIL"
1884—1889

Administração do Engenheiro José Ewbank da Camara.

.....

"As duas estatuas de argamassa lateraes ao relogio no frontispicio da estação Central, achando-se deterioradas com a acção do tempo, foram substituidas por uma estatua symbolisando o — Progresso — apoiada no alto do mesmo relogio.

Tal obra d'arte, a primeira em bronze fundida no Brasil, é concepção do finado esculptor brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis, que a moldou em areia do Porto e vasou-a em cinco jactos nas officinas da Estrada no Engenho de Dentro, a 13 de agosto de 1885. Foi inaugurada a 2 de dezembro do mesmo anno."

— Memoria historica da Estrada Central do Brasil, organisada por Manuel Fernandes Figueira, secretario da Directoria, sendo director o Dr. Aarão Reis. Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1908 — pag. 256".

4. — "Hontem foi Antonio José, que sahiu da sua officina, gesso que valia o bronze; hoje é a estatua allegorica do Progresso, bronze que vale a immortalidade! Encima esta estatuta o relogio existente na fachada da estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II. E' uma bella figura talhada em molde classico, semi-núa, robusta de vida e mocidade. Olha obliquamente para a rua, n'uma expressão de força e de arrojo, e nos traços, os mais leves, da sua sympathica physionomia paira o doce reflexo de uma bondade infinita. Cerviz herculea; corpo que relembra o esbelto contorno dos athletas gregos; posição que rivalisa com as mais notaveis linhas da esculptura antiga, typo que se fôra desencavado da poeira de remotas éras faria o assombro da Humanidade, tal é esta magnifica allegoria que se harmonisa esplendidamente com o edificio onde está. Sobre o diametro do relogio, tem a mão direita levantada para o infinito empolgando uma gavéla de

NOVO PROMETHÊO

(EM HONRA DE BENJAMIM FRANKLIN)

"Erupuit fulmen cœlo sceptrumque tyrannis".

Dizem que Promethêo encadeiado
Fôra ao Caucaso, em era que se afasta,
Por ter, trahindo a fé de sua casta,
Com o fogo, a sciencia e a arte divulgado.

E, emquanto, tendo assim beneficiado
A Humanidade, o seu amor contrasta
Por essa dor cruel, que a alma lhe gasta,
Era por fero abutre devorado.

Mas tu, sabio sublime e patriota,
Que viveste entre povos soberanos
A quem traçara a sciencia humana róta;

Tu, desvendando ao mundo os seus arcanos,
Roubaste o raio ao céo por dal-o á grota
— E arrebataste o sceptro dos tyrannos!

1890.

---

raios, e a esquerda apoiada a um escudo em que está esculpida em relevo uma locomotiva; um dos joelhos descança sobre uma peça de engrenagem, e a perna direita estendida, entezada em todo o seu comprimento, assenta firme no sólo como se mais uma passada gigantesca fôra o bastante para vencer a vastidão dos tempos. A geometria, a mais correta, a anatomia, a mais observada, o desenho, o mais preciso, a expressão, a mais justa, formam o conjunto dêste trabalho, em que a largueza da maneira de fazer não desmente a grandiosidade do assumpto". (Gonzaga Duque, ob. cit., págs. 229 e 230).

O ULTIMO CALICE DA AMARGURA

NA MORTE DO CO-RELIGIONARIO, VELHO AMIGO E OLVIDADO POETA DE "OS DOIS AMPHITHEATROS", JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUZA.

Soneto complementar do diptyco *"No symbolico tumulo de uma noiva"*, tumulo por mim idealisado e em granito esculpturado pelo grande estatuario Almeida Reis no Campo Santo de São João Baptista da Lagôa.

"Et nunc erudimini".

Emfim te vais reunir á esposa amada
Sob o "rochedo asperrimo da vida"
Que lhe esmagara a trama dolorida
De serodia ventura mallograda!

E desde então, como ave mal ferida
Que perde o par e o busca desgarrada,
Nunca mais a alegria ensolarada
De viver em tu'alma achou guarida!

Mal te "formaste" — e o irmão perdido havias
Que te "formara" e a quem "formar" devias!
— Morreu-te, indo a casar, a Mãe velhinha!

E ora que, das angustias que soffreste,
Repousavas... — de subito morreste!
E, até na morte, a vida te é damninha!

"Quanto á execução do jazigo, ponderamos ao Dr. Generino dos Santos e ao Sr. Eduardo de Sá, a conveniencia do jazigo lembrar trabalhos de Almeida Reis, de modo a caracterizar a sua individualidade como esculptor. Nesse intuito, indicamos o bloco de granito que Almeida Reis preparou no carneiro perpetuo numero 2.082, do Cemiterio de S. João Baptista, onde foi sepultada, a 2 de Março de 1886, D. Izabel Maria Barbosa Teixeira de Souza, Esposa do nosso correligionario Dr. José Eduardo Teixeira de Souza, á qual uma morte subita arrebatara, aos vinte e quatro annos de idade. O Dr. José Eduardo Teixeira de Souza, fallecido a 22 de Outubro de 1922, jaz tambem nesse carneiro.

"O Sr. Generino dos Santos e o Sr. Eduardo de Sá acceitaram essa reflexão; e o Sr. Eduardo de Sá fez o projecto do actual jazigo." — R. Teixeira Mendes. (Ver 3.ª parte deste volume.)

AVE'. — HUMANITAS

Quando contemplo, absorto, a marcha evolutiva
Da especie sobre a Terra; e, ás gerações presentes,
Comparo as que hão de vir ou já não são viventes,
E' que sei quanto a morte é sabia e productiva.

Pois, sob sua influencia, eterna e progressiva
Para os que hão de viver é que trabalham, crentes,
Toda essa communhão de seres convergentes,
Que, quando já não são, têm vida subjectiva.

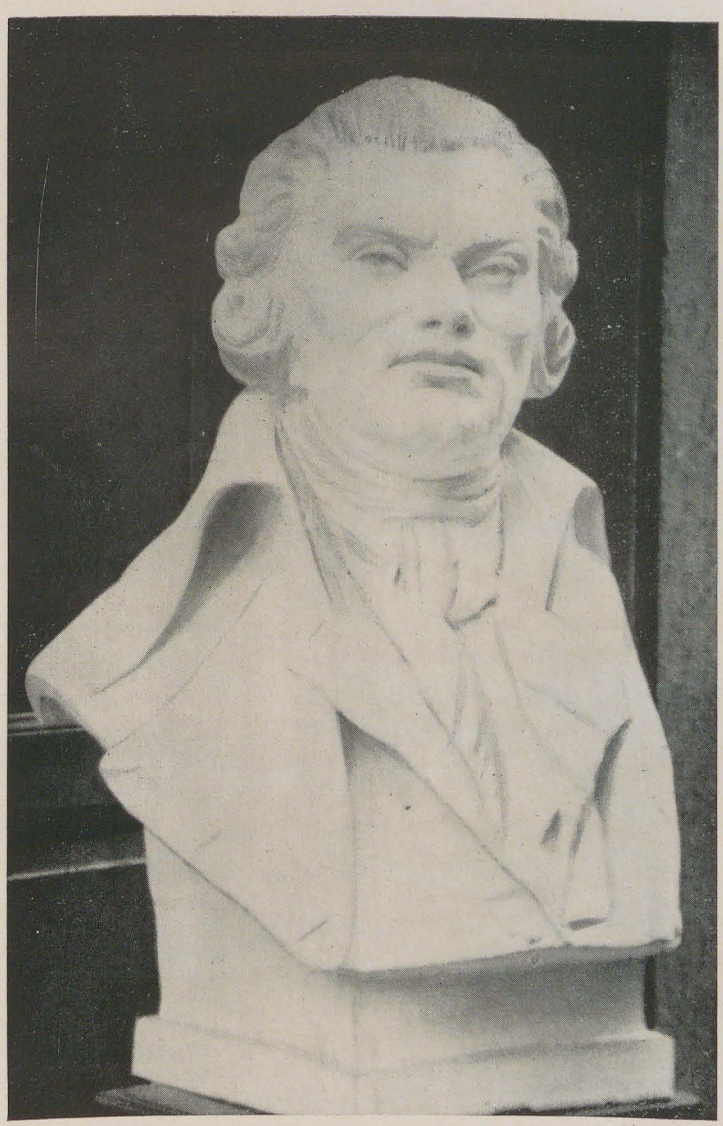
Gloria, pois, no Planeta ao Grande Sêr Humano,
Cujo passado enorme é como enorme oceano
Que nos leva ás regiões utopicas da luz!

Gloria a Ti, Grande Sêr, que, no teu meio — [o Espaço —,
Nos traçaste o destino e nos guiaste o passo;
Pois, se o homem se agita, és Tu quem n'o conduz!

Ver adiante, na 3ª parte, as referências de Teixeira Mendes ao esboceto de Almeida Reis, em que, pela primeira vês, se tentou cumprir o voto de Augusto Comte: *"Je conserve de plus en plus mon espoir primitif de voir ta chère image* (de Clotilde), *fournir un jour l'emblème usuel de l'Humanité..."* — Da Testamentaria.

Tumulo de José Eduardo Teixeira de Sousa, no cemiterio de São João Baptista, (carneiro 2.082), executado por Candido Caetano de Almieda Reis e idealisado por Generino dos Santos.

Esboço em gesso de uma estatueta da Humanidade, lembrando os traços de Clotilde de Vaux, por Candido Caetano de Almeida Reis. Templo da Humanidade. Rio de Janeiro.



Danton (busto em gesso por Candido Caetano de Almeida Reis). Templo da Humanidade. Rio de Janeiro.

DANTON

Os mortos é que governam os vivos...

Dominando, imponente, á voz da Enciclopedia,
Que é a voz de D'Alembert e a voz de Diderot:
Condorcet a esmagar, no altar da idade media,
"O Infame" de Voltaire e "O Pacto" de Rousseau:

Em meio á Grande Crise, a Occidental tragedia,
Onde Marat delira ouvindo Mirabeau —
Conduzindo o corsel da Carmagnole á redea,
Surge o immortal Danton das cinzas de Turgot.

Surge! E a golpes de "Audacia! Audacia! e mais
[Audacia!"
Carnot, Hoche e Marceau, vencendo em pertinacia,
Consegue organisar sem Deus, — sem Deus nem rei.

Mas, quando Robespierre o leva á guilhotina...
Na curva que descreve a lamina assassina,
Foi que entreviu Danton da evolução a lei!

"O busto de Danton feito para o Centro Positivista constata, por uma maneira clara, a orientação artistica que Almeida Reis ha tido ultimamente. Sabe-se que a rehabilitação da memoria do illustre patriota francez foi realizada por Augusto Comte ao traçar o quadro da revolução de 93... No busto feito por Almeida Reis, a physionomia de Danton é sympathica e ao mesmo tempo energica, seu olhar intelligente, sua fronte larga, sua bocca vigorosamente delineada, attributos que se acham em directo accordo com a firmeza do seu caracter, com o poder do seu privilegiado talento, com a enorme bondade do seu coração. Aquella cabeça nada tem de vulgar, mas tambem nada possue de feroz e de grosseiro". (Gonzaga Duque, págs. 230 e 231).

— Ver, no começo deste volume, o discurso de Miguel Lemos, ao inaugurar-se o busto de Danton, em 28 de out. de 1885. — Da *Test.*

DANTE AO VOLTAR DO EXILIO

Quando em lyra de bronze, Florentino,
Vibraste o Apocalypse tremendo
Que teu genio immortal, sempre gemendo,
Compoz no exilio contra o Ghibelino;

Muda, assombrada, em ancias de Ugolino,
A alma humana escutou-te estremecendo,
Como se ouvira a Orlando, em furia ardendo,
Cantar-lhe o "Dies-Irae" sibyllino!

E então si, em punho gloriosa palma,
Passavas, de Beatriz amante terno:
— "Lá vai!" — dizia, mal cobrada a calma,

"Lá vai Aquelle que voltou do Inferno,
Tendo-o creado á imagem de su'alma,
Trazendo n'alma o soffrimento eterno!"

Traslada-se aqui a seguinte nóta de Generino, já estampada nos "Poemas Dantescos" (8.º vol. de *Humaniadas*):

"Dante, ao voltar do exilio" — Terra-cotta de Almeida Reis (Discipulo espiritual de Miguelangelo e technico de Rochet) Rio, 1888.

E' uma movimentada estatueta que, medindo apenas 0,60 de altura, pela grandiosidade, pureza, elegancia e austera correcção de suas linhas harmoniosas, que bem e fortemente impressionam o observador, qualquer que seja a perspectiva aerea em que a contemple, como pela accentuada expressão de sua dolorosa mascara e amplas dobras do seu bem tocado panejamento, que lhe imprimem solemne cunho de super-humana magestade, — parece de incommensuravel grandeza.

Foi carinhosamente modelada para figurar, com outra tambem mas horrivelmente bella — "Alma Penada" (guai à voi anime prave) — n'um festim sociocratico, que, para uma apreciação positivista do Altissimo Poeta e leitura, em verso portuguez, de varias passagens da sua "Visão" (Divina Comedia), realizou Generino, a 12 de Nov. de

1888, anniversario de sua transformação objectiva, no Salão do Club Tiradentes, cultualmente decorado pelo artista, que tomou por thema de sua bellissima composição a ultima tercina de um soneto seu, evidentemente inspirada na tradicional apostrophe das mulheres dos arredores de Florença, que, vendo-o passar, aberrando a sua saudosa, ingrata e intangivel cidade nativa, supersticiosamente murmuravam resguardando a prole: *"Eccovi l'uom chi ha stato all'Inferno"*

"Lá vai Aquelle que voltou do Inferno,
Tendo-o creado á imagem de su'alma
Trazendo n'alma o soffrimento eterno".

E modelada "com polegar intelligente", como diria Musset, ou, mais expressivamente, "com mão que obedece ao entendimento", como lhe ensinára o Mestre dos Mestres; modelada por um grande infortunado artista que não logrou opportunidade, ou antes, a quem a apoucada Arte Official do extincto Imperio negara todos os meios de revellar a sua Grande Arte, ainda assim evidentemente patenteada no incompleto e malfadado bronze da "Estatua do Progresso", estupida e indignamente convertida em "figura de lampeão" a illuminar decorativamente a fachada da Estação Central da E. F. C. B., que por ella lhe pagou a incredibilissimamente ridicula quantia de uns oitocentos mil réis (si tanto): essa estupenda estatueta com todas as virtuosidades que a excedem, convenientemente ampliada e, em falta de outro que lhe houvesse imaginado o artista, dando-se-lhe por pedestal v. gr. a symbolica espira dos Circulos do Inferno que Domenico Michelino poz no fundo da sua allegorica composição, existente na cathedral de Ravenna, bem poderia tambem dignamente figurar — e é uma idéa que suggerimos á Grande Commissão commemorativa do VI centenario — na pitoresca praça da nossa bellissima Avenida da Ligação, onde já lançou a sua pedra fundamental, como historico documento e attestado vivo do vivo e entranhado amor que sempre votamos ao Supremo Poeta da raça latina e quiçá de todo o Planeta Humano — ainda n'um tempo em que se não lembrava ninguem de, entre nós, perpetuar-lhe o nome e eternisar-lhe a gloria.

Tal qual existe, porém, é, em todo caso, digna de conservação e, para ser conservada, como miraculosamente tem sido até hoje — ha mais de trint'annos — através de todas as vicissitudes do tempo e até de convulsões sociaes, que se lhe resguarde a fragilidade passando-a a bronze ou galvanisando-lhe, ao menos, a exhausta materia prima de que é feita.

— E tal é o fim a que se destina o producto liquido da extracção desta plaquette, si, o que ella der, cobrir-lhe as vultosas despezas."

O original em térra-cóta colorida do "Dante ao voltar do exilio" acha-se, ainda hoje, em poder da nóra do Estatuário, a viuva Eugenio de Almeida Reis.

Déssa estatueta vazárão-se em bronze dois exemplares. Um, ofertado pela Testamentaria, á E. N. de Belas Artes (1933), outro, encima o Ossário de Generino. Ver o apendice. — Da *Testamentaria*.

ALMA PENADA

Essa, que vês, de horrenda catadura,
Alma batida a remo por Caronte,
É, das demais, symbolica figura;
Pois traz da eterna pena, a dor na fronte.

Ricta-lhe o vulto a intima amargura
Da perdição, que não redime a fonte
Das lagrimas que chora — e que perdura
Além da morte, a peccador esponte.

E "Guai à voi, anime prave!" brada
Com o infernal arráes e, em verso, o Dante
A quem lhe passe a Styge não agrada...

Que só perdão merece amada ou amante
Quem passou pela vida — alma penada —
A amar sem ser amado um só instante.

O original em térra-cóta de "Alma Penada" foi oferecido, em 1933, pela nóra do autor, a Sra. D. Maria Francisca de Almeida Reis, ao escultor Eduardo de Sá, em cujo poder ainda se acha. O exemplar vazado em bronze (como determinava o Testamento de Generino) foi entrégue á Escola N. de Bélas-Artes. Ver o apêndice. — Da *Testamentaria*.

Dante ao voltar do exilio, por Candido Caetano de Almeida Reis. Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

Tumulo de Generino, encimado pela estatua de Almeida Reis, "Dante ao voltar do exilio", no Cemiterio de São João Baptista.

Concepção do esculptor Eduardo de Sá.

A EXPIAÇÃO

Na servidão da pena, do trabalho
Repousa, findo o eito, o condemnado,
Grilheta á perna, o pello já grizalho,
Na bluza de zuarte encarcerado.

Arde-lhe o solo, aos pés, como um burralho.
E o corpo, lassamente repousado
Sobre o cabo da enchada, onde apoiado,
Tem o queixo na mão, lhe ensombra o atalho.

Vendo um'ave que vôa em liberdade,
Amaramente lembra com saudade
O lar, a esposa e os filhos... Que revés!

Tudo levou-lhe a allienação do crime...
— E solitaria lagrima que exprime
Sincera contricção, lhe rola aos pés.

Ver as refrências de Generino, nas rezenhas das óbras de A. Reis, e, no apêndice, o destino que, a esse gesso, lhe deu a nóra do estatuário. — Da *Testamentaria*.

OSORIO

Dizia o General Osorio que o seu maior desgosto era ver sua Patria em lucta e achar-se num campo de batalha; que sua data mais feliz seria aquella em que lhe déssem a noticia de que os povos — civilisados pelo menos — festejavam essa confraternisação queimando os seus arsenaes. — FERNANDO OSORIO — *Historia do General Osorio*, pag. 26.

Emfim! Ha de viver no bronze eternamente,
Quem o bronze affrontou no campo de batalha!
Foi loucura? Qu'importa! Aos uivos da metralha,
A sua Terra amou e amou a sua gente!

Vamos! Corra o metal em lava encandescente,
Como um sangue de heróes, no ventre da fornalha.
Eis que, em redor do "nó" já se evapora e coalha...
Parte-se o molde... Que é que aquelle bronze sente?

Lança em riste, eil-o — o Heróe! — Contractos [musclos d'aço,
Freme o corsel nitrindo... Espera do rebate
A voz para partir, fatal como estilhaço...

E' Osorio que vôa, intrepido ao combate,
Os seculos vingando, avassalando o espaço...
— E pela paz — em bronze — o coração lhe bate!

Generino anóta o seguinte: "Ultimo esboço de uma estatua equestre — Gesso. Rio — 1888-1889." Veja-se, no Apêndice, a importante nóta de Mário B. Carneiro: "Monumento ao General Ozório", por Almeida Reis.

Alem desse esboço de estátua equestre de Osorio, alude Generino a um busto dele por Almeida Reis.

No artigo do Dr. Ecragnolle Doria, estampado da "Revista da Semana" de 8 out. 1938, p. 16, lê-se: "Tres exposições geraes da Academia marcaram época na obra de Almeida Reis: as de 1875, 1879, e 1884...

...Na mesma exposição de 1879 poude emfim Almeida Reis mostrar um marmore, o busto do General Osorio, encommenda do brigadeiro Couto de Magalhães, presidente da Commissão de Officiaes tambem honorarios do exercito. Trazia o busto inscripção tupy..." — *Da Testamentaria*.

Alma penada, por Candido Caetano de Almeida Reis.
Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

Expiação (estatua em gesso para a Casa de Correição, do Rio de Janeiro).
Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

DESPOJO DE UM VENCIDO

Na espadua do Vencedor

EM MEMORIA DO ESTATUARIO ALMEIDA REIS

A Noite, que aqui vês, adormecida
Foi por um Anjo em marmore esculpida.
Dorme; e, si dorme, então é que tem vida.
Desperta-a e falará... Ninguem duvida!"

Epigramma de GIANBATTISTA STROZZI.

"Grato é-me o somno, e mais com ser de pedra.
Emquanto o mal desta vergonha medra
Não ver e nem sentir me é gran-ventura
Não me despertes, não! — baixo murmura..."

Resposta de Miguelangelo—Legenda do atelier Almeida Reis.

Era um velho estatuario, intransigente e austero,
Cuja Arte — encarnação da vida subjectiva —
Nutria-se de heróes, heroicamente altiva
Do seu largo e arrojado estylo ultra-severo.

Eu o vi, calmo e audaz, como um heróe de Homero,
A luctar pela vida — ingrata tentativa
Contra uma sociedade, argentaria e sportiva...
— Morreu de fome e pejo o estatuario austero!

E — dor! — tendo esboçado em gesso a estatua
[equestre
De Osorio — ultimo esforço em prol da grande Arte
Que tentara, a morrer como Ugolino, o Mestre,

Em seu somno immortal tem o desgosto enorme
De sonhar que o possue quem n'o matara em parte:
Seu rival vencedor. — E se não vinga! — Dorme.

NO CENTENARIO DE SALDANHA MARINHO

Tens hoje a idade d'oiro subjectiva
Dos que vivem na póstera memoria,
Fixando em bronze a imagem objectiva
Ou projectando-a nos annaes da Historia.

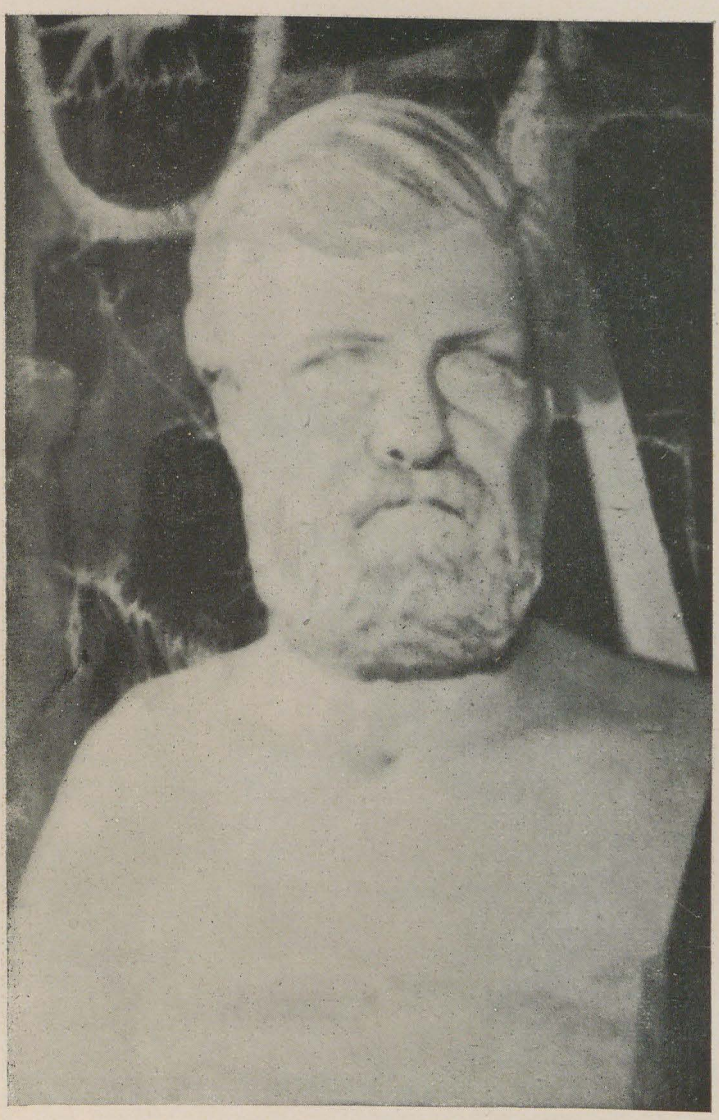
Cem annos! E ainda tua trajectoria
Segue no espaço a curva evolutiva
Que descreveo a aurora progressiva
Do 15 de Novembro — e é nossa gloria.

Eis por que te votou, no nascedouro,
A Republica, eterno monumento
Que te encerrasse o espolio immorredouro

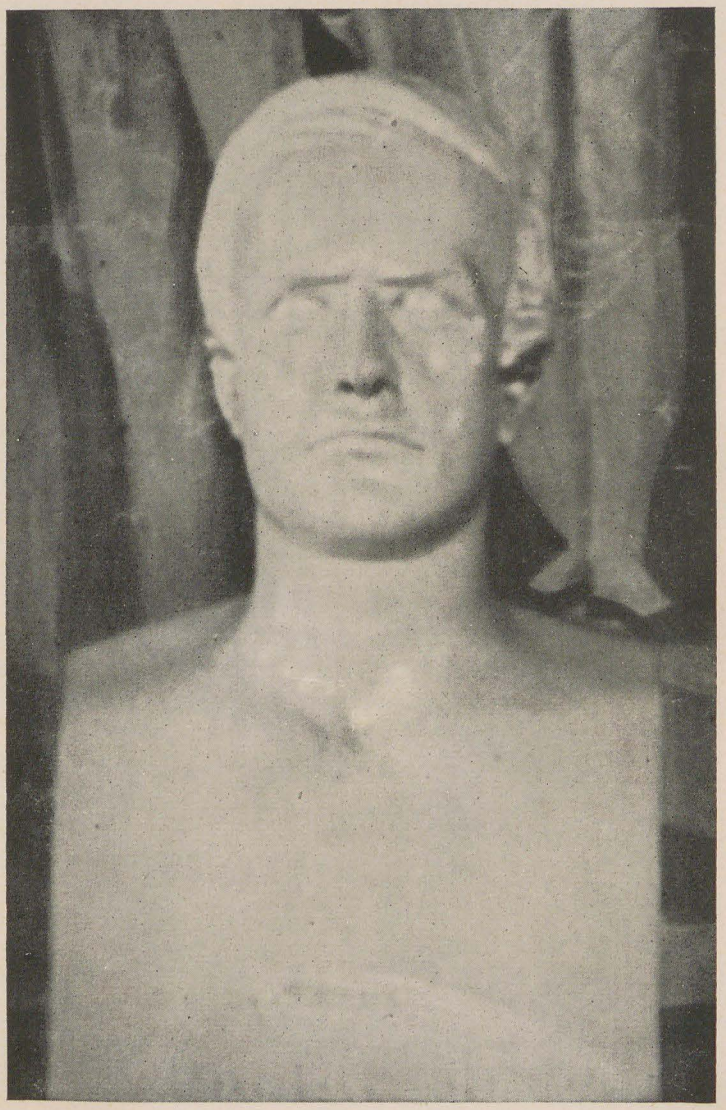
E onde elle está, neste lethal momento
Em que domina o egoismo em febre d'ouro?
— Vai sobre ti pesando o esquecimento...

Entre as óbras de Almeida Reis, aponta Generino "a estátua de Saldanha Marinho que a Maçonaria Brazileira lhe encomendou, e deixou ficar no atelier, onde nos referidos escombros se partiu". — Veja-se, no apêndice, a carta de Eduardo de Sá. Déssa estátua réstão apenas as mãos, hoje no Muzeu da Escóla de Bélas-Artes.

Generino foi companheiro de escritorio de Saldanha Marinho. Ver o testamento dele, no 1º vol. do Espólio. Saldanha Marinho n. 1816 e m. 1895. — *Da Testamentaria.*



Manoel de Araujo Porto-alegre, barão de Santo Angelo, busto em gesso, por Candido Caetano de Almeida Reis.
Museu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.



Francisco Adolpho Varnhagen, visconde de Porto-Seguro, busto em gesso, por Candido Caetano de Almeida Reis.
Museu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

NO CENTENARIO DE PORTO-ALEGRE

(Barão de Santo-Angelo)

Architecto — Estatuario — Pintor-historico — Archeologo — Naturalista — Ethnographo — Poeta — Diplomata.

Principal fundador de todas as artes no Brasil, reformou sobre bases scientificas a Academia de Bellas Artes, creou a Pinacotheca e, com outros, o Conservatorio Dramatico e a Opera Nacional, iconographando José Mauricio.

Monographou a emancipação gradual dos escravos e escreveu "Brasilianas", "Os Toltegas", "O Idolo Amazonico", "Colombo", "Os Voluntarios da Patria", "Monographias' mil.

Socio correspondente do Instituto de França, da Academia de Sciencias de Lisboa e fundador do Instituto H. e G. Brasileiro.

A' Academia Brasileira de Lettras
Ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro
A' Academia Nacional de Bellas-Artes

— Legião, quem tu és? — Um homem forte!
— Forte... qual nome has tu? — Homem-Legião!
— Homem-Legião? E's, pois... Quem, mais que a morte
Tem morto o olvido... a humana ingratidão!

Gener. — "Dialogo dos Mortos".

Quando, outr'ora inda amorpha, era a Arte-Bra-
[sileira
Embrionaria planta exotica e acclimada,
Com Dèbret e Grandjean — surgiste, alma geniada
A Buonarotti, e houveste a sagração primeira.

Mas, como ao teu modelo, a ancia da verdadeira
Sciencia possuio-te a vida torturada;
E, quanto pôde a sciencia, então, ser applicada,
Applicaste a tua arte, e — obra alviçareira.

Mas tu'arte era estreita á alada envergadura
Do teu genio — e pediste ao verbo alma palhêta
Que te pintasse ao vivo a atlantica estructura...

E nos déste "Colombo", antropologo e estheta,
— Tão grande, que só lê quem tem genio e cultura:
Porque esta geração... nem sabe lêr, Poeta!

NO CENTENARIO DO POLYGRAPHO "MACEDINHO"

(JOAQUIM MANUEL DE MACEDO)

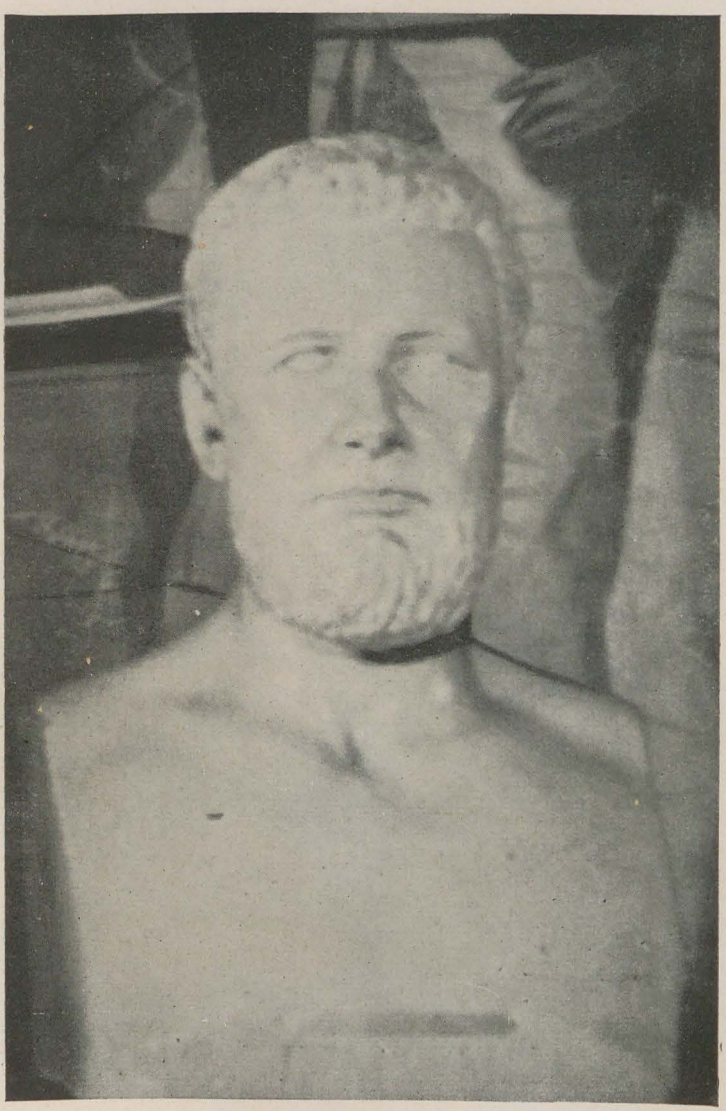
Recordando "Dois Amores", "Rosa", "O moço loiro", "O Phantasma Branco", "Mulheres de Mantilha", "Nebulosa", "Redempção" e toda sua litteratura de açafate.

Oh! não! Tu não morreste inteiramente
No coração da ingenua mocidade
Que contaste, ao sahir da puberdade,
Com teu tempo e teu burgo inda nascente!

Pois tinhas, na retina de vidente,
Estampada, com viva realidade,
Toda a vida aldeiã da sociedade
Que fixaste em tu'obra eternamente.

Outros costumes são; é outra a gente;
Teu burgo colonial se fez cidade;
Porém noss'alma é a mesma: inda te sente.

E, n'uma meia-tinta de bondade,
Viverás, com ess'obra sorprendente,
N'uma recordação, nesta saudade!



Joaquim Manoel de Macedo, busto em gesso, por **Candido Caetano** de Almeida Reis.
Museu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Portrait-charge do imperial poeta Garcia, irmão do compositor Padre José Mauricio (gesso).
Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil

A QUEDA DE SATAN

Despenhado nos báratros profundos,
Onde, na treva, se ennovelam mundos,
Triste, abatido, olhar maguado e langue,
Satan chorava lagrimas de sangue.

Immoto, azas cruzadas sobre o dorso,
Pungia-o, como a Judas, o remorso.
Si podesse morrer... Mas nem a morte,
Que tudo extingue, lhe coubera em sorte!

Foi então que Eloah veio, piedosa,
Beijar-lhe a fronte, meiga e carinhosa.
Satan, por entre lagrimas, sorri...

E ella, ao ver-lhe o nunca enxuto pranto:
— Porque choras, Satan?

— Eu soffro tanto!

Ah! nunca amaste?

— Eu! Não! Nunca te vi!

No indículo das óbras de Almeida Reis, entre os seus últimos trabalhos, inculca Generino: "A queda de Satan' (busto em terra-cóta, inspirado no "Inferno de Dante" e no "Paraizo Perdido" de Milton, com Rosalvo Ribeiro, em Alagôas) — Nenhum informe se colheu a respeito, como nenhuma noticia se obteve acerca da escultura em mármore, assim marcada por Generino: — "Cabeça degolada de S. João Baptista", (por elle proprio aqui escupida), com Esberard." — Esse soneto de Generino, porem, "A quéda de Satan", é inspirado diretamente no poemeto byroniano de Alfredo de Vigny: "Éloa — la sœur des Anges". — *Da Testamentaria.*

APOTHEOSE DO REGIMEN INDUSTRIAL PACIFICO

SOBRE OS DESTROÇOS DO FRATRICIDA INSTINCTO MILITAR GUERREIRO

Sobre destroços bellicos alçado;
De heraldico loureiro, á fronte, um galho;
No seu grande uniforme de trabalho,
Robusto proletario está sentado.

Braço sobre outro braço, em cruz, pousado,
A' destra esquadro e á sinistra um malho,
Contempla do Passado o atro espantalho
E do Porvir o advento ambicionado.

E' o symbolo da Paz que, extincta a guerra,
Vem plantar seu regimen sobre a terra
E, pela sciencia e a industria ha de, afinal,

Para uma Humanidade mais selecta,
Converter este sonho de poeta
Em humano paraizo terreal.

Em seu testamento, Generino indica entre as obras de Almeida Reis que se áchão sob a guarda dele: — "Apotheose do regimen pacifico e industrial sobre os destroços da guerra", isto é, do instincto constructor, que tudo produz e conserva, sobre o instincto destruidor, que só consome e devora tudo;" — Eduardo de Sá, na carta em que relata o pouco que pôde fazer para restaurar as peças danificadas do espólio Almeida Reis, dis:

"Quanto á estatueta: Apoteose do regime pacifico e industrial sobre os destroços da guerra", nada pude restabelecer, já porque nenhum dos fragmentos encontrados se lhe foi possivel ajustar, já porque se esboroava a cada tentativa de reparação. — Os outros fragmentos de barro tambem não pudérão ser restaurados, incluzive o do Poéta Garcia, o menos danificado de todos eles." — Veja-se no Apêndice, a citada carta de Eduardo de Sá. — *Da Testamentaria.*

ESCULPTURA EM MADEIRA

Ao referir-se, em seu testamento, a peças do espólio de Almeida Reis sob sua guarda, dis Generino: "...e dois *fac-similes* em madeira, por elle copiados (Reis, que aprendera com seu pai, era insigne esculptor em madeira, havendo delle uma bellissima imagem numa das igrejas desta Capital) de dois caboclos existentes no pedestal da estátua do 1.º Imperador, no Largo do Rocio..." (Veja-se o apêndice).

No indiculo acerca das óbras de seu grande amigo, colocou Generino sob a rubrica "Esculptura em madeira": — "Selvícolas Brasileiros" (cópia de dois caboclos existentes no pedestal da estátua equestre de Pedro I, na Praça Tiradentes) — Imagem de São Sebastião, na matriz do Sacramento."

Com efeito, nas rebuscas a que procedeu o Dr. Luiz Felippe foi, afinal, encontrado esse trabalho que se pôde identificar mediante precióza e oportuna indicação do Dr. Escragnolle Dória. Em um artigo seu, estampado na "Revista da Semana" de 8 de outubro de 1938, pág. 16, por ocazião do centenário natalício do autor de "Danton", o Dr. Escragnolle Dória con-

firmou aquéla anterior indicação verbal, nos seguintes termos: — "Na obra de Almeida Reis, filho de entalhador, não fique esquecida imagem de S. Sebastião por muito tempo no primeiro altar á esquerda da entrada na matriz paroquial do Sacramento. Por cuidados do saudoso vigario do curato monsenhor Julio Vimeney, e de mais alguem (o próprio articulista, — S. V. S.) figura hoje a linda obra de Almeida Reis no altar-mór do templo, nelle bem honrado o padroeiro da cidade." — *Da testamentaria*.

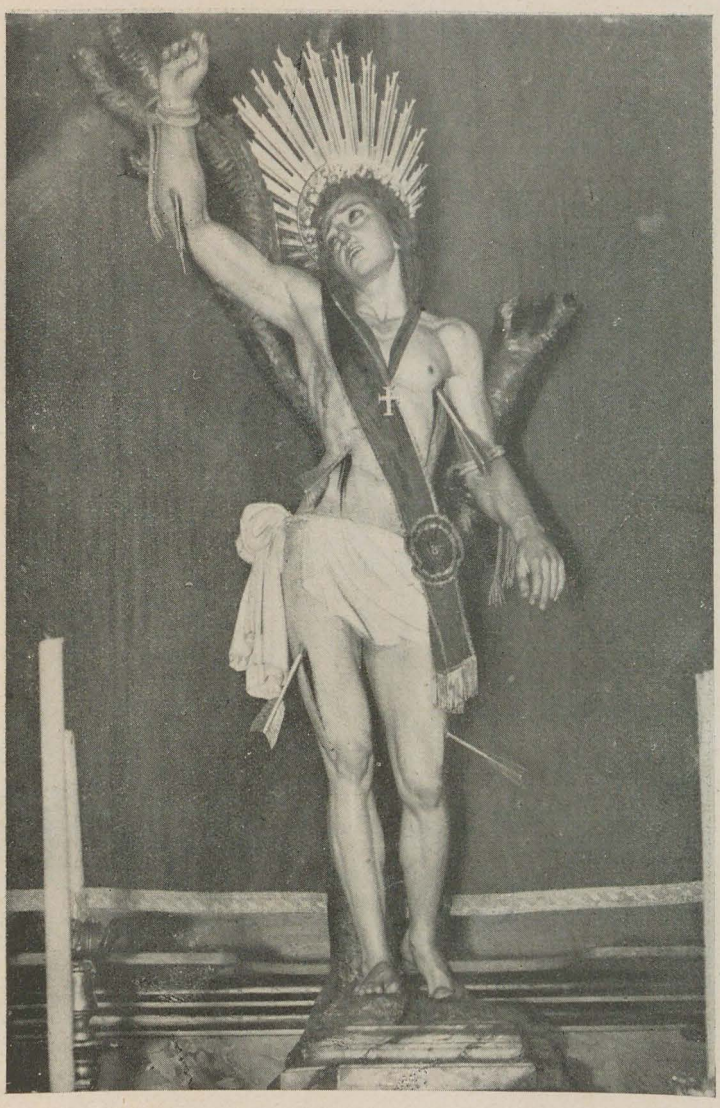


Imagem de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, executada em madeira por Almeida Reis, e que se acha no altar-mór da Igreja do Santissimo Sacramento, á Avenida Passos.

Fac-simile, em madeira, de dous caboclos da estatua de D. Pedro I, executados por Candido Caetano de Almeida Reis.
Museu da Escola Nacional de Bellas-Artes da Universidade do Brasil.

POSTERIDADE, ÉS MINHA!

NA OBJECTIVA METAMORPHOSE DE UMA SUBJECTIVA POSTERIDADE ARTISTICA, JUNTO AO MONUMENTO DO GRANDE ESTATUARIO ALMEIDA REIS NO CAMPO SANTO DE SÃO FRANCISCO XAVIER.

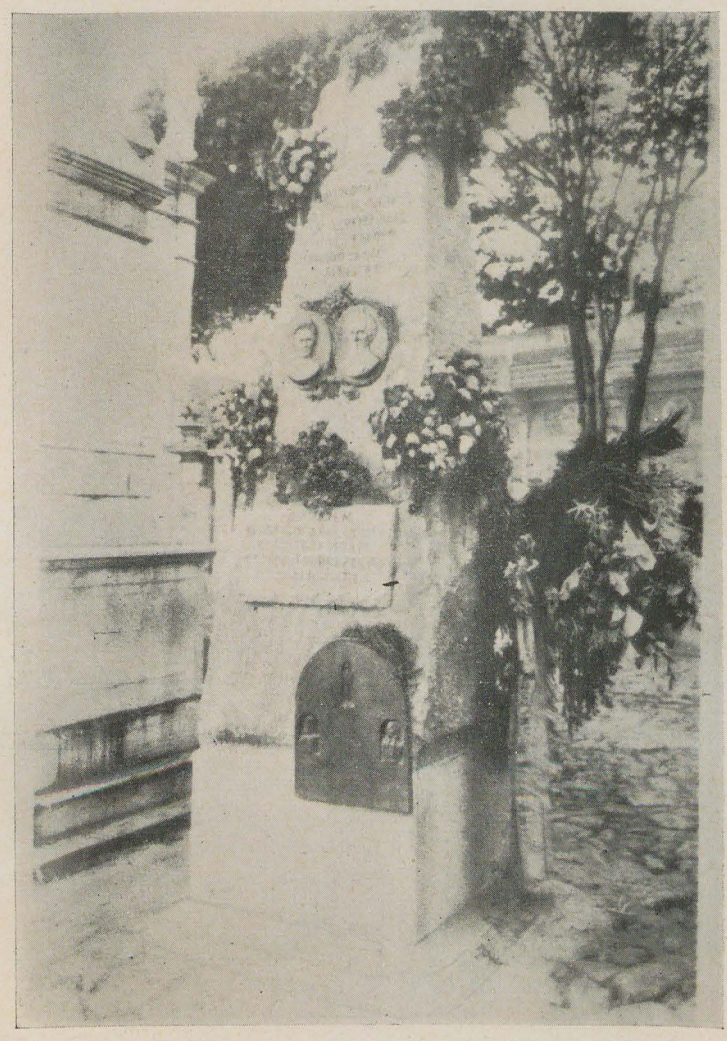
A' Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, que, por iniciativa do Apostolo da Humanidade, sr. R. Teixeira Mendes, o erigio e á Escola Nacional de Bellas Artes.

Hoje passa o primeiro anniversario,
Depois que, em bronze, os Pósteros entraste;
E quanto, em vida, Artista, assás penaste,
Glorifica-te um busto legendario.

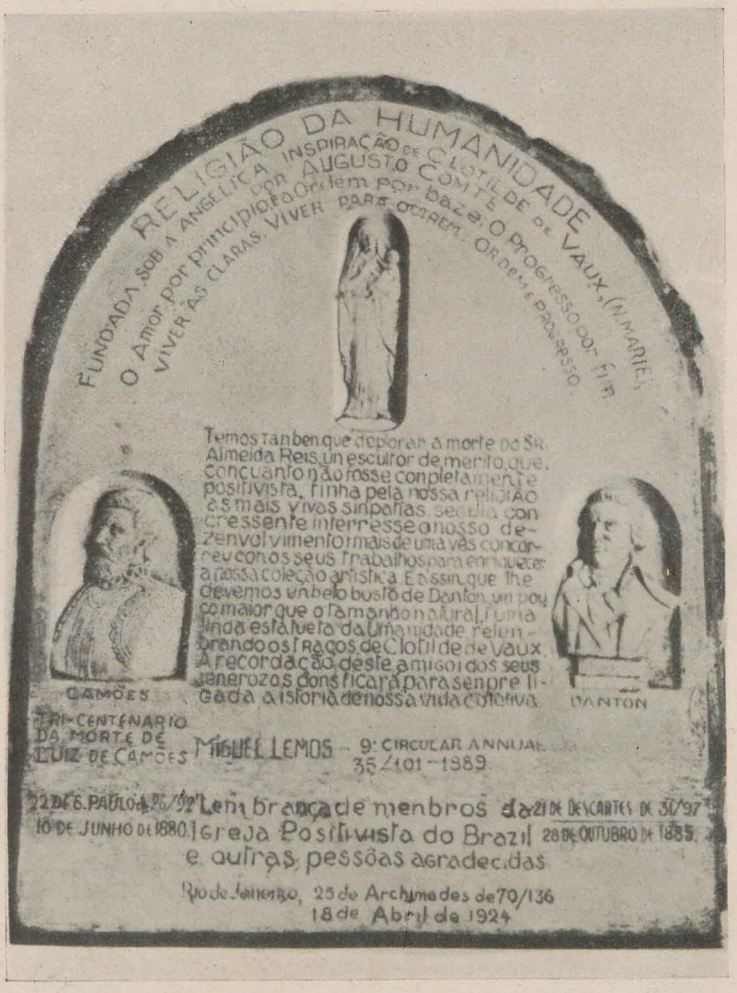
O teu novo Ideal humanitario
N'arte, salvou do olvido o que deixaste;
E deixaste um renome libertario
D'um Academicismo que afrontaste.

Da Academia revoltado egresso,
N'"O Parahyba", foste naturista,
Symbolista, na "Estatua do Progresso";

Mas, modelando o "Eterno Visionario"
E a "Humanidade", emfim, eis-te humanista
— Em estatua transformou-se o estatuario.



Jazigo de Almeida Reis, no Cemiterio de São Francisco Xavier do Rio de Janeiro.



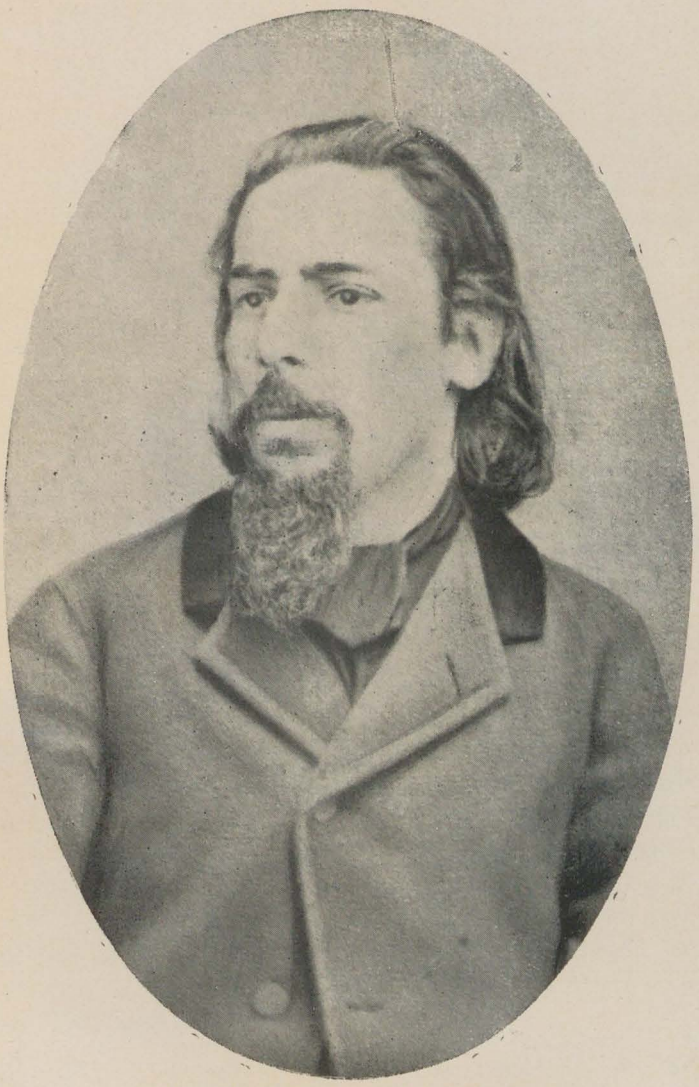
Placa de bronze commemorativa dos trabalhos de Almeida Reis, sob a inspiração da Religião da Humanidade, existente em seu tumulo.

Inauguração do jazigo de Almeida Reis, na sexta-feira, 3 de Outubro de 1924.

SEGUNDA PARTE

O Estatuário Brasileiro C. C. Almeida Reis

NOTAS SOBRE SUA VIDA E OBRAS



Candido Caetano de Almeida Reis
quando em Paris (1866-68).
Fot. *A. Bertrand.*

O estatuário Candido Caetano
de Almeida Reis
Summárias notas biographicas e
succintos apontamentos iconographicos
para o Eminente Apostolo da Religião
da Humanidade R. Teixeira Mendes.

No acervo literário de Generino, encontrárão-se muitas e muitas tiras manuscritas subordinadas aos dizeres do cabeçalho cujo autógrafo acima se reprodus.

Ao primeiro ezame, lógo se reconheceu que umas pertencíão ao que leu o vélho rimador na cerimônia da trasladação dos óssos de seu inolvidável Amigo para o jazigo perpétuo, ainda inacabado em tal data — 18 de abril de 1924. Outras constituíão a apreciação que, acerca do mesmo assunto, foi por ele pronunciada na cerimônia da inauguração do mauzoléu definitivo — 3 de outubro daquele ano.

É, pois, o conteúdo déssas tiras, tais como se deparárão, o que vai formar a segunda parte do prezente volume, departidas, porem, em dois grupos bem distintos, sob os ns. 1 e 2.

Cada qual será, então, precedido e seguido de estratos tomados ao já citado opúsculo de Teixeira Mendes, entorno das mencionadas cerimônias. Nesses estratos é que o Apóstolo dirétamente alude a um e a outro discurso de Generino, ou "nótas" penózamente redigidas (está-se a ver) pelo, no entanto, infatigável adorador do "grande estatuário brazileiro." Com respeito ao primeiro deles (pág. 36), escréve Teixeira Mendes:

> "As informações biográphicas sobre Almeida Reis e as indicações sobre os seus trabalhos, colligidas pelo Dr. Generino dos Santos, e lidas na occasião da trasladação dos restos mortaes de Almeida Reis para o actual jazigo, serão posteriormente publicadas."

Vão ser, agóra, afinal, estampadas, em seu lugar adequado. — Quanto ao segundo, ou segundas nótas, está mencionado á pág. 39:

> "Depois da nossa exposição, falou, em nome da Escola Nacional de Bellas Artes, o professor Sr. Flexa Ribeiro.
>
> "Terminada essa homenagem, leu o Dr. Generino dos Santos uma apreciação sobre a vida e a carreira esthética de Almeida Reis."

Depois de tudo isso, foi que Teixeira Mendes julgou "de imprescindível e inadiável dever" seu, lembrar sumáriamente ensinos de Augusto Comte sobre a apreciação estética. Solicitou, pois, para fazê-lo, aínda alguns momentos de benévola atenção às pessoas prezentes. Veja-se esse preciozo remate da cerimônia da inauguração, na terceira parte do volume. — *Da Testamentaria*.

— 1 —

(Trasladação dos óssos de Almeida Reis)

"O jazigo achou-se em condições de receber a *dupla urna* contendo os restos do esculptor Almeida Reis, cerca das seis horas da tarde do Jovedia 24 de Archimedes de 70/136 (quinta-feira 17 de Abril p. p. — 1924). Ficaram, porém, faltando os retratos de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, que não haviamos até então conseguido obter, e o de seu espôso, o esculptor C. C. de Almeida Reis, ainda não executado; e bem assim a inscripção que os domina."

"A modesta cerimônia realizou-se, como estava annunciada, cerca das tres horas da tarde, com pequena assistencia, estando prezentes o Sr. major José Modesto Bezerra Cavalcante, Administrador desde 24 de Março de 1909 do Cemiterio de S. Francisco Xavier, e o Sr. João José da Silva, Director interino da Secretaria da Santa Casa da Misericordia. O Sr. João Silva nos communicou, ao chegar, que o Sr. Provedor Dr. Miguel de Carvalho o encarregára de agradecer o telegramma supra e de o representar, visto não poder comparecer pessoalmente, como era seu dezejo. Tambem esteve prezente o feitor de coveiros, Sr. João Ribeiro, que efectuara, com o ajudante de coveiros, Sr. Affonso Moreira, a busca, a que assistimos, na terça-feira 12 de Fevereiro p. p. (1924), na qual foi encontrada a lata com os restos mortaes de Almeida Reis,

em um dos depositos de restos mortaes do Cemiterio de São Francisco Xavier. Foi o mesmo feitor, Sr. João Ribeiro, quem collocou, em nossa prezença, na quinta-feira 14 de Fevereiro p. p. (1924), á tarde, na nova lata de zinco que levámos, a antiga lata de zinco em que se achavam e continuaram guardados os restos mortaes de Almeida Reis, transferidos desde então, nessa *dupla lata,* para o *Ossario provizório,* por seis mezes, emquanto ia ser executado o *jazigo perpétuo*.

Não se tendo feito, na occasião, a lista das pessoas prezentes, só podemos mencionar mais as seguintes, segundo as informações que obtivemos depois: Senhorita Sophia-Ernestina de Carvalho Teixeira Mendes, Dr. Generino dos Santos, Srs. Eduardo de Sá, Amaro da Silveira, Silvio Vieira Souto, Frederico B. Horta Barboza, Benjamin Floriano Barradas, Decio Villares, Francisco Ferreira Paula, Rubem Descartes Garcia Paula, General Julio Canavarro, Francisco Baiardo B. H. Barboza, Henrique Baptista da Silva Oliveira, Justiniano Meirelles, Manoel Coutinho Alves Barboza, Antonio Cabral Cezar, Jorge Rodrigues Coutinho, marmoristas Srs. Henrique Faccini, Fabio Menghini, Luis Sorbille, e o graniteiro Sr. Gabriel Alves. Deixaram de comparecer, por motivos involuntários, entre outros, o Dr. Bagueira Leal, os Srs. Paulo Estevam Carneiro, Rodolpho Amoêdo, e Jorge Soubre, que foi, por engano, ao cemiterio São João Baptista.

Dentro do nicho do jazigo, fôra posta uma palma de rosas brancas, e, junto á base, haviam os circunstantes depositado rosas, na face anterior.

Cerca das 3 1/4 horas da tarde, os circunstantes dirigiram-se do jazigo de Almeida Reis, onde se achavam reunidos, ao *Ossario provizório,* para buscar a *dupla urna*. Esta fôra depositada no chão, de manhã, e fôra então pintada, exteriormente, com tinta verde esmalte, em nossa prezença, pelo trabalhador do ce-

miterio, Sr. Antonio Dantas, a quem o feitor, Sr. João Ribeiro, encarregára disso, a nosso pedido. Chegados os assistentes ao *Ossario provizório* poucos entraram, pela estreiteza do local: Os Srs. Major José Modesto Bezerra Cavalcante, João Silva, Dr. Generino dos Santos, Srs. Eduardo de Sá, Amaro da Silveira, e Silvio Vieira Souto.

Abrimos o cadeado da lata exterior, para mostrar aos circunstantes a inscripção manuscripta da lata que contem os restos mortaes de Almeida Reis. Depois, foi fechado de novo o cadeado da lata exterior, e a dupla urna foi coberta com uma pequena bandeira brasileira de setineta, feita expressamente pela Srta. Sofia Ernestina Teixeira Mendes, para esta cerimônia. Assim, foi levada, em recolhimento, pelos Srs. João Silva, Dr. Generino dos Santos, Sr. Eduardo de Sá, e Amaro da Silveira, até quasi o jazigo, onde esperaram um momento que fosse retirada do nicho a palma de rosas brancas, das quaes algumas foram então desfolhadas sobre o chão do nicho. Collocada ahi, em seguida, a dupla urna, coberta como estava com a pequena bandeira brasileira, o Dr. Generino dos Santos leu as nótas biográficas sobre Almeida Reis, precedendo-as do seguinte soneto:

Symbolica corôa de louros,
intermeados de espinhos lancinantes,
no Monumento funerario do
Grande esculptor e estatuário brazileiro
Candido Caetano de Almeida Reis
discipulo espiritual de MICHEL ANGELO
e technico de Luis *Rochet*.
1838 — 1889

(Seguida de summarissimas nótas biográphicas e ligeiros apontamentos iconográphicos)

O' Virgem Mãe ! O' Filha de teu Filho !
DANTE — *Paraizo,* XXXIII.

Que eu ame mais a Ti do que a mim mesmo;
E nem a mim, sinão por ter-te amado.
THOMAZ DE KEMPIS — *Imitação do Christo.*

Emfim, Almeida Reis! Jaz neste ossuario
Perpétuo, que o Gran-Sêr, por sua Igreja
Te erige, quanto houveste de calcario;
Que, no Planeta, o mais vive ou viceja.

Mas, quanto, na mais improba peleja
Entre o organismo e um meio refractário,
Creou tu'Arte, — affronta, solidário,
Com teu novo ideal, a morte e a inveja.

E viverás, no bronze "O Parahyba"
Que evoluio em "Estatua do Progresso"
Como teu nome em póstera saudade:

Tu que esboçaste, para eril processo, —
E que ao Grão-Meio o Gran-Fetiche a exhiba,
— A Estatua mundial da Humanidade!

Agóra, algumas palavras sobre a vida e obras de Almeida Reis, concretizadas neste symbolico monumento, erecto sob os gratos e magnanimos auspicios da Igreja Pozitivista do Brazil.

Certo — peço venia para repetil-o aqui — me não cabia — nem cabe a mim, seu apagado amigo pessoal — dizê-las, sinão ao nosso eminentissimo co-religionario e incomparável Apostolo da Religião da Humanidade sr. R. Teixeira Mendes, a quem deve a olvidada memoria do infortunado Almeida Reis este acto de

tardia justiça, sinão de antecipada reparação histórica, que de coração lhe agradecemos.

Já tendo porém dito, por lettra de fôrma — e com a inexcedível competencia doutrinaria e incontrastável auctoridade moral, que todos lhe reconhecemos, além da escrupulosa exactidão da fórma, nos seus menores detalhes, que nisso poz e haveis lido, quanto no assumpto possa essencialmente interessar — quiz o nosso fulgurante co-religionario que eu — testemunha prezencial da ultima phase da sua misera e torturada ezistência, vos viésse trazer o meu depoimento pessoal.

E, cumprindo esta sua irrevogável sentença — "a submissão é a base do aperfeiçoamento" — é o que passo a fazer, pedindo-vos mizericordiozo indulto para estas desconnexas e alinhavadas "sumarias Nótas biográphicas e succintos Apontamentos iconográphicos", que de longínqua memoria, sem documentação à vista, nem possibilidade physica de havêl-a, fui recompondo e escrevendo tão só para uso particular do nosso preclaro amigo — e já agóra não deverão ser tidas sinão como subsidiárias d'aquellas que, com lettra d'oiro, escreveu elle na fé de officio de Almeida Reis.

O ESTATUARIO CANDIDO CAETANO DE ALMEIDA REIS

Summarias notas biographicas e succintos apontamentos iconographicos para o Eminente Apostolo da Religião da Humanidade R. Teixeira Mendes

---

Almeida Reis nasceo em 3 de Outubro de 1838 na velha casa terrea n. 51, á antiga Rua da Alfandega, onde se creou e seu pai, que era dono della e esculptor em madeira, tinha loja e officina.

Era filho do reinol Caetano Manuel dos Reis e da nacional D. Quintilia Joaquina da Trindade.

Foram seus avós paternos Manuel José Vicente e D. Josephina Rosa de Almeida.

Seus avós maternos: Joaquim de Souza Rangel e D. Maria Antonia de Miranda.

Seus irmãos germanos: Pe. Manuel Caetano dos Reis e Almeida, nascido em 14 de Setembro de 1833, e Bernardino de Senna Reis e Almeida, nascido em 27 de Junho de 1830, já fallecidos em 1881, antes da morte de seu pai: aquelle, nesta Capital e sepultado no cemiterio da O. T. de S. Francisco de Paula, em Catumby; e este, em Piracicaba, do E. de S. Paulo.

E seu padrinho de baptismo Luiz Manuel dos Reis.

Casou, em 1875 (?) com D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, nacida em 13 de Novembro de 1841, (?) e que pouco sobreviveo ao seu consorcio.

— Quanto sei de sua familia, por tel-o ouvido do proprio Reis, é que era irmã do Dr. João Alves da Silva Oliveira, advogado, e de José Alves da Silva Oliveira, antigo conferente da Alfandega do Rio de Janeiro.

— Houve do seu consorcio um filho — Eugenio de Almeida Reis, nascido a 19 de Março de 1876, — contando, pois, 13 annos de idade, quando lhe morreo o pai. — Eugenio veio, mais tarde, a casar com sua prima D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis, filha do seu tio José Alves. E falleceo, despachante aduaneiro, a 15 de Janeiro de 1921, deixando filhos menores do seu consorcio. Foi sepultado no Cemiterio de São Francisco Xavier.

— Almeida Reis morreo de cachexia escrofulosa, intestado e na maior pobreza — penuria mesmo — a 18 de Abril de 1889, no andar terreo do predio n. 27 á Rua do Lavradio, onde moravam umas senhoras idosas, parentas de sua mulher, e que estavam criando seu filho; e foi sepultado, no dia 19, no mesmo cemiterio de São Francisco Xavier, sep. n. 1.833.

— Seu enterro se fez á custa de alguns donativos de amigos e talvez sobras do producto de uma hypotheca que havia feito da casa da Rua da Alfandega para occorrer ao custeio de um grande sitio que havia arrendado e, abandonando a arte que o "matava á fome", pretendia cultivar em Inhaúma, quando a morte o veio sorprehender; tendo o principal desse mesmo producto servido apenas para indemnisar o proprietario do sitio — ricaço Commissario de Café — que, inflexivel, apezar dos maiores esforços, d'outra sorte não quiz considerar rescindido o desastroso contracto de arrendamento.

Devo declarar, porém, que, a ultimação de todo esse negocio correo, sem as minhas vistas, entre o referido proprietario Veiga, o guarda-livros Diniz Nunes Pinto, compadre de Almeida Reis e fiador do contracto, e o Dr. João Alves, seu cunhado, que requereo e obteve assignar termo de inventariante do acervo de seus bens, e de tutella do menor Eugenio.

— Sepultado a 19 de Abril de 1889 no carneiro n. 1.833, cinco annos e dois dias depois, em 21 de Abril de 1894, foram seus ossos exhumados e encerrados, sem que eu o soubesse, em uma lata de flandres, que ainda agora — pela segunda vez — 35 annos depois — foi encontrada, e onde, provavelmente, a pedido do marmorista Rossi Junior, a cujos cuidados ficaram no cemiterio, lhe puzeram o rotulo "Almeida Reis".

E assim permaneceram até que o mesmo Rossi (Luiz Rossi Junior), garantindo-me sempre que o interrogava, que taes ossos estavam em segurança — a 13 de Outubro de 1903 — mais desafogado em seus negocios industriaes, e quando trabalhava na capella e túmulo do Marechal Floriano Peixoto, pôde adquerir, como adquirio, da Santa Casa da Misericordia, pela quantia de Rs. 144$000, os 16 palmos quadrados, bastantes para a construcção de um ossuário que devesse definitivamente encerrar os referidos ossos, e sobre o qual haviamos planejado erigir modesto mas digno monumento á memoria de Almeida Reis, em nome delle Rossi e no meu.

Segundo o projecto desse monumento, desenhado por Eduardo de Sá e por mim descripto em uma de minhas petições, deveria elle representar, sobre um cubo do mais bello granito nacional, um cavallete ou banco triangular de esculptura — em cuja mezinha ou gaveta se veriam alguns instrumentos ou utensilios da arte — encimado por um dos ultimos trabalhos de Almeida Reis (podendo bem ser, como me occorre agora,

uma reproducção da estatueta da Humanidade, de que não cogitei então, por ser esse o primeiro esbôço que della se fez e pertencer á Igreja Positivista do Brasil) e tendo reclinado sobre a baze o medalhão com o seu retrato em baixo relevo, modelado pelo seu talentoso e finado discipulo Emmanuel Lacaille, e por elle offertado ao Mestre, quando se fundio em bronze, nas officinas da E. F. C. B., no Engenho de Dentro, a "Estatua do Progresso" symbolisado em Franklin, "que arrebata o raio aos céos e o sceptro aos tyrannos", — mas sem os attributos peculiares que lhe completam a significação e que requintado harpagorismo burocratico converteo em figurado supporte de lampeão, que encima o relogio existente na fachada da Estação Central, — numa pequenina festa litteraria que, com o concurso de amigos, lhe promovi e effectuei no salão de uma sociedade recreativa fronteira á mesma Estação; e, para completar a symbolica do monumento, significando a paralysação do trabalho pela morte, uma maceta e um cinzel ou escopro partido, na baze do mesmo monumento. — Tudo — estatueta, medalhão e petrechos de trabalho — é bem de ver — fundido em bronze.

Tendo, porém, desde a data da compra do terreno, cujo titulo se achava em poder de Rossi, sobrevindo imprevistos e dolorosissimos accidentes na sua vida intima, industrial e até na sua propria saude que determinaram a desastrosa dissolução do seu compassivo casamento, a ruinosa liquidação de sua firma industrial com prejuizos quasi totaes, devidos por consequentes reacções do moral sobre o physico, que o levaram por varias e repetidas vezes ao hospital da Ordem Terceira do Carmo, da qual era irmão, e onde, afinal, subita e sorprehendentemente falleceo — e logo foi enterrado no respectivo cemiterio — sem que o soubesse eu, que o visitava a meude, sinão dois ou tres dias *post-factum*, — nada me foi dado fazer para a reali-

sação do nosso plano; não só por todo esse fortuito conjuncto de circumstancias, como porque, tendo vindo ao Cemiterio de São Francisco Xavier, me informou a administração que (não obstante haver terreno comprado para recebel-os, como em pessôa verifiquei do competente livro da repartição!) os referidos ossos tinham ido para o depósito geral — pelo que se reputavam perdidos; como porque até o proprio titulo de compra se achava em logar não sabido — e só muito mais tarde, graças a continuos e perseverantes esforços meus e de um seu companheiro de quarto (Alexandre Stiger, antiquissimo baixo profundo da Companhia Tamberlick) foi por este encontrado entre uns desenhos architectonicos pendurados e esquecidos a um canto do aposento.

Restava, pois, encontrar os ossos de Almeida Reis que se reputavam perdidos... — E graças ainda a esforços meus e prestimosa intervenção de Eduardo de Sá, junto a seu cunhado Joaquim Fernandes da Costa, que, de 1898 a Abril de 1904, fôra administrador do cemiterio e os teve sob sua guarda, e vigilancia especiaes, — mas mórmente á captivante benevolencia dos demais administradores que se lhe seguiram — nomeadamente os dois ultimos: Manoel Fernandes Machado Junior, de 12 de Agosto de 1908 a 23 de Março de 1909, e Major José Modesto Bezerra Cavalcanti, de 1909 até hoje — os quaes sempre se mostraram solicitos em pesquizar o seu paradeiro, — foi que poderam elles ser encontrados, na lata de flandres onde ainda estão, em começos ou meados de 1912 (s. e. — cito de memoria) quando me achava eu em Petropolis, para onde a boa nova me foi transmittida por telegramma.

D'ahi em deante, empenhei-me, já sem o inestimavel concurso de Rossi, que deveria construir o monumento, em exhaustiva campanha para essa realisação, não só junto ao marmorista Saroldi e outros seus collegas, *que me exigiam mundos e fundos do magro bol-*

sinho, como e — principalmente — á cata do precioso granito que deveria revestir a sua base; tendo, para esse fim mantido correspondencia com o pharmaceutico Umbelino Pacheco, em Campos, e diversas pessôas de outras localidades, que me encareciam, não só a raridade da materia prima, como a difficuldade e dispendio do respectivo transporte. — E assim se foi passando o tempo.

Vendo então que, em taes conjuncturas, o mais pratico e quiçá mais prudente, para me não arriscar a perder de novo tão malfadados ossos, era pedir á Santa Casa licença para construir um ossuário commum ou adquirir um dos já construidos, com abatimento do preço do terreno — Rs. 144$000 — mas em local e condições taes, que podesse receber opportunamente a desejada ornamentação, foi que resolvi fazêl-o na minha petição de 7 de Abril de 1915, em que pedi mais me fossem relevados quaesquer emolumentos regulamentares (inclusive os devidos pelo deposito dos ossos — que ja montavam a mais de conto de réis — attentas as involuntarias circumstancias do retardamento do mesmo deposito, os meritos excepcionaes do artista, — que a titulo gratuito — havia doado a estabelecimentos publicos alguns trabalhos de real valor artistico e monetario (*), e o estado de penuria em que havia fallecido: — petição em que, juntando o titulo de compra do terreno, como em outra juntára recibo ou conhecimento de haver pago o emolumento da licença exigida para a exhumação dos ossos, solicitava favoravel despacho — que lhe foi concedido, mandando o Provedor escolher o peticionario o local que mais conviesse para a construcção do ossuário ou o ossuário já construido.

(*) E até recebido dos cofres da E. F. C. B., si bem me recordo, de lh'o ter ouvido dizer — quantia inferior a 700$000, pela factura, superintendencia da fundição e collocação da "Estatua do Progresso" no local em que se acha! accrescente-se agora. — G.

Succedeo, porém, que, percorrendo o cemiterio na complacente companhia do attencioso Major Bezerra, nem local e nem ossuário encontrassemos nas condições requeridas; — pois ficavam todos entre carneiros ou nos confins do campo santo — e, portanto sem o destaque que era de mister para o monumento. — Pelo que, tendo eu indeclinavel necessidade de mais apropriado local, fixei minha attenção na quadra em que fica, para mais ardente indicio o Monumento dos officiaes e marinheiros do Lombardia, isto é ao lado direito do portão principal. — E, neste sentido, dirigi petição ao Provedor, que mandou informasse a administração do cemiterio.

Informou a administração que, de praxe — e ordem expressa delle Provedor, segundo já me havia verbalmente dito — era essa quadra, por enfrentar o mesmo cemiterio, especialmente reservada a monumentos de alto porte decorativo; pelo que mandou o mesmo Provedor que eu construisse no local anteriormente indicado.

Tendo-lhe eu, porém replicado que o valor das obras d'arte se não mede tão sómente pela grandeza e sumptuosidade do seu porte, mas — e principalmente — pela bella singeleza e alto valor moral do sentimento que as inspira e humanitario fim a que se destinam — conceito que implicitamente se contém nas seguintes palavras da minha petição: "que assim como ha choças que na sua humildade mais valem do que sumptuosos palacios, tambem até sepulturas rasas se deparam que, fallando baixo, dizem mais do que architectonicos e altissimos mausoléos, sem que, entretanto, obedecendo á lei natural das desigualdades humanas, se vexem de encontrar, como por toda parte se encontram, promiscuamente collocados, uns ao lado dos outros; e até, graças á providente lei esthetica dos contrastes, realçando reciprocamente os respectivos meritos; pelo que *pelotonando* soberba fila de faustosos

monumentos, como sejam: o dos officiaes e marinheiros victimas da febre amarella a bordo do navio de guerra "Lombardia" da marinha italiana; o mausoléo (capella) do Comdor. Torres Avila; e o jazigo de marmore da familia Santos Porto, por modestissimo que seja — cuidava o Requerente — não fazer pessima figura, num cemiterio publico, o commum jazigo de 1.ª classe, destinado a receber os despojos mortaes do grande e infortunado estatuário Almeida Reis e calando, ao que parece, taes razões no espirito do Provedor, logrou essa petição favoravel despacho, — ficando assim, este local definitivamente adquirido e assentado.

E então pena é que, já trabalhado pela magôada desolação que me deixara a dolorosa e successiva perda objectiva de alguns entes queridos e que verdadeiramente me amaram; desoladora magua lancinantemente aggravada pelas pavorosas catastrophes pathológicas de que foram victimas — pode-se dizer indefesas — o meu amigo e sobrinho Augusto dos Anjos, em Minas, e, aqui, o meu fraternal amigo Orozimbo Xavier, cuja insidiosa enfermidade, dia a dia, e por espaço mais ou menos de um mez, assiduamente acompanhei, vendo-o quasi morrer n'um quarto particular da Santa Casa da Misericordia, sem que, ao menos lhe tivesse podido salvar o espolio scientifico e litterario: — é pena, repito, que tão dolorosos acontecimentos me tivessem por tal modo abalado o resistente organismo, que, por minha vez, me quedasse agudamente enfermo, sentindo-lhe ainda hoje — sete annos depois — os perniciosos e fataes effeitos, — que, tolhendo-me até os movimentos, me impediam, como impedido têm de proseguir a projectada execução do jazigo-monumento Almeida Reis: — com um pouco mais de esforço, teria conseguido o ambicionado escopo, triumphando assim das "fatalidades humanas".

Por que se haviam de dar e não triumphei, porém? — E' que, bom ou máo, todos nós temos de cumprir o nosso destino: não valem vontades sinão quando completam leis naturaes. — E o de Almeida Reis, isto é — o fatal conjuncto de circumstancias em que elle appareceu, agiu e desappareceu do scenario humano, parece ter determinado fosse elle tão infeliz na morte quanto infortunado em vida: — *talis vita, finis ita.*

E eis quanto, sem tempo para ser breve (como já disse alguem) nem elementos e possibilidade physica para maiores pesquizas e explanações (que aliás já se acham, não só suppridas pela sábia, previdente e providente solicitude do nosso eminente co-religionario Sr. Teixeira Mendes e seus dignos auxiliares, como detalhada e escrupulosamente por elle descriptas e incertas na sua publicação de hoje, no Jornal do Commercio), de vaga e apagada memoria ou em face de ligeiras notas que tive casualmente á mão — per summa capita e desalinhadamente em summa — sobre a morte de Almeida Reis, me occorre dizer.

Chamado, porém, a depôr sobre sua vida e obras; e, tendo por uma logica inversão de methodo, devida ás circumstancias, dito da sua vida intima e da sua morte, — para que melhor se possa aquilatar toda a extensão e profunda hediondez da sua atormentada e dolorosa existencia, relevando-se-me qualquer vislumbre de incontida e amargurada indignação que porventura resalte de minhas palavras, peço venia para algo mais dizer, de sciencia propria ou de outiva a outrem, sobre sua vida artistica e social, quer dizer — sobre a de um sêr subjectivamente convergente, que tudo quiz fazer e fez o que pôde, mas lhe não permittio o meio social que, de facto, convergisse para o nosso commum destino no seio da Grande Deosa — a Humanidade.

Não é minha intensão emocionar todo coração bem formado, narrando aqui, com vivo colorido impressionista, o longo e pungente martyrio que foi a accidentada vida de Almeida Reis, desde que, em 1866, sahio da Imperial Academia das Bellas Artes, com premio de viagem para Paris, até que, em 1889, baixou á sepultura, com certidão de óbito para a eterna viagem do além, que, para nós, é o compassivo seio da nossa antiga Mãi Commum: já dizia Clotilde que não é digno das almas nobres derramarem em redor de si as perturbações que sentem. Não me posso eximir, porém, de enunciar alguns factos que plena e dolorosamente attestam a justa applicação do apophthegma latino ao caso Almeida Reis: *habent sua fata libelli.*

E assim direi pura e simplesmente, sem commentario algum — que aliás o caso requer — que, tendo elle, quando em 1867, estudava em Paris, energicamente repellido por palavras o prof. patricio Chaves Pinheiro, que ali se achava em commissão e, em roda de brasileiros detractara, na sua presença, Louis Rochet — o prof. parisiense e celebrado auctor das estatuas de Carlos Magno e Pedro I, que elegêra por guia e mestre na Cidade Luz, lhe jurara aquelle vingar-se em chegando ao Rio de Janeiro; e, por tal modo se houve nesse rancoroso desejo de vingança; intrigando-o perante a congregação da Academia e o Governo, que abruptamente lhe suspendeu este a pensão com que ali estudava, vendo-se o jovem e perseguido artista na dura contingencia de *cavar* o pão de cada dia cantando ao violão modinhas brasileiras nos ruidosos cafés do quarteirão latino, até que, condoido da sua desventura, lhe pagasse a Legação Brasileira viagem de volta ao Rio de Janeiro.

E esse facto influiu decisivamente nos mallogrados destinos de toda sua carreira artistica, contribuindo fatalmente para a desastrosa catastrophe pathologica que o matou; pois, chegado ao Rio de Janeiro, e

tendo Chaves Pinheiro, não contente com têl-o mordido na sombra, ido vêl-o á casa de seu pai, com o acintoso intuito de, face á face, vangloriar-se de todo o mal que lhe fez, se viu o jovem e pundonoroso artista forçado a castigal-o physicamente, incorrendo assim, e cada vez mais, nas iras e excommunhão maior da Imperial Academia e do Governo Imperial, que nunca lh'o perdoaram, concedendo-lhe, como a tantos outros de somenos valor e merecimento, encargo algum, mesmo honorifico, no professorado, nem encommenda ou mero favor de especie alguma, a não ser, talvez por ironica insistencia do Imperador que não as quiz receber, as chaves de um quarto baixo armazenado no Paço da cidade onde trabalhava e vivia o esculptor de ornatos Severo, (a quem piedosamente Almeida Reis ajudou a morrer) e um habito honorifico que lhe coube em premio da estatua do Crime, que — era fatal! — se esfarelou ao voltar da Exposição de Philadelphia.

Devo, porém, accentuadamente accrescentar que essa excommunhão maior — verdadeira tunica de Nessus — não o envolveu tão só pelo resto de sua vida inteira, mas ainda se prolongou além da morte e quando, em suas dobras, já o devera abrigar a bandeira republicana que primitivamente, nos tempestuosos tempos da propaganda, ajudára a defender quando foi apedrejado o edificio em que funccionava "A Republica"; — pois, em vida, tendo suggerido e propagado a idéa de erigir-se uma estatua a José Bonifacio, para cuja factura o indicára Rochet, quando, em Paris, o Imperador lh'a fora encommendar, não logrou obtêl-a, contentando-se até S. M. — dizem — que o Mestre lhe convertesse em José Bonifacio uma estatua qualquer existente no seu atelier, nem, como ultima taboa de salvação em artigo de morte e refreando assomos dos mais justos resentimentos, tendo se candidatado á cadeira de esculptura de ornatos vaga na Imperial Academia, conseguiu para ella ser nomeado pela Princeza

Imperial Regente D. Isabel que não o quiz ou pôde redimir, — e, depois de morto, porque, tendo mandado de Paris a estatua em gêsso "O Parahyba", que como pensionista do Estado ali modelara em 1867 só e bem attesta o seu grande progresso e aperfeiçoamento, em manifesta contradicção com as intrigantes aleivosias de Chaves Pinheiro, só em 1922, por occasião do centenario da nossa independencia politica, — mais de meio seculo depois de sua factura e remessa — e isso mesmo para cohenestar a fundição da "faceirice tapuia" e outros bibelots do Sr. Bernardelli, foi, aqui no Rio de Janeiro, passada a bronze — o que bem caracterisa, não só a inquisitorial perseguição de que foi, em vida, barbaramente victima, como tambem a incidiosa guerra do silencio que, ainda depois de morto, lhe move a actual republicana Escola das Bellas Artes, que apenas mudou de rótulo.

E nem se cuide que a *"caça ao lobo"* se deu apenas nos emaranhados cipoaes do corrilho academico nem na mascarada esparrella da tocaia official.

Não! Seus vibrantes e pavorosos halalis repercutiram cá fóra, na campina rasa das competições artisticas e das conveniencias pessoaes.

— E assim foi que, tendo suggerido e propagado tambem a idéa de se erigir uma estatua equestre a Osorio, por meio de subscripção popular que rendeu cerca de quinhentos contos de réis, e, sob esta base, apresentado á respectiva commissão diversos e successivos projectos com as correspondentes maquettes, a ultima das quaes esteve por algum tempo exposta á consideração publica, que a lovou e applaudiu, na séde do Club Militar que então funccionava á Rua do Ouvidor, esquina do Largo de São Francisco de Paula, por cima do "Café de Java", se viu preterido pelo Sr. Bernardelli que chegava da Europa e, recusando concurso, achou meios de empolgar a encommenda, só com expor na Associação Commercial desgraciosa e pe-

sada maquette, que Almeida Reis, com sua assignatura e sem contradicta criticou pela *Gazeta da Tarde,* (*) e foi posteriormente modificado no artilheiro percheron que se pode ver na Praça 15 de Novembro, bem mais facilmente do que a fina estampa do nervoso, agil e elastico arabe puro-sangue de Almeida Reis pôde ser visto no atelier delle Bernardelli, depois que Reis morreu.

— E tendo modelado — não, para cimento, duas figurinhas mythologicas — um classico Mercurio de asinhas nos pés e no capacete e uma deosa qualquer de remo erguido ao hombro — symbolicamente representando o Commercio e a Navegação, que compassivamente lhe encommendara o seu collega das primeiras lettras Ewbank da Camara, para ornamentar a curva do relogio existente na fachada da estação central da E. F. C. B. — mas, sim, a gigantesca e anatomica Estatua do Progresso, symbolisando a Industria Moderna concretizada em Benjamin Franklin — o Moralista do "Bom Homem Ricardo" e inventor do para-raio, que, consoante á sentença de Turgot, tendo arrebatado ao céo um feixe de raios luminosos que concentra em platina e os sopezando num movimento vibratorio, com elles a impulsiona, activando todos os seus accessorios electro-mechanicos, no tempo e no espaço: — estatua incompleta em seus meios de expressão por lhe faltarem esses attributos que não chegaram a ser modelados, e deturpada no seu destino social, pois, invertendo todo o movimento da figura, positivamente indicado por todas as suas linhas e por uns coriscos de bronze, que lá mandaram pôr e depois tirar, a administração Aarão Reis utilitariamente a converteu em iconico supporte de lampada electrica, — mas estatua que só se fundiu em bronze, porque — attento

---

( ) — Deve ser "Gazeta Nacional". V. nóta ao soneto "Osório", na 1.ª parte. — *Da Test.*

aos reclamos da Imprensa, assim houve por bem o Imperador que, "ainda por economia" o aconselhou ao Sr. Ewbank da Camara, que a queria vasada em cimento, resolvendo elle então fundil-a, como fundida foi nas Officinas do Engenho de Dentro, com material da casa (*) mas sob a direcção de Almeida Reis, que d'est'arte teve de tirar novos moldes, triplicando o seu trabalho — por todo esse triplice esforço — modelação, moldagem e fundição — veiu elle a perceber (s.e.) — mais ou menos, o preço, hoje em dia de um pequenino bibelot em bronze bardedreme para cima de meza — a bruta somma de... Rs. 600$000, que mal chegou para pagar dois auxiliares que o ajudaram a trabalhar — E tal foi o misericordioso tiro de honra com que lhe trancou a cega fortuna o dantesco portão do Inferno d'Arte: "Deixai fóra a esperança, vós que entraes" — *Talis vita, finis ita.*

E então foi que, num impeto de intima e incontida revolta contra tudo e contra todos, arrastado na onda caudalosa do seu fatal destino, resolveu elle "mudar de vida como quem muda de camisa" e abandonando a Arte que o matava á fome e sem attender as insidiosas sorpresas do desconhecido em sua nova profissão, ir plantar batatas e crear porcos, num enorme e dispendiosissimo sitio que desastrosamente arrendara em Inhaúma, hypothecando para tal fim a casa que herdara de seu pai, á Rua da Alfandega 31, sitio para onde foi viver e trabalhar com seus dois auxiliares, mas sempre com tamanha infelicidade que, dias depois, com as reacções do moral combalido sobre o physico alquebrado, impetuosamente lhe arrebentaram as cicatrisadas escrofulas de que padecera na primeira mocidade e das quaes veiu quasi repentinamente a morrer

(*) Cobre — 87 %; estanho — 10 %, e zinco — 2 %; Chumbo — 1 % — = 100. — G.

a 18 de Abril de 1889, como hoje n'uma sexta-feira da paixão de Christo, — tendo finalmente o supremo desgosto de receber na vespera a fulminante nova de saber que uma praga de gafanhotos lhe devorara por completo, na noite anterior, dois enormes capinzais existentes á entrada do sitio... — *Et sunt lacrymae rerum!* — Virgilio não poria mais no verso; eu não mais porei nesta desolada narrativa, a não ser, parodiando o ultimo terceto com que fechou Dante o episodio infernal do Conde Ugolino, que bem merecia mais humano e misericordioso destino quem tanto labutou e padeceu por amor á Arte, que officialmente o matou de fome, trancando-lhe a sete chaves todas as portas por onde estreitamente lhe pudesse entrar a vida!

Agora, quanto á carreira artistica de Almeida Reis, posso adeantar o seguinte, reproduzindo, em parte, uma notação do cathalogo da Escola Nacional das Bellas Artes, que acaba de vir á luz da publicidade, o seguinte:

"Entrou para a Imperial Academia das Bellas Artes em 1852, como amador, da aula de desenho figurado.

— Em 1856, matriculou-se na aula de esculptura, obtendo durante seu tirocinio academico varios premios, entre elles a grande medalha de ouro em 1861.

— E, entrando em concurso para o premio de viagem em 1865, partiu em 1866 para Paris, onde foi discipulo de Rochet (auctor da estatua de Carlos Magno e das de Pedro I e José Bonifacio), que são nossas."

De volta ao Rio de Janeiro, em 1868 ou 1869, fundou, com o pintor Souza Lobo, Leopoldino de Faria, os dois Cordoville e outros "O Acropolio", estabelecimento de Arte, que pouco durou.

E é auctor de innumeros trabalhos de real valor artistico, como sejam

Estatuas:

— "Parahyba" (bronze) na Escola Nacional de Bellas Artes.

— "Estatua do Progresso" (bronze), na fachada da Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil.

— "Estrella d'Alva (gesso) logar incerto.

— "Genio e Miseria" (gesso) no antigo Asylo de Mendicidade.

— "Bispo de Crysopolis", "Miguel Angelo", "Jeremias" e um Esfolado (gesso) no Lyceu de Artes e Officios.

— "Antonio José", (gesso) no Theatro João Caetano.

— "Saldanha Marinho" (gesso) partida no atelier.

— "Crime" (gesso) que se espedaçou (só se salvando a cabeça) de volta da Exposição de Philadelphia, onde foi premiada, sendo o artista condecorado com o habito da rosa.

Bustos

— "Osorio Supê" (1879), "Camões" (1880), "Fagundes Varella" (1882 s.e.), "José Bonifacio" (1885), "Guimarães-Confeiteiro" (marmore, 1888), além de outros mais antigos como "Macedo", "Porto-Seguro", "Porto Alegre", "José Bento", "Franco de Sá", "João Alfredo", "Pereira Passos", (marmore), "Mariano Procopio" (bronze), "Mauá", "Inhaúma", "Caxias" e muitos outros mais, que me escapam de momento, existentes no Instituto Historico e em diversos estabelecimentos publicos.

Ultimos trabalhos

— "Estatueta da Humanidade" (esboço em terracota, no seu Templo).

— "Dante ao voltar do exilio" (estatueta em terra-cota, inspirada nuns versos meus: "Lá vai aquelle que voltou do inferno, — Tendo-o creado á imagem de su'alma, — Trazendo n'alma o soffrimento eterno!" — e feita para figurar n'uma conferencia que sobre Dante realisei no Club Tiradentes.

— "Alma Penada" (busto em terra-cota, inspirado no verso de Dante: "Guai à voi, anime prave", idem, idem.

— "A queda de Satan" (busto em terra-cota, inspirado no "Inferno de Dante" e no "Paraizo perdido" de Milton, com Rosalvo Ribeiro, em Alagôas:

— "A Expiação" (estatueta em gesso, mallogradamente destinada á Casa de Correição desta Capital.

— "Apotheose do regimen industrial sobre os destroços da guerra" (barro).

— "Tumulo Teixeira de Souza" (granito e bronze), no Cemiterio de São João Baptista.

— "Esboço de estatua equestre de Ozorio" (gesso 1887-1888) com o Sr. R. Bernardelli.

— "Busto do seu discipulo Lacaille" (gesso).

— "Busto do Poeta Garcia" (tamanho natural) e outros de Chaves Pinheiro, Mafra, Victor, Americo etc. (em miniatura e perdidos nos escombros do atelier) em terra-cota polychroma.

Esculptura em madeira

— "Selvicolas Brasileiros" (copia de dois caboclos existentes no pedestal da estatua equestre de Pedro I, na Praça Tiradentes.

— "Imagem de São Sebastião", na matriz do Sacramento.

Esculptura em marmore

— "Cabeça degolada de São João Baptista", (por elle proprio aqui esculpida), com Esberard.

Esculptura de ornatos

— "Empena da igreja de São Lourenço", em Nictheroy.

Baixos relevos em madeira

— Diversos, na Igreja de São Francisco de Paula desta Capital.

Medalhão

— "Retrato do natural" — baixo-relevo em bronze sobre fundo de jacarandá-cirê, deste velho sincero e dedicado co-religionario e amigo, que effusivamente agradece a presença de quantos aqui se acham e mórmente o concurso de quantos de boa mente e coração aberto o auxiliaram nesta piedosa e já agora, por bem amparada, triumphante empreza. (1)

"Terminando o Dr. Generino dos Santos a leitura das nótas biographicas, foram postas rosas sobre a pequena bandeira brazileira que cobria a dupla urna, quantas o comportava o pequeno vão do nicho. Depois dessa despedida, o Sr. Henrique Faccini e o Sr. Gabriel Alves ajustaram a tampa do nicho, rejuntando-a com cimento. Sobre esta tampa está a inscripção seguinte:

AQUI JAZEM, DESDE
18 DE ABRIL DE 1924,
OS RESTOS MORTAES
DO ESCULTOR BRASILEIRO
C. C. DE ALMEIDA REIS."

---

(1) —A ultima tira trás a data: Rio. 15-II-924. Quanto aos estratos transcritos, ver pags. 12 a 15 do cit. op. de R. T. Mendes. — *A Testamentaria.*

— 2 —

(Inauguração do mauzoléu de Almeida Reis)

"O jazigo de Almeida Reis ficou concluido com a collocação dos medalhões em bronze de Almeida Reis e de sua Esposa, D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, no martedia, 15 de Shakespeare p. p., 70/136 (terça-feira, 23 de Setembro de 1924), ás 4 h. 1/2 da tarde. No dia seguinte, communicámos essa terminação, á sua Nóra, Snra. D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis.

No domingo immediato, 20 de Shakespeare p. p. (28 de Setembro de 1924), participámos, no Templo da Humanidade, ás poucas pessôas prezentes, a conclusão do jazigo de Almeida Reis. Nada havia ainda resolvido sobre o convite para a visita collectiva, ao jazigo, no dia 3 de Outubro, 86º anniversario natalicio de Almeida Reis. E, a uma benévola pergunta do Sr. Rodolpho Amoêdo, opinámos que a visita promovida, para esse dia, pelo Conselho Superior da Escola Nacional de Bellas Artes, se realizasse independentemente do que decidissemos. O Sr. Rodolpho Amoêdo nos communicou então que a visita promovida pelo Conselho Superior da Escola Nacional de Bellas Artes seria marcada para as 10 horas da manhã de sexta-feira 3 de Outubro corrente (1924).

O ESTATUÁRIO ALMEIDA REIS

Na quinta-feira 2 de Outubro corrente (1924), ficou resolvido o convite para a visita collectiva dos pozitivistas ao jazigo de Almeida Reis, e procurámos logo communical-a á Snra. D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis.

Nessa sexta-feira 3 de Outubro corrente (1924), chegámos com o nosso correligionario, o Dr. Generino dos Santos, e os nossos confrades João Montenegro Cordeiro e Luciano Godofredo de Souza Pinto, ao Cemiterio de S. Francisco Xavier, cerca das 8 horas e 20 minutos da manhã. Não estando aberta a Secretaria, pensámos que não se achava ainda ali o Administrador, Sr. Major José Modesto Bezerra Cavalcante, nem os seus auxiliares. Deixámos por isso de communicar-lhes pessoalmente a ceremônia que ia realizar-se.

O jazigo de Almeida Reis foi, para isso, ornado com algumas palmas de rosas, no que fomos benevolamente auxiliados pelo jardineiro do Cemiterio de São Francisco Xavier, Sr. Julio da Conceição, a pedido de Luciano Godofredo de Souza Pinto. Tinha-se concluido apenas esse preparativo, quando chegaram a Snra. D. Margarida Maria de Oliveira Ferreira e o seu filho, Sr. Manuel Jesuino Ferreira, com a filha e o filho da Snra. D. Maria Francisca F. de Almeida Reis, Srta. Eugenia-Julia e o adolescente, Sr. João Gonçalves. A Srta. Eugenia-Julia entregou-nos o ramalhete de rosas que foi collocado, no jazigo, por baixo dos retratos de seus avós.

Em seguida, cerca de 9 horas e 10 minutos da manhã, teve começo a cerimônia, lendo nós a seguinte narrativa."

"Concluimos essa leitura cerca de 10 hs. 10 m. da manhã. Nesse interim, haviam chegado varias pessoas,

entre as quaes os representantes da Escola Nacional de Bellas Artes e as pessoas que haviam correspondido ao seu convite. Tinham sido collocados no jazigo outros ramalhetes de rosas e a grande grinalda offerecida a Almeida Reis, pela Escola Nacional de Bellas Artes.

"Depois da nossa exposição, falou, em nome da Escola Nacional de Bellas Artes, o Professor Sr. Flexa Ribeiro.

"Terminada essa homenagem, leu o Dr. Generino dos Santos uma apreciação sobre a vida e a carreira esthetica de Almeida Reis".

Miguel Lemos, o inolvidavel director do Apostolado e depois immortal fundador da Igreja Positivista no Brasil, que subjectivamente preside a este acto, redivivo na memoria de cada um de nós os positivistas, á pagina 46 da sua circular annua de 1889, dirigida aos co-operadores do subsidio positivista brasileiro, noticiando a transformação objectiva do emérito esculptor Candido Caetano de Almeida Reis, occorrida nesta Capital a 18 de Abril do mesmo anno, escreveo sentidamente estas gratas palavras, que se acham gravadas em bronze no alto deste monumento e peço venia para textualmente reproduzir:

> *"Temos tambem que deplorar a morte do Sr. Almeida Reis, um esculptor de mérito, que, comquanto não fosse completamente positivista, tinha pela nossa religião as mais vivas sympathias. Seguia com crescente interesse o nosso desenvolvimento e mais de uma vez concorreo com os seus trabalhos para enriquecer a nossa collecção artistica. E' assim que lhe devemos um bello busto de Danton, um pouco maior que o tamanho natural, e uma linda estatueta da Humanidade, relembrando os traços de Clotilde de Vaux. A recordação deste amigo e dos seus generosos dons ficará para sempre ligada á historia da nossa vida collectiva."*

Cumprindo religiosamente esse voto, o eminente Apostolo da Humanidade, surgido espontaneamente de sua propaganda, Sr. R. Teixeira Mendes, — efficazmente auxiliado pela munificencia patricia de um confrade, Sr. Amaro da Silveira, e com o solidario concurso de toda a Igreja Positivista no Brasil, em homenagem ao esculptor que, no Occidente, esboçou em barro a primeira "estatua da Humanidade, caminhando sobre o Planeta" (tal qual nas paginas da "Politica Positiva" iconographicamente a imaginara Augusto Comte) — lhe fez erigir este symbolico e expressivo monumento, que perseverantes porém mallogrados esforços meus, de Luiz Rossi Junior e de Eduardo Sá, não conseguiram realizar, e acaba de receber esthético remate, sinão religioso corôamento com a inauguração de dois pequenos baixo relevos, conjugados por hierático ramo de flores, com a inscripção da epistola de São Paulo aos Corinthios 1.º Cap. XIII, n. 8: *"Só o amor (agape) não acaba nunca"*, representando, na eterna durabilidade do bronze, o retrato de sua jovem esposa, por elle modelado ao tempo do seu casamento, e o delle mesmo, modelado ou antes revivido agora, de apagada photographia, que se suppõe tambem tirada ao tempo em que casou, pelo seu eminente collega Eduardo Sá: — e, pois, monumento que se póde dizer posthumamente construido pelo proprio Almeida Reis, com fragmentarios subsidios — apenas coordenados por Sá sob a direcção de Mendes — da sua numerosa mas despercebida e já agora desfalcada sinão, na melhor parte, perdida obra esculptural.

E hoje que, depois disso, passa o seu primeiro anniversario natalicio, vossa presença neste recinto, em effusiva romaria a este "rochedo sagrado", si de todo não reveste a religiosa normalidade de um acto cultual, quer dizer destinado a cultivar os sympathicos e altruisticos instinctos da natureza humana, pela contemplação abstracta de um grande typo especifico —

individual, social ou humano — verdadeiramente digno de imitação, nos vem comtudo solidariamente affirmar que o olvidado Almeida Reis, pelos superiores attributos da sua natureza, que o sobrelevavam á media commum dos seus contemporaneos, se não apagou de todo na vossa memoria e é digno de vossa recordação saudosa, da vossa respeitosa veneração, e bem merece a consagração sociolatrica que lhe tributamos. — E essa affirmação, patenteando um triplice aspecto cultual, tem para mim tambem uma triplice significação religiosa: — a de uma saudosa recordação de seus contemporaneos; a de uma tardia reparação historica; e a de uma justa glorificação, que, espero, o porvir sanccionará e, consóla lhe seja idonea e espontaneamente prestada, depois de tão longo e chumbado olvido — 35 annos depois que stoicamente morreu, pelo seu acrysolado amor á Arte e — victima indefesa da sua altiva integridade moral — em barbaro holocausto á dignidade humana, nelle incidiosa e covardemente ultrajada.

— Uma saudosa recordação desses contemporaneos, porque, reunidos em torno deste monumento, sua familia e seus amigos, seus collegas e seus co-religionarios — co-religionarios em gráos diversos de uma religião que elle não chegou de todo a conhecer, mas aspirou, por obras, professar — aquilitando as raras qualidades de sentimento que impulsionavam seu grande, nobre e generoso coração, — coração que, em plenas tempestades da vida, sempre teve palavras de captivante apêgo para os seus eguaes, a quem animava ou soccorria com seus conselhos; de carinhosa bondade para os seus inferiores, a quem solicitamente acolhia e providamente patrocinava; e de respeitosa veneração para seus superiores ou quem como tal reputasse: — lhe, podem, digna e fervorosamente, render graças pelos reaes serviços ou magnanimos favores gratamente recebidos e cavalheirosamente prestados, de modo a

lhe crearem ideal atmosphera de sympathia por onde quer que tenha passado — sympathia que, transformando-se em saudade, se prolonga até aqui, ambientando este recinto e cingindo-lhe o vulto de fulgurante aureola de subjectiva immortalidade.

— De tardia reparação historica, porque, vossa presença neste recinto, Srs. representantes officiaes da Escola Nacional de Bellas Artes, é a mais formal condemnação de todo o mal e irreparavel damno que, a aleivosas e perfidas machinações academicas, — que lograram complacente ouvido no Governo Imperial, a Imperial Academia das Bellas Artes, de quem, sendo successores, não sois cumplices, inflingiu a Almeida Reis, ao ponto de reduzir o jovem, esperançoso e aproveitado discipulo de Rochet, em 1867 e, em Paris, ao velho, valetudinario e escrofuloso creador de porcos, em 1889 e, em Inhaúma, de onde desoladoramente sahiu para irremediadamente aqui morrer...

Não, Srs. Testemunha pessoal e fiel companheiro da ultima phaze de sua dolorosa existencia, não vos retraçarei com vivas côres impressionistas e a indignação que o caso requer — por inopportuno e quiçá impertinente — o hediondo e pavoroso quadro dantesco da bárbara perseguição e inenarravel martyrio intimo que padeceo Almeida Reis, desde que sahio da Imperial Academia das Bellas Artes, com premio de viagem para a Europa, até que, com certidão de óbito, deu entrada neste Campo Santo.

Silenciarei, assim, o execravel incidente parisiense Reis-Pinheiro que determinou a iniqua e abrupta suspensão da parca mas imprescindivel mezada com que estudava em Paris, forçando o glorioso esculptor d' "O Parahyba", que já então jazia condemnado nos limbos da Imperial Academia, — mas revolucionára a ferrenha, obsoleta e rotineira esculptura academica, — como em outras relações — e *notanda differentia* — Ferro Cardoso, a architectura, com a "cupola da Can-

delaria", e Almeida Junior, a pintura de genero, com o "Modelo em Repouso" — a cantar modinhas brasileiras ao violão, nos alegres e ruidosos cafés do quarteirão latino, para não morrer de fome, até que envergonhada piedade de um secretario de legação o fez repatriar á custa della, quer dizer do Estado.

E nem, tampouco, me reportarei ao facto de se ter visto Almeida Reis constrangido a castigál-o physicamente, quando, ao chegar aqui, lhe foi o impulsivo e rancoroso pedagogo á casa paterna vangloriar-se, face á face, do mal que vingativamente lhe havia feito; pelo que foi Almeida Reis processado e condemnado a purgar os perniciosos effeitos desse hombridoso assomo de justa repulsa á insólita aggressão a seus brios indignamente offendidos, incorrendo, além disso, numa especie de excommunhão maior ou "*máxima diminutio captis*" que pesou decisiva e fatalmente sobre o seu destino; pois todas as portas officiaes, como as da Torre da Fome sobre Ugolino, se lhe trancaram, sendo as respectivas chaves lançadas ao Rio... de Janeiro, que lh'as não devolveo, cerrando-lhe tambem as suas portas.

Basta, porém, accentuar-vos o facto, que bem conheceis, porque é do vosso tempo e official, de que, tendo elle para cá remettido, em 1865, a estatua do "O Parahyba", — só o anno atrazado — 57 annos depois ! — por occasião do Centenario da nossa Independencia Politica, foi fundida em bronze, graças á justiceira magnanimidade do actual director da Escola, Sr. Baptista da Costa, que, levantando-lhe a excommunhão maior, a entregou, em plena luz gloriosa de sua fundição em bronze ao plenario juizo incorruptivel da Posteridade, — pelo que lhe rendo merecido louvor; e o de ter a Estatua do Progresso, originariamente condemnada a se vasar em cimento (é incrivel !) mas que elle modelou, duas vezes fez moldar (primeiro para cimento e depois para bronze), e em bronze fundida foi nas officinas do

Engenho de Dentro da E. F. C. B., com material da casa, é certo, mas sob sua direcção (a primeira estatua que se fundio em bronze no Brasil, foi fundida sob a direcção de Almeida Reis) apenas rendeu ao infortunado artista a phantastica somma de (s. e. verificavel) algumas centenas de mil réis, sujeitas a despezas com dois auxiliares que nella trabalharam, — para que vejais quão longos e perniciosos foram os effeitos d'aquella "excommunhão *vitanda*", que, no primeiro caso, se estenderam até depois de sua morte: — e então vossa reparação historica se transmudará em verdadeira glorificação.

E' ella justa? E' merecida ella? Diante da vária e copiosa obra d'arte que nos legou e, (através das mais crueis vicissitudes de sua precaria e dolorosa existencia), tocou Almeida Reis com "polegar intelligente" — quasi sempre amassando-lhe o barro em que as modelou, com as incontidas lagrimas dos seus mais intimos soffrimentos; e que, apezar d'isso, ou por isso mesmo, percorrendo toda a accidentada escala harmoniosa dos valores n'Arte, correspondente á intima escala chromática de todos os sentimentos humanos, sempre nos patenteou, com o mais nobre e elevado surto esthetico, a mais correcta geometria da plástica e a larga factura do acabamento, em escala ascendente, a maior preoccupação do ponto de vista moral, social e humano, porque o verdadeiro destino d'Arte é este — "imitar, idealisando, afim de aperfeiçoar, melhorando", os bons instinctos da nossa natureza — como bem se póde simplesmente ver da nomenclatura de todos os seus trabalhos, — a resposta, por parte de artistas — e artistas que sabem ver para bem comprehender e melhor responder, — me não parece que possa ser negativa.

É, porém, merecida ? Srs., eu não tentarei fazer aqui uma apreciação, succinta embora, da vida e da obra de Almeida Reis, á luz da esthética e da Arte Positivista. Para tanto mingoa-me o tempo e fallece au-

ctoridade, que não possuo. Teria de esboçar-vos, com a grande lei da evolução humana e sua complementar da classificação das sciencias e das artes — que é a mesma — segundo a generalidade crescente e decrescente especialisação dos phenomenos correspondentes, a theoria da Arte, como alma, que é, do culto, e, por isso collocada entre o dogma — a sciencia — e o regimen — a industria — tal qual, em toda sua religiosa construcção fundamental, a instituio Augusto Comte. Depois, baseando nas leis da harmonia mental, que torna cada homem mais altruista, quer dizer mais sympathico, mais synthetico e mais synergico ,e na theoria da unidade humana, para a qual cada homem tende, e com elle toda a especie, tornando-se cada vez mais sociavel e humano, isto é, religioso, "ou duplamente ligado comsigo mesmo pela fé e com seus semelhantes pelo amor", assignalar que logar occupa cada arte na escala hierarchica dos conhecimentos humanos e quaes as acções e reacções que, pela sua successão e continuidade, exercem umas sobre outras e todas sobre o meio social em que surgem e se desenvolvem, afim de determinar qual o papel e influencia que exerce o artista, pelo valor integral da sua obra, no meio social que o creou. E, applicando tudo isso ao caso Almeida Reis, enquadral-o na evolução artistica brasileira para, estudando o refractario meio em que surgio, apreciar o real valor da sua obra e a perniciosa influencia que tal meio exerceo sobre sua incomprehendida Arte e, por isso, malsinada existencia.

Mas seria isso assumpto para mais alto tomo, que o momento não comporta.

Fallando, porém, exclusivamente em meu nome individual, invoque embora ensinamentos de uma doutrina religiosa que seu proprio fundador declarou ser "superior a seus orgãos quaesquer", e a qual, encorporando todas as religiões, as considera como etapas progressivas de uma só e definitiva religião — a da Hu-

manidade, considerando assim cada homem como um positivista espontaneo, num dos tres estados porque passa a evolução humana — theológico, metaphysico e positivo — a quem só falta, para completar-se, attingir o ultimo, que é o de plena positividade, — de modo a poder, a especie humana, (que a reproduz e vem a ser "o conjuncto continuo e successivo, no passado, no presente e no futuro, de todos os sêres que convergem para um destino commum") comparar-se a uma creança, que identicamente a mesma fosse crescendo e religiosamente evoluindo até chegar á maturidade, "religada pela fé comsigo mesma e com seus semelhantes pelo amor"; — eu, subordinando-me ao principio da relatividade, que é o unico absoluto em philosophia positiva, não posso deixar de collocar-me no ponto de vista de Almeida Reis quando produzia suas obras, que é o do publico brasileiro, em geral, que as contemplou e ainda contempla, porque, em geral, tambem o publico não evoluio de todo, e nem mesmo attingio os varios estados d'alma a que chegou Almeida Reis — e é o da critica contemporanea, que as applaude com pequenas restricções ou sem restricção alguma, para que possa com relativa justiça technica e moralmente ajuizar, no todo ou em parte, de sua obra d'Arte. Será esse julgamento definitivo quando a Humanidade tiver attingido o estado de plena positividade? Isso é outra questão, que só a Posteridade decidirá. Mas sempre é bom, desde já, lembrar, que São Paulo, na sua 1.ª Epistola aos Corynthios, cap. XIII, em 64 da era catholica, dizia: "Quando eu era menino, fallava como menino, pensava como menino e discorria como menino. Depois que cheguei a ser homem feito, dei de mão ás cousas que são de menino", — como si, já então, São Paulo quizesse tambem dizer que tudo é relativo.

Em senão tratando, pois, de aquilatar agora, abstractamente, o alto valor esthetico, technico e plastico, da bella e numerosa obra que, pelas fortuitas circums-

tancias de sua precaria e falha existencia, deixou elle esparsa e cujos ultimos trabalhos, dos escombros do seu atelier do Largo do Paço, recolhi; tentando assim salval-os, si possivel, da lamentavel perdição que padeceram muitos outros — e dos melhores — de sua anterior producção taes como: a premiada estatua do "O Crime", de volta da Esposição de Philadelphia; o mutilado "Genio e Miseria" nos porões do antigo Asylo da Mendicidade, por culposa desidia do seu director, o Sr. Duque Estrada; e a estatua de Saldanha Marinho que a Maç. Bras. lhe encommendou e deixou ficar no atelier, onde nos referidos escombros se partio — mas visando-se sómente apreciar, estygmatisando-os (apreciação, por tanto, que redunda em severo julgamento) ominosos factos que officialmente lhe infernaram a existencia, inquinando-lhe a obra da eiva de uma supposta e tendenciosa inferioridade,—eu, como seu dedicado amigo que fui e ainda sou, por que, subjectivamente, elle ainda vive em mim como vive em todos vós — eu, dando arrhas da minha isenta imparcialidade, não posso deixar de soccorrer-me do alheio mas precioso subsidio que me fornece o criticismo impressionista de um contemporaneo, pelas columnas da "Illustração Brasileira", em sua edição de 29 de Janeiro do anno passado; e, sobretudo o erudicto e bem lançado artigo que, pelas columnas d'"O Paiz", de 1.º e 15 de Abril deste anno, publicou o reputado bellartista Sr. Flexa Ribeiro, professor de Historia das Artes da Escola Naconal das Bellas-Artes, aqui presente, a quem, com os devidos agradecimentos peço venia para, parcialmente, lel-o quasi na integra, como documentação do que levo dito.

.....

"Almeida Reis, esculptor sob o nosso segundo Imperio, foge, com evidencia daquelles falsos apostolos (do supposto nacionalismo n'Arte) e apparece com a

primeira affirmação artistica na estatuaria brasileira.

Chaves Pinheiro, que aqui foi seu mestre, não se póde condecorar com o titulo de artista: foi um artifice, um profissional da esculptura. Como mesteiral deixou obras que me enchem de tristeza, como a estatua equestre de *Pedro II*, felizmente, por emquanto fundida na fragilidade do gesso e, mais felizmente ainda, entregue pela Escola Nacional de Bellas Artes ao Museu Historico, onde, com sabedoria, lhe deram uma sala de escasso pé direito, permittindo, desse feitio, que melhor se evidenciem as suas *qualidades*...

Antes de esboçarmos o estudo sobre o autor de *Alma Penada*, vejamos as notas biographicas que a generosa gratidão do professor R. Amoedo, e o dedicado culto do Dr. Generino dos Santos, á memoria de Almeida Reis, — permittiram que eu colhesse.

NOTICIA BIOGRAPHICA

Candido Caetano de Almeida Reis, nasceu em 3 de outubro de 1838, na rua da Alfandega, onde seu pai — Caetano Manoel dos Reis — era estabelecido com officina de santeiro.

Filho de imaginario, desde cedo Caetano se familiarizou com os trabalhos iniciaes de esculptura. Aos 14 annos, entra como amador para a Academia Imperial de Bellas Artes. Em 1856 inscreve-se no curso de esculptura, que era regido por Chaves Pinheiro. Obtem, depois, a grande medalha de ouro. Como premio de viagem, segue para a Europa, em 1861.

Ao chegar a Paris, matricula-se nas aulas de Rochet, o autor do monumento *Pedro I* e da estatua de *José Bonifacio*. De autoria deste seu mestre, ha, em Paris, na *Praça Notre Dame*, a estatua equestre de Carlos Magno, tanto quanto curta e grossa.

Por desavenças com Chaves Pinheiro regressou ao Imperio em 1866, sem ter concluido o tirocinio que lhe dava direito o premio de viagem.

Uma vez no Rio de Janeiro, Almeida Reis precisava dar expansão á seiva que o animava. Além disso, era necessario vencer, dominar a corrente dos que não lhe queriam reconhecer os meritos. — Funda, então, com o pintor Antonio Araujo de Souza Lobo e Rodrigues Moreira, architecto, uma casa de Bellas Artes, a que deu o nome erudito de *Acropolio*. E, para patentear suas aptidões, e suas verdadeiras qualidades de esculptor, isto é, de artista que trabalha a *materia dura*, esculpe o marmore, talha a madeira, cinzela o bronze.

Foi esse o grande periodo de producção: delle data o *Crime*, que aqui se estampa, e do qual só existe a cabeça, em mãos de seu grande amigo, Dr. Generino dos Santos. Tambem data desse tempo a cabeça, em marmore, de *S. João Baptista*.

Fundando o *Acropolio*, Almeida Reis abandonou a sua officina da rua do Regente.

Durante toda essa época (1867-1874), o autor do *Parahyba* formou como que o centro do movimento artistico: com elle conviviam Leopoldino de Faria, Heitor e Hortencio Cordoville, Rodolpho Bernardelli, Rodolpho Amoedo, Belmiro de Almeida e outros. A todos o joven estatuario prodigalizava, com ardente abundancia, sem refolhos, preciosos ensinamentos, uteis conselhos animando os moços, onde vislumbrava aptidão, com generosos estimulos.

Por 1875 casa-se Almeida Reis, iniciando-se, com essa alteração de sua vida, o ultimo periodo de sua actividade artistica, que durou 14 annos, pois o artista morre em 1889.

Impregnando-se das theorias sociolatricas, fez-se adepto do comtismo.

Tentou, sob a inspiração de Clotilde de Vaux, dar expressão plastica á concepção abstracta de *Humanidade,* na imagem que se retrata nesta pagina.

Deve-se-lhe ainda a primeira fundição, em bronze, realizada no Rio de Janeiro: é a estatua symbolica do *Genio de Franklin,* que orna a fachada da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, cujos attributos por elle modelados, nunca foram fundidos. Por fim, a administração resolveu modifical-a: e, ao envés dos raios electricos, pendurou, na mão do genio, uma lanterna... que talvez seja a de Diogenes.

De sua vasta producção, pouco existe. O homem, mais do que o tempo, resolveu destruil-a.

Eis aqui uma relação, certamente incompleta de suas obras: *Parahyba* (hoje em bronze), *Jeremias, Miguel-Angelo, Estrella d'Alva, O Crime, O Genio arrastado pela Miseria* (todos em gesso), *S. Sebastião* (madeira), *S. João Baptista* (cabeça em marmore), *Teixeira de Souza* (monumento funerario, em marmore), *Generino dos Santos* (medalhão em bronze), bustos de *Porto Alegre,* do *Bispo de Chrizopolis,* do *Osorio, Araguaya, Mariano Procopio* (bronze), *Saldanha Marinho, Danton, Camões, Tiradentes, Fagundes Varella;* e mais: *Dante no exilio, Alma Penada,* e a *Apotheose do Regimen Industrial sobre os destroços da Guerra.*

Almeida Reis falleceu em 18 de abril de 1889.

"Ninguem sentirá mais commovida admiração do que eu, diante da obra de arte de pintor ou esculptor brasileiro.

"Os exemplares da creação do espirito, por si mesmos, me alegram e emocionam; se trazem a assignatura de homem de meu paiz — rejubilo e me exalto. Mas pelos proprios sentimentos de respeito pela Arte — jámais poderei dar minha vehemente admiração a abortos plasticos, só porque a puerpera vegeta no solo natal.

Eis por que sempre guardei no mirante de minha estima o estatuario Almeida Reis e o insigne pintor que foi Almeida Junior: duas figuras de excepção na arte brasileira.

Se me fosse possivel, no abreviado destes commentarios, gostaria de estudar o meio artistico em que, em definitivo, floriu o espirito de Almeida Reis, em Paris. Ver-se-hia, então, que elle na metropole do mundo, encontrou os ultimos clarões do genio de Rude, rebrilhando, com intensidade, na obra de Carpeaux.

Formou-se, desse feitio, o autor do *Dante*, á acção de Dalou, Carrier-Belleuse, Falguière, Mercié. E mais, Chapu, Saint-Marceau, Bartholomé, Injalbert. Isto é, entre as tres correntes, a de influxos gregos, a neo-florentina, sob a égide de Donatello, que tentava corrigir a molleza da primeira, e a naturalista, chefiada, precisamente, por Carpeaux. Com elle, pela fuga do modelado, a estatuaria sugere a côr.

Mas semelhante analyse mereceria espaço que se não póde exigir nas columnas de um diario.

Creio, porém, que aquella simples indicação é sufficiente para evidenciar que Almeida Reis viveu, na força de sua puberdade esthetica, no periodo mais rico da estatuaria franceza, e que só merece comparar-se ao inicio do seculo XVI, na Italia.

E estudo attento affirmaria como, apesar da lentidão que é propria da technica da esculptura — ao passo que a pintura se agita e evolve com mais rapidez — (dando, desse feitio, maior campo á inspiração de Pedro Americo do que a de Almeida Reis) — os francezes da segunda metade do seculo XIX chegaram, com impressionante soffreguidão, á synthese esculptorica de nossa época, em Augusto Rodin.

O que logo se accentua em Almeida Reis é que nelle se revela, verdadeiramente, o esculptor: isto é, o homem que trabalha a materia dura, nella exteriorizando suas idéas. E por de certo que foi esse aprendi-

zado, que se iniciou na rua da Alfandega com os santos da fabricação paterna, que, no decurso de sua vida, lhe emprestou o sentimento da fórma, a particular sensibilidade em apprehender a relação das tres dimensões, e essa especie de volupia em accentuar os planos largos, como na obra de talha.

Isto quanto á parte pratica e technica. Quanto á esthetica, maior ainda se me afigura o seu destaque no meio brasileiro, tanto plastico, como literario: Almeida Reis era artista de concepção. E' dos poucos pensadores brasileiros.

Sua imaginação creadora, sáe do quadro modico de nossa arte, onde, em geral, o homem não vai alem da actividade representativa. Quasi todos os seus trabalhos revelam, com caracter de idéa geral, de poder de abstracção, que havia nelle o dom da concepção.

Vontade de poder, imaginativa creadora e capacidade de executar — esses tres elementos — volitivo, intellectivo e mecanico, delle fazem artista integral.

Pelas proprias figuras aqui estampadas é facil de ver-se como nem sempre aquellas tres energias se conjugavam, sinergicamente. Sua obra, assim, se patenteia irregular, cheia de altos e baixos, no que toca com a execução.

Como verdadeiro artista, no entanto, do primeiro assomo, elle se revelou na totalidade: o *Parahyba,* que a Escola Nacional de Bellas Artes salvou pelo bronze, attesta — ainda que envio de pensionista — o que acabo de affirmar.

O indio, que allegoriza o rio, sentado na rocha, agglomera as energias nos braços, saca com impeto da pedra, e a agua jorra abundante.

E' concepção nova, e bem representativa. Apesar de algumas incertezas technicas, o modelado é já vigoroso, os grandes planos se affirmam.

Aquellas se mostram em varias superficies mortas. Mas a figura é solidamente construida.

Apesar disso, creio que é Almeida Reis dos rarissimos artistas brasileiros que não vêem na natureza *linhas,* e sim *volumes.*

Ha em muitas de suas obras densidade na fórma; noção especial dos volumes; senso architectural.

Dante no exilio revela, nos largos planos em que foi inscripto, nobreza, elegancia severa, simplicidade de relevos. Do ponto psychologico, será curioso observar-se, na serenidade, *movimento de meditação activa.* Na idealidade que o envolve, dando-lhe atmosphera propria, ha como indecisão profunda. Na *Alma Penada* — por varios titulos menos importante que o *Poeta* — vem á tona consideravel simplificação de linhas. A observação da mascara de expressão é pessoal. Além disso, da mirada technica verifica-se abandono dos pormenores inuteis, de minucias parasitas, e desejo evidente de attingir ás syntheses resultantes. E' conquista bem moderna.

No *Crime* — do qual sómente a cabeça existe, pois que a obra voltou da exposição de Philadelphia, em farinha — vê-se, claramente, como o esculptor fundiu, para dar mais realce, o idealismo symbolico da concepção com o realismo da observação: ha condensação expressiva; o modelado é vigoroso; a idéa se inscreve com impeto na fórma. A desproporção anatomica da cabeça é o estygma classico da degenerescencia. E que desenvoltura elastica nos rhythmos da silhueta externa!

Na *Humanidade,* tentativa inicial de plasticizar a idéa da *Maternidade* positivista, os seus dotes falharam: e Almeida Reis nada mais fez do que reproduzir, mediocremente, o symbolo catholico da Virgem-Mãi, que os artistas do Renascimento italiano haviam concebido para dar realidade visivel á nova mythologia christã. Só a reproduzi, domingo, como o detestavel

busto de Camões, a titulo meramente documental. São fórmas vazias.

O *Lusiada* foi fixado sem visão ideal, passado, sem caracter, em mofinas condições de factura: é frio, postiço. Já o *Danton* é mais expressivo, e mereceu trato mais desembaraçado, e com certo vigor. Ainda assim, como *retrato,* é pobre de significação.

Bem longe estamos do *Crime,* que é amplo revelador e poderoso. Creio que, nessa obra, Almeida Reis attingiu á medida de sua capacidade: synthese na concepção, largueza de factura, jogo livre de linhas na silhueta da figura."

— Sim; como factura, é certo. — Não tem — e nem o caso pedia — o largo e arrojado estylo geometrico-architectural e anatomo-psychologico — Miguelangelesco, em summa — que lhe é peculiar e o Sr. Flexa louva em outros trabalhos seus. Mas, digo eu, desde que reflectir, em relação ao busto de Camões, cuja mascara não é bem a convencional que todos nós conhecemos, mas bem póde ser a delle ,uma vez que preencha todos os caracteres ethnicos da sua raça e todas as condições anatomo-psychologicas do seu craneo e da sua genialidade, como acontece com a de Danton, depois que o Positivismo rehabilitou-lhe a memoria — e é uma das mais suaves que se conhecem — além de que nem toda a numerosa obra d'arte — ainda dos maiores genios — é sempre igual (e teria tido elle tempo de fazel-o melhor?) — o seu reparo perde um tanto de importancia; e, quanto á utópica Virgem-Mãi Positivista, que descende em linha recta da miraculosa Virgem-Mãi cathólica, si ponderar que não passa a "Estatueta da Humanidade" de simples *esquisse,* apenas um pouco mais acabada, para entre nós ser melhor entendida, como sabe, visando mais a correcção, pureza e harmonia das linhas, nas suas tres dimensões, do que á idealidade da expressão e a plasticissação das

massas ou volumes; e que Almeida Reis estava religiosamente adestricto ao preceito de Augusto Comte, que, na "Politica Positiva" para exprimir sua successão e continuidade — porque o Positivismo surgio evolutivamente do Catholicismo — que a Virgem-Mãi Positivista fosse a propria Virgem Sixtina dos Catholicos (*) sob a mascara de Clotilde, chegará á conclusão de que Almeida Reis fez o que não podia deixar de fazer, sob pena de ser obra sua e não mais de Augusto Comte essa religiosa concepção, — aliás tambem destinada á chamar á sua Igreja todos os bons corações que tendo sido sinceramente catholicos, se acharem desoccupados.

Mas o Sr. Flexa, no final do seu escripto, chegou, apezar dessas ou quaesquer outras restricções mentaes, á synthese suprema de que foi Almeida Reis, na esculptura, o mais completo artista que o Brasil jamais produzio; e tanto me basta, de mais não hei mister para entretecer virente corôa de louros, entresachados embora de espinhos lancinantes com que cinja a gloriosa fronte de Almeida Reis nesta modesta solemnidade, que faço votos se reproduza annualmente, mas no dia anniversario da sua morte, para ensinamento das presentes e salutar exemplo ás gerações vindouras; tomando, outro sim, a Academia Nacional de Bellas Artes o compromisso de salvar pelo bronze o restante de sua preciosa producção que anda esparsa, inclusive suas ultimas composições, que, pela alta importancia social, esthetica e moral da concepção como pela esthesia e pureza da sua idealisação, nada ficam a dever, si não se sobrelevam, ás anteriores; que, quanto a mim, satisfeito commigo mesmo de ver cabalmente realisado um dos ultimos e mais almejados escopos de minha alongada e tambem falha existencia,

---

(*) Ver na 3.ª parte nota 32 em que Teixeira Mendes retifica semelhante equívoco. — *Da Testamentaria.*

vos rendo a todos infinitas graças—honra-vos seja! — por ver tambem, — para mim, ao cabo de 35 annos de dedicados esforços, e, para elle depois de uma vida inteira de inenarraveis desgostos e soffrimentos incoerciveis — restaurada a memoria e glorificada a personalidade de um grande e mallogrado artista, que foi tambem um grande e miserando martyr, pelos actuaes representantes da mesma instituição official que tão vingativamente o perdeo: — tanto é certo, Srs. que a justiça da Historia não falha nunca; pois o homem se agita e a Humanidade o conduz.

Assim, diz o critico da "Illustração", Sr. Adalberto Mattos, reportando-se, independentemente, a uma passagem de Gonzaga Duque:

"Almeida Reis encarnou um grande talento e era uma verdadeira personificação do artista. Culto, como poucos do seu tempo, foi um lutador, um homem singular e activo. De pequena estatura, usava chapéo de pello enterrado na cabeça, deixando ver os cabellos grisalhos, a sua fronte larga, os seus olhos pequeninos e brilhantes, de uma expressão penetrante.

Teve o seu atelier n'uma das salas do rés do chão do antigo Paço e os trabalhos sahidos da sua officina traziam estampados a genialidade e emoção do artista.

"O Parahyba", executado em 1867, revelava o futuro esculptor, e a obra do moço pensionista quebrou completamente os preconceitos existentes na Academia antiga. As producções academicas não encontravam logar no cerebro do artista, que sentia uma nova fórma que contrariava o "officialismo" de então. "O Parahyba" revelava um artista moderno, que surgia radiante do gélido ambiente academico.

Aos olhos do publico estatico, a estatua mostrava as duras fórmas opulentas de um indio robusto, musculoso, que separa as rochas para dar passagem á agua.

O gesto do artista, despresando o classicismo mythologico, valeu-lhe um quasi abandono e uma repulsa de seus mestres.

A estatua foi atirada para um canto, ennegrecida pela poeira do tempo; durante annos esqueceram-n'a. Hoje, porém, resurge aos olhos das novas gerações.

Foi vasada no bronze eterno da resurreição; as suas fórmas triumpharam milagrosamente. A restituição d'"O Parahyba" é devida a João Baptista da Costa, actual director da Escola das Bellas Artes do Rio de Janeiro, que ordenou sua fundição.

A produção de Almeida Reis é copiosa e possue qualidades surprehendentes, que auctorisam um destaque especial.

O mesmo sentimento, as mesmas qualidades plasticas se encontram na magnifica estatua do "O Progresso", que encima o relogio da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Uma figura nua, de attitude arrojada, que empolga pela musculatura correcta, pela expressão energica, nessa obra, como n'"O Parahyba", a genialidade do artista se patenteia vigorosamente, cheia de ensinamentos.

Na "Estatua do Progresso" o artista mostra aos que repudiaram o seu "Parahyba", qual o gráo de saber, a formidavel noção esthetica que possuia e seus mestres não souberam comprehender...

O artista concebeu um "Progresso" como devia ser, de conjuncto equilibrado e apropriados attributos. — O braço direito erguido ao céo, a nervosidade d'aquella mão empolgando um punhado de raios, diziam tudo pela realisação, pela belleza e pela expressão!

Um bello dia, porém, a estupidez que rege o mundo, entendeu modificar o pensamento do artista e arrancou da mão crispada da figura a gavela de raios e encaixou-lhe uma desproporcionada lampada, mesqui-

nha de linhas, estupida de forma e irritante de proporção. (*)

"O Crime", tão elogiado em 1876, desappareceu; — apenas existe a cabeça. — Era concepção digna do valor de Almeida Reis, assim o affirmam os que tiveram a ventura de conhecel-o.

O "Genio e Miseria", existente outr'ora no Asylo da Mendicidade, dizia bem alto quanta emoção, quanta genialidade possuia o esculptor.

Gonzaga Duque, que conheceu de perto o saudoso artista, assim descreve o formoso grupo:

"De uma simplicidade grandiosa, este grupo hade ser, mais tarde, para os nossos futuros Winckelmanns, a pedra de toque no estudo da sua individualidade.

A figura do Genio, que a Miseria arrasta, é de bellissima linha grega. A cabeça, semelhante a de Apollo, tem bastos cabellos a sombrear-lhe a fronte; seus olhos, exprimindo uma suavidade intraduzivel, procuram no infinito espaço a alvi-nitente chimera com que tanto sonhou; e, semi-nu, de rasto, vencido, ainda tem nos labios o esboço de um sorriso untado de amargura, como si aquella infeliz alma, embora arrastada pelo espinhoso caminho das privações, embora insultada pela bocca escorbutica da calumnia e da inveja, desprezada pela côrte sevandija dos imbecis endinheirados, anathematisada pela leprosa sucia dos hypocritas e servis, se deixará erguer, nas azas vaporosas da phantasia, para a attracção sobrenatural de um mundo que se não sabe onde gravita, porém que o homem chama, no prosaismo da sua linguagem, a immortalidade, a gloria!

E que contraste ella faz com a Miseria, alta, ossea, andrajosa, sinistramente magestosa na sua compos-

(*) A intrusa e irritante alámpada já voltou a ser gavela de raios, graças a um bom e espontaneo movimento da actual directoria. — Honra lhe seja! — G.

tura atrevida e nojenta! Poder-se-ha exigir maior realidade do que esta que ahi tão claramente se exara na figura da Miseria?

Impossivel! Jámais mão de esculptor a representará tão viva. Dir-se-ha, com toda a justiça, que Almeida Reis a sentiu e tal affirmação não fará pasmar ninguem, pois que ninguem ignora as vicissitudes pelas quaes passa um artista em paiz onde os lucros obtidos pela profissão muitas vezes são minguados para a propria subsistencia! Mas os grandes talentos, os verdadeiros talentos, fortalecidos pelo estudo, nunca se deixam abater pela quéda das illusões. Como o fogo lavrando em uma floresta, ellas deixam no borralho, que se julga apagado, occulta e vivida scentelha que muitas vezes de novo ateia o incendio."

A previsão de Gonzaga Duque falhou; os Winckelmanns não terão a obra do mestre para estudar a sua personalidade. O maravilhoso grupo desappareceu em frangalhos como coisa inutil; desmantelou-se pela desidia de um funccionario da Republica que o atirou dentro de um velho galpão!

Pertencia o grupo de Almeida Reis (*) ao patrimonio do Asylo da Mendicidade e por muitos annos mereceu o carinho dos que amavam as coisas de arte. Depois, partiu-se-lhe, um dia, uma perna, n'outro um braço; depois, aos poucos, ruiu por falta de restauração...

— Era então director do Asylo o Sr. Duque Estrada e elle foi quem ordenou sua retirada para o monturo.

Existem ainda no Asylo, testemunhas vivas de tão grande crime — o Dr. Autran e o Sr. Campos, funccionario d'aquella casa de caridade. — Do Dr. Autran ouvimos palavras de carinho para a obra do artista

(*) A titulo gratuito (s. e.). — G.

e a garantia do seu protesto quando foi commettida a ignominia.

Bem infeliz foi o grande e saudoso artista! As suas melhores obras ahi estão desmanteladas, desvirtuadas e desapparecidas pela ignorancia, pela estupidez dos que tinham obrigação de zelar pelo patrimonio nacional. Mas... deixemos de coisas tristes, que aqui não cabem.

Outras obras de grande merecimento executou o artista. — Andam algumas ahi espalhadas ao léo, desgarradas como trambolho ou coisa peor.

Do grande artista são tambem os bustos de Macedo, Visconde de Porto Seguro e Araujo Porto Alegre, pertencentes ao Instituto Historico, onde as qualidades de technica e belleza são flagrantes, como aliás em toda a sua obra.

No Lyceu de Artes e Officios desta capital está a famosa estatua de Miguel Angelo Buonarotti, magnifico de attitude e sentimento.

Tão magestosa figura inspirou a Generino dos Santos um bello soneto.

Os contemporaneos do artista são unanimes em louvar o seu genio artistico e o seu grande saber da sciencia anatomica (*); citam, como exemplo, a estatueta do "Esfolado" (**), que mereceu da critica da epocha as referencias mais lisongeiras que um artista possa desejar."

E agora, para concluir, em espontaneo depoimento, o decisivo laudo, a irrevogavel sentença do Sr. Flexa Ribeiro, que, ultimando o seu trabalho, escreveu estas

---

(*) Que aprofundou na Faculdade de Medicina, ouvindo Pertence. — G.

(**) Existente no Lycêo de Artes e Officios e com a qual pretendia concorrer á cadeira de Anatomia artistica na Academia de Bellas-Artes. — G.

Nenhum informe se obteve sobre esse manequim anatomico. — *Da Test.*

captivantes linhas que, por minha parte, e em nome da restaurada memoria de Almeida Reis, agradeço:

"Havendo o Apostolado Positivista erigido, recentemente, um tumulo á memoria do esculptor brasileiro, procurando votivamente salval-o do esquecimento, — não me quiz privar do prazer de render, com singeleza, minha homenagem áquelle que foi, na estatuaria, o mais completo artista que o Brasil já produziu.

Combatendo os philisteos, trangalhadanças da arte, exalçando os raros artistas da Patria, faço afinal, com meu paladio e sem querer... obra de verdadeiro nacionalismo."

(Fim das notas de Generino dos Santos).

"Terminada a modesta cerimonia (escreve T. Mendes, p. 50), o Sr. J. Moreira Junior, Professor da Escola Wenceslau Braz e do Lyceu de Artes e Officios, entregou-nos o cartão, por si e o Sr. Modestino Kanto pela Sociedade Propagadora das Bellas Artes e Lyceu de Artes e Officios.

Tambem entregou-nos o seu cartão o Pintor Marques Junior, por si e pelo Dr. José Mariano Filho, presidente da Sociedade Brazileira de Bellas-Arteas."

"No mesmo dia 3 de Outubro corrente recebemos pelo correio a seguinte carta, pósta na Avenida Central, a 2 do mesmo mez (Outubro de 1924):

(*Cópia.*)

8, rua Dr. Barbosa da Silva, Estação de Riachuelo.

Rio de Janeiro, em 2 de Outubro de 1924.

Exmo. Snr. Raymundo Teixeira Mendes,

Nesta.

Occupações inesperadas obrigam-me a não comparecer, amanhã, a inauguração do mausoleo do inesquecivel estatuario brazileira Almeida Reis.

E' do meu dever fazer-lhe esta communicação, esperando de sua bondade me relevará.

Creia-me deveras

Muito seu,

LUDOVICO BERNA."

Encerra-se esta 2.ª parte, com a transcrição dos seguintes documentos, confórme cópias dadas por Teixeira Mendas, á pg. 4, 5 e 7 do op. citado:

(*Cópia.*)

8, rua Dr. Barboza da Silva, "Estação de Riachuelo".

Rio, em 17 de Maio de 1924.

Exmo. Snr. Dr. Teixeira Mendes.

Apertando-lhe a mão muito cordialmente, felicito pelo nobre gesto, adquirindo o túmulo onde se acha subjectivamente o nosso patricio, o inesquecivel estatuario Almeida Reis. Sendo nomeado para fazer parte da Commissão que em nome do Conselho Superior de Bellas Artes (em data de 14 do andante), disse estas breves palavras:

"Sr. presidente, muito me desvanece haver sido nomeado por este Conselho para com os outros collegas levar uma corôa de louros ao túmulo de Almeida Reis, cujo apreço merecí em vida, posso dizer que foi mais do que um artista, foi um douto."

A sua compra é um acto que summamente desvanece a classe á qual me honro de pertencer — porque é de um patriota e de um homem de bem — embora suspeito pela bondade com que retribue a grande consideração e estima que de longa data lhe retribúem os seus compatriotas.

Creia-me deveras

Muito seu

cathedratico LUDOVICO BERNA."

(*Cópia.*)

(*Armas da Republica.*)

ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1924.

Exmo. Sr. Raymundo Teixeira Mendes.

A Commissão abaixo assignada tem a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que o Conselho Superior de Bellas Artes, em sessão de 16 do corrente, approvou, por unanimidade, a proposta de um dos seus membros, para que o mesmo Conselho incorporado fosse em romaria ao jazigo do estatuario Candido Caetano de Almeida Reis, que por iniciativa de V. Ex. foi erigido no cemiterio de S. Francisco Xavier desta cidade.

A referida proposta comprehendia ainda, fosse enviado a V. Ex. um officio de congratulações e profundo agradecimento pelo gesto nobre e desinteressado com que V. Ex. soube tirar do injusto olvido a memoria de um dos mais illustres artistas patricios.

Assim, pois, é animada dos mais elevados sentimentos de respeito e consideração por V. Ex. que a commissão vem desobrigar-se d'aquella incumbencia, expressando, por meio deste, o reconhecimento do Conselho Superior de Bellas Artes; e tambem de todos os artistas aos quaes a lembrança de V. Ex. tanto vem sensibilizar e prestigiar.

Com a mais elevada estima e consideração se subscreve

A Commissão:

RODOLPHO AMOÊDO
JOSÉ O. CORRÊA LIMA.

Acompanhava este officio um exemplar do *Regimento interno do Conselho Superior de Bellas Artes e das Exposições geraes.*

O ESTATUÁRIO ALMEIDA REIS

(*Cópia.*)

Rio, 8 de S. Paulo de 70/136 (27 de Maio de 1924.)

Exmos. Snrs. Rodolpho Amoêdo
e José O. Corrêa Lima.
Professores da Escola Nacional de Bellas Artes, e
Membros do Conselho Superior de Bellas Artes.

Escola Nacional de Bellas Artes,

Capital Federal.

Vimos confirmar-vos o agradecimento que, no domingo 25 de Maio corrente, mesmo, á tarde, vos testemunhámos, no Templo da Humanidade, quando tivestes a bondade de entregar-nos, na qualidade de membros da Commissão do Conselho Superior de Bellas Artes, o officio de congratulações pela erecção do jazigo do saudoso esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. Esperamos, em breve, explicar publicamente as deploraveis circunstancias que adiaram até agora o cumprimento deste dever social. Verificareis então que apenas temos o consolo de haver contribuido, tanto quanto acreditamos possivel, para a reparação de uma dolorosissima falta, cuja responsabilidade nos cabe tambem individualmente.

Com os nossos agradecimentos aos actuaes Membros do Conselho Superior de Bellas Artes, e a vós especialmente, renovamos os votos para que o exemplo de Almeida Reis patenteie aos artistas brazileiros que, na Religião da Humanidade, fundada, sob a angelica inspiração de Clotilde de Vaux, por Augusto Comte, se encontram, d'oravante, as satisfações dos mais alevantados ideaes esthéticos, inseparaveis da regeneração moral e politica, sob o ascendente da fraternidade universal.

Vosso no Amor, na fé, e no serviço da Humanidade.

R. Teixeira Mendes.

120, rua Benjamin Constant.

TERCEIRA PARTE

O Estatuário Brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis e suas relações com a Igreja Positivista do Brasil.

Candido Caetano de Almeida Reis
(Data incérta)
Rio. Fot. Poluceno & Bennassi.

O ESTATUÁRIO ALMEIDA REIS

Extractos da publicação n. 5 do anno 70/136 — 1924 (sahida em 1925) da Igreja Positivista do Brasil, intitulada: "O esculptor brasileiro Candido Caetano de Almeida Rego e as suas relações com a Igreja Positivista do Brasil. (Tardio desempenho, infelizmente, incompleto, de um dever religioso)."

1: — "Na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, de sexta-feira 18 de Abril p.p. (1924), na parte destinada ás communicações de ceremonias funebres, publicamos o seguinte:

> "A memoria de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis e de seu esposo o esculptor brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis.
>
> "Amanhã, sexta-feira, 18 de Abril corrente (1924), trigesimo quinto anniversario da morte do esculptor brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis, realizar-se-ha, ás tres horas da tarde no cemiterio de S. Francisco Xavier, desta cidade, a trasladação dos restos mortaes do mesmo esculptor, do OSSARIO PROVISORIO do referido cemiterio, para o jazigo perpetuo, no terreno n. 1.843, adquirido, para esse jazigo, a 23 de Setembro de 1903, pelo marmorista Luiz Rossi Junior, fallecido a 31 de Julho de 1912, sem ter sido executado o jazigo.

"O jazigo só tendo ficado erigido, hoje, ás seis horas da tarde, serão expostas, em proxima publicação, as deploraveis circumstancias que occasionaram o tardio cumprimento desse dever social.

"Rio, 24 de Archimedes de 70/136 (17 de Abril de 1924).

"R. TEIXEIRA MENDES.
"120, Rua Benjamin Constante." (1)

2: — "Eis as deploraveis circumstancias que occasionaram tamanha demora no cumprimento, infelizmente incompleto, do dever religioso de erigir um jazigo onde fossem recolhidos os restos mortaes de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis e do seu esposo, o esculptor Candido Caetano de Almeida Reis.

"O esculptor Candido Caetano de Almeida Reis falleceu a 18 de Abril de 1889, com cincoenta annos de idade, nesta cidade, á rua do Lavradio, n. 47, viuvo de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, morta com trinta e quatro anos de idade, a 21 de Março de 1876, á rua dos Arcos n. 49.

.....

"Almeida Reis foi sepultado, a 19 de Abril, dia seguinte á morte, no carneiro n. 1.833 no Cemiterio de S. Francisco Xavier.

"Na sua *Nona Circular annual* (anno de 1889), publicada em Maio de 1891, Miguel Lemos refere-se á morte de Almeida Reis, nos termos acima transcriptos.

---

(1) Pag. 3 da publicação citada.

"Temos tambem que deplorar a morte do Snr. Almeida Reis, um esculptor de merito, que, comquanto não fosse completamente positivista, tinha pela nossa religião as mais vivas sympathias. Seguia com crescente interesse o nosso desenvolvimento e mais de uma vez concorreu com os seus trabalhos para enriquecer a nossa collecção artistica. E' assim que lhe devemos um bello busto de Danton, um pouco maior que o tamanho natural, e uma linda estatueta da Humanidade, relembrando os traços de Clotilde de Vaux. A recordação deste amigo e dos seus generosos dons ficará para sempre ligada á historia da nossa vida collectiva.

"Na sua *Quinta Circular annual* (anno de 1885), publicada em Junho de 1887, Miguel Lemos menciona que, a 28 de Outubro de 1885, fôra inaugurado, na Séde da Igreja Positivista do Brasil, então na travessa do Ouvidor, n. 7, hoje rua Sachet, n. 9, um busto de Danton, executado e offerecido por Almeida Reis. E accrescenta: "Achar-se-ão em uma pequena brochura, publicada logo depois, as palavras que pronunciei nessa occasião, seguidas de uma poesia do Sr. Montenegro e de uma bibliographia dos trabalhos modernos sobre o grande convencional. Fiz preceder tudo de uma curta noticia, em francez, para os nossos confrades que não lêem portuguez." (Publicação n. 48 da Igreja Positivista do Brasil, p. 14).

"A brochura a que se refere Miguel Lemos fórma a publicação n. 26 da Igreja Positivista do Brasil, e tem por titulo: *Inauguração de um busto de Danton, realizada na Séde do Centro Positivista, a 21 de Descartes de 97 (28 de Outubro de 1885)*. Essa brochura acha-se

exgotada. Vamos reproduzir os topicos do discurso de Miguel Lemos, relativos a Almeida Reis:

"Graças á liberalidade de um dos nossos mais eminentes artistas, podemos hoje inaugurar em nossa séde o busto de Danton que se acha deante de vós.

.....

"O distincto artista, que tão generosamente nos opulenta hoje com esta produção do seu engenho, comprehendeu de certo este laço especial que une os discipulos de Augusto Comte á memoria de Danton, quando pensou em offertar-nos a sua veneranda imagem. A dadiva demonstra, ao mesmo tempo, quanto o Positivismo, ao contrario do que por ahi repetem os insipientes, é capaz de despertar as sympathias estheticas e guiar a inspiração dos verdadeiros artistas.

.....

"O Sr. Almeida Reis sentiu esse novo impulso que combinando-se com as recordações que evoca a approximação do centenario da grande revolução, levou-o a escolher o grande patriota francez para *o assumpto de uma idealização de que este busto é apenas um primeiro estudo.* (Grypho desta transcripção).

.....

"Seja como fôr, o busto que hoje inauguramos, ao passo que nos enriquece com mais uma representação que lembra os serviços immortaes do mais eminente dos chefes politicos da Revolução Franceza, é um seguro penhor dessa afinidade do Positivismo com a verdadeira Arte.

.....

"O trabalho do Sr. Almeida Reis representa um esforço feliz no sentido de resolver este problema esthetico (a idealização da imagem verdadeira de Danton). *Comquanto elle não conhecesse a pintura authentica de David,* aproveitando os traços fundamentaes que os retratos communs conservam, soube modificar a expressão delles de accôrdo com os estudos que regeneraram a vida publica e privada de Danton, e dar á physionomia do grande tribuno os attributos de sua alma e do seu papel.

"Nesse busto está retratada a coragem terrivel e irresistivel que distingue o organizador da defeza nacional em 1793, e ao mesmo tempo, fulgura ahi a irradiação dos grandes sentimentos que impulsaram essa energia sem par.

"Demos, pois, os parabens á Arte brasileira, que hoje póde ostentar mais este testemunho dos destinos florescentes que a aguardam, e, nós, positivistas, a quem o talentoso artista brindou com tão grata e espontanea dádiva agradeçamos-lhe o valoroso mimo, fazendo votos para que a nova doutrina continue a inspirar cada vez mais os seus esforços estheticos, até que uma identificação completa o torne um fiel discipulo daquelle que é, como disse Dante, de Aristoteles:

"Il maestro di color chi sanno"

E, na *Notice pour nos confrères des autres parties de l'Occident,* Miguel Lemos diz:

"Le 21 Descartes de cette année (28 Octobre) nous avons inauguré au siège du Centre Positiviste du Brésil, un grand et beau buste de Danton, qui nous a été offert par son auteur, M. Almeida Reis, un des principaux artistes de notre pays.

.....

"Le buste de M. Almeida Reis est un effort dans cette nouvelle direction (a idealização da imagem verdadeira de Danton). *Quoique ne connaissant pas la peinture de David,* il a assez étudié son héros aux sources pures des travaux de notre école, pour concevoir un Danton vrai, c'est-à-dire tout-à-fait digne du jugement prononcé sur lui par Auguste Comte: *"Le seul homme d'état dont l'Occident puisse s'honorer depuis Frédéric"*. Tout en conservant les traits fondamentaux de la physionomie de Danton, il a su donner à cette belle et imposante tête l'expression harmonique des deux grands attributs qui caracterisaient ce géant révolutionnaire: énergie et bonté.

"Ce buste n'est du reste que le premier pas vers une idéalisation plus considérable, — une statue de Danton, — que M. Almeida Reis se propose de faire pour le centenaire de la *Revolution Française*".

.....

"Quanto ao *retrato de Danton pintado por David, de que era proprietario o Dr. Robinet,* retrato a que se refere Miguel Lemos, e que, como elle diz, teve occasião de ver, em Paris; — Miguel Lemos observa, na nota da p. 15 da sua *Sétima Circular annual* (anno de 1887), segunda edição, sahida em 1902: "Il a été reconnue depuis la non authenticité de ce portrait."

"Ultima estrophe da poesia "DANTON. Ao estatuario Almeida Reis", recitada pelo nosso confrade Mon-

tenegro Cordeiro, por occasião da inauguração do busto de Danton, na Séde da Igreja Positivista do Brasil:

.....

"Foste feliz, artista,... Este devia
Ser o olhar que por nós se illuminava;
Esta a boca que só por nós rugia
Em meio ás convulsões da turba escrava;
Esta a cabeça que por nós sentia;
Esta a cabeça que por nós pensava;
Este o Danton, heroe da liberdade
Que tudo fez a bem da Humanidade.

"E' este busto que preside ás celebrações de 14 de Julho, todos os annos, no Templo da Humanidade, no Rio de Janeiro.

"As relações positivistas de Almeida Reis, de que tenhamos noticia, começaram em principios de 1880, quando o procuramos para encommendar-lhe o busto de Camões, que elle executou, e que presidiu á *Commemoração brasileira do Tricentenario da morte do Epico da nossa raça*, a 10 de Junho de 1880. Foi assim o primeiro artista brasileiro que se approximou do Positivismo.

"Nessa época Almeida Reis já tinha o seu atelier, no antigo Largo do Paço, hoje Praça 15 de Novembro, na sala ao rés do chão, do Paço, correspondente á porta grande, defronte da qual foi, posteriormente, levantada a estatua do General Osorio.

"Como acontece frequentemente, em nossos dias, essas cordiaes relações da vida publica nunca se extenderam á vida privada. E muito nos pesa, e pesará para

sempre, que a falta de visitas á sepultura de Almeida Reis nos tivesse privado do ensejo de providenciar, em tempo opportuno, para o actual testemunho de gratidão religiosa, que nos levou só agora tambem a colher informações biographicas sobre Almeida Reis e sua Esposa. Foi assim que o nosso confrade Sylvio Vieira Souto encontrou a 18 de Março p.p. (1924), na Igreja do Santissimo Sacramento, graças á benevolencia do Revmo. Cura Sr. Conego Julio Vimeney, os documentos relativos ao casamento de Almeida Reis. Desses documentos, extrahiu o Sr. Sylvio Vieira Souto os seguintes dados:

"D. Eugenia Julia de Oliveira Reis nasceu a 13 de Novembro de 1841, e foi baptizada na Freguezia de Santa Rita. E' filha de D. Maria Julia de Oliveira e do Sr. Manuel Alves da Silva e Oliveira. Casou-se com Candido Caetano de Almeida Reis, em 1875, na Matriz do Engenho Velho, com licença do Cura do Santissimo Sacramento.

"Candido Caetano de Almeida Reis nasceu em 3 de Outubro de 1838, na Freguezia do Santissimo Sacramento, e nella foi baptizado. E' filho de D. Quintilia Joaquina da Piedade e de Caetano Manuel Reis.

"A 21 de Abril de 1894, foram exhumados os restos mortaes de Almeida Reis e ficaram guardados em um dos depositos de ossos do mesmo Cemiterio de São Francisco Xavier. Era então Administrador do Cemiterio o Sr. Antonio Carlos Pereira, que exerceu esse cargo até Fevereiro de 1898, quando veiu ser Administrador do Cemiterio de S. João Baptista.

"De Fevereiro de 1898 até Abril de 1904 occupou o logar de Administrador do mesmo Cemiterio de São Francisco Xavier, o Sr. Joaquim Fernandes da Costa. No ultimo anno de sua Administração, a 23 de Setem-

bro de 1903, nove annos e cinco mezes depois da exhumação dos restos de Almeida Reis, o marmorista Luiz Rossi Junior adquiriu um terreno perpetuo de dezeseis palmos quadrados, no mesmo Cemiterio de S. Francisco Xavier, para o jazigo de Almeida Reis. Esse terreno tomou o numero 1.843.

"Porém o jazigo projectado não tendo sido eregido, os restos mortaes de Almeida Reis continuaram em um dos depositos de ossos do mesmo Cemiterio, até 14 de Fevereiro p.p. (1924), á vista do regulamento dos Cemiterios publicos desta Cidade por tolerancia dos Administradores.

"A 26 de Abril de 1904 foi o Sr. Joaquim Fernandes da Costa substituido interinamente pelo Ajudante Sr. João Henrique dos Santos, até 22 de Janeiro de 1907. No dia seguinte, 23 de Janeiro de 1907, foi este substituido pelo Major Felix Moreira que exerceu o lugar de Administrador até 11 de Agosto de 1908. Succedendo-lhe a 12 de Agosto de 1908, interinamente, o Sr. Manuel Fernandes Machado Junior, até 23 de Março de 1909. A 24 de Março de 1909 assumiu a administração o Sr. Major José Modesto Bezerra Cavalcante, que se conserva até hoje.

"Em 21 de Abril de 1894, quando foram exhumados os restos mortaes de Almeida Reis, era Feitor dos coveiros do Cemiterio S. Francisco Xavier, o Sr. João Manoel de Almeida. Até agora, foi essa funcção exercida successivamente pelos Srs. Francisco Joaquim Mendes, Silverio da Cunha, José da Cunha Meco, João José Ribeiro, Manuel Pinheiro, e João Ribeiro. Pela natureza da sua funcção, a guarda dos restos mortaes recolhidos aos depositos de ossos do Cemiterio, fica na dependencia immediata da humanidade desses funccionarios. E', pois, como testemunho de gratidão social que recordamos os nomes dos que contribuiram espontaneamente para a conservação até agora dos restos de Almeida Reis, em um dos depositos de ossos do Cemi-

terio de S. Francisco Xavier. Infelizmente circumstancias analogas não permittiram conservar da mesma sorte os restos mortaes de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, até que pudessem ser recolhidos ao jazigo de seu esposo.

"Luiz Rossi Junior falleceu a 31 de Julho de 1912. Quasi tres annos depois, a 8 de Abril de 1915, o nosso correligionario Dr. Generino dos Santos, amigo particular de Almeida Reis, por cujo intermedio entrara em relação com Luiz Rossi Junior, requereu ao Provedor da Santa Casa de Misericordia, Dr. Miguel de Carvalho, que, desde Julho de 1902 exerce esse cargo, permissão para construir o jazigo de Almeida Reis, no terreno perpetuo n. 1.843, adquirido para esse fim pelo marmorista Luiz Rossi Junior. Nesse requerimento, segundo nos informa o Dr. Generino dos Santos, elle dizia: "pedindo, outrosim, me sejam relevados quaesquer emolumentos a pagar, em se tratando de um artista reconhecidamente illustre, que fez donativos de diversos trabalhos seus ao Estado e morreu na mais desoladora pobreza".

"A 16 de Abril do mesmo anno 1915, o Dr. Generino dos Santos requereu que se substituisse, por outro mais conveniente o local designado para o jazigo de Almeida Reis.

"A 22 de Maio do mesmo anno 1915 fez o Dr. Generino dos Santos um terceiro requerimento, pedindo a reconsideração do despacho dado ao requerimento anterior. Esse requerimento obteve, a 23 de Setembro do mesmo anno 1915, o seguinte despacho: *"Sim, fazendo-se a construcção no ponto que determinei"*.

"Tudo isso consta dos Archivos da Santa Casa da Misericordia e do Cemiterio S. Francisco Xavier.

"Depois desse despacho, diversos incidentes impediram o Dr. Generino dos Santos de construir o jazigo para recolher os restos mortaes de Almeida Reis, segundo o projecto que o Dr. Generino dos Santos combinara com o artista nosso correligionario Sr. Eduardo de Sá.

"Nós ignoravamos todos esses factos occorridos depois da morte de Almeida Reis, quando a celebração no Templo da Humanidade, em Fevereiro p.p. (1924), do Quarto Centenario do nascimento de Luiz de Camões, veiu recordar o concurso que Almeida Reis havia prestado para a commemoração do Terceiro Centenario subjectivo do Epico da nossa raça, a 10 de Junho de 1880. O nosso confrade Sylvio Vieira Souto ponderou então a opportunidade de ser trasladado para o Templo da Humanidade o busto de Luiz de Camões que Almeida Reis executara por occasião da commemoração de 10 de Junho de 1880.

"Esse busto achava-se na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, para onde havia sido levado, em procissão sociolatrica, pela mocidade das escolas superiores, a 12 de Junho do mesmo anno 1880, após a commemoração brasileira de 10 de Junho de 1880; afim de ahi ser guardado até que as circumstancias permittissem a construcção de um templo positivista.

"Nesse intuito o nosso confrade José Mariano de Oliveira, como representante da Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil, dirigiu ao Ministro de Estado dos Negocios do Interior, Dr. João Luiz Alves, um requerimento pedindo a mencionada restituição. Esse requerimento foi entregue na Secretaria do Inte-

rior, com os documentos que o fundamentavam, na sexta-feira 8 de Fevereiro p.p. (1924). E, para que o busto presidisse á Commemoração que devia realizar-se no domingo 10 de Fevereiro p.p. 1924), o Dr. João de Oliveira Pereira Junior, Director do Gabinete do Ministro do Interior e Justiça, attendendo a essa ponderação que lhe foi apresentada pelo nosso confrade Amaro da Silveira, consentiu na entrega do busto, a titulo precario, mediante recibo passado por mim, até que o requerimento obtivesse o despacho definitivo do cidadão Ministro do Interior e Justiça, Dr. João Luiz Alves. Nesse sentido, dirigiu o Dr. João de Oliveira Pereira Junior uma carta ao Director Interino da Bibliotheca Nacional, Dr. Mario Bhering.

"Em vista dessa resolução, o busto de Camões, executado por Almeida Reis, e que presidira, a 10 de Junho de 1880, á Commemoração brasileira do Tricentenario subjectivo de Luiz de Camões, foi trasladado para o Templo da Humanidade, no sabbado 9 de Fevereiro de 1924, cerca das 4 horas e meia da tarde. (Vide na secção ineditorial do *Jornal do Commercio* de domingo 10 de Fevereiro de 1924, o artigo que publicamos a este respeito, e reproduzimos nos *Annexos* desta publicação).

"A *entrega definitiva* do busto de Camões foi feita, á Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil, representada pelo nosso confrade José Mariano de Oliveira, a 18 do mesmo mez de Fevereiro de 1924, em obediencia ao Aviso n. 274 do cidadão Ministro da Justiça e Negocios do Interior, Dr. João Luiz Alves, dirigido á Directoria da Bibliotheca Nacional, conforme consta da Acta dessa data lavrada pelo Sr. Alfredo

Mariano de Oliveira, e assignada pelo Srs. Mario Bhering, Director Geral interino, e J. Mariano de Oliveira.

"Nessa mesma tarde de sabbado 9 de Fevereiro p.p. (1924), procuramos recordar as relações de Almeida Reis com a Igreja Positivista do Brasil. Então o nosso confrade Sylvio Vieira Souto telephonou ao Dr. Generino dos Santos, para saber precisamente a data do fallecimento de Almeida Reis; e, á vista da resposta do Dr. Generino dos Santos, telephonou para a Secretaria do Cemiterio de S. Francisco Xavier. Foi benevolamente attendido pelo Sr. João Carlos Pereira, porteiro da mesma Secretaria, o qual informou sobre a data da exhumação de Almeida Reis, sem saber dizer si os restos mortaes de Almeida Reis ainda se conservavam em um dos depositos de ossos do referido Cemiterio. Soubemos, mais tarde, que o Sr. João Carlos Pereira é filho do Sr. Antonio Carlos Pereira, que era o Administrador do Cemiterio S. Francisco Xavier, quando, em 1894, fôram exhumados os restos de Almeida Reis.

"Sorpreendidos dolorosamente por essas primeiras informações, e urgidos pelo caso, acreditamos, como era natural, que o juizo de Miguel Lemos, acima transcripto, nos impunha, na qualidade de mais antigo dos actuaes membros da Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos, o dever de promover, por parte da mesma Igreja, e sem mais demora, a construcção do jazigo de Almeida Reis.

"O nosso confrade Amaro da Silveira responsabilizou-se pelas despezas no desempenho desse dever, sem apresentar restricção alguma ao seu concurso. Porém, é claro que a sua contribuição não excluia outras que fossem trazidas espontaneamente. Applicamos, assim, a esse destino, o donativo espontaneo de quinhentos mil réis (500$000), que o nosso confrade Octavio Car-

neiro nos transmittiu, a 14 de Fevereiro p.p. (1924), da parte do nosso amigo engenheiro Sr. Saturnino de Brito, para que o applicassemos conforme julgassemos conveniente.

"Tivemos posteriormente ensejo de communicar essa applicação ao Sr. Saturnino de Brito. E, depois demos o mesmo destino ao donativo espontaneo, tambem de quinhentos mil réis (500$000), que, a 1.º de Agosto p.p. (1924), nos transmittiu igualmente o nosso confrade Octavio Carneiro por parte do Sr. Saturnino de Brito, afim de que applicassemos tal quantia, segundo melhor nos parecesse, como se a recebessemos do nosso saudoso filho Sipriano Godofredo.

"Demos, pois, immediatamente, os passos para obter os esclarecimentos indispensaveis, fornecidos, uns pelo Dr. Generino dos Santos, outros constantes dos Archivos da Santa Casa de Misericordia e do Cemiterio de S. Francisco Xavier. De sorte que, a 13 de Fevereiro p.p. (1924), podemos dirigir, de accordo com o Dr. Generino dos Santos, ao Provedor da Santa Casa da Misericordia o seguinte requerimento.

"*Copia.*

"Snr. Provedor da Santa Casa da Misericordia.

"A 18 de Abril de 1889, falleceu, com 50 annos, nesta cidade, á rua do Lavradio n. 47, o esculptor brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis, viuvo de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, morta a 21 de Março de 1876 com 34 annos. O esculptor Candido Caetano de Almeida Reis foi sepultado no dia seguinte á morte (19 de Abril de 1889) no carneiro n. 1.833 do Cemiterio de S. Francisco Xavier. Foi exhumado a 21 de Abril de 1894 e os seus restos ficaram guardados no mesmo Cemiterio.

"Em 23 de Setembro de 1903, o marmorista Luiz Rossi Junior adquiriu um terreno perpetuo de dezeseis palmos quadrados para recolher os restos mortaes do

esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. Esse terreno tomou o numero 1.843.

"A 8 de Abril de 1915, o Sr. Generino dos Santos requereu para construir nesse terreno o jazigo destinado a recolher os restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis.

"A 16 de Abril do mesmo anno (1915) o Sr. Generino dos Santos requereu que se substituisse, por outro mais conveniente, o local designado para o jazigo do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis.

"A 22 de Maio do mesmo anno (1915) fez o Sr. Generino dos Santos um terceiro requerimento, pedindo a reconsideração do despacho dado ao requerimento anterior. Esse requerimento obteve, a 23 de Setembro do mesmo anno (1915) o seguinte despacho: "Sim, fazendo-se a construcção no ponto que determinei".

"Tudo isso consta do Archivo da Santa Casa da Misericordia.

"Depois desse despacho, diversos incidentes impediram até hoje, que o Sr. Generino dos Santos executasse o seu projecto de construir o jazigo para recolher os restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis.

"Só no sabbado ultimo, 9 de Fevereiro corrente (1924), tivemos as primeiras informações sobre os factos acima lembrados, consecutivos á morte do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. Essas primeiras informações foram obtidas, no referido sabbado, á tarde, 9 de Fevereiro corrente (1924), pelo Sr. Sylvio Vieira Souto, a quem informaram (1) então do Cemiterio de S. Francisco Xavier, pelo telephone, que os

---

(1) Respondeu ao Sr. Sylvio Vieira Souto, que telephonara, cerca de 6 hs. da tarde, para o Cemiterio S. Francisco Xavier, pedindo informações sobre as datas da inhumação e da exhumação do escultor Almeida Reis, e bem assim, sobre o destino dos restos de Almeida Reis, o porteiro da Secretaria do mesmo Cemiterio, Sr. João Carlos Pereira, e deu as informações mencionadas. — Nota desta cópia. — R.T.M.

restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis haviam sido exhumados, e que os restos tinham sido então guardados no Cemiterio; não se tendo verificado si os referidos restos ainda estavam guardados no mesmo cemiterio.

"Depois dessas primeiras informações, soubemos, no domingo, á tarde, 10 de Fevereiro corrente (1924), pelo Sr. Generino dos Santos, que o marmorista Luiz Rossi (sic) adquirira um terreno perpetuo para o jazigo do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis, sem lembrar-se do anno. O Sr. Generino dos Santos informou-nos na mesma occasião dos passos que havia dado, em 1915, para a construcção do jazigo, nesse terreno, que emfim foi designado á direita da entrada do Cemiterio de S. Francisco Xavier, nas proximidades do monumento levantado aos marinheiros do "Lombardia" pelo Governo Italiano.

"Nesse mesmo domingo, 10 de Fevereiro corrente (1924), á tarde, fomos ao Cemiterio de S. Francisco Xavier, e ahi entendemo-nos com o Sr. Eliezer Macedo, ajudante do administrador, que, apezar de sua bôa vontade, não pôde então achar o nome do Sr. Luiz Rossi (sic) no livro dos concessionarios de terrenos perpetuos, visto que não sabiamos então o anno da concessão. Tambem não se pôde verificar si os restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis estavam ainda depositados no Cemiterio de S. Francisco Xavier.

"Na segunda-feira seguinte, 11 de Fevereiro corrente (1924), fomos á Secretaria da Santa Casa de Misericordia, e o Sr. Manuel de Barros Medeiros teve a benevolencia de encarregar o Sr. Odillir de Souza e Silva de fazer as pesquizas para as informações acima indicadas; o que o Sr. Odillir de Souza e Silva effectuou com real solicitude. Na mesma occasião, o Sr. Mariano de Brito teve tambem a bondade de dar-nos as infor-

mações constantes do attestado de obito do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis.

"Obtidas essas informações, fomos, na mesma tarde, de segunda-feira, 11 de Fevereiro corrente (1924), logo que pudemos, ao Cemiterio de S. Francisco Xavier e falamos com o Sr. Raul Rocha Freire, segundo escripturario, a quem expuzemos o que acabavamos de saber na secretaria da Santa Casa de Misericordia, e lhe pedimos que nos permittisse ir verificar si a lata com os ossos do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis achava-se ainda no deposito do Cemiterio. O Sr. Raul Rocha Freire verificou nos livros respectivos, o que havia sobre a inhumação do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis, a 19 de Abril de 1889; a exhumação a 21 de Abril de 1894; e a guarda dos restos no deposito; a concessão a 23 de Setembro de 1903 do terreno perpetuo ao Sr. Luiz Rossi Junior, sob o numero 1.843, para o jazigo do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis; os requerimentos do Sr. Generino dos Santos, em Abril e Maio de 1915, para a construcção do jazigo no referido terreno. Depois encarregou o Sr. João Ribeiro, feitor dos coveiros, de mostrar-nos as latas com restos mortaes existentes em um deposito, afim de ver si ahi se encontrava a que contem os restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. Não estava lá a lata com os restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. A vista disto, o Sr. Raul Rocha Freire, observou-me que era melhor, em vez de dar então uma busca em outro deposito, que eu voltasse, em occasião em que estivesse o Sr. Administrador do Cemiterio, com quem o Sr. Generino dos Santos tinha estado em 1915, tratando do jazigo projectado.

"Voltamos terça-feira, 12 de Fevereiro corrente (1924), á Secretaria do Cemiterio de S. Francisco Xa-

vier e falámos ao Sr. Administrador, Major José Modesto Bezerra Cavalcante, que se apressou em providenciar para verificar si ainda estava no deposito de restos mortaes, a lata contendo os restos mortaes do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. Assistimos essa busca, que foi effectuada pelo feitor de coveiros Sr. João Ribeiro e o ajudante de coveiro Sr. Affonso Moreira; felizmente encontrou-se uma lata na qual se faz sentir de maneira dolorosa a acção do tempo aggravada pelas fatalidades humanas; porém que se tornou uma reliquia sagrada insubstituivel á vista do destino que teve. Na tampa sôlta está a inscripção exterior manuscripta "Almeida Reis", collada sobre outra inscripção antiga, que não pudemos ler, e dentro na mesma tampa está a indicação "N. 1.833" correspondente ao carneiro onde fôra inhumado o esculptor Candido Caetano de Almeida Reis.

"Nestas condições, communicámos ao Sr. Administrador que iamos solicitar que a lata com os restos do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis passasse a ser conservada no "Ossario temporario" do mesmo Cemiterio de São Francisco Xavier, emquanto se construisse, no terreno perpetuo adquirido pelo marmorista Luis Rossi Junior o jazigo destinado aos restos do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis; jazigo que a Igreja Positivista do Brasil ia construir, com o consentimento do Sr. Generino dos Santos.

"Depois desses esclarecimentos procurámos saber a data do fallecimento de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, Esposa do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis, e onde se achavam os restos mortaes de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, na esperança de obter que esses restos mortaes fossem reunidos, no mesmo jazigo, aos do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis. Nesse intuito, por indicação do Sr. Generino dos Santos, dirigimo-nos ao Sr. João Silva, o qual teve a

benevolencia de attender ao nosso pedido, tomando para satisfazel-o as providencias necessarias. De sorte que hoje, 13 de Fevereiro corrente (1924), desde a manhan, pôde verificar-se que D. Eugenia Julia de Oliveira Reis falleceu a 21 de Março de 1876 e fôra inhumada no carneiro n. 119 do Cemiterio de S. Francisco Xavier. Esse carneiro foi renovado, por um anno, em 24 de Maio de 1881. Infelizmente os restos mortaes da Sra. D. Eugenia Julia de Oliveira Reis foram ser consumidos no "Ossario Geral", em 7 de Agosto de 1888, sem que conste outra renovação depois da de 24 de Maio de 1881.

"A vista do exposto, na qualidade de mais antigo dos membros actuaes da Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos, venho solicitar-vos, de accordo com o Sr. Generino dos Santos, que seja concedida á referida Igreja, autorização para construir o mencionado jazigo; e bem assim que seja conservada, no *"Ossario provisorio"* a lata contendo os restos do esculptor Candido Caetano de Almeida Reis, emquanto se contsróe o referido jazigo no terreno perpetuo adquirido pelo marmorista Luiz Rossi Junior, para esse fim.

"Saúde e Fraternidade.

"Rio, 13 de Fevereiro de 1924.

R. Teixeira Mendes.

"Estou de accordo em que o jazigo que deverá ser erigido no terreno perpetuo adquirido pelo marmorista Luiz Rossi Junior no Cemiterio de S. Francisco Xavier, para recolher os restos mortaes do esculptor brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis, seja cons-

truido pela Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos.

"Rio, 13 de Fevereiro de 1924.

(Assignado) GENERINO DOS S.TOS

"Este requerimento foi por nós entregue na Secretaria da Misericordia, na manhan seguinte, quinta-feira 14 de Fevereiro p.p. (1924), e o Sr. Manuel de Barros Medeiros, Secretario interino, teve a benevolencia de consentir que satisfizessemos, antes do despacho do Sr. Provedor, a pequena despeza regulamentar (30$000), afim de que os restos mortaes de Almeida Reis passassem immediatamente a ser conservados no *Ossario provisorio* do Cemiterio de S. Francisco Xavier, durante seis mezes. Era o tempo que nos parecia, no maximo, necessario para aprontar-se o jazigo perpetuo. O Sr. Manuel de Barros Medeiros communicou ao Secretario do Cemiterio o cumprimento dessa condição regulamentar.

"Já haviamos obtido que o Sr. Luiz Cardoso de Oliveira, bombeiro, com officina na rua do Cattete numero 141, providenciasse para a feitura de uma lata de zinco destinada a conter a lata de zinco onde se achavam e deviam ficar os restos mortaes de Almeida Reis. O Sr. Luiz Cardoso de Oliveira encarregou desse trabalho o funileiro, seu empregado, Sr. Augusto Antonio do Nascimento, que o executou com a maxima presteza. De sorte que na mesma tarde de 14 de Fevereiro p.p. (1924), pudemos levar a nova lata de zinco para o Cemiterio de S. Francisco Xavier; e o Sr. Eliezer Macedo, Ajudante do Administrador, á vista do consentimento que lhe afirmamos ter do Sr. Administrador, encarregou o Feitor, Sr. João Ribeiro de col-

locar a lata contendo os restos de Almeida Reis, na lata que levamos. Desde então, a *dupla urna* assim formada, passou do deposito em que estava, para o *Ossario provisorio*.

"A 19 do mesmo mez de Fevereiro p.p. (1924), o Sr. Provedor deu o seguinte despacho ao requerimento supra:

"Deferido. O Sr. Administrador transferirá os restos do notavel esculptor para uma lata nova com todos os caracteristicos precisos á constatação em qualquer tempo da identidade dos restos."

"Sendo informado desse despacho, por benevola carta, de 21 de Fevereiro p.p. (1924), do Sr. Manuel de Barros Medeiros, dirigimos, no dia seguinte, ao Sr. Provedor da Santa Casa da Misericordia o requerimento abaixo:

"*Copia*:

"Sr. Provedor da Santa Casa da Misericordia.

"Em carta de hontem, 21 de Fevereiro corrente, o Sr. Manuel de Barros Medeiros teve a bondade de communicar-me o seguinte teôr do vosso despacho de 19 do mesmo mez de Fevereiro corrente, ao requerimento de 13 desse mesmo mez de Fevereiro corrente no qual solicitei-vos a autorização para a Igreja Positivista do Brasil poder construir o jazigo do esculptor Almeida Reis: — "Deferido. O Sr. Administrador transferirá os restos do notavel esculptor para uma lata nova com todos os caracteristicos precisos á constatação em qualquer tempo da identidade dos restos".

"Testemunhando-vos o nosso reconhecimento, humano e civico, por essa decisão, cumpre-nos informar-

vos que, no mesmo dia 14 de Fevereiro corrente em que teve entrada na Secretaria da Santa Casa da Misericordia, o meu requerimento, tendo obtido, pela benevolencia do Sr. Manuel de Barros Medeiros, que os restos mortaes do esculptor Almeida Reis ficassem depositados no *Ossario provisorio* do Cemiterio de S. Francisco Xavier, por seis mezes, levei a esse Cemiterio uma lata de zinco, *com a inscripção gravada*: "Restos Mortaes do Esculptor Brasileiro Candido Caetano de Almeida Reis"; para nella ser guardada a lata contendo os mencionados restos. Isso tinha ficado combinado, na vespera, 13 de Fevereiro corrente, com o Sr. Administrador, Major José Modesto Bezerra Cavalcante, visto haver eu ponderado ao Sr. Administrador desde 12 de Fevereiro corrente, quando ficou verificado acharem-se ainda os restos de Almeida Reis no deposito do Cemiterio de S. Francisco Xavier, — que não se devia mudar de lata, *por que esta se tornara uma reliquia sagrada;* que convinha que *essa lata fosse collocada com os ossos como estavam, dentro de outra, e que eu ia providenciar nesse sentido.*

"Quando cheguei ao Cemiterio de S. Francisco Xavier, com a lata nova, na quinta-feira 14 de Fevereiro corrente, quasi ás seis horas da tarde, não se achava na Secretaria, o Sr. Administrador; entendi-me com o Ajudante, Sr. Eliezer Macedo, que me disse não lhe haver o Sr. Administrador prevenido *que a lata que contem os ossos do esculptor Almeida Reis seria collocada em lata que eu ia trazer.* Porém, á vista da minha affirmação de haver eu combinado assim com o Sr. Administrador, o Sr. Eliezer Macedo encarregou o Feitor, Sr. João Ribeiro, de collocar a lata que contem os restos mortaes do esculptor Almeida Reis, na lata que eu levei. Assim foi feito pelo Sr. João Ribeiro, na minha presença, sendo a nova lata fechada com cadeado cuja chave conservei; e ambas as latas, — desse modo reunidas em *uma só urna dupla,* — foram postas sobre o

columbario do Ossario provisorio, á direita de quem entra.

"No nosso requerimento, tambem tivemos o ensejo de ponderar-vos que a lata em que estão os restos mortaes do esculptor Almeida Reis *tornou-se uma reliquia sagrada* INSUBSTITUIVEL, *á vista do destino que teve.* (Começo da p. 4).

"Do exposto, resulta que o intuito da providencia constante do vosso despacho: "O Sr. Administrador transferirá os restos do notavel esculptor para uma lata nova com todos os caracteristicos precisos á constatação em qualquer tempo da identidade dos restos", esse intuito, dizemos, já se acha executado, no que concerne ao digno resguardo dos restos como estavam conservados no Cemiterio de S. Francisco Xavier. De sorte que, actualmente, só cumpre erigir o jazigo onde sejam perpetuamente recolhidos os restos mortaes do esculptor Almeida Reis; o que esperamos ficará realizado em breve prazo.

"Solicito-vos, pois, que concedais a vossa ratificação ao que está feito.

"Saúde e Fraternidade.

"Rio, 22 de Fevereiro de 1924.

R. TEIXEIRA MENDES.

"Em carta de 23 do mesmo mez de Fevereiro p.p. (1924), recebida nesse dia tambem, o Sr. Manuel de Barros Medeiros teve a bondade de declarar-nos que "nenhuma duvida teria o Sr. Dr. Provedor, com quem opportunamente se entenderia, em approvar a providencia citada, e que antecipou o seu despacho sobre o caso".

"Quanto á execução do jazigo, ponderamos ao Dr. Generino dos Santos e ao Sr. Eduardo de Sá, a conveniencia do jazigo lembrar trabalhos de Almeida Reis, de modo a caracterizar a sua individualidade como esculptor. Nesse intuito, indicamos o bloco de granito que Almeida Reis preparou no carneiro perpetuo numero 2.082, do Cemiterio de S. João Baptista, onde foi sepultada, a 2 de Março de 1886, D. Izabel Maria Barbosa Teixeira de Souza, Esposa do nosso correligionario Dr. José Eduardo Teixeira de Souza, a qual uma morte subita arrebatara, aos vinte e quatro annos de idade. O Dr. José Eduardo Teixeira de Souza, fallecido a 22 de Outubro de 1922, jaz tambem nesse carneiro.

"O Sr. Generino dos Santos e o Sr. Eduardo de Sá acceitaram essa reflexão; e o Sr. Eduardo de Sá fez o projecto do actual jazigo, de cuja execução o nosso confrade Amaro da Silveira encarregou o marmorista Sr. Henrique Faccini.

"Uma lamentavel fatalidade impede de serem recolhidos, no mesmo jazigo, os restos mortaes de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, levados para serem consumidos no *Ossario Geral* do Cemiterio de S. Francisco Xavier, a 7 de Agosto de 1888. Só cabia, pois, tornar o jazigo de Almeida Reis o cenotaphio da sua *prezada e muito estimada Esposa,* como se lê no seguinte convite, publicado no *Jornal do Commercio* de 28 de Março de 1876, para a Missa do setimo dia da sua morte:

"Candido Caetano de Almeida Reis, D. Maria Julia de Oliveira, Caetano de Almeida Reis, José Alves da Silva Oliveira e sua mulher, João Alves da Silva Oliveira e sua mulher rogam ás pessoas de sua amizade o caridoso obsequio de assistirem á missa de setimo dia, que mandam celebrar na matriz do Santissimo Sacramento, hoje terça-feira 28 do corrente, ás 8 e meia ho-

ras, por alma de sua presada e muito estimada esposa, filha, nóra e irman: e por este acto de caridade confessam-se desde já agradecidos".

"(Publicado no *Jornal do Commercio* de terça-feira 28 de Março de 1876, p. 5, columna 7.).

"Com essa intenção de ser cenotaphio de D. Eugenia Julia de Oliveira Reis, é o jazigo de Almeida Reis encimado pela reproducção, em esmalte, da VIRGEM SIXTINA, de Raphael, analoga á gravura da participação da trasladação dos restos mortaes de Almeida Reis para o referido jazigo. Aos pés da Virgem-Mãe, sobre o esmalte, está a invocação.

"Vergine-Madre! Figlia del tuo Figlio!

(DANTE).

"Amen Te plus quam me, nec me nisi propter Te!"

(THOMAZ DE KEMPIS).

"Este esmalte foi executado no atelier photographico Alvarez e Oliveira, á rua da Carioca n. 6.

"A imagem da Virgem-Mãe domina a inscripção:

A' memoria de
D. Eugenia Julia
de Oliveira Reis
e de seu esposo
Candido Caetano
de Almeida Reis.

"Na parte posterior da base do jazigo, está indicado:

> O terreno perpetuo n. 1.843 para este jazigo foi adquirido, a 23 Setembro 1903, pelo marmorista Luiz Rossi Junior.

"Ambas essas inscripções foram gravadas (e pintadas, para facilitar a leitura, com tinta esmalte verde), depois da trasladação dos restos mortaes de Almeida Reis para o jazigo. Esse trabalho foi confiado ao marmorista Sr. João Faria, estabelecido á rua General Polydoro, n. 282, que encarregou da sua execução o marmorista Sr. Jacob Bergmann e o graniteiro Sr. Peter Pfister. Começado no sabbado 10 de Maio p.p. (1924), o serviço ficou concluido no sabbado seguinte 17 do mesmo mez de Maio (1924). (1)

.....

3: — "Emfim, para testemunhar a gratidão da Igreja Positivista do Brasil, foi posta, junto ao jazigo de Almeida Reis, embaixo, e á esquerda da face anterior, uma placa de bronze reproduzindo, em baixos relevos: a imagem da Humanidade, dominando o busto de Camões e o busto de Danton, executados por Almeida Reis, sob a inspiração positivista. Nessa placa, está gravado o trecho acima da *Nona Circular annual* de Miguel Lemos.

---

(1) Pags. 19 a 34 da citada publicação.

"Essa placa foi modelada em gesso pelo Sr. Jorge Soubre, e fundida em bronze pelo Sr. Victor Ornellas. (1).

.....

"Informações obtidas posteriormente á inauguração do jazigo de Almeida Reis, sobre o organista Paulo José de Souza e suas relações com a Familia Oliveira e a Familia Almeida Reis.

"Depois da inauguração do jazigo de Almeida Reis, em nossa visita de sexta-feira 7 de Novembro p.p. (1924), nos informou D. Margarida Maria Ferreira, que D. Belarmina Maria de Souza, filha do organista Paulo José de Souza residia na rua S. Francisco Xavier, e que a filha de D. Belarmina de Souza, Srta. Maria Nohemi de Souza, é professora na Escola Arcoverde, annexa á Matriz do Engenho-Novo. Nessa mesma tarde, fomos procurar, na Escola Arcoverde, a Srta. Maria Nohemi de Souza, afim de pedir-lhe informações sobre o seu avô, o organista Paulo José de Souza. Acolhido com benevolencia pela Srta. Maria Nohemi, ficamos de dirigir-nos, no dia seguinte, á Sra. sua Mãe D. Belarmina de Souza. De facto no sabbado 8 de Novembro p.p. (1924), a Sra. D. Belarmina Maria de Souza teve a bondade de nos receber e dar as informações, que forão depois, algumas, precisadas e completadas, já pelas pesquizas do nosso confrade Silvio Vieira Souto, já na segunda visita que tivemos a honra

(1) Pag. 35 da citada publicação.

de fazer a Sra. D. Belarmina de Souza, na quinta-feira 20 do mesmo mez de Novembro p.p. (1924). Essas informações forão communicadas a Sra. D. Margarida Maria Ferreira e a Sra. D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis, na visita que, em companhia do Sr. Sylvio Vieira Souto, tivemos a honra de fazer-lhe no domingo 7 de Dezembro corrente (1924). Eis, em resumo, essas informações.

"A Sra. D. Belarmina Maria de Souza é filha legitima do Maestro Paulo José de Souza e de Joana Maria da Silva. Seu pae, o Maestro Paulo José de Souza nasceu a 20 de Junho de 1828; ficou orfão de pae e mãe, aos sete annos de idade; e os paes delle tinhão relações muito intimas com os paes de Almeida Reis, que contribuiram para a criação de Paulo José de Souza, depois que este ficou orphão. Paulo José de Souza casou-se, aos dezesete annos de idade, com a Srta. Joanna Maria da Silva, que falleceu a 14 de Agosto de 1857. Assim, o Maestro Paulo José de Souza ficou casado cerca de doze annos. D. Belarmina de Souza nasceu a 21 de Dezembro de 1852.

"Paulo José de Souza, foi discipulo de musica de Francisco Manoel da Silva. O nosso confrade Sylvio Vieira Souto colheu os seguintes dados, na publicação de Amaro Cavalcante, *Noticia historica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes ao Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.* Imprensa Nacional 1898.

"Francisco Manoel da Silva fundou em 16 de Dezembro de 1833 a *sociedade de Beneficencia Musical,* de que ficou director em 28 de Abril de 1838. Criou então, um *Conservatorio* para o ensino gratuito de musica. O governo auxiliou essa iniciativa, e, pelo Decreto n. 496 de 21 de Janeiro de 1847, approvou o plano do *Conservatorio de Musica.*

"Em 1847, a commissão directora era composta de Francisco Manoel da Silva, presidente; Padre Manoel

Alves Carneiro, thesoureiro; Francisco da Motta, secretario.

"Foi-lhe dada nova organização pelo Decreto n. 1.541 de 26 de Janeiro de 1855, continuando com o duplo caracter particular e official. Foi annexado á *Imperial Academia de Bellas-Artes,* pelo Decreto n. 1.603 de 14 de Maio de 1855, e, por força do art. 3 dos estatutos por esse Decreto approvados, o *Conservatorio* passou a constituir a 5.ª secção da *Academia de Bellas-Artes.*

"Francisco Manoel falleceu a 18 de Dezembro de 1865. A 17 de Maio de 1842, foi nomeado Mestre da Capella Imperial, cargo que exerceu até a morte.

"Apezar das pesquizas do Sr. Rodolpho Amoedo, no Archivo da Escola de Bellas-Artes, e da benevolencia do Sr. Lima Coutinho, professor do Instituto Nacional de Musica, não foi possivel encontrar indicação alguma sobre a matricula de Paulo José de Souza, no *Conservatorio* e do curso que ahi tenha feito.

"O Sr. João Francisco, da Secretaria da Veneravel Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvario da Via Sacra, proporcionou benevolamente as seguintes informações ao nosso confrade Sylvio Vieira Souto:

"Copia.

"Illmos. Srs. Irmãos Corrector e Mais Membros da Administração da Veneravel Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvario da Via Sacra.

"Paulo José de Souza, Irmão e Organista desta Veneravel Ordem Terceira, vem respeitosamente solicitar a vossas caridades a sua aposentadoria, pois para ahi entrou no anno de 1861, na Administração do finado Irmão Corrector João Thomé.

"Contando mais de trinta e oito annos de serviço durante os quaes desempenhou seus deveres profissionaes com zelo e assiduidade; tanto que durante este

longo periodo só teve duas faltas, que foram justificadas, pois foi atacado de erisipela em caminho para os actos desta Igreja.

"Entrou com o ordenado de 18$000 (dezoito mil réis), depois de quinze annos de serviço passou a ter 30$000 (trinta mil réis) e na Administração do finado Irmão Corrector Quirino 50$000 (cincoenta mil réis).

"Como o novo compromisso dá direito de aposentadoria ao empregado depois de um certo numero de annos, por isso o supplicante appella para os vossos sentimentos de elevada justiça por que ella vem de Deus.

"Capital Federal, 24 de Agosto de 1899.

"O Organista, *Paulo José de Souza.*

"Copia.

"Veneravel Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvario da Via Sacra.

"Aposentadoria do Organista — Sessão da Mesa Administrativa em 6 de Dezembro de 1899.

"Submettida á deliberação da Mesa a pretenção de PAULO JOSÉ DE SOUZA, organista da nossa Igreja, para ser-lhe concedida aposentadoria, de cuja petição em sessão de 24 de Agosto tomou-se conhecimento, é exhibida a informação do peticionario gozar para esse fim das vantagens do art. 212, por exercer as suas funcções, sem interrompimento, de 1861, 38 annos, como prevêem os Estatutos da Ordem. Entrando este assumpto em discussão, é approvada a mesma aposentadoria com o ordenado actual de cincoenta mil réis mensal, dependendo da sancção da mesa conjunta."

"O nosso confrade Sylvio Vieira Souto obteve tambem, do Sr. João Francisco Pontes, a informação cons-

tante dos assentos da referida Ordem, que o organista Paulo José de Souza continuou, depois de aposentado, a funcção de organista, até a sua morte, a 4 de Setembro de 1905; recebendo, além dos 50$000 réis da aposentadoria, 25$000 réis de *gratificação*. D. Belarmina de Souza, a quem communicamos esses documentos, nos informou mais que Paulo José de Souza recebia, da referida Ordem, após a sua aposentadoria, a quantia mensal de cem mil réis, (100$000), ao todo. De sorte que, além dos 75$000 réis, acima mencionados, constantes dos assentos da referida Ordem, o organista Paulo José de Souza recebia o suplemento de 25$000, com auxilio dos seus Irmãos da Ordem.

"Assim o Maestro Paulo José de Souza exerceu a funcção de organista da Veneravel Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvario da Via Sacra, desde o anno de 1861 até Setembro de 1905, quando falleceu, isto é, durante cerca de quarenta e quatro annos. Os seus restos mortaes acham-se recolhidos no jazigo da Familia no Cemiterio S. Francisco de Paula n. 29.

"D. Belarmina de Souza nos informou igualmente que seu pae foi cantor em Companhias lyricas, aqui, no Rio de Janeiro; foi professor de orgão, piano e canto de varias familias; e exerceu a funcção de organista da Capella Imperial e outras Igrejas, em substituição dos organistas titulares. O Sr. Sylvio Vieira Souto obteve a esse respeito a seguinte informação:

"Segundo informações ministradas pelo Sr. Luiz Rocha Silveira, escrivão da Camara Ecclesiastica, recentemente aposentado, tendo servido mais de sessenta annos, o Sr. Paulo José de Souza exerceu as funcções de organista da Capella Imperial, até alguns annos depois de 1861.

"Do livro existente na Camara Ecclesiastica, com os nomes de organistas, musicos instrumentistas, etc. da Capella Imperial, de 1812 a 1872, não consta o de

Paulo José de Souza, circumstancia que faz presumir que elle não foi organista de nomeação".

"Como se vê, Paulo José de Souza tinha dez annos de idade mais do que Almeida Reis, que elle conheceu, assim familiarmente, desde este menino. Por outro lado, foi como professor de musica, que o Maestro Paulo José de Souza entrou em relações com a Familia Oliveira, para ensinar piano e canto a Srta. Eugenia Julia, que tinha então cerca de dezesete annos de idade, e de sua irmã mais moça, Srta. Francisca. A Srta. Francisca que tinha grande aptidão para a musica, tendo até tocado piano em concertos publicos, falleceu com quinze annos apenas de idade, conforme nos informou D. Margarida Maria Ferreira. Essas relações do Maestro Paulo José de Souza com a Familia Oliveira já datavam pois de alguns annos, quando elle apresentou Almeida Reis á Familia Oliveira.

"Concluimos essa leitura cerca de 10 hs. 10 m. da manhã. Nesse interim, haviam chegado varias pessoas, entre as quaes os representantes da Escola Nacional de Bellas Artes e as pessoas que haviam correspondido ao seu convite. Tinham sido collocados no jazigo outros ramalhetes de rosas e a grande grinalda offerecida a Almeida Reis, pela Escola Nacional de Bellas Artes.

"Depois da nossa exposição, falou, em nome da Escola Nacional de Bellas Artes, o Professor Sr. Flexa Ribeiro.

"Terminada essa homenagem, leu o Dr. Generino dos Santos uma apreciação sobre a vida e a carreira esthetica de Almeida Reis. (1).

.....

5: — "Dando as informações sobre as deploraveis circumstancias que haviam occasionado demorar até agora a erecção do modesto jazigo de Almeida Reis, tornado, por dolorosa fatalidade, ao mesmo tempo, apenas o cenotaphio da sua Esposa, tencionavamos limitar-nos a recordar o apreço de Miguel Lemos pelo mérito esthetico do esculptor Almeida Reis, como acabamos de fazer. A' vista, porém, das referencias do nosso correligionario Dr. Generino dos Santos, a alguns trabalhos de Almeida Reis, — *aliás, trabalhos anteriores aos contactos positivistas* de Almeida Reis, — julgamos de imprescindivel e inadiavel dever, lembrar summariamente os seguintes ensinos de Augusto Comte, sobre a apreciação esthetica. Solicitamos, pois, para isso, ainda alguns momentos de benevola attenção, ás pessoas presentes.

"Começámos lembrando que o Amor, isto é, o conjunto dos pendores altruistas, — apêgo, veneração, bondade, — constitue o *principio* da existencia e da vida da especie humana, como de todas as especies sociaveis; e que a plena realização do ascendente do Amor

(1) Ver a 2.ª parte. — *Da Test.*

sobre a Terra deve, portanto, ser o objectivo final de todos os esforços humanos, individuaes e collectivos. Esse é, de facto, o objecto da Religião, em todas as suas fórmas; pois que todas se propõem a coordenar a existencia e a vida humana, tanto individual como collectiva. AUGUSTO COMTE já encontrou a palavra religião com essa significação na linguagem vulgar, desprendida de todo sentimento e de todo pensamento extra-humano e extra-terreno, como indicam as locuções: *Religião da Familia, Religião da Patria, Religião do Dever,* e outras analogas. AUGUSTO COMTE só applicou mesmo essa denominação ao Positivismo, depois que viu proletarios qualificarem o Positivismo de Religião da Humanidade. (1).

"A fórmula sagrada do Positivismo, ou Religião da Humanidade, resume tal objectivo e as condições iniludiveis da sua realização: *O Amor por principio, e a Ordem por base; o Progresso por fim.* (2).

"*O Amor por principio,* prescreve, portanto, que se desista sempre de recorrer á violencia ou de provocar violencias quaesquer, por sentimentos, por pa-

---

(1) ... Longe de interdizer a positividade de se completar, de se resumir, e de concluir, o meio pratico espera que ella se haja assim ficado própria para dirigir a terminação necessaria de uma revolução que os letrados tendem por toda parte a perpetuar. Foi ahi que surgiu a qualificação de religião positiva, que não tornei usual sinão depois de a ter visto espontaneamente empregada por eminentes proletarios. — AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva,* t. IV, prefacio, pagina XII."

"(2) ... O Amor procura a ordem e impelle para o progresso; a ordem consolida o amor e dirige o progresso; o Progresso desenvolve a ordem e reconduz para o amor. — AUGUSTO COMTE. *Testamento.* Orações, p. 90.

... Não há de directamente moral, na nossa natureza, sinão o amor, que é só o que tende immediatamente a fazer prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade.

AUGUSTO COMTE. *Systema de Politica Positiva,* t. I, p. 212.

... Em virtude do conjunto das minhas reflexões sobre a supremacia intellectual do sentimento, a região especulativa do cérebro,

lavras, e por actos; isto é, reprova as insurreições, as guerras, os golpes d'Estado, as arbitrariedades de qualquer natureza. (3).

"*A Ordem por base,* lembra, — para esse predominio do Amor, — a necessidade da submissão continua ao conjunto das *leis naturaes involuntarias* que definem o arranjo do nosso Mundo e o organismo da Humanidade; completando-se essas *leis naturaes involuntarias* pelas prescripções decorrentes das *vontades altruisticas.* (4).

"Isto não quer dizer, de modo algum, conforme lembrava AUGUSTO COMTE ao magistrado De Tholouse, adherente do Positivismo, que se erige em *dever civico* a obediencia ás vontades quaesquer dos membros das assembléas, como os senados, as camaras de deputados, etc.; vontades qualificadas de *leis.* (5).

"A submissão a essas *leis naturaes involuntarias* e ás prescripções altruistas da Humanidade, represen-

---

como a região activa, não deve ser finalmente sinão um apendice da massa affectiva (tanto egoista como altruista), onde consiste essencialmente o organismo cerebral. O apparelho mental exerce a seu respeito, para a elaboração dos pensamentos, um officio analogo ao que preenchem para com elle mesmo, os ganglios sensitivos, salvo a differença do geral ao especial; porém a titulo commum de assistencia necessaria de uma função cuja fonte essencial reside alhures.

AUGUSTO COMTE, Carta a G. Audiffrent de 24 de Homero 68, I, 1.ª parte, ps. 320 a 321." (21 fev. 1856).

"(3) ... Essa attitude, por occasião das discordias civis, se acha caracterizada na exclamação de Danton: *"Antes cem vezes guilhotinado do que guilhotinador".*

"(4) ... Para completar as leis, são necessarias vontades.

AUGUSTO COMTE, *Synthese Subjectiva,* Introducção, p. 25."

"(5) ... Eis as palavras textuaes de Augusto Comte: "A fé metaphysica está por demais alterada agora, para que se possa erigir em dever civico o serviço official das vontades quaesquer de uma assembléa viciosa que decora pelo nome de leis as suas decisões ephemeras".

AUGUSTO COMTE, *Correspondencia inédita,* 3.ª série, p. 89. Carta de 26 de Carlos Magno de 62 (12 de Julho de 1850) a De Tholouze, procurador geral da Republica, em Perigueux."

tada esta pelos seus dignos orgãos, *constitue a base do aperfeiçoamento, primeiro physico, depois intellectual,* por fim, e sobretudo moral. Como Augusto Comte observa, na sua *Synthese Subjectiva,* durante a evolução *espontanea* da Humanidade, é das *leis naturaes involuntarias* que a submissão se extende ás *prescripções voluntarias,* segundo o preceito de Descartes. Porém a reacção moral é sobretudo efficaz quando a obediencia torna-se plenamnete voluntaria, isto é, quando o Amor se extende das prescripções voluntarias até ás obrigações involuntarias. (6).

"Isto só pôde ser alcançado, quando a sciencia moderna demonstrou a existencia natural dos pendores altruistas na organização cerebral da especie humana, como das demais especies sociaveis. (7).

"(6) ... E' mistér aspirar á unidade sympáthica para apreciar a dignidade da submissão, como a principal base do aperfeiçoamento moral. Venerar um fadario inflexivel torna-se então o signal mais decisivo e a melhor garantia de uma verdadeira regeneração. Esta não póde ser completa e estavel sinão quando o amor se extende das prescripções voluntarias até ás obrigações involuntarias. Inverter similhante marcha, seria voltar ao regimen preliminar, sem as crenças que o explicavam e corrigiam, de sorte que a obediencia tornar-se-ia tão precaria quão degradante. Sob esse aspecto, o principal caracter do culto positivo consiste em glorificar a fatalidade, mesmo immodificavel, em nome da sua efficacia moral.

AUGUSTO COMTE, *Synthese Subjectiva,* Introducção, p. 18."

"(7) ... A innateidade dos pendores benévolos e o movimento da Terra constituem os principaes resultados da sciencia moderna, como pondo as duas bases essenciaes, uma subjectiva, a outra objectiva, da verdadeira relatividade. Ambas, depois de ter preparado o Positivismo, aguardavam o seu advento para reagir convenientemente sobre o conjunto da existencia humana. Entrevistas, cada uma á sua maneira, desde os nossos primeiros passos, essas duas noções não podiam assás surgir antes do exgottamento do monotheismo.

"Directamente ligada ao principio fundamental da synthese positiva, a doutrina do altruismo innato é só o que permitte instituir uma moral systematica, que em virtude da sua subordinação objectiva para com a sociologia, obtenha a presidencia subjectiva da jerarchia encyclopédica. Até então, com effeito, a universal preponderancia da moral ficava uma acquisição empirica da sabedoria sacerdotal, sem comportar discussão alguma. Os theoristas aspiravam a fazer prevalecer a philosophia, e os práticos a politica, sobre um estudo que parecia pu-

"*O Progresso por fim,* não quer dizer aspirar a uma alteração continua e illimitada da Ordem. Conceber assim o Progresso é ter uma noção metaphysica e empirica, resultante do desenvolvimento anarchico da sciencia moderna e da industria moderna, depois da irrevogavel dissolução do regimen catholico-feudal, a partir do decimo terceiro seculo. A noção positiva do Progresso consiste em conceber a evolução humana como tendendo para um estado no qual nada mais ambicionará a Humanidade. E' a noção que se tem, por exemplo, em geometria, quando se considera o desenvolvimento do polygono, inscripto em um circulo, á medida que se multiplicam os lados do polygono. A medida que os lados se multiplicam, o perimetro do polygono vai se approximando da circumsferencia do circulo, sem nunca attingil-a. Partindo do triangulo inscripto, o augmento dado ao perimetro vai diminuindo, tanto mais, quanto mais se multiplicam os lados, isto é, quanto mais se approxima da circumferencia.

"O mesmo aconteceu com o Progresso humano. No inicio fetichista da Humanidade, quando a existencia natural dos pendores altruistas determinou o advento da *existencia* e da *vida social;* quando a energia dos pendores egoistas estava em sua maxima intensidade, e os pendores altruistas estavam no minimo da sua

---

ramente pessoal, por não se poder abordar nelle o ponto de vista social. Sem a existencia natural dos instinctos desinteressados, o problema humano não admittiria solução alguma, e não poderia mesmo ser syntheticamente posto. A nossa unidade subjectiva tornando-se então impossivel, em virtude do antagonismo dos individuos para com a especie, a philosophia não teria jamais cessado de oscillar em vão entre as diversas tentativas de systematisação objectiva. Alem da sua aptidão affectiva, a innateidade sympathica comporta, pois, muita efficacia mental como indispensavel á concepção abstracta da sociabilidade. Porém, em virtude mesmo de tal connexidade, a sua irrevogavel demonstração, aliás entravada pelas crenças theológicas e as hypótheses metaphysicas, devia coincidir com o advento decisivo da sociologia.

AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva,* t. IV, ps. 20 a 21."

capacidade estimulante; quando o espirito apanhava e coordenava as primeiras e mais rudimentares impressões de tudo que o solicitava; quando a actividade, na sua fatal espontaneidade, era exclusivamente guerreira no sexo masculino, e esboçava-se difficilmente e rudimentarmente como industrial no sexo feminino; nesse inicio fetichista inaugural da especie humana, em concurrencia com as demais especies animaes sociaveis; quando essa situação era immensamente aggravada pelas agruras do meio planetario; em uma palavra, *quando tudo estava por fazer,* o Progresso, tanto material, como intellectual e moral, teve que realizar passos immensos. Esses passos, foram, porém, tornando-se realmente tanto menores quanto mais a evolução da Humanidade ia patenteando que o resumo de todo esse surto era, e é, assegurar o mais completo predominio do Amor sobre a Terra. Por outro lado, emquanto muito faltava ainda por fazer, cada nova geração fixou a sua attenção, — não sobre o que já estava feito, — porém sobre o que ainda faltava fazer. (8).

"Entretanto, conforme o sentiu Dante, em um dos Céus, similhante estado não podia ser sinão preparatorio e transitorio. Porque, como lhe disseram nesse Céu, a felicidade consiste em achar-se em uma situação na qual nada mais se deseja, sinão a conservação do que se tem: "Claro me foi então que todo lugar no Céu é Paraiso, embora a graça não se manifeste do mesmo modo". (9).

"(8)... Conforme a divisa attribuida a Cesar:
"Nada julgando estar feito, emquanto alguma coisa restava por fazer."
"Citado por AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva,* t. IV, pag. 543."

"(9)... "Mas vós que estaes aqui dita logrando
Não sentis de outro céu desejo ardente
Por ver mais alto mais amor gozando?"
Sorriu-se a sombra e as outras docemente;
E disse de alegria radiante,

"Assim, a meta do Progresso humano sendo o pleno estabelecimento do predominio do Amor sobre a Terra, todos os progressos estavam essencialmente conseguidos, desde que se acharam realizados os passos necessarios ao reconhecimento dessa méta. Ora, isso se deu desde que a Humanidade conseguiu resumir a evolução do sexo masculino em AUGUSTO COMTE e a

---

O seu primeiro amor como quem sente:
"Rege o nosso querer, em paz constante
A caridade, irmão: só desejamos
O que ora temos e não mais avante.
"Anhelando ir mais alto do que estamos,
Seriamos rebeldes á vontade,
A que aprouve esta estancia, que habitamos.
"Pois nos cumpre existir na caridade
Surgir não póde em nós tal pensamento,
D'essa virtude opposto á santidade.
"Condição de eternal contentamento
E' preceito cumprir do Omnipotente:
Um só com elle é logo o nosso intento.
"Do reino em cada plaga refulgente
Somos, do reino todo muito ao grado
E do Rei, que á sua lei nos molda a mente.
"Seu preceito a paz nossa se ha tornado:
Elle é mar a que tudo precipita,
Que crea, ou faz natura ao seu mandado."
Conheço então que o Paraiso habita
Quem stá do céu em qualquer parte, e vejo
Não chover de um só modo a suma dita.

DANTE, *Divina Comedia*, Paraiso, Canto III, versos 64 a 90.
Traducção de J. P. Xavier Pinheiro.

"Uma alma tão distincta como a vossa intellectual e moralmente não carecia sinão de um aviso motivado para rectificar a exaggeração historica do vosso ultimo projecto poético, no qual a natureza essencialmente *estática* do culto normal da Humanidade se achava radicalmente desconhecida. Afim de melhor firmar-vos nessa grande condição, vos convido a notar que, em todas as religiões provisorias, a beatitude promettida é sempre caracterizada por um estado por tal fórma fixo que o *tempo* não existirá mais, o que significa que não se terá mais porvir, porque o presente sendo plenamente satisfactorio, só se ligará ao passado preparatorio. O meu recente volume (*Synthese Subjectiva*, t. I) faz já sentir que a noção de *progresso*, fica essencialmente peculiar á evolução preliminar, a segunda vida não comportando, individualmente e collectivamente, sinão um simples aperfeiçoamento continuo, tornado de mais em mais insensivel, ao ponto de tender para a plena immobilidade, termo unico normal das aspirações humanas sob qualquer regimen.

AUGUSTO COMTE, *Carta* a G. Audiffrent de 15 de César de 69 (7 de Maio de 1857), edição dos testamenteiros, t. I, 1.ª parte, p. 394.

evolução do sexo feminino em CLOTILDE DE VAUX, de modo a tornar possivel a fundação e a construcção da Religião da Humanidade.

"Chegado a esse supremo desfecho, o Progresso se tornará um accidente da evolução individual; porque cada rebento da Humanidade terá de reproduzir, — apurada das suas crueis perturbações, — a evolução da Humanidade, desde o fetichismo inaugural até o Positivismo final. Attingido, porém, o estado adulto, os individuos, como a massa social, farão consistir a felicidade, publica e privada, na conservação da paz universal, assim irrevogavelmente alcançada, para toda a duração da Humanidade.

"Cumpre agora notar que a Humanidade é constituida, — não pela totalidade dos que nascem seus filhos, — porém unicamente *pelo conjunto dos seres convergentes;* isto é, pelo conjunto dos entes *realmente humanos;* daquelles entes nos quaes o altruismo prevaleceu habitualmente sobre o egoismo; os maus e os moralmente inuteis se acham espontanea e systematicamente eliminados de uma existencia que elles tiveram a desgraça de perturbar. Porém, mesmo desses entes verdadeiramente humanos, só permanecerá incorporado á Humanidade, o que nelles houver de realmente altruista. (10).

"(10)... Seja como fôr, si esses parasitas não fazem realmente parte da Humanidade, uma justa compensação vos prescreve de agregardes ao novo Ente Supremo (a Humanidade), todos os seus dignos auxiliares animaes. Toda util cooperação habitual nos destinos humanos, quando exercida voluntariamente, erige o ser correspondente em elemento real dessa existencia composta, com um grau de importancia proporcionado á dignidade da especie e á efficacia do individuo. Para avaliar este complemento indispensavel, basta imaginar que elle nos falta. Ninguem hesitará então em considerar taes cavallos, cães, bois, etc., como mais estimaveis que certos homens.

AUGUSTO COMTE, *Catecismo Positivista,* Traducção e Notas de Miguel Lemos, 3.ª ed., p. 73."

"Isto posto, confrontando-se os dois sexos, se reconhece que, sendo o Amor o attributo fundamental e supremo da Humanidade, é a Mulher que constitue o principal representante e o principal ministro da Humanidade. E, considerando as funcções peculiares ao sexo feminino, como Mãe, Esposa, Filha, Irmã, a evolução da Humanidade foi patenteando, cada vez mais e melhor, que é o typo de Mãe que caracterisa sobretudo esse attributo sublime da Mulher.

"E' verdade que o orgulho masculino procurou recusar essa supremacia que cabe á Mulher, na herarchia moral, attribuindo, desde o Fetichismo, ao sexo masculino, mesmo a producção de cada rebento da Humanidade. E' essa crença que se vê desde os selvagens. Porém, a partir de Harvey, o verdadeiro surto scientifico patenteou a origem fundamentalmente feminina de cada novo ser nas especies em que os sexos se acham separados. Debalde o mesmo orgulho masculino tentou manter a ingrata usurpação primitiva da iniciativa feminima, na formação de cada novo ser humano. Resumido afinal em AUGUSTO COMTE, o surto scientifico acabou por proclamar a inteira supremacia da Mulher na herarchia biologica, como na herarchia social, e na herarchia moral. *E' da Mulher, no fundo, que provém o homem.* 11).

"(11)... E' da mulher no fundo que provém o homem.

— AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Nona Confissão, p. 206.

"Superiores pelo amor, mais bem dispostas a sempre subordinar ao sentimento a intelligencia e a actividade, as mulheres constituem espontaneamente seres intermediarios entre a Humanidade e os homens.

— AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva*, t. II, p. 63.

"Toda mulher sem ternura constitue uma monstruosidade social, mais ainda do que todo homem sem coragem.

— AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva*, t. I, p. 227.

"O melhor resumo pratico de todo o programma moderno consistirá em breve neste principio incontestavel: *O homem deve sus-*

"A união mais intima entre ambos os sexos é, sem duvida, a maternidade, durante a phase mais decisiva de toda a vida individual, quando cada novo rebento da Humanidade recebe o conjunto das graças que a Humanidade resumiu na Mulher, tornada Mãe. (12)

---

tentar a mulher, afim de que ella possa preencher convenientemente seu santo destino social.

— AUGUSTO COMTE, *Catecismo Positivista,* Prefacio. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3.ª ed., p. 28.

"Sustentada primeiro pelo seu pai ou pelos seus irmãos, cada mulher é em seguida sustentada pelo seu esposo ou pelos seus filhos. Na falta destes amparos especiaes, a obrigação do sexo activo para com o sexo affectivo torna-se geral, e o governo deve prover a isso, sob a inspiração do sacerdocio. Tal é a base material da verdadeira constituição domestica.

Ibidem, p. 346.

"A monogamia occidental constitue, pois, uma das mais preciosas instituições que devemos á idade-média. Ella contribuiu por ventura mais do que qualquer outra para a esplendida superioridade social da grande familia moderna. Embora o divorcio a tenha gravemente alterado nas populações protestantes, essa aberração temporaria é ahi muito contida pelas santas repugnancias do sentimento feminino e do instinto proletario, que limitam suas devastações ás classes privilegiadas.

— AUGUSTO COMTE, *Politica Positiva,* t. I, p. 238.

"O estabelecimento da monogamia constitue o principal resultado da transição occidental entre a theocracia e a sociocracia. Após haver, durante estes trinta séculos, gradualmente se approximado da sua plenitude normal, essa instituição decisiva a attinge na regeneração positivista, que faz livremente prevalecer a viuvez eterna, sem a qual a poligamia persiste subjectivamente.

— *Ibidem,* t. IV, p. 127."

"(12)... Notareis na segunda parte (Plano da Moral Pratica, 1º cap., Educação peculiar á primeira infancia, desde a concepção até os sete annos, sob o Sacramento da Apresentação), que eu faço ahi remontar a educação até á concepção, de maneira a encerrar o estado fetal, aperfeiçoando a presidencia materna, e a influencia social que ella transmite. — AUGUSTO COMTE, *Carta* a G. Audiffrent de 27 de Aristoteles de 69 (24 de Março de 1857), ed. dos testamenteiros, t. I, 1ª parte, p. 374.

"... Verdadeiro inicio systematico da educação real, que não poderia nunca tornar-se plenamente normal, sem remontar até á concepção, de maneira a comprehender a idade fetal. Todas as outras phases da vida humana têem mais ou menos suscitado cuidados especiaes, ao passo que essa não foi jamais o objecto de uma solicitude regular, mesmo da parte das mães, embora ella deva certamente influir mais do que qualquer outra sobre o conjuncto da nossa evo-

Porém a fatalidade não permitte que ninguem possa perceber, durante tal periodo, as graças que vai recebendo da Humanidade atravez de sua Mãe. De sorte que é só na mais intima das uniões posteriores, a saber, — a união conjugal, — que a Esposa vai revelando ao esposo tudo quanto este deve a sua Mãe. Quanto mais o esposo aprecia a superioridade da Esposa, tanto mais os dotes desta revelam áquelle as qualidades de sua Mãe e quanto lhe deve. A adoração de uma verdadeira Esposa só póde contribuir, pois, para apurar e exaltar o culto pela Mãe.

"A união conjugal pemitte tambem reconhecer verdadeiramente na Sogra uma segunda Mãe, como origem que é das qualidades que o esposo e a Esposa apreciam mutuamente entre si; e isso tanto mais quanto maior é o Amor entre os conjuges.

"Tal foi o sublime desfecho da evolução da Humanidade, resumindo-se, da maneira mais tocante, no reconhecimento gradual dessa verdade. (13) Foi de tal evolução que Dante tornou-se o orgam incomparavel,

---

lução, sobretudo até o fim da virilidade, como bem o sentistes — AUGUSTO COMTE, Carta a G. Audiffrent, de 4 de Archimedes de 69 (29 de 1857), *Ibidem*, p. 380.

"Quanta vez, uma digna mãi, victima das pungentes emoções resultantes de uma situação social anarchizada, ou mesmo de uma infeliz situação domestica, transmite, mau grado a sua elevação moral, as cruéis reacções de tal situação, durante a gestação de um filho, assim desgraçado para sempre!... Esta reflexão basta para patentear quanto urge que o sexo masculino proporcione as condições para o cabal preenchimento da missão feminina, renunciando em fim a tudo quanto se oppõe ao predominio politico da fraternidade universal." R. T. M.

"(13)... Verdade cada vez mais bem traduzida nas instituições sociaes que elevaram-se, da promiscuidade das esposas, á viuvez eterna, através da polygamia fetichocratica e theocratica, da monogamia greco-romana, com o divorcio, e da monogamia catholico-feudal indissoluvel até a morte de um dos conjuges. Foi essa evolução, resumida no duplo surto da influencia feminina e do culto cavalheiresco, que reagiu, mesmo sobre o dogma catholico, tendendo a fazer prevalecer a Virgem-Mãi sobre o typo do Redemptor." R. T. M.

presidindo com Beatriz Portinari ao conjunto da revolução moderna, até que Augusto Comte, sob a angelica inspiração de Clotilde de Vaux, inaugurasse a época definitiva da Humanidade.

"Augusto Comte observa que a obra de Dante será afinal approximada da sua, quando os cinco seculos que os separam fôrem convenientemente apreciados. Porém essa ligação intellectual será antecipada pela união moral dos dois anjos, Beatriz Portinari e Clotilde de Vaux, que presidiram respectivamente á construcção de Dante e á de Augusto Comte. (14).

"Pois bem, mesmo em relação a esses typos excepcionaes, a preeminencia natural da Mãe sobre as outras situações angelicas da Mulher, como Esposa, Filha e Irmã, não póde ser desconhecida. Por isso tambem, Dante sentiu, sem duvida, por Beatriz Portinari a gratidão que Augusto Comte testemunhava a Clotilde de Vaux, por lhe haver feito plenamente apreciar tudo quanto devia á sua Mãe, Rosalia Boyer. (15)

"(14)... A incomparavel composição que terminou realmente o estado theológico (a DIVINA COMEDIA) será afinal approximada da que funda o estado positivo (o SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA), quando os cinco séculos revolucionarios que nos separam tiverem sido convenientemente apreciados. Porém, essa ligação intellectual deve ser hoje antecipada pela união moral dos dois anjos (BEATRIZ PORTINARI e CLOTILDE DE VAUX) que presidiram ás duas principaes construcções modernas (A DIVINA COMEDIA e o SYSTEMA DE POLITICA POSITIVA). — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Sétima Santa Clotilde, 10 de São Paulo de 63 (sexta-feira 31 de Maio de 1851, p. 177)."

"(15)... Minha nobre e terna mãi que perdi ha quatorzeannos (morta a 3 de Março de 1837, em Montpelliier), foi realmente a primeira fonte de todas as minhas qualidades essenciaes, não sómente de coração, mas tambem de caracter e mesmo de espirito... Ora o culto da minha santa companheira (CLOTILDE DE VAUX) foi só que reanimou o da minha digna mãi. — AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva*, t. I. Prefacio , p. 12.

"Tu (CLOTILDE) já sabes que os germens moraes cuja evolução tardia te devi, me vinham de uma terna e ardente mãi que te teria plenamente apreciado. — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Quinta Confissão, p. 138.

"Por mais remota que seja, infelizmente para mim, a imponente recordação do perfeito catholicismo que dominou minha nobre e

"Nesse longo intervallo, os poetas occidentaes, desde Homero, tinham celebrado a supremacia moral da Mulher. (16).

---

terna mãi, ella me impulsará sempre a fazer prevalecer, melhor do que na minha mocidade, a cultura continua do sentimento sobre a da intelligencia, e mesmo sobre a da actividade. — AUGUSTO COMTE, *Catecismo Positivista.* Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed., pagina 20.

"Devendo julgar as pessôas independentemente da situação e mesmo da instrucção, eu a tenho (a SOPHIA BLIAUX) cada vez mais considerado, embora ella não saiba ler, como a mulher mais eminente que eu conheça depois de Mme. de Vaux, que a queria e tratava como digna irman. — AUGUSTO COMTE, Carta a John Ficher de 8 de Archimedes de 68 (28 de Março de 1856), ed. Congreve, p. 31.

"... Eu te agradeço (a CLOTILDE) de me ter assaz ensinado a collocar acima de tudo as verdadeiras qualidades de coração para me fazer muitas vezes sentir quanto eu sou moralmente inferior a essa eminente proletaria (SOPHIA), desprovida de qualquer cultura. — AUGUSTO COMTE, *Testamento,* Quarta Santa Clotilde, p. 130."

(16)... "No santo canto que termina o mais bello dos poemas (a DIVINA COMEDIA), Dante attribue a São Bernardo o hymno á VIRGEM-MÃI. Esse hymno contém versos que, observa Augusto Comte, eram, por ventura, applicados intimamente, por Dante, a Beatriz Portinari. No *Catecismo Positivista,* Augusto Comte assignala que esses versos convêm mais ao novo culto (o culto positivista) do que ao antigo (o culto cathólico). (V. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3.ª ed., p. 353).

"Nas suas *Orações,* Augusto Comte applicava esses versos á Humanidade e a Clotilde de Vaux, quer como personificando a Humanidade, quer como seu principal Anjo domestico. Essa invocação era completada com versos de Dante tomados em outros cantos, com versos de Petrarca, e com uma effusão de Thomaz de Kempis. Augusto Comte indica que esses versos se applicam a todas as Mulheres dignas do seu sexo, e, como taes, representantes tambem da Humanidade. Assim, nos casamentos positivistas, Augusto Comte recitava alguns desses versos, ajoelhado ao lado do noivo, dirigindo-se á Noiva. Tambem dirigia os mesmos versos, por occasião de conferir o Sacramento da *Transformação,* ás Senhoras moribundas, como se vê da carta a Madame Virginia Robinet, de 8 de Homero de 64 (5 de Fevereiro de 1852). — AUGUSTO COMTE, *Correspondencia inédita,* 3.ª série, p. 264.

Eis esses versos:

Donna, sei tanto grande, e tanto vali
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

DANTE, *Paradiso,* Canto XXXIII.

"Embora admittindo a supremacia social do homem, São Paulo proclamou, tanto quanto o comportava o Theologismo, essa superioridade da Mulher, lembrando que, si a primeira Mulher foi tirada do primei-

---

Vergine madre, Figlia del tuo figlio
Umile ed alta più che creatura
Termine fisso d'eterno consiglio

— *Ibidem.*

.....
O amanza del primo amante, o diva
.....
Non è l'affezzion mia tanto profonda,
Che basti a render voi grazia per grazia.

— *Ibidem,* Canto IV, v. 118, 121, 122.

Amem te plus quam me, nec me nisi propter te.

— THOMAZ DE KEMPIS, *Imitatio,* Lib. III, Cap. V.

Quella che imparadisa la mia mente.
— DANTE, *Paradiso,* Canto XXVIII, v. 3.
Ogni basso pensier dal cor m'avulse.

PETRARCA, *Sonetos.*

(ESBOÇO DE TRADUCÇÃO)

Como és grande, Senhora! ao gesto bello
Leis dando á graça, que sem Ti querel-a
Ousar, sem azas, quer, voar um anhelo.
Tocante prece não vê só colhel-a
Imo olhar teu benino; com anciedade
Liberal vais frequente antecedel-a.
Domina o dó em Ti; em Ti, piedade;
Em Ti magnificencia; em Ti rebrilha,
Senhora, quanto em ser ha de bondade.
Oh! Virgem-Mãi, e de teu filho Filha!
Amada do amor unico: oh! Diva!
Cuja humildade todo orgulho humilha!
Fim do martyrio donde a paz deriva!
E' de nossa affeição penuria tanta,
Que, graça á graça, de Te dar nos priva!
Porém, é voto só que nos encanta
Amor que a amar-Te mais do que a nós viva,
E a nós, só pelo Amor que a Ti levanta.

A que emparadiza a nossa pobre mente,
Nenhum baixo pensar no coração consente.

No seu *Paraiso Perdido,* MILTON celebra que é do seio da mulher que virá a salvação humana." — R. T. M.

ro homem, todos os outros homens provêm, desde então, da Mulher. (17).

"Estas reflexões parecem sufficientes para que se compreenda a apreciação positiva da esthetica, desde que a Arte ficar regenerada, libertando-se das devastações moraes e do empirismo, resultantes da anarchia moderna. Com effeito, positivamente considerado, o Bello consiste na representação ideal do que a realidade offerece de Bom, de maneira a despertar e estimular sómente emoções altruistas. Para essa representação, cumpre, pois, abstrahir, tanto quanto possivel de tudo quanto é susceptivel de despertar e de estimular paixões egoistas. O problema esthetico é então um dos aspectos do problema humano, que é, na verdade, indivisivel, e que consiste em assegurar o predominio do Amor sobre a Terra. (18).

"Á vista desses ensinos de Augusto Comte, é claro que, a Mulher sendo o mais sagrado dos entes conheci-

---

(17) "... 7. O varão na verdade não deve cobrir a sua cabeça; porque é a imagem e a gloria de Deus; mas a mulher é a gloria do varão.

8. Porque não foi feito o varão da mulher, mas a mulher do varão.

9. E não foi outrosim creado o varão por causa da mulher, mas sim a mulher por causa do varão.

.....

11. Comtudo isso, nem o varão é sem a mulher; nem a mulher sem o varão, no Senhor.

12. Porque como a mulher foi tirada do varão, assim tambem o varão é concebido pela mulher; mas todas as cousas vêm de Deus.

— São Paulo, *I Ep. ao Corinthios*, cap. XI. Traducção de Antonio Pereira de Figueiredo.

(18)... Ha poucos exemplos até aqui de philosophos assim desviados de argumentar quando cumpre sentir.

— Augusto Comte, *Systema de Politica Positiva*, t. I, pagina 228.

Embora o espirito não possa rectificar os sophismas subversivos, o coração sabe preservar-nos das desordens que elles provocam. — *Ibidem*, p. 229.

dos, a Arte regenerada prescreve que se represente a Mulher sómente em condições despertando o culto que a Mulher inspira habitualmente, sempre, por toda parte, como Mãe, Esposa, Filha, Irmã. Jámais a Arte regenerada consentirá que se apresente a Mulher em situações e attitudes incompativeis com as imagens santas de Mãe, Esposa, Filha, Irmã. Portanto, a Arte regenerada reprova o delirio da nudez, que, durante a revolução moderna, profanou, e profana, cada vez com mais doloroso escandalo, as mais santas imagens que porventura possam surgir em corações humanos. Não é mais difficil reproduzir o pé ou a perna do que a bocca, o nariz, e os olhos. Ao contrario; o pé ou a perna não têm a expressão de um olhar.

"O que se ama, o que se adora, nos entes queridos, são, directamente, acima de tudo, as qualidades superiores, moraes, mentaes, e praticas. São, portanto, as partes do organismo relativas a essas qualidades adoradas que fórmam o que há de essencial na imagem dos entes amados; e isso tudo se resume na cabeça. (19) E uma cabeça bella não é uma cabeça geometricamen-

---

(19)... Assim, quando se pretende fazer o retrato parcial de um ente querido, retraça-se a sua cabeça.

Recordaremos a este proposito, as seguintes passagens do *Dicionario sobre as antiguidades cristans*, padre Martigny; essas passagens forão reproduzidas na publicação nº. 215, da Igreja Positivista do Brasil, sobre o *Culto Catolico*, ps. 164 a 165:

Genius. — "Bom genio ou anjo custodio do sexo masculino, que, segundo se acreditava, nascia com cada mortal e morria com ele, depois de o haver acompanhado, dirigido as suas ações, e velado pelo seu bem estar, durante toda a vida. O *genio* era representado como um belo rapás, e *sem outra vestimenta* que não a *chlamys* dos mancebos sobre os hombros, e com duas azas de ave."

Junones. — "Fadas ou espiritos custodios das mulheres: acreditava-se que com cada mulher nascia uma que a acompanhava, velava sobre éla durante a vida, e expirava com éla na sua morte, precisamente como os *genius* para os homens. Esses espiritos são representados sob a fórma de moças, com azas de morcego ou de falenas, e INTEIRAMENTE VESTIDAS, *ao passo que o espirito custodio do homem é habitualmente reprezentado nú, ou quasi nú*, e com azas de aves." — R. T. M.

te bella; é a cabeça em que se traduzem, sobretudo, as qualidades superiores da alma, isto é, do cerebro. Apreciando a esculptura grega, Augusto Comte observa que ella offerece cabeças incapazes de pensar e de amar. (20).

"Sem duvida, conforme a observação de São Paulo, as partes mais grosseiras do organismo são dignificadas por servirem de sustentaculo ás mais nobres. (21) Isso não autoriza, porém, a ostentar essas partes inferiores do organismo em condições que só podem desper-

---

(20)... Quanto á triplice arte da fórma (escultura, pintura, e architetura), já sindida viciosamente em virtude de uma cultura excessiva, se tem exagerado muito os seus melhoramentos gregos.

Estes melhoramentos se limitaram essencialmente á escultura, na qual a execução attingiu uma perfeição excepcional, devida sobretudo a costumes que proporcionavam frequentemente o espectáculo publico da nudez, cuja efficacia technica achava-se mesmo augmentada por infames amores. Essa dupla fonte bastaria para explicar como a belleza não foi profundamente sentida então sinão no seu menor grau. As milhores estátuas apresentam sempre a idealização corporal afastada de toda verdadeira elevação moral, ou mesmo intellectual, ao ponto de offerecer cabeças incapazes de pensar e de amar, visto a sua exiguidade caracteristica. Apezar da sua imperfeição material, os typos theocráticos permanecem ordinariamente superiores em potencia esthetica, sobretudo em relação ás divindades que artistas já scepticos, esculpiram na Grecia, em nome de magistrados incrédulos, para um publico indiferente. A mesquinha regularidade dos templos gregos não fará jámais esquecer os imponentes esboços da arte sacerdotal, e lembrará sempre um culto reduzido a procissões exteriores, sem nenhuma instrucção collectiva exigindo vastos santuarios. Emfim, quanto á pintura grega, nada indica, salvo o melhoramento technico, effeitos esthéticos verdadeiramente comparaveis aos que a arte theocrática obteve por vezes dos seus processos, mesmo monochromos, em virtude da inspiração religiosa e da destinação social das suas grandes composições. Assim, sob todos os aspectos principaes, verifica-se, contra preconceitos interessados, que a perfeição esthética, reservada ao estado normal da Humanidade, não se desenvolveu jamais no meio da corrupção moral, que já provocava a insurreição occidental do espirito contra o coração. — AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Pisitiva*, t. III, ps. 287 a 288.

(21)... 14. Porque tambem o corpo não é um só membro mas muitos.

.....

20. Mas a verdade é que são muitos os membros, e um só o corpo.

21. Ora o olho não póde dizer á mão: eu não necessito do teu prestimo; nem tambem a cabeça póde dizer aos pés: vós não me sois necessarios.

22. Antes pelo contrario, os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessarios.

23. E os que temos por mais vis membros do corpo, a esses cubri-

tar emoções egoistas ou dolorosas. Quem representaria a imagem de sua Mãe, rasgando-lhe o seio para pôr á mostra as visceras da vida vegetativa, pulmão, coração, etc.? (22) Pois o vestuario foi inspirado pelo surto do pudor feminino, completando justamente a aptidão espontanea da pelle em poupar aos nossos sentidos, especialmente á vista, o que ha de mais subalterno na existencia humana, quer individual, quer social.

---

mos com mais decoro: e os que em nós são menos honestos, os recatamos com mais decencia.

24. Porque os que em nós são mais honestos, não têm necessidade de nada: mas Deus atemperou o corpo, dando honra mais exaltada áquelle membro que a não tinha em si.

25. Para que não haja scismas no corpo mas antes conspirem mutuamente todso os membros a se ajudarem uns aos outros.

26. De maneira que si algum mal padece um membro todos os membros padecem com elle; ou si um membro recebe gloria, todos os membros se regosijam com elle.

— S. PAULO, I Ep. aos Corinthios. Cap. XII. Traducção de Antonio Pereira de Figueiredo.

(22)... Conservando a opinião vulgar que, segundo os atecedentes teocraticos, attribue o sentimento ao *coração* (órgam central da circulação do sangue e não ao *cérebro*) representam-se, a partir de certo tempo no culto cathólico, sob as invocações de CORAÇÃO DE MARIA e CORAÇÃO DE JESUS, imagens mostrando o *coração*. Porém, cumpre notar que o *coração* é então um *simbolo* que não reproduz *anatomicamente* o coração; e, demais, que esse simbolo é collocado sobre a roupa. Já, na publicação, sob o titulo RELIGION DE L'HUMANITÉ. *La Chapelle de l'Humanité à Paris.* (Rue Payenne 5), sahida a 19 de Moisés de 52-118 (19 de janeiro de 1906), ponderamos, a respeito de tal simbolismo (p. 49):

"... A idealização teocratica de um *coração*, ao qual se referiam confusamente, antes de Gall, os mais nobres pendores, simboliza ahi (no tapete que as nossas irmans da Igreja de Liverpool mandárão para a alcova onde expirou Clotilde de Vaux), por chamas, os elances do altruismo. Tornado dóravante um puro hieroglifo, nada impede, parece-nos, que esse signal possa continuar a servir, a mesmo titulo, que o conjunto da linguagem grafica. Ele nos lembra, aliás segundo a fraze do nosso Mestre, que, para amar, da mesma sorte que para pensar e agir, é preciso sangue."

Eis o trecho do nosso Mestre, a que aludimos:

"Conheceis aquelle (signal positivista) que consiste em recitar nossa formula fundamental, collocando successivamente a mão direita sobre os tres orgãos cerebrais que correspondem ao amor, á ordem, e ao progresso; ao passo que a *mão esquerda colocada sobre o coração indica que para tudo isso é necessario sangue...*" (Carta ao seu discipulo Henry Edger, ps. 31 e 32. Vide *Catecismo positivista*. Traducção e notas de Miguel Lemos, 3.ª ed. ps. 470 a 471).

Lembraremos ainda, que, no culto catholico, quando se tiveram de representar imagens nuas, os artistas, — aliás, em geral, mais ou menos scepticos a partir do décimo terceiro século, — patenteiam a

Recordamos, a este proposito, como exemplo, conforme observaramos, em conversa, a um positivista francez, o deploravel descabimento do modo pelo qual essa predilecção do nú fizera representar a França no monumento de Gambetta, em Paris.

Não é sómente a nudez que constitue uma das dolorosas profanações da arte moderna. Tudo quanto lembra os desvarios das paixões egoistas, quer na existencia individual, quer na existencia social, é incompativel com a Arte regenerada. Essa incompatibilidade já foi espontaneamente sentida por varios poetas. Recordaremos, a este proposito, o *Y-Juca-Pirama* de Gonçalves Dias, no qual os mais commoventes sentimentos altruistas são recordados, em contraste com o orgulho, a vaidade, e outros pendores egoistas, em uma scena de anthropophagia. O poeta finaliza, porém, o seu poe-

---

preoccupação do respeito á decencia. Assim, por exemplo, Raphael representa o Menino Jesus nú, nos braços da Virgem-Mãi, porém em attitude decente. Os anjos são pintados como creanças. Jesus crucificado ou sendo baptizado por S. João Baptista, tambem é representado em condições honestas. Não nos consta que a Virgem-Mãi ou alguma Santa cathólica haja sido representada despida.

Assim como o sacerdocio cathólico já acceitou o duplo movimento da Terra, tambem aceitará a innateidade dos pendores altruistas e a sua localização cerebral. A crença na existencia da *alma* não impede que se reconheça que a alma tem por instrumento os sentidos. A theoria da *graça* se harmonizará tambem com a admissão dos orgams cerebraes como instrumento da *graça*. E a noção de *milagre* intervirá neste caso para harmonizar o Theologismo com o reconhecimento das *leis naturaes*, como nos outros casos.

As considerações precedentes patenteiam quanto são reprovaveis as intituladas *aulas de modelo vivo nú*. Quantas pessôas, entre os alumnos das *aulas de modelo vivo nú*, consentiriam que um ente amado, mesmo do sexo masculino, se prestasse a posar nú e a mercê dos que pretendem assim estudal-o? A indifferença geral em relação a esse cruel resultado da anarchia moderna recorda espontaneamente a lamentavel inconsciencia com que mesmo o conjunto do sexo feminino assistiu, durante tantos séculos, ao monstruoso crime occidental da escravidão africana, e partilhou de tal crime. Porém, essa reflexão demonstra que o ascendente, sempre crescente, da fraternidade universal ha de acabar por abolir as aulas de modelo vivo nú, como aboliu afinal a escravidão africana. — Nota de R. T. M.

meto, justamente quando ia começar o atroz desfecho. (23).

Para apreciar, á luz desses ensinos de AUGUSTO COMTE, a carreira esthetica de um artista, cumpre não esquecer que todas as pessoas soffrem a influencia do meio social em que surgem e se desenvolvem, segundo as qualidades individuaes com que nascem. Assim, nem todos têm a felicidade de nascer e viver até a morte, nas phases de equilibrio social em que prevalece uma Religião unanime e livremente acceita. Muitos surgem em épocas de transição revolucionaria.

Ora, nessas phases revolucionarias, a inferioridade moral do sexo masculino expõe os homens a extravios dos quaes é salva a generalidade do sexo feminino, graças á superioridade moral espontanea da Mulher. Entretanto, apezar dessa superioridade moral espontanea, o sexo feminino não póde escapar inteiramente ás fataes reacções do meio social em que se acha. Em todo caso, a Mulher fica preservada das grosserias de que são victimas os homens. Assim, em nossos dias, as filhas seguem o exemplo de suas mães. Ao passo que os filhos, bem cedo são subtrahidos á influencia materna; e, pela instrucção anarchica que recebem, cáem em um fatal scepticismo que os leva a julgarem-se mais competentes mentalmente do que suas mães. Dahi, — á vista do preconceito vulgar acerca da superioridade do espirito sobre o coração, — uma especie de compaixão dos filhos para com suas mães; compaixão extendida, em breve, ás irmãs, ás esposas, ás filhas, a todas as

---

(23)... Lembraremos tambem o quadro em que Victor Meirelles idealizou a Primeira Missa no Brasil. Tendo de representar os selvagens nús, Victor Meirelles escolheu posições geralmente compativeis com o pudor. — R. T. M.

mulheres, em summa; como si a superioridade moral da Mulher fosse inherente a uma fatal inferioridade intellectual e pratica.

Assim, São Paulo, por exemplo, surgiu na época da transição do Polytheismo greco-romano para o regimen catholico-feudal. Judeu de origem e phariseu, porém familializado com a sociabilidade romana e com a mentalidade grega representada especialmente na philosophia de Aristoteles, conforme observa AUGUSTO COMTE, elle esteve exposto ás devastações da anarchia de seu tempo, até que o seu inextinguivel ardor social, esclarecido pela sua cultura aristotelica, permittiu-lhe conceber o Monotheismo adequado á situação romana.

Já São Bernardo, o typo mais perfeito do Catholicismo completo, segundo AUGUSTO COMTE, teve a incomparavel felicidade de surgir em uma época que lhe permittiu ir do berço ao tumulo, animado pela mesma Religião, livremente e unanimemente aceita no Occidente europeu. Por isso tambem foi elle que systematizou o culto cavalheiresco da Mulher, mediante a sublime adoração da Judia excepcional erigida em Virgem Mãe do Redemptor. (24) Foi esse mysterio que a evolução philosophica e religiosa de AUGUSTO COMTE

---

(24)... O século final da idade-media (decimo terceiro da era cathólica), foi nobremente inaugurado pelo grande São Francisco (de Assis), que tentou em vão a unica reforma que comportasse o catholicismo, substituindo um clero necessariamente pobre ao sacerdócio deploravelmente enriquecido.

Para apreciar completamente essa digna regeneração, cujo mallogro espotaneo manifestou a fatalidade que arruinou em breve o systema catholico, cumpre encarar a sua reacção sobre o culto, e mesmo sobre o dogma. Comquanto directamente limitada ao regimen,

tornou, de facto, o precursor da utopia positivista da Virgem-Mãe. (25).

---

ella se ligou, desde a origem, ás tendencias do século das cruzadas (décimo segundo da era catholica) para a preponderancia da Virgem, que, desde o duplo surto da influencia feminina e dos costumes cavalheirescos, representava melhor do que Deus, o unico objecto final dos votos occidentaes, a Humanidade. São Bernardo tinha profundamente sanccionado essa aspiração decisiva, esforçando-se por systematizal-a, mediante uma criteriosa (sage) depuração do caracter mistico que compromettia a sua efficacia social. No decimo terceiro século, uma tentativa mais radical, preparada pelo piedoso utopista que Dante installou no seu paraiso como dotado de espirito prophetico (Joaquim), realizou-se sob o digno predecessor de S. Boaventura no governo dos franciscanos (João de Parma). O seu livro, hoje menospresado, porém então órgam das melhores aspirações, esforçou-se por fazer nobremente prevalecer a terceira pessôa da trindade, para inaugurar o reinado do coração, afastando uma lei provisória que representava o ascendente do espirto.

Essa suave creação da Virgem, unico resultado verdadeiramente poético do Catholicismo, tornou-se um producto collectivo do genio occidental, como se reconhece comparando-o com o typo bysantino, apezar da identidade das suas fontes dogmaticas. A sua elaboração, gradualmente preparada desde o inicio da transição affectiva (quinto século), pertence sobretudo á terceira phase, sob o impulso da cavallaria, que deveu procurar no céu *a dama commum dos corações desoccupados*. Fazendo habitualmente prevalecer tal adoração, tendia-se a reparar o vicio fundamental resultante da omnipotencia do Motor Supremo (Deus) assim substituido por uma influencia directamente e puramente medianeira, que não devia livremente desenvolver sinão o amor. Essa santa idealização do typo feminino tornou-se mais apta do que a natureza divina para preparar a concepção final da Humanidade, embora não pudesse representar assaz a intelligencia, e sobretudo a actividade, que devem ceder ao sentimento a personificação do Grão-Ser. Por isso, apezar do aborto necessario da reforma do décimo terceiro século, esse culto, precursor espontaneo da sociolatria, cresceu sempre, atravez da anarchia moderna, entre os occidentaes que melhor mantiveram a continuidade moral e social (Italianos e Hespanhóes). — AUGUSTO COMTE, *Systema de Politica Positiva*, t. III, p. 485.

Veja-se a carta que São Bernardo dirigiu aos cônegos de Lyon, no anno 1140, refutando a crença na *Immaculada Conceição* de Maria. Essa carta acha-se reproduzida em varias publicações da Igreja Positivista do Brazil. Na phrase de Augusto Comte, a Virgem se havia tornado, sob o duplo surto da influencia feminina e dos costumes cavalheirescos, a *dama commum dos corações desoccupados*. (Vide publicação n. 215 da Igreja Positivista do Brazil, p. 142 a 148). — R. T. M.

(25)... Resumo actual da Religião da Humanidade: A UTOPIA DA VIRGEM MÃI, destinada a proporcionar ao Positivismo um resumo synthetico equivalente ao que a instituição da EUCARISTIA, forneceu ao Catholicismo. — AUGUSTO COMTE, *Politica Positiva*, t. IV, pg. 279.

Si tal problema jamais for resolvido, a sua efficacia moral e mental será sempre tão completa quanto o foi, em relação ao progresso material, o sonho da transmutação dos metaes. Mas, suppondo obtida a solução, a imperfeição da ordem humana conduzirá em breve a substituir-lhe outra pesquiza, não menos apta a concentrar o nosso aperfeiçoamento. — *Ibidem*, p. 279.

Instituindo o culto abstracto da Mulher pela festa publica da Virgem-Mãe, a 15 de Agosto, a sociolatria conciliará os tres monotheismos, mostrando aos corações christãos o fundador do Islamismo,

Esses ensinos de AUGUSTO COMTE mostram que, para apreciar a carreira esthetica do esculptor Almeida Reis, cumpre não esquecer as influencias fatalmente revolucionarias, sob as quaes elle se desenvolveu. Conforme vos recordamos, ha pouco, datam de 1880 os seus primeiros contactos com o Positivismo. Ora, como lembra Miguel Lemos, *"Comquanto não fosse completamente positivista,* Almeida Reis tinha afinal pela Religião da Humanidade as mais vivas sympathias. Seguia com crescente interesse o desenvolvimento positivista e mais de uma vez concorreu com seus trabalhos para enriquecer a nossa collecção artistica".

Portanto, somos levados a acreditar que, si Almeida Reis tivesse tido a inestimavel ventura de conhecer o Positivismo, no começo da sua vida, elle não teria concebido, e ainda menos executado, algumas das suas obras. Está neste caso o grupo, *O Genio e a Miseria* (26).

Jamais um artista esclarecido pelo Positivismo teria imaginado a Mulher em tão angustiosas condições. Aliás, o consorcio do *Genio e a Miseria* já fôra idealizado, da maneira mais sublime, por Dante, quando celebra a santa união do grande São Francisco de Assis com a Pobreza. (27).

---

escolhendo a judia excepcional para principal typo do sexo cujo digno culto esboçou. — *Ibidem,* p. 411.

Uma comparação directa permitte apreciar a affinidade fundamental que devia erigir o culto occidental da Virgem-Mãe em preambulo espontaneo da adoração universal da Humanidade. Pois que o Grão-Ser (a Humanidade) realiza a utopia feminina fecundando-se sem assistencia alguma extranha á sua propria constituição. Eis como o Positivismo realiza a utopia medieval representando todos os membros da grande familia como provindo de uma mãe sem esposo. Ao mesmo tempo, a utopia feminina incorpora-se á religião positiva para os corações capazes de cultivar a sua efficacia subjectiva sem esperar a sua realização objectiva. — *Ibidem,* ps. 412 a 413.

(26) Tambem não se teria proposto a representar *O Crime.* — R. T. M.

(27)... "Contra seu pai adolescente em guerra
Entrou por dama, a quem bem como a morte,
Ninguem a porta com prazer descerra.

Sob a inspiração positivista, Almeida Reis só poderia representar o Genio amparado, no mais cruel desalento, pela solicitude inexhaurivel da Mulher. Essa é que é a sublime *realidade*, não só em relação ao Genio, porém, frequentemente, em relação a todos os que soffrem .

Acreditamos, pois, que a Posteridade não ha de deplorar a perda desse mallogrado esforço de Almeida Reis.

"Então da Igreja a receber na côrte,
E *coram patre*, por esposa amada
E amor voltou-lhe cada vez mais forte.

"Vivera ella viuva e desprezada
Séculos onze e mais, e de outro amante,
Sinão deste, não fôra requestada.

"Em vão se disse que no lar, constante,
De Amyclas a encontrou esse guerreiro,
De quem tremêra o mundo titubante.

"Em vão fiel, de coração inteiro,
Quando Maria ao pé da Cruz ficára,
Com Christo ella subira-se ao madeiro.

"Para fazer minha linguagem clara,
Em summa, o nome sabe dos amantes:
Com pobreza Francisco se casara.

"Dos dois santa união, ledos semblantes,
Seu terno olhar e affecto milagroso
Dão a todos lições edificantes.

.....

DANTE, *Divina Comedia*, Paraiso, Canto XI, Traducção de J. P. Xavier Pinheiro.

Data do Polytheismo a instituição de imagens ficticias para representar as concepções abstractas; já dando, ás concepções abstractas, uma fórma humana ou animal, já simbolizando as concepções abstractas mediante a combinação de partes humanas com partes animaes, ou mediante a combinação de partes de diversos animaes, como se vê nas esphynges.

Imitando essa tradicção polytheista, os artistas occidentaes fôram, e são ainda, levados a instituir tambem imagens ficticias para representar as concepções abstractas. E, nesses casos, os typos humanos para personificarem as concepções abstractas são escolhidos segundo o genero das palavras que designam taes concepções. E' assim, que a Poesia, a Philosophia, a Sciencia, e a Industria, por exemplo, são representadas por Mulheres. O mesmo se dá com as qualidades pra-

Quanto á pequena imagem da Humanidade, que elle esboçou, o seu merito essencial consiste em ter sido elle o primeiro artista que tentou realizar o voto de AUGUSTO COMTE, a esse respeito, já recordamos que, segundo AUGUSTO COMTE, jamais a Arte conseguirá representar dignamente a Humanidade, sinão sob a fórma de uma Mulher de trinta annos, tendo o seu filho nos braços. Note-se que é a Mulher tendo nos braços um menino, de preferencia a uma menina; para que a imagem represente ao mesmo tempo ambos os sexos, e o sexo masculino sempre sob a providencia moral do sexo feminino. (28).

---

ticas: Coragem, Firmeza, Prudencia, representadas tambem por Mulheres. Esse empyrismo presidiu, sem duvida, á simbolização do Genio e a Miseria, por Almeida Reis. Si tivessem occorrido, a Almeida Reis, palavras do genero masculino, como, por exemplo, o Genio e o Infortunio, o Genio e o Desamparo, o Genio e o Desprezo, etc., para designar o martyrio do genio menosprezado pelos seus contemporaneos; é certo que Almeida Reis jamais teria transformado, em cruel figura de algoz, a imagem angelica da Mulher.

Ainda aqui, a solução definitiva desse aspecto do problema esthético, foi dada por AUGUSTO COMTE, mostrando que as concepções abstractas são humanamente personificadas pelos typos, sobretudo historicos, que melhor as evocam. Tal foi o principio que presidiu a construcção do *Calendario positivista, quer histórico, quer abstracto; e do Templo da Humanidade*. Com effeito, nessa dupla construcção do culto positivista, Moysés representa a Theocracia, Homero representa a Poesia Antiga, Aristóteles representa a Philosophia Antiga, Archimedes representa a Sciencia Antiga, Cezar representa a Civilização Militar, São Paulo representa o Catholicismo, Carlos Magno representa o Feudalismo, Dante representa a Poesia Moderna, Gutenberg representa a Industria Moderna, Shakespeare representa o Drama Moderno, Descartes representa a Philosophia Moderna, Bichat representa a Sciencia Moderna, Frederico (da Prussia) representa a Politica Moderna, Heloisa representa a Santificação Feminina. — R. T. M.

(28)... A admiravel cavallaria da idade-média, comprimida sob as crenças theológicas, não tinha jamais podido elevar esse culto (da Mulher) sinão ao segundo rango. Quando a sociabilidade moderna tiver tomado o seu verdadeiro caracter, o joelho do homem não dobrará mais sinão deante da mulher. — AUGUSTO COMTE, *Carta* philosóphica sobre a commemoração social, composta para Mme. CLOTILDE DE VAUX, a respeito da sua festa. Vide *Politica Positiva*, t. I, complemento da Dedicatoria, p. XXXIX.

... Porém a mulher, na qual prevalece a sympathia, fonte essencial da unidade, deve fornecer a melhor personificação de um conjunto fundado no amor. Imagem espontanea da familia, só ella póde representar dignamente toda existencia composta; o instinto universal a erigiu em emblema da Patria, antes que o sexo affectivo estivesse

Segundo essa concepção, qualquer Mulher digna de seu sexo, tendo um menino nos braços, constitue, de facto uma representação da Humanidade. Por isso tambem a Mãe de cada positivista torna-se, para seus filhos, a imagem habitual da Humanidade. Além disso, é evidente que, quanto mais completo fôr o *typo moral de Mãe* offerecido por uma Mulher, tanto melhor essa Mulher será a imagem da Humanidade. Ora, AUGUSTO COMTE observa que, em geral, a belleza physica traduz a belleza moral das pessoas. Isso não impede, porém, que uma Mulher sem belleza physica preencha, por vezes, mais cabalmente a funcção de Mãe, de que uma Mulher physicamente formosa. E' claro que, em taes casos, uma Mulher destituida de belleza physica torna-se mais a commovente imagem da Humanidade do que uma Mulher physicamente bella. Um artista idealizaria, portanto, nessa hypothese, a Humanidade, pela Mulher menos bella physicamente; porém mais bella moralmente.

Emfim, comprehende-se que, para ter a *imagem universal* da Humanidade, segundo a concepção posi-

---

assaz apreciado para personificar a Humanidade. — AUGUSTO COMTE, *Politica Positiva*, t. IV, p. 109.

Jamais a arte poderá figurar dignamente a Humanidade a não ser sob a fórma feminina. Figurada ou esculturada, a nossa Deusa (a Humanidade) terá sempre por simbolo uma mulher de trinta annos tendo o seu filho nos braços. A preeminencia religiosa do sexo affectivo caracterizará similhante emblema, em que o sexo activo deve ficar collocado sob a santa tutela daquelle. — AUGUSTO COMTE, *Catecismo Positivista*. Traducção e Notas de Miguel Lemos, 3.ª ed., p. 145.

... typo digno real (CLOTILDE), mais efficaz que as melhores demonstrações philosophicas. — AUGUSTO COMTE, Carta a CLOTILDE de 15 de Fevereiro de 1846. *Testamento*, Correspondencia, p. 514.

Conservo cada vez mais a minha esperança primitiva de ver a tua cara imagem (de CLOTILDE) fornecer o emblema usual da Humanidade sobre a bandeira occidental. — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Confissões, *Sexta Santa* CLOTILDE, p. 160.

Com receio de esquecer, recommendo-vos *ex-abrupto*, a não applicar á Humanidade a palavra de *Soberania* que, por ser absoluta, só

tivista, cumpre escolher a Mulher que tenha exercido a influencia mais decisiva, e para sempre, no conjuncto da evolução da Humanidade.

A solução de tal problema depende da noção que se tiver da evolução da Humanidade, isto é, da noção de Progresso. Para quem imagina que o Progresso não tem limite algum; ou que, tendo um limite, esse limite não póde ser previsto, está claro que a imagem universal da Humanidade não pode ser precisamente instituida. Porém, desde que se reconhece que a demonstração scientifica da innateidade dos pendores altruistas veiu patentear que o limite para o qual tendeu sempre o Progresso é o predominio do Amor sobre a Terra, conclue-se que tudo de essencial estava feito desde que ficou fundada e construida a Religião systematizando para sempre a Paz universal. Ora, esse foi o resultado da obra de Augusto Comte, sob a angelica inspiração de Clotilde de Vaux. De sorte que, a este respeito, póde-se applicar a Clotilde de Vaux, apreciação analoga

---

convinha a Deus e ao Povo. E' a palavra puramente relativa de *Supremacia*, que cumpre empregar em relação á nossa Deusa (a Humanidade), que está infelizmente muitissimo longe de ser *Soberana* no mundo real, embora seja ahi *Suprema*, isto é, superior a qualquer ser conhecido, tanto individual como collectivo. Sentis facilmente o alcance dessa precisão de linguagem, para fazer melhor contrastar o dogma positivo com o dogma theológico e o dogma metaphysico. — AUGUSTO COMTE, Carta a Pierre Laffitte, de 8 de Gutenberg de 64 (19 de Agosto de 1852). Vide *Revue Occidentale*, n. de 14 de Carlos Magno de 121 (1º de Julho de 1909).

... O coração do verdadeiro positivista, deve, no interior, repellir sempre as vontades arbitrarias, como seu espirito as afasta no exterior. *Nossa humilde deusa* (a Humanidade) está, com effeito, isenta dos varios caprichos peculiares ao seu precursor todo-poderoso (Deus). Seus actos quaesquer seguem leis apreciaveis, que o estudo positivo de sua natureza e de seu destino nos revela cada vez mais. Subordinando-nos tanto quanto possivel a essas leis, faremos sem cessar progressos inexhauriveis na conquista da paz, da felicidade, e da dignidade. — AUGUSTO COMTE, *Catecismo Positivista*. Traducção e Notas de Miguel Lemos, 3.ª ed., ps. 336 a 337.

... Os objectos que devo doravante conservar para possuidores determinados, tornam-me mais familiar a verdadeira apropriação, systematizados pelo positivismo, onde os *ricos de coração substituem os pobres de espirito do catholicismo*. — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, pagina 24.

á de Lagrange sobre Newton: *"Nunca ninguem igualará a gloria scientifica de Newton, porque não havia sinão um systema do Mundo a achar"*. Entre os contemporaneos de Newton houve genios, como Jacob Bernouilli, que Augusto Comte considera intrinsecamente comparavel a Newton, e que poderia ter descoberto a lei da gravitação planetaria, tanto mais independentemente de Newton, quanto o calculo infinitesimal, indispensavel á tal descoberta, havia sido inventado por Leibnitz, sob a fórma mais conveniente. Depois de Newton, surgiram genios que Augusto Comte considera por ventura superiores a Newton, como, por exemplo, José Fourier, o fundador da thermologia mathematica, porém, cuja obra teve fatalmente um alcance social inferior á de Newton. (29).

---

(29)... Vide AUGUSTO COMTE: *Philosophia Positiva*, T. II, ps. 591 a 592; *Astronomia Popular*, ps. 403 a 404; *Politica Positiva*, t. IV, p. 403; *Synthese Subjectiva*, t. I e unico escripto, Introducção, ps. 72 a 73. Reproduziremos aqui sómente as seguintes passagens:

O maior dos puros geometras, Lagrange, disse com esse profundo instinto philosophico que o distinguiu espontaneamente de todos os seus rivaes, embora não haja elle jamais affectado nenhuma tal pretenção especial: *ninguem igualará jamais a gloria scientifica de Newton, porque não havia sinão um só systema do mundo a achar*... — AUGUSTO COMTE, *Astronomia Popular*, nota á p. 404.

... Mesmo classificando os typos intellectuaes, devi algumas vezes subordinar o valor pessoal aos resultados effectivos, que dependem sobretudo da situação historica, favoravel a certas vocações e contraria a outras. Dos seis pensadores collocados sob Bacon, tres lhe fôram, aos meus olhos, superiores, embora essa preeminencia não tenha podido desenvolver-se assaz para permittir-lhes secundar tanto a evolução mental: contraste similhante existe entre Lagrange e Newton. — AUGUSTO COMTE, *Politica Positiva*, t. IV, p. 403.

Independentemente do génio, não sómente analytico, mas sobretudo mathematico, que caracteriza tão eminentemente esse bello conjunto de descobertas, deve-se ter notado, a minha imperfeita indicação, com que perseverante criterio (sagesse) philosóphico Fourier se tinha escrupulosamente apegado, desde a origem de suas pesquisas, á thermologia positiva, da qual não se afastou jamais um só instante, tomando comtudo o surto o mais sublime, em uma época em que entretanto, por toda parte em torno delle, concordavam em não considerar como dignos da attenção dos pensadores sinão os trabalhos apropriados para apoiar tal ou tal concepção arbitraria sobre a natureza do calor. Considerando de uma maneira imparcial e aprofundada a harmonia dessas altas qualidades, cuja perda é por ventura ainda demasiado recente para ser convenientemente apreciada, pelo vulgo dos scientistas, não receio pronunciar, como si eu estivesse a dez se-

Essas reflexões patenteam que, quando mesmo a Humanidade viesse a produzir typos iguaes ou superiores a Clotilde de Vaux, a gloria desses typos, aliás difficilmente realizaveis, não poderia jamais comparar-se á de Clotilde de Vaux. Porque só havia uma Religião final a fundar e construir-se; e essa Religião foi fundada e construida por Augusto Comte, graças á angelica influencia de Clotilde de Vaux. (30).

---

culos de hoje, que, desde a theoria da gravitação, creação alguma mathematica teve mais valor e mais alcance do que esta, quanto aos progressos geraes da philosophia natural: talvez mesmo, escrutando de perto a história desses dois grandes pensamentos, achar-se-ia que a *fundação da thermologia mathematica por Fourier estava menos preparada que a da mecanica celeste por Newton.* — AUGUSTO COMTE, *Philosophia Positiva*, t. II, ps. 591 a 592.

... No seu inicio, os estudos mathematicos compreendiam o mesmo campo geral que depois do seu surto completo, que não póde senão desenvolver um dominio essencialmente immutavel. Bem que a anarchia moderna haja por vezes suscitado tentativas além desses limites, o aborto destas sempre confirmou a restricção necessaria da sciencia fundamental (a Mathematica) ás especulações sobre o numero, a extensão, e o movimento. A disciplina positiva, votando a Logica (denominação que Augusto Comte restituiu á Mathematica, segundo os antecedentes historicos, desde a Idade-Média) ao estudo systematico do Espaço, limita-se a promulgar uma lei que não creou, e cuja realidade, tanto subjectiva como objectiva, resalta do conjunto dos ensaios peculiares á iniciação humana. Basta para confirmal-a, lembrar que, *na melhor das tentativas anómalas*, o principal geómetra do decimo nono século (Joseph Fourier) forneceu, atravez da anarchia academica, um admiravel typo do verdadeiro génio mathematico sem aperfeiçoar nem a thermologia nem a logica (a mathematica). — AUGUSTO COMTE, *Synthese Subjectiva*, Introducção, paginas 72 a 73.

(30)... Não se póde pensar sempre, mas se pode amar sempre. Venerdia (sexta-feira) 16 de Maio de 1845. O positivismo religioso começou realmente em nossa preciosa entrevista inicial do Venerdia (sexta-feira), 16 de Maio de 1845, quando o meu coração proclamou inopinadamente perante a tua familia maravilhada a sentença caracteristica (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a divisa especial da nossa grande composição (Systema de Politica Positiva). — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Confissões. QUINTA SANTA CLOTILDE, p. 149.

Exemplo algum me havia offerecido jamais uma tão perfeita lealdade unida a uma pureza tão delicada, sem o minimo laivo de affectação (*pruderie*) nem de ostentação. Essa rara combinação moral não parecia mesmo poder realizar-se sinão á custa da intelligencia. Que incomparavel ventura para mim tel-a afinal achado em um dos typos mais eminentes do verdadeiro espirito feminino!... Conto que minha perseverança infatigavel obterá emfim da vossa sincera modestia a preciosa autorização de render convenientemente uma homenagem solenne a essa natureza excepcional, quando nada fosse, para offerecer indirectamente ao vosso sexo um typo digno real, mais efficaz do que as melhores demonstrações philosophicas. — AUGUSTO COMTE,

Portanto a Humanidade não poderá jamais ter, para imagem universal, outra Mulher, em condições comparaveis ás de Clotilde de Vaux. Tal foi o juizo de Augusto Comte, e o voto que elle previu scientificamente que a Posteridade realizará um dia. (31).

Uma tradição que Miguel Lemos nos disse existir entre os discipulos de Augusto Comte, em Paris, attribuia a Augusto Comte o haver indicado a Virgem Sixtina de Raphael, como devendo ser tomada para representar a Humanidade, até que fosse instituida a imagem definitiva, por artista positivista. Porém, em carta ao seu discipulo G. Audiffrent, Augusto Comte observa que, si a imagem da Humanidade fosse bem pintada, não seria a Madonna. (32).

Testamento, Correspondencia, Carta a CLOTILDE, de 15 de Fevereiro de 1846.

As necessidades essenciaes do novo culto me têm feito procurar com candura, no conjunto do passado, uma verdadeira personificação da mulher. Porém a minha consciencia sacerdotal me tem sempre conduzido a ti. Não pude achar alhures essa plena harmonia entre o coração e o espirito que emprestaste á tua tocante Lucia. — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Confissões, QUARTA SANTA CLOTILDE, pagina 132.

Embora o teu surto inicial haja sido tão fatalmente quebrado, deixou elle traços que, mesmo sem o meu testemunho, permittem apreciar em ti um conjunto, talvez incomparavel, das principaes qualidades do teu sexo, tanto pelo espirito, como pelo coração. — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, QUINTA SANTA CLOTILDE, p. 138.

(31)... a religião cuja fundação a Posteridade attribuirá tanto a ti (CLOTILDE) como a mim... Tu foste, sem o saber, como o digo todos os martedias (terças-feiras) a mulher mais eminente, pelo coração, pelo espirito, e mesmo pelo caracter, que a historia universal me haja apresentado até aqui. O futuro parece-me difficilmente susceptivel de um typo melhor. — AUGUSTO COMTE — *Testamento*, Ultima Confissão, p. 239.

Viver para outrem. Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! Só tu (CLOTILDE) me ensinaste a fundir as suas fórmulas: Que prazeres pódem exceder aos da dedicação? — AUGUSTO COMTE, *Testamento*, Orações, p. 82.

(32)... Distingamos primeiro dois pendões demasiado confundidos no meu *Discurso (sobre o conjunto do positivismo)*, um religioso, outro politico. O primeiro, unico indicado pelo Discurso, é uma bandeira extendida em quadro, trazendo na face *branca*, o simbolo da Humanidade, representada por uma mulher de trinta annos, tendo o seu filho nos braços (não será a Madonna si fôr bem pintada), na face verde, a fórmula sagrada dos positivistas: o amor por principio, a ordem por base, e o progresso por fim. — AUGUSTO COMTE, Carta a G. Audiffrent, de Mercuridia 1.º de Homero de 63 (quarta-feira 29

O que significa essa observação de Augusto Comte? Eis o que acreditamos que nosso Mestre quiz caracterizar: na Madonna, o typo principal é o menino, que é o proprio Deus feito homem; ao passo que na imagem positivista da Humanidade, o typo principal é a Mulher. De sorte que, a imagem positivista da Humanidade será tanto mais perfeita quanto melhor se fizer sentir que o menino se acha sob a angelica influencia da solicitude materna. (33).

O merito, pois, de Almeida Reis, no seu esboço da imagem da Humanidade, consistiu, antes de tudo, em procurar reproduzir os traços de Clotilde de Vaux; o que, desde logo, indica a real preponderancia da Mulher na herarchia social, que só ella patenteou a Augusto Comte.

Ora, lembramos, ha pouco, a apreciação de Augusto Comte: "Considerando o advento do Catholicismo, os seus leitores pódem todos sentir que os contemporaneos serão sobretudo julgados, individualmente e collectivamente, segundo a conducta delles para com o Positivismo." Não podemos, pois, ter duvida que, para a Posteridade, os trabalhos de Almeida Reis que terão a primazia, como titulo do seu merito esthetico, são justamente aquelles que attestam a sua approximação crescente do Positivismo.

---

de Janeiro de 1851). *Cartas* de AUGUSTO COMTE a diversos, publicadas pelos seus testamenteiros, t. I. 1.ª parte, p. 21.

Segundo uma tradição constante em Paris, mas cuja authenticidade ainda não pudemos verificar, Augusto Comte indicara para representação provizoria da Humanidade a Virgem de Rafael chamada de S. Sixto. Nosso Mestre esperava que, na idealização do futuro, os traços de Clotilde de Vaux ficassem consagrados definitivamente (V. POLITICA POSITIVA, tomo 4.º, p. 554; e o VOLUME SAGRADO (Testamento de Augusto Comte), (p. 160) CATECISMO POZITIVISTA, tradução e notas de Miguel Lemos, 3.ª ed., p. 470. — R. T. M.

(33)... Além disso, a Madonna está preoccupada com o Céu: ao passo que a Humanidade procura assegurar o Amor sobre a Terra. — T. M.

Concluindo, renovamos a segurança da nossa gratidão aos parentes e descendentes de Almeida Reis. Estamos convencidos que, emquanto houver positivistas brasileiros, e mesmo em qualquer parte, poderão os descendentes de Almeida Reis contar com a gratidão e o devotamento dos positivistas.

Depois dessa explicação, o Dr. Generindo dos Santos leu o seguinte soneto:

JUNTO AO MONUMENTAL JAZIGO
do Grande Estatuario Brasileiro
Candido Caetano de Almeida Reis
no Campo Santo de São Francisco Xavier

Por occasião da romaria, historicamente reparadora, que a Escola Nacional das Bellas-Artes, por uma commissão, eleita pela respectiva Congregação e composta dos professores de Pintura, Esculptura e Architectura, tendo como orador o de Historia das Artes, e representando não só o corpo docente como o dicente da mesma Escola, officialmente lhe fez, em 25 de Shakespeare de 136 (3 de Outubro corrente) depositando uma grande corôa de flores naturaes na base do mesmo monumento, para commemorar, com a Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, o seu 1.º anniversario natalicio, depois que lhe foi elle erigido.

"La pierre du cercueil est ton premier autel"

Elisa Mercœur.

Aqui o tens, Almeida Reis! — o amigo
Fiel dos negros dias da desgraça,
Que, te animando, partilhou comtigo
Do teu destino a envenenada taça.

O ESTATUARIO ALMEIDA REIS

Vem dizer-te, no dia que hoje passa,
Que é teu primeiro altar este jazigo:
Já não tens, na tu'Arte, um inimigo
Que ante a Posteridade te desfaça.

Sôou-te a hora certa da justiça
Que, a homens como tú, não nega a Historia
E só morbida inveja, em vão, cubiça.

E' completa, bem vês, tua victoria.
— A gloria do teu nome, em louros, viça:
E a gloria do teu nome é minha gloria.

GENERINO.

Rio, 25 de Shakespeare de 136 (3 de Outubro de 1924 (34).

.....

EXTRACTOS DAS NOTAS ANNEXAS

6: — A COMMEMORAÇÃO DO QUARTO CENTENARIO NATALICIO DE LUIZ DE CAMÕES

O nosso confrade J. Mariano de Oliveira, como representante da *Delegação executiva da Igreja Positivista do Brasil,* dirigiu, ao cidadão Ministro de Estado dos Negocios do Interior e Justiça, um requerimento pedindo que fosse restituido á mesma Igreja o busto de Luiz de Camões, executado pelo esculptor Almeida Reis, e que presidira á *Commemoração brasileira do tricentenario subjectivo* do grande poeta, a 22 de São

(34) Pags. 39 a 49 e 53 a 70 da publicação citada.

Paulo de 92 (10 de Junho de 1880), busto que fôra trasladado para a Bibliotheca Nacional, em procissão civica, a 12 do mesmo mez de Junho (1880), afim de ser ahi guardado até que as circumstancias permittissem a construcção de um templo positivista. O nosso confrade baseou o seu pedido no facto de achar-se construido o templo positivista que é a séde da Igreja Positivista do Brasil.

Esse requerimento foi entregue hontem na Secretaria do Interior com os documentos que o fundamentavam, a saber: 1.º, a publica fórma relativa a um trecho da nossa publicação sob o titulo, — *Culto Positivista no Brasil* —, de Janeiro de 1881, que se refere á commemoração do tricentenario de Camões e ao deposito do busto na Bibliotheca Nacional; 2.º, a declaração datada de 8 de fevereiro corrente (1924) do Dr. Ramiz Galvão, confirmando ter recebido, em deposito, o referido busto, que lhe *foi entregue pelo Centro Positivista, para ser entregue, em tempo opportuno, ao Centro Positivista, quando este conseguisse erguer o seu Templo.*

Como, porém, se desejasse que o busto presidisse á *commemoração do Quarto Centenario Natalicio de Luiz de Camões,* que se deve realizar amanhã, domingo, 10 de Fevereiro corrente (1924); e não fôra possivel ser dado o despacho do cidadão Ministro do Interior, até hoje; o cidadão Dr. João de Oliveira Pereira Junior, Director do Gabinete do Ministro do Interior e Justiça, attendendo a essa ponderação do nosso confrade Amaro da Silveira, consentiu na entrega do busto, a titulo precario, mediante recibo passado por nós, até que o requerimento obtivesse despacho definitivo do cidadão Ministro do Interior e Justiça. Nesse sentido dirigiu o Dr. João de Oliveira Pereira Junior uma carta ao Director interino da Bibliotheca Nacional, Dr. Mario Behring.

Para satisfazer essa condição, comparecemos á Bibliotheca Nacional, hoje (sabbado, 9 de Fevereiro), á tarde, onde assignamos o recibo que nos foi apresentado, accrescentando nós a seguinte declaração:

"Declaramos, em tempo, que o busto de Camões a que se refere o presente recibo foi feito por iniciativa da *Commissão Brasileira* que promoveu a celebração do tricentenario de Camões a 22 de S. Paulo de 92 (10 de Junho de 1880); e foi em nome dessa commissão que o referido busto foi depositado na Bibliotheca Nacional, em procissão civica, até que as circumstancias permittissem a construcção de um templo positivista. (Vide *Culto Positivista no Brasil* — Rio de Janeiro, — 1881) — Catalogo da Bibliotheca Nacional, — IV, — 90 — 1, 1". (1)

(assignado) R. Teixeira Mendes
Apostolo da Humanidade
o mais antigo dos membros actuaes da
Igreja Positivista do Brasil,
fundada por Miguel Lemos.

Reproduzimos em seguida, a noticia publicada no jornal "A Noite" de hoje, 2.ª edição, acerca da trasladação do busto do grande épico da nossa raça, para o Templo da Humanidade.

---

(1) Estava presente, na occasião, o Dr. Constancio Alves que veio com o Dr. Mario Behring até o vestibulo da Bibliotheca Nacional, onde nos entregaram o busto de Camões. O Dr. Mario Behring entregou-nos então uma placa tendo o nome *Luiz de Camões*, e disse-nos que essa placa estava na peanha onde repouzava, na Bibliotheca Nacional, o busto de Camões. A peanha já não existia. A placa se acha agora na pequena columna que sustenta o busto de Camões, no Templo da Humanidade.

Nota desta reproducção. R. T. M.

O CULTO A' MEMORIA DE CAMÕES, NA IGREJA POSITIVISTA

O BUSTO DO GRANDE CANTOR, HA MAIS DE 40 ANNOS NA BIBLIOTHECA NACIONAL, FOI TRANSPORTADO PARA O TEMPLO DA RUA BENJAMIN CONSTANT

Quizeram os positivistas do Brasil trasladar para o seu templo, á rua Benjamin Constant, o busto do poeta da raça, o immortal cantor dos Luziadas, que se achava depositado na Bibliotheca Nacional, ha 43 annos.

O busto, obra do esculptor nacional Almeida Reis, foi para alli levado, em procissão civica em 1880, por occasião do tri-centenario da morte de Camões, ficando aos cuidados do então director, Barão de Ramiz Galvão, para ser restituido ao Apostolado Positivista, quando este tivesse o seu primeiro templo.

A trasladação só agora se faz, aproveitando-se a opportunidade da commemoração do 4.º centenario do nascimento do grande épico.

Houve certa difficuldade inicial na cessão por parte da Bibliotheca desse busto, por isso que nenhum documento existia comprovando esse direito. Uma vez, porém, que o Apostolado Positivista exhibio as necessarias provas e o Ministro ordenou, o Director da Bibliotheca entregou o busto, em troca de um recibo.

Tratando-se de um documento que servirá á Historia, entendeu o Sr. Teixeira Mendes fazer no mesmo certas resalvas. Assim, após a declaração de haver recebido o busto de Camões, o chefe da Igreja Positivista no Brasil fez as annotações que se lêem abaixo:

"Declaro haver recebido do Director Geral interino da Bibliotheca Nacional um busto em gesso, de Luiz de Camões, esculptura de Almeida Reis, nella depositado pelo Centro Positivista do Brasil em 1880, busto que fica depositado na séde da Igreja Positivista até

final solução, por parte do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, do requerimento a elle dirigido em nome da mesma Igreja, pelo Sr. José Mariano de Oliveira. Rio, 9 de Fevereiro de 1924."

"Declaramos, em tempo, que o busto de Camões a que se refere o presente recibo foi feito por iniciativa da "Commissão Brasileira", que promoveu a celebração do tri-centenario de Camões a 22 de S. Paulo de 92 (10 de Junho de 1880); e foi em nome dessa commissão, que o referido busto foi depositado na Bibliotheca Nacional, em procissão civica, até que as circumstancias permittissem a construcção de um templo positivista. (Vide "Culto Positivista no Brasil" — Rio de Janeiro, 1881. Catalogo da Bibliotheca Nacional, IV-90-I, I. — R. Teixeira Mendes, Apostolo da Humanidade; o mais antigo dos membros actuaes da Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos."

O referido trabalho de esculptura tem ao lado esta inscripção: "Este busto servio no tri-centenario de Camões, 22 de São Paulo de 92, (10 de Junho de 1880); Almeida Reis".

Compareceram ao acto os Srs. Teixeira Mendes, Sylvio Vieira Souto, Amaro da Silveira, Luiz Horta Barbosa, senhora e filhos, esses membros da Igreja Positivista; e os Srs. Benjamin Floriano Barradas, Arthur Monteiro de Oliveira, Codillac Salgado Lima, Virgilio Tavares, Antonio Marques de Azevedo.

Transportado em automovel para o templo á rua Benjamin Constant, ficou o mesmo collocado ao lado da tribuna, em que amanhã, ao meio dia, serão celebradas as homenagens projectadas pelos positivistas do Brasil.

(Reproducido d'"A Noite" de sabbado, 9 de Fevereiro de 1924, (pg. 2, 2.ª edição).

Amanhã reproduziremos informações sobre a com-

memoração do tricentenario subjectivo de Camões a 22 de S. Paulo de 92 (10 de Junho de 1880). (1).

R. Teixeira Mendes
Apostolo da Humanidade.

Rua Benjamin Constant n. 120.
Rio, 12 de Homero de 70-136 (9 de Fevereiro de 1924).
(Sahido na secção ineditorial do *Jornal do Commercio de Domingo* 10 de Fevereiro de 1924).

Requerimento solicitando que fosse entregue á Igreja Positivista do Brasil o busto de Camões, feito por Almeida Reis, e que se achava na Bibliotheca Nacional.

Cidadão Ministro de Estado dos Negocios do Interior e Justiça

O Centro Positivista do Brasil em Junho de 1880 representado então, pelo Sr. Raymundo Teixeira Mendes, depois da commemoração civica que realizara do 3.º Centenario da morte do grande épico portuguez, Luiz de Camões, recolheu em deposito á Bibliotheca Nacional, com consentimento do Dr. Ramiz Galvão, que era o seu director, o busto em gesso do mesmo poeta, até que as circumstancias permittissem a construcção de um Templo Positivista .

---

(1) A necessidade de providenciar para a erecção do jazigo de Almeida Reis, fez adiar a publicação dessas informações, que só mais tarde serão dadas.
Nota, de 7 de Aristoteles de 71-137 (4 de Março de 1925). — R. T. M.

Os abaixo assignados, membros da Delegação Executiva da Egreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos, vêm pedir-vos dar as necessarias ordens, agora que ella já tem sua séde propria (O Templo da Humanidade á Rua Benjamin Constant n. 74) para que o mesmo busto lhe seja restituido.

A Publica Forma junto, relativa a um trecho do folheto do Sr. Teixeira Mendes — Culto Positivista no Brasil — publicado em Janeiro de 1881, em que elle se refere a essa commemoração e ao referido deposito do busto na Bibliotheca Nacional, e a declaração datada de hoje do Dr. Ramiz Galvão, confirmando o que dissemos acima, servirão de prova bastante para que deis despacho favoravel.

Rio, 8 de Fevereiro de 1924.

(a) José Mariano de Oliveira.

Documentos annexos ao requerimento precedente.

A) *Publica forma do trecho da publicação* Culto Positivista no Brasil, *no qual está declarado que o busto de* Camões, *feito por Almeida Reis, ficaria guardado na Bibliotheca Nacional até que as circumstancias permittissem a construcção de um Templo positivista.*

Copia — Ibrahim Machado. Tabellião. Rua do Rosario 88. Publica fórma de um livro que me foi apresentado, intitulado "Culto Positivista no Brasil" de R. Teixeira Mendes, de 1881. Me foi pedida uma Publica fórma da parte seguinte, que me foi apontada a folhas 3: "Este busto, — devido ao habil cinzel do esculptor brasileiro Almeida Reis, — acha-se actualmente na Bi-

bliotheca Nacional com as duas bandeiras allegoricas, uma ao periodo fetichista, outra ás civilisações theocratica e greco-romana; a lembrança desses symbolos, foi do Sr. Annibal Falcão. Para alli forão, — busto e insignias, — processionalmente transportados pela mocidade das escolas superiores e confiados ao zêlo esclarecido do digno chefe daquelle estabelecimento, o Sr. Dr. Ramiz Galvão. Durante o trajecto do prestito pelas ruas principaes da Capital do Imperio, as senhoras atiravam flôres das janellas; e foi assim, — envolto na bandeira portugueza e nos perfumes da veneração geral, — que a imagem da maior individualidade lusitana penetrou no sanctuario de suas immortaes producções. Era já noite; a parte mais saliente do edificio estava illuminada; e no vestibulo, ainda cheio dos ornatos da Exposição Camoneana, mandára o Dr. Ramiz Galvão collocar uma mesa envolta em damasco, onde repousasse provisoriamente o busto sagrado. O digno Bibliothecario, — embora noutro ponto de vista, — profundamente compenetrado da solemnidade daquelle instante, protestou que havia de conservar escrupulosamente os emblemas que a mocidade acabava de confiar á sua guarda. Esta procissão não fôra planejada pela commissão brasileira. Haviamos obtido do Dr. Ramiz Galvão consentimento para depor na Bibliotheca o busto, até que as circumstancias permittissem a construcção de um Templo positivista, e contavamos fazer a trasladação com a modestia proporcionada ás posses de um pugillo de crentes. Quizeram as circumstancias que assim não acontecesse." Era o que se continha em a dita parte que me foi apontada em o dito livro, donde por me ser verbalmente pedida fiz extrahir a presente Publica fórma que conferi e achando-a conforme a subscrevo e assigno em publico e raso nesta cidade do Rio de Janeiro aos sete de fevereiro de mil novecentos e vinte e quatro. E eu, Tabellião, a subscrevo e assigno em publico e raso. — Fausto Werneck Furquim de Almeida.

B) *COPIA.*

CONSELHO SUPERIOR DO ENSINO

Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 1924.

Posso attestar que a 10 de Junho de 1880 na qualidade de director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, cargo que então exercia, recebi naquelle estabelecimento, em deposito, o busto de Luiz de Camões, que me foi entregue pelo Centro Positivista.

Quando em 1882 deixei o referido cargo, esse busto ficou na Bibliotheca Nacional para ser entregue, em tempo opportuno, ao Centro Positivista, quando este conseguisse erguer o seu Templo.

(a) Dr. B. F. Ramiz Galvão.

COPIA da copia authentica

COPIA.

Termo de entrega de um busto de Camões á Delegação Executiva da Egreja Positivista do Brasil

---

Aos dezoito dias do mez de Fevereiro de mil novecentos e vinte e quatro, em obediencia ao Aviso numero duzentos e setenta e quatro, do Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores, a Directoria da Bibliotheca Nacional fez entrega á Delegação Executiva da Egreja Positivista do Brasil, representada pelo Sr.

José Mariano de Oliveira, do busto de Camões, que a esta Bibliotheca fôra recolhido em mil oitocentos e oitenta, em deposito, por solicitação do Centro Positivista do Brasil. E, para constar, lavrei o presente termo, que assigno (Assignado): Alfredo Mariano de Oliveira, secretario da Bibliotheca Nacional. Em tempo declaro que o busto de Camões a que se refere este termo, já fôra entregue a titulo precario em nove de Fevereiro corrente á Egreja Positivista do Brasil, mediante recibo assignado por R. Teixeira Mendes "Apostolo da Humanidade, o mais antigo dos membros actuaes da Egreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos". Secretaria da Bibliotheca Nacional, dezoito de Fevereiro de mil novecentos e vinte e quadro. (Assignado): Alfredo Mariano de Oliveira, secretario, Mario Bhering, Director Geral interino e J. Mariano de Oliveira, representante da Delegação Executiva da Egreja Positivista do Brasil. — Confere, — Secretaria da Bibliotheca Nacional, dezenove de Fevereiro de mil novecentos e vinte e quatro. O Secretario Alfredo Mariano de Oliveira. (1).

(Carimbo): Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, Fevereiro de 1924.

Secretaria. (2).

.....

(1) Nota desta copia: Da palavra — Confere, até a Oliveira está em manuscripto do secretario. — R. T. M.

(2) Pags. 73 a 77 da citada publicação.

APÊNDICE

Documentos relativos ao Espólio Artistico Almeida Reis

APÊNDICE

— A —

CLÁUZULAS TESTAMENTÁRIAS DE GENERINO ACERCA DO ESPÓLIO ARTÍSTICO DE ALMEIDA REIS

Documentos de sua ezecução

(Ver 1.º vol. de Humaniadas)

.....

"DECLARO que, não possuindo herdeiros necessários, ... disponho de todo o meu possuído do seguinte modo: — todas as mencionadas quantias, ... serão, quanto seja necessário, applicadas:

.....

3.º á fundição em bronze da estatueta "Dante ao voltar do exilio" e "Alma Penada", do meu amigo e grande estatuário Almeida Reis, que figuraram na ornamentação da sala, em que, no "Club Tiradentes", a 15 de Setembro de 1887, commemorando o 556.º anniversário de sua morte, fiz uma conferência, lendo a versão que, em vernáculo antigo, tentei fazer de alguns cantos do "Inferno de Dante".

.....

"DECLARO que todos os objectos em gêsso ou terra cota, madeira ou bronze, poucos, representando folhas d'arvore... objectos existentes na sala que habito á Rua Taylor n.º 159, alguns dos quaes já partidos e outros esfarelados pela acção do tempo, várias mudanças e, mormente, por terem sido modelados em barro já cançado, á mingua de material mais resistente e duradouro (pelo que voto, e confiadamente espero mesmo, que o nosso commum amigo e hoje consagrado esculptor, Eduardo de Sá, com tempo e vagar, se lhe fôr possivel e quanto de mister, os restaure e complete, para que se não perca o emotivo surto que evolutivamente os inspirou) pertencem ao espólio Almeida Reis, supra citado.

"Taes são: estatueta "Dante ao voltar do exilio", inspirada no meu soneto "A Dante Alighieri"; "Alma Penada" (guai à voi anime prave!), de assumpto dantesco (Inf. c. III); "Expiação", modelada para a Casa de Correição desta Capital; "Apotheose do regimen pacifico e industrial sobre os destroços da guerra", isto é, do instincto constructor, que tudo produz e conserva, sobre o instincto destruidor, que só consome e devora tudo; "busto do seu discipulo Emmanuel Lacaille" posando de pescador Napolitano; "portrait-charge" do imperial "Poeta Garcia" (irmão do genial compositor beethoveniano Pe. José Mauricio); cabeça da estátua "O Crime", premiada na Exposição de Philadelphia e, ao voltar della, na Alfandega, partida; e dois *fac-similes* em madeira, por elle copiados (Reis, que aprendera com seu pai, era insigne esculptor em madeira, havendo delle uma bellissima imagem numa das igrejas desta Capital) de dois caboclos existentes no pedestal da estátua do 1.º Imperador, no Largo do Rocio, além de um ou outro *apontamento em barro*, já agora inintellegivel.

Todos esses objectos (como um esboço acabado da estátua de Osório, que foi subrepticiamente parar ao atelier Bernardelli, onde foi visto e donde logo desappareceu) se achavam no atelier Reis no Largo do Paço (pavimento térreo, onde hoje existe a Repartição Geral dos Telegraphos) sob a guarda de Epiphanio Borges, quando sem *tir-te* nem *quarte*, foi brusca e violentamente demolido — e eu próprio em pessôa consegui salvar dos respectivos escombros e da inexperiencia de seu filho, então menor de uns treze annos, que ia começando a dissipar outros, relativamente, de somenos importancia (caricaturas, em barro, de summidades artisticas em voga) que encontrava no espólio de seu pai; pelo que, desde então — 1889 — eu o carrego sobre os hombros, procurando, quanto possivel conservar, através da "Revolta de Setembro" e outros motins politicos não menos demolidores. — Todos esses objectos, digo, pertencentes ao espólio Almeida Reis, do qual sou e sempre me considerei mero detentor, serão entregues á sua nora, viuva do seu referido filho Eugênio de Almeida Reis, — apezar de não ter ella, infelizmente, podido impedir que duas magnificas pequenas telas, existentes em seu poder, e nas quaes o infortunado e grande estatuário foi genial e expressivamente retratado, em Paris, por Pedro Americo, fossem parar á "Galeria Jorge" cujo proprietário, não obstante o meu testemunho pessoal, que invocou, na qualidade de amigo que fui de ambos, teime em confundir, apresentando a mais caracteristica dellas, como sendo de Fagundes Varella, segundo se póde ver de uma reprodução polychrômica, publicada este anno pela "Illustração Brasileira", que, logo depois, foi sabedora do facto, mas não rectificou o erro (1).

. . . . . .

(1) — Apezar dos esfórços feitos, nada se conseguiu saber acerca do paradeiro atual déssas belissimas télas de Pedro Américo. Nem mesmo se obteve reprodução das explêndidas policromias saídas na "Ilustração Brazileira", citada por Generino. — *A Testamentaria.*

..... o meu retrato, do natural, em bronze (medalhão), modelado e fundido sobre fundo circular de jacarandá-ciré, com o meu nome — Generino dos Santos — em letras de metal embutidas na madeira, pelo meu amigo e estatuário Almeida Reis, quando a esforços meus, se fundiu, com o mesmo bronze, a "Estátua do Progresso"; e um retrato do próprio Almeida Reis, modelado e fundido em gêsso por seu discipulo Emmanuel Lacaille, para ser offerecido, como foi, ao Mestre, por esse motivo e naquella occasião: — disponho que sejam offerecidos, em meu nome:...

3.º, o meu retrato em bronze, á Academia Pernambucana de Letras, da qual, por motivo doutrinário, recusei ser sócio correspondente, negando a Regueira Costa consentimento para propor-lhe o meu nome; sendo-lhe tambem entregue, com o meu retrato — e acompanhada de todos os titulos e documentos comprobatórios do seu julgamento por literatos maranhenses, para que os guarde e conserve, se julgar dignos disso — uma grande corôa de palhetas doiradas, que, em concurso inter-estadual para composição literal de um hymno á educação physica, me foi deferida pelo Estado do Maranhão; 4.º, que seja fundido em bronze o medalhão de Lacaille para ser fixado no pedestal do Monumento que a Almeida Reis foi erigido no Campo Santo de São Francisco Xavier pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, graças á iniciativa e á realisadora intervenção pessoal do Eminente Apóstolo da Humanidade, Snr. R. Teixeira Mendes, cumprindo um voto de Miguel Lemos, expresso em sua IX circular annual de 1889."

.....

— B —

(DAS DECLARAÇÕES FINAIS DO TESTAMENTEIRO)

.....

"5 — OBJÉTOS QUE O TESTAMENTO MENCIONA, MAS QUE NÃO FÔRÃO ENCONTRADOS — Dentre os objétos especificadamente legados não se achárão os seguintes: — Têla a óleo do pintor Leopoldino de Faria, reprezentando "a cabeça de Tiradentes" fincada em seu ignominiozo póste, em Vila-Rica; medalhão de bronze com a efigie de Generino, óbra de Almeida Reis; a corôa de palhetas doiradas e documentos relativos ao concurso de poezia no Estado do Maranhão; uma libra esterlina, legada *em espécie* ao filho de Eduardo Hoerhann — Generino Nandja.

Sobre o perecimento de tudo quanto se achava em depozito na Perfumaria Nunes, vêjão-se os documentos entranhados nos autos — fls. 188 a 190" (1).

.....

(1) — O medalhão *em bronze* com a efigie de Generino nunca se encontrou até hoje. Entre as peças, *em gesso*, porem, achou-se o original, já quebrado. Eduardo de Sá pôde reconstitui-lo, quando tentou

— C —

(ENTREGA DO ESPÓLIO ALMEIDA REIS)

Eu, Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis, — viuva de Eugênio de Almeida Reis, único filho do estatuário brazileiro Cândido Caetano de Almeida Reis, — declaro que, nésta data, recebi do Sr. Sílvio Vieira Souto, na qualidade de ezecutor testamentário de Adolpho Generino dos Santos, o espólio artístico de meu sogro, constante da lista junta — espólio esse que desde 1889 se achava sob a guarda do referido Dr. Generino dos Santos, confórme consigna a nona cláusula do seu Testamento.

Verificado por meu filho, João Gonçalves de Almeida Reis, a 27 de julho do corrente ano, em meu lugar e a convite do Sr. Sílvio Vieira Souto, foi o mesmo espólio confiado depois ao escultor Eduardo de Sá, com a nossa aprovação, afim de que fossem feitos os reparos e restaurações possíveis, socilitados pelo Dr. Generino no seu testamento.

Assim tambem demos a nóssa plena aquiecência ao cumprimento de seu vóto quanto a serem vazadas em bronze a estatueta "Dante ao voltar do ezílio", "Alma Penada" e Medalhão com a efígie de Almeida Reis modelado por seu dicípulo Emmanuel Lacaille.

Concordámos, ainda, com a idéia do Sr. Sílvio Vieira Souto de oferecer à Escóla Nacional de Bélas Artes éssas reproduções em bronze, como tambem que um dos dois exemplares fundidos do "Dante" fosse destinado a encimar o Ossário do Sr. Generino, — o maior e mais devotado amigo de meu sogro.

Declaro, porem, que espontâneamente ao receber a comunicação e convite do Sr. Sílvio V. Souto, referente ao espólio de Almeida Reis, já eu deliberara ofertar à Escola Nacional de Bélas Artes as peças dele que estivessem em bom estado ou fossem restauradas.

Ainda me cabe declarar que concordei, de todo, com as ponderações do Sr. Sílvio que justificam o deixar-se de cumprir o voto testamentário de Generino dos Santos no sentido de ser fixado o medalhão de Lacaille, no jazigo de Almeida Reis, levantado por iniciativa do apóstolo R. Teixeira Mendes. Com efeito, o próprio Teixeira Mendes preferiu colocar no dito jazigo um baixo relevo, modelado pelo Sr. Eduardo de Sá, segundo uma fotografia de Almeida Reis ao tempo em

os reparos realizados no espólio de Almeida Reis. A Fundição Cavina vazou em bronze essa peça voluntária e graciosamente e fê-lo ao mesmo tempo que outras destinadas á Escola de Belas-Artes. Não tendo a Academia Pernambucana de Letras acuzado recepção da comunicação que lhe fôra logo feita (1933) do legado em seu favor, a dita efígie (quer em gesso, quer em bronze) foi ofertada ao escultor Eduardo de Sá pela Viuva Almeida Reis. — Veja-se a estampa V. — *Da Testamentaria*.

que era noivo (1874) a que fosse reduzido, para tal fim, o medalhão feito por Lacaille. Tudo isso consta da pg. 18 do opúsculo de Teixeira Mendes (Abril de 1925) sob o título: "O escultor brazileiro Cândido Caetano de Almeida Reis e as suas relações com a Igreja Pozitivista do Brazil".

E, desse modo, por haver recebido o que, em seu testamento, Adolpho Generino dos Santos determina que me seja entregue, como nóra que sou do referido estatuário, Cândido Caetano de Almeida Reis, aqui dou ao Sr. Sílvio Vieira Souto, com estas declarações, — plena, geral e perpétua quitação de tudo, pelo que firmo o presente em duplicata para um só efeito.

(Sobre estampilhas) — Rio, 29 de Setembro de 1933.

a) *Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis.*

ESPÓLIO ARTÍSTICO DO ESTATUÁRIO CÂNDIDO CAETANO DE ALMEIDA REIS QUE, DESDE 1889, SE ACHAVA SOB A GUARDA DE SEU AMIGO DR. ADOLPHO GENERINO DOS SANTOS

(lista anéxa á carta precedente)

1. Quatro folhas de árvores (bronze, — duas pequenas e duas maióres)
2. Estatueta "Dante ao voltar do ezílio", (térra cóta).
3. Busto "Alma Penada" (barro crú).
4. Estatueta "Expiação" (gesso).
5. Busto do dicípulo de Almeida Reis — Emmanuel Lacaille, pozando de pescador napolitano, (terra-cota).
6. Cabeça da estátua "O Crime" (gesso).
7. *"Portrait-charge"*, do imperial "Poéta Garcia" (barro crú).
8. *Fac-similes*, em madeira, de dois caboclos ezistentes no pedestral da estátua do primeiro Imperador, no largo do Rocio.
9. Medalhão com a efígie de Almeida Reis (gesso) modelado por seu dicípulo Emmanuel Lacaille.
10. Estudo de um dorso, em baixo-relevo (gesso).
11. Duas figuras de barro crú, partidas, pertencentes á "Apoteóze do regime pacífico-industrial sobre os destróços da guérra. (Uma cabeça com ramo de louros, um tronco de corpo sentado e outros fragmentos).
12. Uma pequena figura de camponês (bronze)
13. Dois cinzeiros, (bronze).
14. Uma caixinha de papelão com medalhas de gesso, uma das quais com a efígie de Benvenuto Cellini.
15. Baixo-relevo, sem fundo, que reprezenta Generino dos Santos de perfil, (gesso).
16. A mesma obra, fundida em bronze.

17. Duas mãos (gesso) únicos restos de uma estátua de Saldanha Marinho.
18. Fragmentos, ou "apontamentos em barro" de todo ininteligíveis.

Nóta — De acordo com a opinião do escultor Eduardo de Sá, não são da autoria de Almeida Reis (alem do medalhão assinado por Lacaille) as seguintes peças: o estudo de um dorso, em baixo-relevo (gesso); a pequena figura de camponês (bronze); os dois cinzeiros tambem de bronze, assim como as medalhas de gesso, contidas em uma caixinha de papelão.

— D —

(ENTRÉGA À ESCÓLA NACIONAL DE BÉLAS-ARTES, A 14 DE OUTUBRO DE 1933, DE VÁRIAS PÉÇAS DO ESPÓLIO ARTÍSTICO ALMEIDA REIS).

"Sr. Diretor da Escóla Nacional de Bélas-Artes.
Rio de Janeiro.

Vindo, por este módo, à vóssa prezença, temos por intuito cumprir dupla e grata missão.

De uma parte, como ezecutor testamentário que somos, desde 8 de julho do corrente ano, de Adolfo Generino dos Santos — vélho poéta e escritor pernambucano, e o maiór amigo de Cândido Caetano de Almeida Reis, — "um dos nóssos mais eminentes artistas", na expressão de Miguel Lemos.

De outra parte, como pessoa benévolamente escolhida e autorizada que fomos, pela nóra desse infortunado estatuário patrício — a exma. sra. d. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis — para, em nome déla, fazer, ao patrimônio estético déssa Escóla, precióza e comovente oférta.

Entrando, pois, a dezempenhar-nos déssas incumbências, não ha como evitar-se prévia, ainda que abreviada espozição de fatos e deliberações, como se ségue.

No testamento cerrado com que faleceu aos oitenta anos de sua idade, Generino dos Santos declara que vários objétos de gêsso, de térra cóta, madeira ou bronze, ezistentes na sala em que habitava, e onde veiu a falecer, pertencião ao espólio de Almeida Reis, do qual espólio (dis Generino) "sou e sempre me considerei méro detentor".

Por cláuzula testamentária estatúi, então, que todo o declarado seja entrégue à nóra do estatuário, viúva de seu único filho — Eugênio de Almeida Reis.

Antes, porem, determina que se vázem em bronze as seguintes péças:

1ª — Estatueta "Dante ao voltar do ezílio" — óbra inspirada em um soneto do próprio Generino, que assim termina:

Lá vai aquele que voltou do Inférno,
Tendo-o creado à imagem de su'alma,
Trazendo n'alma o sofrimento etérno!

2ª — Busto "Alma Penada", de assunto dantesco (guai à voi, anime prave! — Inf. c. III).

3ª — Medalhão com a efígie de Almeida Reis, modelado e fundido em gesso por seu discípulo Emanuel Lacaille, para ser oferecido, como de fato o foi, ao Méstre, por ocazião e motivo de passar-se em bronze a sua memorável estátua "O Progrésso".

Acerca do medalhão de bronze, determina Generino que seja fixado no monumento tumular de Almeida Reis, levantado, no campo santo de S. Francisco Xaviér, por iniciativa do apóstolo Teixeira Mendes.

No que tóca, porem, às reproduções em bronze do "Dante" e da "Alma Penada", nenhum destino lhes é claramente marcado. Daí, a idéia que houve de aproveitar-se (como já se fês) a estatueta do Florentino para ornar o penhasco de granito por sob cuja baze ficou encerrada, a 5 de setembro p. passado, a urna funerária em que se recolhêrão, no cemitério de S. João Batista, os réstos corporais de Generino.

Mas, pensamos lógo em mandar fundir outro ezemplar da dita estatueta, conjuntamente com "Alma Penada" para serem, ambas, ofertadas (com prévia aquiecência da Exma. Viúva Almeida Reis) ao patrimônio estético da Escóla Nacional de Bélas Artes.

Déssa maneira, mais duas óbras do insigne Artista iríão reünir-se, nas galerias da mesma Escóla, ao primeiro trabalho seu, de pensionista do Estado — "O Parahiba", o qual foi fundido em bronze por órdem de Batista da Cósta, quando diretor, sob o influxo pertinás de Generino.

A convite nósso, o néto de Cândido Caetano, o dr. João Gonçalves de Almeida Reis, como reprezentante da exma. sra. sua Mãi, pôde inspecionar, a 27 de julho último, com a nóssa assistência, tudo quanto constituía o espólio artístico de seu Avô, e que ficára sob a cióza e apaixonada guarda de Generino dos Santos, desde 1889.

Néssa ocazião, participou-nos que a viúva Eugênio de Almeida Reis estava no propózito de tudo ofertar à Escóla Nacional de Bélas Artes, lógo depois de se acabarem os reparos que Eduardo de Sá, de acordo com o Testamento, viésse a realizar nas péças mais prejudicadas pelo tempo, e outras fatalidades. E acrecentou que seria tambem doado à mesma Escóla um pequeno busto de gesso, em baixo relevo (relíquia de família) reprezentando d. Eugênia Júlia de Oliveira, — trabalho ezecutado em 1874 por Almeida Reis, então seu noivo.

Foi esse o busto que serviu de modelo a Eduardo de Sá para realizar o duplo medalhão com as imágens dos dois Espozos, — medalhão que Teixeira Mendes fês colocar no monu-

mento tumular de Cândido Caetano, inaugurado a 3 de outubro de 1924, na prezença dos membros do Conselho Superior de Bélas Artes.

A efígie, porem, de Almeida Reis, Teixeira Mendes preferiu que fosse modelada segundo uma fotografia dele ao tempo em que éra noivo de d. Eugênia Júlia, a que Eduardo de Sá tentasse, para semelhante fim, uma redução do medalhão de Lacaille, feito anos depois do falecimento déla. Tal foi a circunstância que nos levou a dezistir de fixar no jazigo de Almeida Reis éssa óbra de Lacaille vazada em bronze, confórme o vóto testamentário de Generino, vóto que deixará, assim, de ser cumprido. E aqui fica consignada desde já a razão por que, com o "Dante ao voltar do ezílio" e "Alma Penada" tambem se oferéce a éssa Escóla o referido medalhão de Lacaille, já fundido em bronze (1).

Antes de terminar, convem advertir que vão apensas à prezente, como complemento, duas outras cartas, em cópias devidamente autenticadas.

Uma, firmada pelo escultor Eduardo de Sá; outra, pela exma. sra. d. María Francisca F. de Almeida Reis, ambas a nós dirigidas.

A carta do sr. Eduardo de Sá relata o que lhe foi possivel realizar para corresponder ao antigo e sempre renovado vóto de Generino, de que fosse por ele tentada a restauração de várias peças do espólio de Almeida Reis, — partidas, umas, quázi esfareladas, outras.

A carta da nóra de Cândido Caetano encérra a autorização, conferida ao singnátario désta, afim de que faça, em seu próprio nome déla, a oférta, e a oportuna entréga a éssa Escóla, das melhóres péças pertencentes ao espólio artístico de seu sogro.

Éssas péças, que a referida carta menciona e caracteriza, são, afinal, as seguintes:

1. — "Espiação", estatueta modelada em gesso para a Caza de Correição désta Capital.

2. — "Busto de Emanuel Lacaille', dicípulo de Almeida Reis, pozando de pescador napolitano.

3. — "Portrait-charge" do imperial Poéta Garcia, irmão do compozitor Pe. José Maurício.

(1) — O original em gesso desse medalhão acha-se na coleção do escultor Eduardo de Sá, a quem foi ofertado pela viuva Almeida Reis. O dito medalhão, feito por Lacaille, discipulo de Almeida Reis, quando foi por este vazada em bronze a estatua do "Progresso", tras as seguintes inscrições latinas, dispostas circularmente:

ALMEIDA REIS. PROGRESSVS STATUÆ
PERENNE SIGNVM. EX EODEM ÆRE
EMM.LACAILLE—discipvlvs fecit. MDCCCLXXXV

Veja estampa II. — *Da Testamentaria.*

4. — Cabeça da estátua "O crime", premiada na Espozição de Filadélfia e, ao voltar, partida na Alfândega.

5. — Dois *fac-similes* em madeira, copiados de dois caboclos ezistentes no pedestal da estátua do 1º Imperador, no Largo do Rocio, óbra de Rochet, professor de Almeida Reis, em Paris. Este, "que aprendera com seu pai (infórma Generino, test. p. 19) éra insigne escultor em madeira, havendo dele uma belíssima imágem numa das igrejas désta Capital".

6. — Busto de gesso (baixo-relevo) de d. Eugênia Júlia de Oliveira Reis.

A esses originais, ajúntão-se as seguintes reproduções em bronze, feitas pela Fundição Cavina, a que o próprio Generino já destinára esse mistér:

1. — "Dante ao voltar do ezilio" (estatueta).

2. — "Alma Penada" (busto).

3. — "Almeida Reis" (medalhão, por E. Lacaille).

Temos, aqui, por acabada ésta sumária espozição de fatos e rezoluções que, preliminarmente, se nos afigurava, de todo em todo, necessária. E por esse módo — na data mesma em que transcórre o 95º aniversário natalício de Cândido Caetano de Almeida Reis, em nome de sua Nóra e em memória do maiór amigo dele, assim na vida como na mórte, — é que nos é dado fazer, como de fato fazemos, à Escóla Nacional de Bélas Artes a dupla oférta das referidas óbras.

Aguardando a competente respósta vóssa, com dezignação de dia e hóra para a respetiva entréga, no cazo de livre aceitação de todas éssas produções, que réstão de um escultor patrício, que se acreditava dicípulo espiritual de Miguel Angelo e técnico de Luís Rochet, — aqui nos confessamos e nos subscrevemos, ecmo. sr. Diretor.

todo vósso, no Amor, na fé e no serviço da Humanidade.

a) Sílvio Vieira Souto.
(18, r. São Salvador)

Rio, 24 de Shakespeare de 145 (3 de outubro de 1933).

P. S. — Haveis de permitir que vos remetamos, com ésta, um ezemplar imprésso do "Testamento de Generino dos Santos" e um do opúsculo de Teixeira Mendes, sob o título: "O escultor brazileiro Cândido Caetano de Almeida Reis e as suas relações com a Igreja Pozitivista do Brazil".

O ESTATUÁRIO ALMEIDA REIS

1.ª CARTA ANÉXA

Cidadão dr. Sílvio Vieira Souto, d. inventariante e testamenteiro dativo do espólio de Generino dos Santos.

Por divérsas vezes Generino dos Santos manifestou o desejo de me confiar a restauração de alguns trabalhos de escultura do seu diléto amigo Almeida Reis, trabalhos que, por mórte do notável escultor, espontâneamente tomou sob a sua guarda.

Adiando sempre a realização desse dezejo, deixou, por fim, na nona declaração do seu testamento, quando enuméra o que chama — o espólio de Almeida Reis — o vóto, "em que confiantemente espéra", de éssa restauração ser por mim realizada, para que, acrecenta, "se não perca o emotivo surto que evolutivamente inspirou os ditos trabalhos".

Assim, foi com a melhór disposição de auxiliar-vos no cumprimento das últimas vontadas firmadas no testamento do nósso comum amigo que, em 25 de julho do corrente ano, recebi a vóssa comunicação de que éra necessária a minha prezença à rua Taylor n. 159, na caza em que ele rezidiu e faleceu, para tomar conhecimento da parte artística do espólio de Almeida Reis, como de fato tomei.

No dia 27 do mesmo mês tive mais a vóssa participação de que o Sr. João Gonçalves de Almeida Reis, néto de Almeida Reis, em nome da Ecma. Senhóra sua Mãi, ezaminara, nesse dia, o espólio em questão e aceitara o vóto de Generino dos Santos, por vós submetido à sua apreciação, para que me fosse confiada a sua reparação.

Ocupado com a parte judiciária do testamento e preparo do Ossário de Generino dos Santos, hoje inteiramente concluído, só a 10 de agosto do corrente ano pudéstes fazer transportar o dito espólio, parte para a Fundição Cavina, parte para a minha rezidência. Ficarão, assim, sob o meu cuidado: a "Espiação", estatueta em gesso; a "Apoteóze do regime pacífico e industrial sobre os destróços da guérra"; o busto de Emanuel Lacaille pozando de pescador napolitano; um *portrait-charge* do Poéta Garcia; cabeça da estátua "O Crime"; dois *fac-similes* em madeira, cópias feitas por Almeida Reis, de dois caboclos ezistentes no pedestal da estátua do 1º imperador, no largo do Rocio; um baixo-relevo sem fundo, reprezentando, de perfil, a cabeça de Generino dos Santos; duas mãos, em gesso, da estátua de Saldanha Marinho; um estudo anatômico, baixo-relevo de dorso de hômem; folhas de árvore em bronze; uma figurinha de camponês; dois cinzeiros de bronze; uns fragmentos de medalhas e diversos outros irreconhecíveis, em barro seco e gesso.

Os trabalhos entrégues à Fundição Cavina fôrão a estatueta "Dante ao voltar do ezilio", "Alma Penada" e o medalhão de Almeida Reis, por seu dicípulo Emanuel Lacaille.

Os cuidados por mim prestados a esses trabalhos consistirão em retóques nos modelos em cera, para os ezemplares em bronze fundidos na Fundição Cavina.

Na estatueta da "Espiação", referindo-me, agóra aos trabalhos que ficárão sob a minha guarda, repus os braços partidos e firmeia-a no pedestal; repus os fragmentos das duas mãos em gesso e coloquei sobre pequeno pedestal a cabeça do "Crime".

Quanto à estatueta "Apoteóze do regime pacífico e industrial sobre os destróços da guérra", nada pude restabelecer, já porque nenhum dos fragmentos encontrados se lhe foi possível ajustar, já porque se esboroava a cada tentativa de reparação.

Os outros fragmentos de barro tambem não pudérão ser restaurados, inclusive o do Poéta Garcia, o menos danificado de todos eles.

Não foi possível, pois, apezar meu, cumprir o tão tocante e delicadamente formulado vóto de Generino dos Santos. O estado em que ficou o espólio de Almeida Reis, depois de tantas vicissitudes sofridas, durante os quázi quarenta anos em que esteve guardado por Generino dos Santos, impediu a sua total restauração.

O dedicado amigo de Almeida Reis prevê no seu testamento a impossibilidade em que me achei de satisfazer o seu dezejo, quando dis que ele próprio, em pessoa, conseguiu salvar esse espólio e que, desde então, 1889, — palavras suas — "o carréga sobre os ombros, procurando quanto possível conservá-lo através da Revólta de setembro e outros motins políticos não menos demolidores". E, precizando mais o estado do espólio artístico, declara, determinando os objétos em gesso e térra cóta, madeira e bronze que dele fazem parte, "estarem já partidos uns e outros esfarelados pela ação do tempo, várias mudanças e, mórmente, por terem sido modelados com barro já cançado, à mingua de material mais rezistente e duradouro". Quando termina a relação desses objétos, assim se manifésta ainda, sobre os fragmentos em barro, entre eles ezistentes: "um ou outro apontamento em barro, já agóra ininteligível".

Lamentando, portanto, tão pouco ter feito no sentido de "restaurar e completar, para que se não perca o emotivo surto que evolutivamente inspirou" vários trabalhos de Almeida Reis, em homenágem à edificante amizade dos dois amigos, que revivem na estátua d'"Aquele que voltou do inférno, tendo-o creado à imágem de sua alma" e nesses hoje ininteligíveis fragmentos de barro, mas que fôrão em tempo sinais da ardente esperança de ambos nos mais bélos destinos humanos, tomo o compromisso de, com o material desses trabalhos desfeitos, modelar a imágem da "Humanidade", de

módo a relembrar no porvir a gratidão que devemos aos que, antes de nós, em nóssa Pátria, consientemente se votárão, em qualquer grau, ao serviço da coletividade humana.

a) Eduardo de Sá.

Rio, 28 de setembro de 1933. — Rua Lucio de Mendonça, 42.

2.ª carta anéxa

Rio, 2 de outubro de 1933.

Sr. Sílvio Vieira Souto.

Confórme os seus dezejos, venho confirmar pela prezente a plena autorização verbal que já lhe havia dado para que, em meu próprio nome, fizésse oférta e posterior entréga à Escóla Nacional de Bélas-Artes de várias óbras de escultura pertencentes ao espólio artistico de meu sogro, Cândido Caetano de Almeida Reis.

Tendo recebido de suas mãos, como ezecutor testamentário de Adolfo Generino dos Santos, todas as péças que constituião o dito espólio, que ficara sob a guarda dele, depois de restauradas algumas pelo sr. Eduardo de Sá, rezervei a outros fins os originais daquelas três que fôrão recentemente fundidas em bronze, por sua iniciativa, afim de sêrem tambem oferecidas à referida Escóla.

As péças originais em melhór estado que escolhi para esse mesmo destino, são pois as seguintes: 1. "Espiação", estatueta modelada em gesso para a Caza de Correição désta Capital; 2. "Busto de Emanuel Lacaille", (terra cóta) — dicipulo de Almeida Reis, pozando de pescador napolitano; 3 "*Portrait-charge* do imperial Poéta Garcia", irmão do compozitor Pe. Jozé Maurício; 4. Cabeça da estátua "O Crime", premiada na Espozição de Filadélfia e, ao voltar, partida na Alfândega; 5. Dois *fac-similes* em madeira, copiados de dois cablocos ezistentes no pedestal da estátua do 1º Imperador, no Largo do Rocio; 6. Busto de gesso (baixo relevo) de d. Eugênia Júlia de Oliveira quando noiva de Cândido Caetano de Almeida Reis.

Agradecendo, desde já, o dezempenho da missão que lhe é assim confiada, subscrevo-me com a devida estima e antiga amizade,

a) Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis.
(784, r. Barão de Bom Retiro).

O ESTATUÁRIO ALMEIDA REIS

— E —

Universidade do Rio de Janeiro

ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

N. 250

Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1933.

Exmo. Snr. Dr. Sílvio Vieira Souto, M. D. Inventariante e Testamenteiro Dativo do espolio de Adolpho Generino dos Santos.

Recebendo das mãos de V. Ex. na qualidade de executor testamenteiro de Adolfo Generino dos Santos, os trabalhos escultóricos, da lavra do falecido artista patricio, Candido Caetano de Almeida Reis, tenho a satisfação de apresentar-lhe os meus melhores agradecimentos. Sem necessidade de encarecer o valor da oferta, com que generosamente brindou a Escóla de Belas Artes, a Exma. Sra. D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis, a quem rendo as minhas gratas homenagens, declinar-lhes-ei, entretanto, os respectivos títulos, para que fiquem devidamente assinalados.

"Expiação" — estatueta em gesso, modelada para a casa de Correção desta Capital;
"Busto de Emanuel Lacaille';
"Poeta Garcia" — *portrait-charge;*
"O crime" — cabeça em gesso;
"Cabloco" — duas estatuetas em madeira;
"Mãos" — duas mãos em gesso;
"Alma penada" — busto em bronze;
"D. Eugenia Julia de Oliveira Reis" — retrato, baixo-relevo, em gesso;
"Dante ao voltar do exilio" — estatueta em bronze;
"Almeida Reis" — medalhão, bronze, por Lacaille.

Reiterando a V. Ex. os meus agradecimentos, rogo torna-los extensivos á Exma. Snra. D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis.

Atenciosas Saudações

a) ARCHIMEDES MEMORIA
Diretor

(firma reconhecida)

— F —

Nota de Mario Barboza Carneiro sobre o esboço de uma estátua equestre, composto por Almeida Reis, para o Monumento ao General Osorio

Entre os papéis do acervo de Generino dos Santos encontrou-se o n.º 21 do periodico "Gazeta Nacional" — ("orgão republicano" — de que era redator principal Aristides da Silveira Lobo, companheiro de escritório de Generino) — de 25 de Janeiro de 1888, com a seguinte inscrição, a lapis, do próprio punho de Generino:

"Almeida Reis — Monumento ao General Osorio — Carta e apreciação da estátua Bernardelli."

Na pagina 3 desse jornal, conservado, por Generino, durante mais de quarenta anos, no meio de milhares de manuscritos que viérão, afinal, constituir o seu espólio literario, acha-se, efetivamente, publicada uma carta do eminente estatuário, relativa ao monumento ao General Osorio, e uma parte da apreciação, por ele feita, do esboço composto pelo escultor Rodolpho Bernardelli para o mesmo monumento.

A carta em questão refere-se em suas primeiras linhas, a uma exposição que, sobre o assunto, acabava o artista de publicar pela mesma folha; mas, nem essa exposição, nem a parte final do seu parecer sobre o esboço de Bernardelli, fôrão encontrados entre os papeis de Generino recebidos pela Testamentaria.

Entretanto a leitura dessa carta e da parte da aludida *apreciação* de Almeida Reis, publicada no número 21 da Gazeta Nacional", — fez sentir á Testamentaria a conveniencia de registrar, neste volume, o que ocorreu a respeito do esboço patrioticamente concebido e ezecutado, pelo digno estatuário, para o monumnto a Osorio, tanto mais quanto, em seu testamento, Generino deixou entrever a suspeita, sinão a certeza, de que o desaparecimento desse trabalho artístico, — fruto de prolongados estudos e ingentes esforços, — não foi obra do acaso.

De fáto, — referindo-se a determinados objetos do espólio de Almeida Reis que espontâneamente colocára sob sua guarda, desde 1889, e que, até a sua morte conservou na própria sala que habitava, à rua Taylor 159, — declarou Generino: "Todos esses objétos (*como um esboço acabado da estátua de Osório, que foi subrepticiamente parar ao atelier Bernardelli, onde foi visto e donde logo desapareceu*) se achavam no atelier Reis, no Largo do Paço, sob a guarda de Epiphânio Borges, quando sem *tir-te* nem *guar-te*, foi brusca e violentamente demolido". (Humaniadas — Vol. I, página XXVII).

Em busca de esclarecimentos sobre o aludido esboço cogitou-se, antes de tudo, de obter a parte que faltava do parecer de Almeida Reis sobre o trabalho de Bernardelli e a exposição do primeiro sobre o seu próprio esboço e o do seu

competidor, publicada na "Gazeta Nacional" — em numeros anteriores ao de 25 de Janeiro de 1888.

Recorrendo á Bibliotheca Nacional para consultar, não sómente esse periódico, mas tambem as principaes folhas que, na época, se publicávão nesta Capital, pudemos verificar que nada apareceu de interessante, para o fim que se tinha em vista, além dos escritos de Almeida Reis e uma ou outra noticia da própria "Gazeta Nacional".

A citada *exposição* consta de uma extensa carta datada de 16 de Janeiro, que o jornal republicano, dirigido por Aristides Lobo, inserio nos seus numeros de 20 e 21 do mesmo mez. Ahi faz Almeida Reis uma narrativa minucioza dos passos que deu junto á Commissão encarregada do Monumento ao General Osorio para que lhe fosse confiada a ezecução desse trabalho, caso a Comissão pretendesse fazer a encomenda "sem concurso", ou para que, no caso contrário, "fosse aberto o concurso — ao qual se declarava desde logo concurrente".

Recórda que "ha quatro ou cinco annos, desde que se iniciou a subscripção nacional para a erecção do monumento, trabalha nesse sentido junto á Comissão, na sua qualidade de estatuário brazileiro e unico até então existente no paiz". — Diz que — "a Commissão o encorajou a apresentar-lhe um esboço, que conserva em sua officina, e cuja photographia, desde 1883, ainda existe em poder da Commissão, além de um desenho que lhe apresentou em 1884, acompanhado do respectivo orçamento (150:000$000), e de uma proposta em que se compromettia a fazer o trabalho em 3 annos e meio, no Brasil e com pessoal e materais brasileiros, nada tendo a Commissão decidido de estavel e positivo, tendo, em todo caso, declarado que nada se faria sem que elle — Almeida Reis — fosse ouvido. Vendo, porém, que a Commissão, apezar de suas insistencias, não se reunia para deliberar, e constando-lhe, com a chegada do Sr. Bernardelli, que se empenhava este por obter a encommenda da estátua equestre, tornou á carga, por intermedio de um amigo, e lhe foi dito que nada por emquanto havia, senão que continuavam as melhores disposições em seu favor. — "Achavam-se as cousas nesse pé", — prosegue Almeida Reis — "quando, em Junho do anno passado, noticiou a imprensa diária que a Commissão encommendára, ao Sr. Bernardelli, o esboço do monumento. — Procurando verificar o facto, soube do Sr. Barão do Andarahy, presidente da mesma Commissão, que não havia encommenda feita, nem cousa alguma decidida com o Sr. Bernardelli, mas que era bem provavel que fosse elle quem o fizesse, visto não haver quem com elle concorresse. — Contestei semelhante proposição, affirmando que tambem eu era estatuário e que, já de ha muito e quando ainda o Sr. Bernardelli estudava em Roma, havia pedido o concurso, apresentando ao mesmo tempo á Commissão mais de um esboço. — Retorquio o Barão do Andarahy que se lembrava disso, mas que, não obstante, talvez, fosse o Sr. Bernardelli quem fizesse o monumento, não havendo, entretanto nada ainda resolvido". — "Confesso" — diz Almeida Reis — "que uma tal declaração, depois de cinco annos de continuos esforços e perseverantes trabalhos, feitos á custa dos mais penósos sacrificios, que

iam se tornar improficuos, me impressionou desagradavelmente, e, desanimado, resolvi não só reclamar da Commissão o que lhe havia apresentado, como ainda abster-me de mais esforço nesse sentido. — Fallou, porém, mais alto a voz da minha dignidade artistica, acintosamente ferida, e, não pelo ganancioso desejo de lucro, que nunca me tentou, mas tão sómente pelo cumprimento do dever de protestar, como artista, contra a mais banal violação da minha arte, e, como cidadão, contra essa deploravel representação em estátua equestre, do grande heróe; resolvi, por um esforço supremo, compôr um outro esboço e dentro de 10 dias consegui não só estudal-o inteiramente do natural, como ainda modelal-o em barro e, ainda nesse estado, expol-o á curiosidade pública. — Feito isto, convidei, por carta dirigida e entregue pessoalmente ao Sr. Lisbôa, thesoureiro da Commissão, que, como é sabido, é quem superintende os respectivos trabalhos, seus dignos membros afim de que o viessem ver á minha officina: baldado intento! Os referidos membros se achavam dispersos e o Sr. Lisbôa não sabia como reunil-os"!

Desse esboço, em barro, fez Almeida Reis tirar photographias, quando mandou passal-o a gesso, e remetteu-as, em carta fechada, á Commissão, por intermedio do alludido Sr. Lisbôa, com o seu parecer sobre o esboço do Sr. Bernardelli, que então se achava exposto no edificio da Associação Commercial.

"Passaram-se mais ou menos quinze dias" — continúa Almeida Reis, — "sem que désse ella (a Commissão) signal de si e no dia 11 do corrente, quando já o seu conceituado jornal (a "Gazeta Nacional") havia annunciado que eu ia expôr brevemente o meu trabalho, devolveu-me o manuscripto e photographias com o seguinte officio.

> Illmo. Sr. — A Commissão do Monumento ao General Osorio accusa o recebimento do officio de V. S.ª de 30 de Dezembro p. p. acompanhado de duas photographias de um projecto de monumento ao General Osorio, que devolve a V. S.ª por não ter nada a deliberar sobre o mesmo. Devolve, outrosim, um manuscripto que juntou ao seu referido officio.
>
> Deus Guarde a V. S.ª — Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1888 — Sr. C. C. de Almeida Reis; A. A. Vianna, 1º Secretario.

"Que nada tinha a deliberar sobre o mesmo... escreveu-me a Commissão! Entendeu bem o público? Eu não commento; narro apenas: *que nada tinha a deliberar sobre o mesmo!* E mandou publicar, ou consentio que fosse publicado pelo "Jornal do Commercio", que, reunida nessa mesma data, havia deliberado assignar contracto com o Sr. Bernardelli, que em breve partiria para a Europa, afim de buscar os materiais (barro para a modelagem? areia para a moldagem? granito para o embazamento? operarios para o trabalho?) necessarios á construcção do monumento!

.....

"E' bom mesmo que vá e volte logo, trazendo a obra já feita, si a Commissão entende que a todo transe deve elle fazel-a. Mas não lhe ponha o nome em baixo, construida

como esboçada está, porque então estarei vingado: a minha questão não é de dinheiro, é de arte. — O que não posso, porém, consentir, sem o mais energico protesto, é que se procure embair o público, fazendo-o crer que aquillo é bom, quando não passa de um verdadeiro desastre para o Sr. Bernardelli, e uma monumental vergonha para a arte nacional e em exclusivo detrimento della e meu, que, ha cinco annos, peço concurso e trabalho para a construcção desse monumento".

*

Segue-se o que foi publicado, quatro dias depois, no numero 21 da "Gazeta Nacional":

MONUMENTO AO GENERAL OSORIO — Almeida Reis — Esse eminente artista nos dirigiu uma carta acompanhada do parecer por elle firmado sobre o esboço apresentado pelo Sr. Bernardelli.

Uma e outra cousa publicamos com intima satisfação.

Eis a carta:

Sr. Redactor. — Da veridica exposição de factos que acabo de publicar pela sua folha, cuido ter ficado bem patente que não fui eu quem, á ultima hora, por um sentimento de inveja ou outro qualquer movel menos confessavel, veiu *atravessar o negocio* do Sr. Bernardelli; mas o Sr. Bernardelli quem, faltando aos mais rigorosos deveres de colleguismo para comigo (na Europa essa falta seria punida de outro modo) se interpoz sorrateiramente e com a maior deslealdade a uma legitima pretenção em que, havia cinco annos, me achava empenhado, quando aliás lhe havia eu dado exemplo do contrario, recusando o convite que me era feito para esboçar, independentemente de concurso, o nicho da Candelaria, sob o declarado motivo de já ter a imprensa diaria noticiado achar-se elle encarregado desse trabalho: não tem, pois, fundamento, e só prova mal desfarçada parcialidade, o que a tal respeito levianamente procurou insinuar uma folha desta capital, — com certeza sem audiencia de seus principaes redactores.

Em complemento a essa exposição, rogo-lhe agora o obsequio de dar publicidade ao incluso parecer que, em 30 de Dezembro proximo passado, poucos dias depois de exposto o esboço do Sr. Bernardelli, e doze dias antes de se ter ella reunido para *deliberar* sobre elle, remetti á respectiva commissão, ficando eu assim desempenhado da promessa que lhe fiz, e ella mais uma vez convencida da sua parcialidade e de que não peccou por ignorante, se com effeito com o Sr. Bernardelli assignou contracto para a fabricação dessa... "bota monumental".

Eis o parecer:

MONUMENTO AO GENERAL OSORIO. — Acabo de vêr, no novo edificio da Associação Commercial, o esboço que, para o monumento ao general Osorio, compoz e está expondo o Sr. Rodolpho Bernardelli.

Não foi sómente como brazileiro, e assim immediatamente interessado em que tenha o grande Heróe condigna commemoração, mas e principalmente como estatuario, que esse trabalho me impressionou desagradavelmente.

Uma estatua não é mais do que a representação iconica de um grande typo, cuja vida e feitos se deseja perpetuar no marmore ou no bronze.

Deve, portanto, não só concretisar no mais alto gráo, — pois é uma idéalisação —, todas as grandes qualidades do seu caracter (expressão physionomica e mimica), como synthetisar, accentuando-as devidamente, as suas valorosas acções no meio em que agiu (confor-

midade dos attributos, harmonia do pedestal). Donde, as tres grandes unidades que lhe são indispensaveis, e se traduzem pelo conjunto de suas grandes linhas: de acção, de tempo e de lugar.

Sob o primeiro ponto de vista, assim como no tocante á composição, o trabalho do artista está abaixo de toda a critica.

Não possuindo uma theoria da evolução humana nem da nossa evolução nacional; não conhecendo physiologica e socialmente o heróe, e nem a sua vida, e nem os seus feitos, no meio em que viveu; não podendo, portanto, identificar-se com elle e nem idealisal-o convenientemente, o artista não comprehendeu sequer o grande typo que tinha de representar nem tão pouco poude surprehender um momento culminante e decisivo de sua vida para eternisal-o no bronze.

E' assim que, nem pela expressão do olhar e nem pela mimica dos sentimentos que lhe emocionam a alma, se póde bem perceber qual seja a intenção do artista; pois, se aquelle, com toda a severidade que lhe imprime a contracção dos musculos superciliares, parece desvairar-se num movimento indefinivel de medo ou de coragem ou de terror, fixamente posto em um ponto suspeito ou duvidoso, esta, que bem traduz tão variavel sentimento, pela inserção do tronco sobre a sella, extremamente alongado do lado esquerdo pela distenção dos musculos inter-costaes e das vertebras que se arqueam num movimento de folle, e a firmar-se, com visivel desequilibrio, sobre o estribo direito; e pela direcção do gladio enristado num movimento indefinido de defeza, a julgar pelo movimento retido do braço, a que não corresponde entretanto o movimento da cabeça; e, sobretudo, pela andadura tranqueada do animal que, indeciso, se deixa por elle impulsionar, parece significar que o heróe faz uma retirada honrosa e na defensiva — o que aliás nunca succedeu ao invicto riograndense, nem mesmo no reconhecimento de Humaytá, em que chegou até ao terceiro fosso sob um chuveiro de balas, — pois seria isso para elle uma deshonra.

Em todo o caso, tudo póde exprimir uma tal mimica menos o mando, a exhortação á coragem, o incitamento á gloria e ao sacrificio.

E entretanto, era isso essencial, porque, ainda nisso, estava o Heróe.

Passando delle para o seu corcel de guerra, não foi mais feliz o despercebido artista.

Primeiro que tudo, é bem aquelle um corcel de guerra? Chega a ser mesmo um brioso cavallo de corrida? Fallando a riograndense, julgo escusado explanar esta questão, aliás de maxima importancia na arte militar.

Certo, se não trata aqui de representar o proprio animal que elle montava (e muitos foram), mas de idealisar algum que fosse digno delle.

E' por isso que, para o meu esboço, escolhi e estudei do natural um typo arabe, attendendo não só á belleza da estampa e á elegancia das fórmas, como ao brio do caracter e á agilidade muscular.

Onde foi elle, porém, buscar o seu typo? Na antiga Perche? ou na Normandia, — a julgar pelo bombeado das fórmas e pela graveza do passo?

De sorte que, a viveza, a agilidade, o brio, a sagacidade, todas as qualidades, emfim, que denunciam um animal de raça, de um faro subtil e aguçado, como é de mister para a guerra, foram por elle postos de parte.

Ainda assim, porém, e em segundo lugar, como o tratou elle? Poz-lhe uma cabeça enormemente desproporcional ao corpo, e que parece vergar somnolenta ao proprio peso; de resto, sem expressão nem distincção alguma, attenta a desgraciosa curva da linha frontal; e para cumulo de instabilidade, pôl-o firmado sobre a mão direita, que, desse modo, supporta todo o peso do cavalleiro, que sobre esse lado se inclina, pois a mão esquerda tem-n'a levantada, e ambas as pernas, em

um movimento alterno, estão pouco firmes de sorte que bastaria um tranco para lançal-o fóra.

Quanto ao seu movimento, é claro que um animal desta ordem se não póde mover em liberdade, mas constrangidamente.

Todos os seus elementos anatomicos foram descurados; a ossamentação, que aliás é forte para supportar tamanha carnação, não está bem accentuada, principalmente nas inserções e nas articulações, que são grossas e não foram bem atacadas.

Entretanto é dellas que depende principalmente esse movimento, que, então, não póde deixar de ser tropego e desanimado: dahi certa *friésa* que se nota em todo o animal. Avanço mais ainda: se tirarem-n'o do plintho, elle não subsistirá um só momento.

Pois como é que elle move a mão esquerda e toda a região illiaca direita (é o bipede diagonal) não accusa um tal movimento, descrevendo o respectivo angulo; e a anca permanece firme boleada, como se estivera em plena quietação. E' este um erro grosseiro em toda a mecanica do animal, cuja anatomia não foi entretanto com mais respeito tratada.

E' assim que nada alli se acha bem accentuado e nem mesmo determinado, e que aquella immensa manta cobre todo o illiaco, disfarçando a ausencia de todo conhecimento anatomico e a pobreza do modelado.

Outra cousa que impressiona desagradavelmente é a posição da cauda do animal; além de erronea, chega mesmo a ser indecente. Mas onde foi que o auctor do esboceto observou aquillo? Na natureza? não ha circumstancia alguma, salvo algum *momento physiologico*, em que a andadura o obrigue áquelle movimento de cauda, nem mesmo quando, em liberdade, sahe elle do pasto tranqueando, — o que é raro; ainda assim, porém, a crina, obedecendo a lei da gravidade não supportaria um momento aquella direcção horisontal.

E, pois, toda a movimentação do animal está falseada e nem mesmo é toleravel como recurso para armar ao effeito.

Vejamos agora se o pedestal e mais os attributos estão de conformidade e perfeita harmonia com a estatua, que aquelle supporta e estes caracterisam, de modo a se acharem com ella, como é de mister, tão intimamente ligados, como o ser organisado com o meio em que vive e o ambiente em que respira. (*Continúa*).

×

A continuação e a conclusão desse parecer forão publicados nos numeros de 26 e 27 de Janeiro. O autor extende-se em minucioza analize da parte arquitetônica do monumento, do seu pedestal e dos baixos releyos e simbolos grupados em suas quatro faces: armas, troféos e apetrechos bélicos, um livro aberto, insignias, condecorações, armas e brazões heraldicos do Heróe, e por fim conclúe que tudo isso, tal como se apresenta no projeto Bernardelli, "impressiona desagradavelmente a todo coração patriótico e despreoccupado de quaisquer preconceitos partidarios, que contempla o monumento, cujas grandes linhas, em vez de convergirem, piramidando, tornão-se divergentes e dispersivas, dando-lhe um ar pesado e acachapado, que tanto desagrada, logo á primeira vista, a quem o observa".

Depois dessa concluzão ainda faz Almeida Reis um *post-scriptum*, do qual extraimos os seguintes tópicos:

"Mais algumas palavras absolutamente indispensaveis para concluir: Ha mais de dez dias que está exposto o meu trabalho no Club Militar. Como era do meu dever, convidei por carta toda a imprensa

desta Capital para que o fosse ver e dissesse franca e conscienciosamente o que bem lhe parecesse. Entretanto só a redacção d'"O Paiz", e tenho razões para crer que despercebidamente, digo, — porque do modo por que o fez, valeu-lhe de um articulista do "Diario de Noticias" a increpação, não contradictada de — "sermão encommendado".

Quero crer que não tenha sido tanto, mas simples "cortezia com chapéo alheio" a algum patrono do Sr. Bernardelli ou a elle proprio. Seja como fôr, o facto é que só "O Paiz" *desembuchou*; quanto aos outros (não fallo dos que já o haviam feito anteriormente)..... *moita!*

Procura-se, pois, esmagar-me com a conspiração do silencio e com todo o pezo acabrunhador do facto consummado, que é a *"ultima ratio"* de tudo quanto é *"arranjo"* aqui no Brasil.

"O contracto já está feito e assignado; agora..... é ter paciencia ....chegou tarde"... dizem os "bernardellistas".

"Cheguei tarde...' e ha cinco annos que caminho! — Não! desta vez, — e decentemente, — não ha de ser assim: hei de cahir esmagado, porque são todos a impellir-me, mas a todos esmagarei tambem na minha quéda, porque os tenho fechados aqui na mão.

Não se trata sómente de minha obscura individualidade: eu de ha muito sei o que é miseria para que venha agora a succumbir diante de mais essa contrariedade; não! trata-se principalmente da dignidade de minha arte e do interesse publico, que não pode e nem deve supportar que Osorio ,por méro capricho ou nepotismo da respectiva commissão, venha a ter monumento que não seja em tudo digno delle."

.....

.....

"Provoco, pois, solemne e nominalmente as illustres redacções do "Jornal do Commercio" — nas pessôas do Sr. Dr. Luiz de Castro ou do Sr. Camarate, seu redactor de Bellas-Artes; da "Gazeta de Noticias" — na do Sr. Dr. Ferreira de Araujo; "O Paiz" — nas dos Srs. Quintino Bocayuva e Joaquim Serra; da "Cidade do Rio" — na do Sr. Patrocinio; do "Diario de Noticias" — na do Dr. Fernando Mendes; da "Gazeta da Tarde" — na do Sr. Dr. Rego Macedo; das — "Novidades" — nas dos Srs. Arthur Azevedo e Alcino Guanabara; a que, nas suas respectivas folhas, que se dizem orgãos da opinião publica, e com a responsabilidade de seus nomes, franca e desassombradamente, sem odio nem affeição, venham declarar ao publico:

1º — O que pensam do meu trabalho confrontando-o com o do Sr. Bernardelli — a) sob o ponto de vista historico; b) sob o ponto de vista artistico e das sciencias e artes applicadas á estatuaria; c) sob o ponto de vista da representação ideal do Heróe e sua influencia moral e educadora sobre os contemporaneos e os posteros, fim supremo a que se ella destina; 2º — Se o projectado monumento a Osorio, attento o seu caracter eminentemente social, — no seu destino, como acto de gratidão nacional e exemplo educador para o soldado brasileiro, e, na sua origem, por ter emanado de iniciativa e subscripção populares, promovida (sic) pela respectiva commissão, que não foi eleita, mas investio-se a si mesma desse encargo, agindo em tal caso como verdadeiro gestor de negocios, — podia ser contractado independentemente de concurso, como é costume em toda a Europa, e aqui mesmo já se fez em relação á estatua do 1º Imperador; e, no caso negativo, si qualquer contracto de outro modo feito, é valido ou nullo de pleno direito, — tanto mais quanto ha subscriptor que proteste, como o Sr. Capitão Andrade o fez pelo "Jornal do Commercio"; 3º — finalmente — Se as mesmas redacções, por acto de méra sympathia ou benevolencia para com o Sr. Bernardelli, assumem positiva e directamente, perante o paiz e perante a Historia, — não essa que elle poz nos degraus do seu esboço, mas a outra que nos ha de julgar a todos, a plena responsabilidade de sua culposa condescendencia, annuindo com o seu silencio a que se contracte e faça erigir um mo-

numento, cujo esboço, na propria opinião do "Jornal do Commercio", se acha inçado de erros que deverão ser emendados, erros que, — deixei-o provado, — são tantos que, emendal-os, seria o mesmo que fazer novo esboço: e, por consequencia, é indigno do legendario nome do Heróe a que se destina."

. . . . . .

. . . . . .

A par desses documentos era dezejo da Testamentaria incluir, tambem, neste volume, as fotografias do esboço de Almeida Reis para o monumento ao General Osorio. Essas fotografias, como consta das publicações acima reproduzidas, forão, em tempo, apresentadas á Comissão encarregada do monumento, que as devolveu ao estatuário em 11 de Janeiro de 1888. Na mesma ocasião forão expostas ao público, como se vê da seguinte noticia dada pela "Gazeta Nacional", em seu numero de 29 de Dezembro de 87: *"Monumento ao General Osorio"* — Acham-se expostas na "Glace Elegante", — á rua do Ouvidor, duas photographias do esboço em argilla da estátua equestre que, para esse monumento, está fundindo em gesso o nosso eminente estatuário Almeida Reis." — Não conseguimos, entretanto, obter nenhuma informação sobre a ezistencia das mesmas atualmente, e assim foi impossivel tirar cópias para reproduzil-as aqui. Procurámos tambem uma descrição detalhada do esboço para juntar a esta publicação, e a unica que pudemos obter é a que, em seguida, se transcreve de um entuziastico artigo sobre o trabalho de Almeida Reis, sahido na "Gazeta Nacional" de 24 de Dezembro de 1887: — Depois de rasgados elogios á pequena estátua equestre, ainda em argila, assim a descreve o articulista:

"Gineteando agil e nervoso corcel arabe (*), — um inteiro *pursang* finissimo, de olhar vivo e penetrante, e largas narinas dilatadas, como se, — crinas sôltas ao vento, — entrevisse ao longe o inimigo e aspirasse, no espaço, o momento decisivo da acção; raro exemplar inestimavel de uma raça verdadeiramente fidalga, que, á suprema elegancia e correcção da estampa, reúne a mais delicada estructura óssea e a mais correcta anatomia das fórmas plasticas e esgalgadas, e a felina elasticidade do mais vibratil tecido muscular, que o faz mover-se mecanicamente, como se fôra impellido a molas d'aço; e que, soffreado, a fremir de impaciencia a um movimento sustido, se fosse, no estradar pujante, a largo tróte rythmico e *tranqueado*: indeffectivelmente firmado sobre a sélla, professando a alta escola á Rio Grandense, — está o imperterrito Heróe.

Erecto o busto, ligeiramente inclinado sobre o flanco direito, traja o seu pequeno uniforme de general, dos grandes dias ensanguentados da Patria, sob o lendario *pala* glorioso, que condecoram crivos de bala e se desdobra mollemente ao vento, até esbater-se nas curvas graciosas das ancas do animal.

De resto, para exprimir o heroico e patriotico sentimento que o domina, — e onde o artista poz toda a sua intenção, — sobre o arção da sella, revistido do coldre, com a mão esquerda arrebanha as rédeas

(*) Informa o articulista que a anatomia do cavalo foi paciente e cuidadosamente estudada por Almeida Reis na coudelaria Moreaux, servindo-lhe, para esse estudo, um negro puro-sangue arabe — o *Sansonnet* — de propriedade do Sr. Simonard. (M.B.C.)

que soffream o indomito corcel, o qual, de orelha em pé, tem o alongado olhar fito n'um ponto ideal distante, emquanto que a direita, obedecendo á distenção muscular do braço, levemente contrahido, empunha o valoroso gladio que se ergue açacalado, arremessando uma ameaça talvez, talvez apontando um destino, em todo caso exprimindo irresistivelmente o mando, que elle a todo transe procura fazer obedecido e respeitado de seus soldados, em nome da Patria.

E', com effeito, a Patria que lhes falla, altiva e carinhosamente, pelo raio obliquo de seu olhar rudemente franco e persuasivamente expressivo; pela sua bôca, ainda não deformada pela bala, ligeiramente entreaberta sob o seu ainda negro, farto e triangular bigode marcial, através do qual dir-se-ia ouvir a sua voz roufenha bradar, entre imperiosa e reprehensiva: "Então! que é isso? Vocês estão com mêdo? Vamos ou não vamos?..."'; emfim por toda a sua bem accentuada physionomia de jaguar sanhudo (O *onça* — era assim chamado nas casernas), austeramente emoldurada na sua encanecida barba á antiga, a irradiar toda a sua nobre e patriotica confiança no exito da jornada, e toda a sagrada colera e indignação de sua alma contra a audaciosa investida do inimigo ou contra a felonia dos covardes: — altiva e dominadora sob o seu broslado kepi de general-soldado.

Seja, porém, como fôr, ha nessa estupenda e épica figura, de 1/5 de grandeza natural, como que uma caudal repreza, de patriotismo e de bravura, que sóbe impetuosamente e está prestes a transbordar, precipitando-se com estrepito n'uma tremenda carga de cavallaria, ao lampejante brilho das espadas, inundando de sangue e luz os fastos gloriosos da nossa já lendaria campanha do Paraguay.

Eis ahi, a traços largos, e quanto nos permitte a incompetencia no assumpto e o desalinho da fraze (que o dizel-o correctamente só ao bronze fôra permittido) rapidamente esboçado, á maneira impressionista, segundo o que nos foi dado vêr, e até mesmo perscrutar na bem accentuada intenção do mestre, o que é o bello e vigorosissimo trabalho de Almeida Reis; o que, de resto, não é para extranhar, pois se acha elle muitissimo á vontade dentro de seu genero, que, como já foi dito, é a grande estatuaria e a esculputra monumental."

* * *

Mais duas noticias colhidas na "Gazeta Nacional" completam os esclarecimentos que pudemos reunir sobre o esboço de Almeida Reis:

Numero de 10 *de Janeiro de* 1888

Monumento ao General Osorio

Já se acha passado a gesso e está recebendo os ultimos retoques o excellente esboço de estatua equestre que o nosso eminente estatuario Sr. Almeida Reis compoz para o monumento ao General Osorio.

Dentro em poucos dias, pois, estará elle exposto; e o publico terá occasião de, por si mesmo, julgal-o, confrontando-o com o do Sr. Bernardelli, que de certo não se furtará a esse confronto, conservando o seu, por mais alguns dias, em exposição na Associação Commercial. — Seria até conveniente, para que um tal confronto fosse completo, que ambos os esboços se achassem reunidos numa mesma sala; e é o que a Commissão encarregada do monumento deverá fazer, se deseja, calma e imparcialmente, acertar na sua escolha.

Numero de 31 *de Janeiro*

Monumento ao General Osorio

Terminou no dia 28 do corrente a exposição do magnifico esboço de estatua equestre que o nosso eminente estatuario Almeida Reis fez ao publico, no Club Militar. Durante os 15 dias que durou essa

exposição, a elegante sala do Club Militar foi visitada por milhares de pessôas de todas as classes sociaes, principalmente a militar, que se não fartou de elogiar tão conscienciosо trabalho.

A opinião geral entre os amigos e antigos companheiros de armas de Osorio na campanha do Paraguay, foi que não podia o eminente artista representar melhor o heroico gaúcho, que, mais do que ninguem, soube immortalizar o nome brasileiro na defeza da honra nacional. — Por isso mesmo foi preferido o trabalho imperfeitissimo do Sr. Bernardelli, que parece achar-se de mãos dadas com a monarchia para amesquinhar o legendario vulto do glorioso heróe, a quem, entretanto, em vida, o Sr. Conde d'Eu decretára as honras do triumpho antigo, mandando que uma esquadrilha o fosse buscar no Rio Grande, quando assumio o commando em chefe do Exercito, pois o Sr. Conde d'Eu, segundo noticiou a imprensa diaria, houve por bem declarar áquelle artista que achava o seu trabalho muito parecido (!)

Resta agora que o illustre Club Militar, para quem Almeida Reis acaba de appellar, honrando a gloriosa memoria do inclito guerreiro, tome a iniciativa nesse negocio, protestando, como grande subscriptor que é, contra esse acto de prepotencia da respectiva Commissão, que até hoje ainda não se dignou dizer palavra sobre tão escandaloso procedimento, apezar de solemnemente provocada pelo Sr. Capitão Andrade, em artigo publicado no "Jornal do Commercio". — Aguardamos os acontecimentos. — A exposição do excellente trabalho de Almeida Reis, de ora em diante, se fará no seu conhecido *atelier*, ao Largo do Paço, das 10 da manhã ás 3 da tarde.

— G —

Informações sobre o "Jeremias" de Almeida Reis

Rio, 24 de Maio de 1939.

Illmo. Sr.
Dr. Slivio Viera Souto,
M. D. Inventariante e Testamenteiro
do Espolio Literario de Generino dos Santos.

Nesta

Presado amigo e eminente correligionario.

No intuito de corresponder ao zêlo que vindes dedicando á ultimação do volume sobre Almeida Reis, da serie Generino dos Santos, apresso-me em remetter-vos as informações que solicitastes, relativamente á minha oração.

Consta da bibliographia que organizei para annexar ao meu livro "Joaquim Serra" O Liberal, e que deverá sahir por todo este anno, o seguinte trabalho de meu biographado:

> "Almeida Reis" (A Estatua de Jeremias) — Elogio do artista por Joaquim Serra no "Curso de Litteratura de Mello Moraes Filho". Rio de Janeiro, primeira edição, 1870. (O original manuscripto existe na Bibliotheca Nacional).

Essa a critica que citei na oração proferida junto á campa de Almeida Reis em commemoração ao primeiro centenario de seu nascimento. Não a copiei do mencionado volume, onde figura á pagina 128, mas do proprio original manuscripto.

No empenho de collaborar com documentos outros que possam trazer luzes á biographia de Almeida Reis, corroborando de maneira feliz a opinião valiosa de Joaquim Serra, transcreverei aqui, a critica

que o proprio Mello Moraes Filho publicou na "A Reforma" de 18 de Março de 1870.

Mello Moraes Filho, o "poeta tradicionalista", no dizer de Generino dos Santos, era autor d'entre varios outros trabalhos, do "Cantares Brasileiros", do "Cancioneiro dos Ciganos", do "Curso de Litteratura" e do "Parnaso Brasileiro", onde figura Generino, á pagina 529, com a sua *A Ilha dos Amôres*.

Generino dos Santos tinha Mello Moraes Filho em alta estima. "Como um cigano exul pelo universo, levaste a rapsodiar em prosa e verso", referindo-se a elle diria Generino em seu *Cantando-lhes a Buena-Dicha*.

Muito a proposito portanto, a citação do dito parecer, onde se entrelaçam os nomes de Generino dos Santos, Almeida Reis, Joaquim Serra e Mello Moraes Filho. Foram conesrvados, cabeçalho, titulo, sub-titulos, ortografia e pontuação:

VARIEDADES

REVISTA

Exposição Geral de Bellas Artes de 1870

A Estatua de Jeremias

Dentre os grandes prophetas hebreus, um dos que mais avultam pelas revoluções politicas e religiosas de seu tempo, é o poeta das *Lamentações*.

Profunda e infinita a sua magoa como o oceano brama aos furacões dos desertos; com as faces mais humedecidas de pranto do que os flancos dos rochedos imensos gotejantes das aguas da noite, quando surge dos mares, tendo nos labios um sussurro mysterioso de phrases como os ventos da tempestade resoando nos ramos seculares dos cedros do Libano, o seu alaude tinha cantos cheios de dôr, a sua voz era solemne e triste, como a ultima palavra do Christo nas amarguras do Calvario.

O reinado dos judeus desabava em ruinas como uma pyramide de arêa que cahe e se desfaz quando o *simoum* sacode as azas voando impetuoso sob o céo mouro da Arabia, o discipulo de Baruch ensina-lhe a prophecia de sua completa destruição.

O calix da ira do Senhor havia transbordado.

A peste, a fome e a morte vinham perto, pallidas como um craneo, lividas como o phantasma de Samuel, sentar-se no solar do imperio maldito; — *Omnes partoe ejus destructoe, sacerdotes ejus gement*.

Jeremias a sós com os seus pezares e as suas lagrimas, comtemplava o anjo do exterminio sacudindo a poeira de seu diadema sobre a fronte de seu povo.

Horas tardias de amargura, lentos instantes de torturas, a su'alma soluçava na melancolia mais dolorosa, absorvida pela desilusão mais horrivel!

Formar uma estatua onde transparecessem todos esses sentimentos; fundir em gesso este magnifico poema da Biblia, foi o assumpto escolhido pelo Sr. Almeida Reis.

Convencido dos preceitos estheticos, o estatuario revelou pelo motivo de sua obra, quaes os recursos de sua intelligencia e a solidez de sua instrucção.

Tratando da estatua de Jeremias deixamos de parte subdivisões de escultura.

Jeremias, segundo a opinião de Hegeel pertence á estatuaria classica, isto é, áquella em que o estudo do nú serve

de base e ponto de partida ao estatuario, constintuindo o perfeito accordo entre a idéa e a fórma.

N'ella observa-se que, o artista, sabedor do organismo do homem e seu mecanismo, modelou com saliencia as formas, demonstrando perfeito conhecimento de anatomia.

A severidade do estylo d'este soberbo trabalho, a largueza dos traços e o rigoroso modelado, fizeram-nos por vezes lembrar o grande mestre florentino nas suas divinas producções.

Dizer-se que é imitação, fora um desacato ao grande artista.

Assim como existe a sympathia dos corpos, existe igualmente a sympathia das almas e das intelligencias.

O apurado estudo do escultor brazileiro sobre as estatuas de Miguel Angelo, são por certo a causa de alguma verosimilhança que se possa notar.

A tranquilidade dos movimentos, o repouso dos membros, a acção concentrada, o olhar fixo, a contracção dos musculos frontaes e o abalo profundo d'alma, traduzem fielmente o versiculo biblico, e é impossivel não sentir-se alguma cousa de sobrenatural diante d'este monumento.

Com muita razão disse num estudo critico, o Sr. J. Serra.

"A estatua de Jeremias, se não está animada como a de Galathéa, tem todos os outros indicios da vitalidade!"

"E' bello! é sublime quanto se póde ser tão grande em uma arte!"

Que maravilhoso accordo na disposição do pannejamento com a figura! Que certeza nos circulos variados, de sorte a não prejudicar o pensamento que caracterisa a unidade!

O abandono completo do manto e a mão collocada ao acaso sobre a perna é de um effeito magico.

O observador comprehende, sente que o propheta concentra a sua attenção em um só objecto, e extasia-se a vista de tanta magnitude!

Como um rei, que vê partida a seus peis a sua corôa, o propheta, deixando pender a cabeça, parece distinguir no chão o reflexo da espada do archanjo da vingança!

O Sr. Almeida Reis, com a exhibição de sua estatua, póde orgulhar-se de legar a seu paiz uma epopéa sublime.

Se se podesse (entre tantos trabalhos de mestre) ultimamente expostos, dar preferencia a algum não recahiria por certo em outro a nossa escolha.

A belleza de concepção, e o bem acabado d'esta obra, deixam aquem, todas as esculpturas executadas no Brasil.

E não somos singular neste juizo.

O mesmo collega e amigo, que ha pouco citamos, extasiado perante este primor artistico exclama: — "Se até agora não tinhamos um digno representante na estatuaria, podemos de hoje em diante affirmar que encontramos um homem!"

Assim como se póde chamar Miguel Angelo o Dante da esculptura, Almeida Reis é o Castro Alves da estatuaria.

E todavia *Jeremias* não encontrou uma sala na academia de Bellas Artes!

Que importa!

Voltaire não pertencia a academia franceza!

As nuvens negras que o sopro da fatalidade e dos preconceitos atiram ao talento que se eleva, dissipam-se á luz da posteridade.

As verdadeiras inteligencias caminham resignadas; a gloria é o seu alvo, porque ouvem como do oceano revolto as vozes confusas das multidões, preparando-lhes a estrada por onde trilham sómente os eleitos do talento.

O Sr. Almeida Reis ligou o seu nome a mais uma obra gigante: admire a critica a producção do artista e cumprimente o Brazil um filho que symbolisa a sua arte.

Como se vê, não faltou a Almeida Reis nem mesmo um certo desprezo da Academia a attestar-lhe o genio artistico. E, como um comprovante á affirmativa que neste sentido fez Mello Moraes Filho, trasladarei tambem para aqui o seguinte "Aviso", estampado em aquelle mesmo numero da "A Reforma".

"A formosa estatua de Jeremias, producto do habil artista Almeida Reis, acha-se exposta em casa do Sr. Ruqué, á praça de S. Francisco de Paula."

Oxalá! encontre eu lazer bastante para estudar com o necessario amor e carinho a vida dessè grande artista nacional, que foi Almeida Reis, figura de esteta que já se me vae tornando encantadora, quanto mais me é dado conhecel-a.

ALBERTO PIZARRO JACOBINA.

— II —

Noticiário sobre a morte de Almeida Reis

(Jornaes de 20 de Abril de 1889)

Jornal do Commercio — Gazetilha — Fallecimentos.

Falleceram hontem nesta Côrte:

. . . . . .

O esculptor Almeida Reis, moço de talento e que deixa alguns trabalhos dignos de serem vistos. — A sua vida, como a sua educação artistica, foi cheia de contrariedades. Largou muito cêdo a tutéla dos grandes mestres da arte e caminhou ao livre sabôr das suas tendencias artisticas. Esta verêda que umas vezes leva o artista de bôa tempera á personalidade, outras arrasta-o a desacertos e excentricidades, não foi favoravel ao nosso artista. — Almeida Reis tinha rasgos grandiosos; nas suas obras via-se a tendencia para as composições movimentadas e cheias de vida; mas o escasso tempo que dedicava ao estudo do desenho, o pouco exercicio que tinha na observação do natural, cortava-lhe os vôos de artista e cerceava-lhe a magestade das concepções. — Era, em todo caso, um artista de talento e por quem o paiz poderia ter feito muito mais e com justiça. — Almeida Reis. o autor da estatua do *Progresso*, que se ergue no centro da estação central da estrada de ferro D. Pedro II, autor do vigoroso grupo que se acha no Asylo de Mendigos e autor de outras obras de valôr, morreu pobre! A' corôa do artista raras vezes falta este mesquinho florão.

O Paiz — Necrologia.

A's 3 horas da manhã de hontem falleceu o conhecido artista Candido Caetano de Almeida Reis. Era um estatuario distincto, laborioso, e deixa do seu talento e de suas aptidões profissionaes muitos trabalhos que attestão o fundamento com que eram estimados os seus meritos.

A cabeça de S. João Baptista, Estrella d'Alva, A Miseria e o Genio, e muitas outras composições suas são guardadas na Academia das Bellas-Artes e em vários edificios publicos como obras de real valor artistico.

Almeida Reis era condecorado com o gráo de Cavalleiro da Ordem da Rosa e entre os seus collegas, discipulos e pessôas que o conheciam, gozava de justa estima.

Gazeta de Noticias:

ALMEIDA REIS

O limitado grupo de artistas brasileiros foi hontem grandemente desfalcado com a morte do estatuario Candido Caetano de Almeida Reis, de cujo talento e aptidões dão testemunho (sic) a valiosa herança artistica que elle nos léga.

Almeida Reis morreu moço; mas os 48 annos de sua existencia forão uma longa luta de trabalho incessante contra a adversidade, alliada á má vontade e á injustiça de muitos. E apezar disso elle não succumbio, trabalhou, trabalhou sempre, até que fatal enfermidade, roubando-lhe as forças, lhe fez cahir das mãos o escopro e o máço. — Como estudante, Almeida Reis fez com brilhantismo o curso da Academia de Bellas-Artes, e, ao terminal-o, teve a satisfação de ver os seus esforços recompensados com o premio — *Viagem á Europa.* — Para lá partio, mas em breve regressou á Patria, onde pelo seu trabalho e pela sua inquebrantavel força de vontade conquistou um nome, que se tornou vantajosamente conhecido.

O nome de Almeida Reis firma trabalhos que ornam diversos dos nossos estabelecimentos publicos: no salão do Theatro S. Pedro de Alcantara está a estatua do grande poeta *Antonio José,* attestando os seus meritos; na Bibliotheca Nacional os bustos de alguns cavalheiros que tiveram a seu cargo a pasta do imperio; no vestibulo do Asylo de Mendicidade, a estatua da *Miseria;* na estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II, a estatua do *Progresso;* e no Lyceu de Artes e Officios, a estatua de *Miguel Angelo.*

Além desses trabalhos, deixa Almeida Reis: *O Crime,* o busto de *Danton,* propriedade do Centro Positivista Brasileiro, *Estrella d'Alva, Osorio, Suppé, Miguel Angelo, Jeremias* e muitos outros.

Ultimamente trabalhava em um grupo *A Expiação,* destinado á Casa de Correcção da Côrte.

(Cópias de Mario B. Carneiro. — Junho de 1939.)

Espólio Literário de Generino dos Santos

INDÍCULO

DOS VOLUMES E LIVROS COMPONENTES, SEUS TÍTULOS E DATAS DE IMPRESSÃO

Vol. 1º — Liv. 1º: — *Paizagens*
» 2º: — *Rapsódias Pernambucanas*
[Trás o testamento de Generino]
— 30.XII.937 —

Vol. 2º — » 3º: — *Alma Pozitivista*
— no prélo —

» 3º — » 4º: — *Imortalidade Subjetiva*
» 5º: — *Mármores e Bronzes*
— 25.VI.938 —

Vol. 4º — » 6º: — *Alma Coletiva* (Hinário)
» 7º: — *Alma Alheia*
— 28.III.938 —

Vol. 5º — » 8º: — *Alma Refléxa* (Impressões estéticas)
— 5.IV.938 —

» 6º — » 9º: — *Alma Lírica*
» 10º: — *Vérsos de Amor*
(pronto para o prélo —

Vol. 7º — » 11º: — *O Estatuário Brazileiro C. C. de Almeida Reis* — 1. In æternum; 2. Nótas sobre sua vida e óbras; 3. Suas relações com a Igreja Pozitivista do Brazil.
— 30. VII. 939 —

Vol. 8º — Liv. 12º: — *Æterna Carmina* [*Poemas Dantescos*]
» 13º: — *Seculare Carmen*
» 14º: — *Várias compozições sobre Dante*
— 17.V.938 —

Vol. 9º — » 15º: — *Coévas e ancestrais*: 1. Sonetos da India; 2. Pequenos Cantares do Grande Ciclo da Navegação Aérea; 3. A Floriano Peixoto; 4. Pela História do Brazil; 5. Pela América; 6. Os Lázaros; 7. Pelo Tempo a Fóra.
» 16º: — *Aos Meus Amigos.*
— pronto para o prélo —

Vol. 10º — » 17º: — *Moscas de Milão* (Humorismos, epigramas e sátiras).
» 18º: — *Alma Vária.*
— pronto para o prélo —

N. B. — Esses dés volumes constituem as compozições em vérso de Generino, sob o título geral de *"Humanidades"*.

Vol. 11º — *Considerações gerais sobre a Civilização chineza*, por P. Laffitte — Trad. de Generino.
— 30.V.938 —

Vol. 12º — *Escritos inéditos de Jozé Jórge de Siqueira Filho* — fraternal amigo de Generino. (Próza e vérso).
— pronto para o prélo —

N. B. — Os volumes 1º — 3º — 4º — 5º — 7º — 8º e 11º, em edição numerada e em edição popular, acham-se á venda nas principais livrarias désta cidade e dos Estados.
Endereço: — TESTAMENTARIA GENERINO DOS SANTOS — Caixa Postal 1041 — Rio.

Preço 15$000

Preço 15$000